

ORGANIZADORES

Dirceu Cleber Conde

Lana Camila Santos Gonçalves

Lívia Oliveira Azevedo

PPGL 20 ANOS

entre memórias,
atualidade
e novos horizontes



ORGANIZADORES

Dirceu Cleber Conde

Lana Camila Santos Gonçalves

Lívia Oliveira Azevedo

PPGL 20 ANOS

entre memórias,
atualidade
e novos horizontes



| São Paulo | 2025 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P894

PPGL 20 anos: entre memórias, atualidade e novos horizontes
/ Organização Dirceu Cleber Conde, Lana Camila Santos
Gonçalves, Lívia Oliveira Azevedo. – São Paulo: Pimenta
Cultural, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-520-6

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-520-6

1. Programa de Pós-Graduação em Linguística.
2. Universidade Federal de São Carlos. 3. Descrição, Análise
e Processamento de Línguas. 4. Ensino e Aprendizagem de
Línguas. 5. Linguagem e Discurso. I. Conde, Dirceu Cleber
(Org.). II. Gonçalves, Lana Camila Santos (Org.). III. Azevedo,
Lívia Oliveira (Org.). IV. Título.

CDD 410

Índice para catálogo sistemático:

I. Linguística

Simone Sales • Bibliotecária • CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<<https://creativecommons.org/licenses/>>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patrícia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patrícia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiária em editoração	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	Freepik - freepik.com
Tipografias	Acumin, Magno Serif Variable
Revisão	Os autores e os organizadores
Organizadores	Dirceu Cleber Conde Lana Camila Santos Gonçalves Lívia Oliveira Azevedo

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski <i>Universidade La Salle, Brasil</i>	Bernadette Beber <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Adriana Flávia Neu <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos <i>Universidade do Vale do Itajaí, Brasil</i>
Adriana Regina Vettorazzi Schmitt <i>Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>
Aguimario Pimentel Silva <i>Instituto Federal de Alagoas, Brasil</i>	Caio Cesar Portella Santos <i>Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil</i>
Alaim Passos Bispo <i>Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil</i>	Carla Wanessa do Amaral Caffagni <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Alaim Souza Neto <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Carlos Adriano Martins <i>Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil</i>
Alessandra Knoll <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Carlos Jordan Lapa Alves <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
Alessandra Regina Müller Germani <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Caroline Chioquetta Lorenset <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Aline Corso <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil</i>	Cassia Cordeiro Furtado <i>Universidade Federal do Maranhão, Brasil</i>
Aline Wendpap Nunes de Siqueira <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Cássio Michel dos Santos Camargo <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Ana Rosangela Colares Lavand <i>Universidade Estadual do Norte do Paraná, Brasil</i>	Cecilia Machado Henriques <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
André Gobbo <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>	Christiano Martino Otero Avila <i>Universidade Federal de Pelotas, Brasil</i>
André Tanus Cesário de Souza <i>Faculdade Anhanguera, Brasil</i>	Cláudia Samuel Kessler <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Andressa Antunes <i>Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil</i>	Cristiana Barcelos da Silva <i>Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil</i>
Andressa Wiebusch <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Cristiane Silva Fontes <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>
Andreza Regina Lopes da Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Daniela Susana Segre Guertzenstein <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Angela Maria Farah <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Daniele Cristine Rodrigues <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Anísio Batista Pereira <i>Universidade do Estado do Amapá, Brasil</i>	Dayse Centurion da Silva <i>Universidade Anhanguera, Brasil</i>
Antonio Edson Alves da Silva <i>Universidade Estadual do Ceará, Brasil</i>	Dayse Sampaio Lopes Borges <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
Antonio Henrique Coutelo de Moraes <i>Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil</i>	Deilson do Carmo Trindade <i>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil</i>
Arthur Vianna Ferreira <i>Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil</i>	Diego Pizarro <i>Instituto Federal de Brasília, Brasil</i>
Ary Albuquerque Cavalcanti Junior <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Dorama de Miranda Carvalho <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>
Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior <i>Universidade Federal da Bahia, Brasil</i>	Edilson de Araújo dos Santos <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Bárbara Amaral da Silva <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Edson da Silva <i>Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil</i>

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Estevão Schultz Campos

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrícia Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fauston Negreiros

Universidade de Brasília, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Flávia Fernanda Santos Silva

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Gabriela Moysés Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehler Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geuciane Felipe Guerim Fernandes

Universidade Federal do Pará, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Joao Adalberto Campato Junior

Universidade Brasil, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jonathan Machado Domingues

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Juliano Milton Kruger

Instituto Federal do Amazonas, Brasil

Juliano Pizzano Ayoub

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lauro Sérgio Machado Pereira

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil

Leonardo Freire Marino

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Letícia Cristina Alcântara Rodrigues

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Luiz Eduardo Neves dos Santos

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Maikel Pons Giralt

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

Manoel Augusto Polastrelí Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Márcia Alves da Silva

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos

Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva

Instituto Federal do Piauí, Brasil

Marines Rute de Oliveira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Maurício José de Souza Neto

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai

Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neide Araujo Castilho Teno

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil

Neli Maria Mengalli

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging

Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Helena dos Santos Carneiro

Universidade Federal de Rondônia, Brasil

Rainei Rodrigues Jadejiski

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Raul Inácio Busarello

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt

Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano

Universidade Federal de Ubertândia, Brasil

Robson Teles Gomes

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos

Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho

Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama

Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tatiana da Costa Jansen

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Tayson Ribeiro Teles

Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto

Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Vanessa de Sales Marruche

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues

Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil

Vania Ribas Ulbricht

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Vinicius da Silva Freitas

Centro Universitário Vale do Cricaré, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Wenis Vargas de Carvalho
Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alcidinei Dias Alves
Logos University International, Estados Unidos

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Artur Pires de Camargos Júnior
Universidade do Vale do Sapucaí, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo B. Alves
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Davi Fernandes Costa
Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Brasil

Denilson Marques dos Santos
Universidade do Estado do Pará, Brasil

Domingos Aparecido dos Reis
Must University, Estados Unidos

Edson Vieira da Silva de Camargos
Logos University International, Estados Unidos

Edwins de Moura Ramires
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Ubertândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jonas Lacchini
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Nívea Consuêlo Carvalho dos Santos
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Rayner do Nascimento Souza
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Sidney Pereira Da Silva
Stockholm University, Suécia

Suêlen Rodrigues de Freitas Costa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Walmir Fernandes Pereira
Miami University of Science and Technology, Estados Unidos

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

AGRADECIMENTOS

Nossos sinceros agradecimentos à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) pelo apoio contínuo, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) por suas duas décadas de trabalho árduo e acolhimento e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento essencial.

APRESENTAÇÃO

*Lana Camila Santos Gonçalves
Lívia Oliveira Azevedo*

Certa vez ouvimos que é gratificante ver um aluno passar pela universidade pública, mas que ainda mais gratificante é ver a universidade passar por esse aluno. E de que maneira isso acontece? Ao assumirmos a Representação Discente (2025) do Programa que nos acolheu no mestrado e no doutorado, sentimos que a universidade, de fato, tem nos atravessado. Ela nos transforma quando nos faz refletir politicamente sobre o espaço que ocupamos, quando nos coloca em diálogo com diferentes vozes e quando, a partir disso, nos inspira a colaborar pela melhoria coletiva. É nesse momento que podemos afirmar: não passamos pela universidade; ela já se tornou parte de quem somos. E esta obra é um reflexo desse movimento.

O Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (PPGL/UFSCar) iniciou sua trajetória em 1º de fevereiro de 2005, com a abertura do curso de mestrado, e, cinco anos mais tarde, em 2010, ampliou sua atuação com o curso de doutorado. Atualmente, o programa reúne três linhas de pesquisa que compõem a área de concentração em Estudos Linguísticos: i) Ensino e Aprendizagem de Línguas, ii) Linguagem e Discurso e iii) Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais.

Agora, em 2025, o PPGL celebra vinte anos de existência – uma data aguardada como oportunidade de reafirmar a (re)existência de quem persiste em fazer pesquisa na área da Linguística, sobretudo diante dos desafios impostos nos últimos anos. Entre as formas de marcar essa celebração, surgiu a ideia de um e-book, prontamente acolhida pela comunidade e que agora se concretiza. Para isso, uniram-se Representação Discente – nós, Lana e Lívia –

e Coordenação, representada pelo professor Dirceu Cleber Conde (UFSCar), a quem registramos nosso especial agradecimento pela orientação e contribuição fundamental.

Este livro comemorativo nasce não apenas para celebrar, mas também para registrar os desafios e conquistas destas duas décadas. Ele reúne reflexões e experiências que demonstram a força de um programa que, em constante movimento, formou e continua formando sujeitos comprometidos com a pesquisa, com a docência e com a transformação social. O percurso da obra reflete esse compromisso, dando espaço tanto àqueles que ajudaram a consolidar o PPGL quanto às vozes mais recentes que o projetam para o futuro, a fim de que toda a comunidade acadêmica do PPGL/UFSCar possa conhecer a história do programa do qual faz parte.

A Seção 1, intitulada “PPGL pelo Mundo”, ressalta o impacto de nossa comunidade para além dos muros da universidade. Ela se divide em duas partes: a primeira, intitulada “Do PPGL para o mundo: contribuições acadêmicas e profissionais”, traz um balanço geral do PPGL com breves destaques e com um texto redigido pelo professor Cleber Conde, denominado de “Números... que chatice! Só que não.” A segunda, chamada de “Perfil dos egressos: impacto e transformações”, reúne os relatos de Amanda Batista Braga, Márcia Fanti Negri e Theciana Silva Silveira, acerca de suas experiências no PPGL e as reverberações do programa após a obtenção dos títulos.

Na sequência, encontra-se a Seção 2, batizada de “Explorando as fronteiras do conhecimento em linguagem e ensino”, que apresenta os saberes, desafios e conquistas das linhas de pesquisa que compõem o programa. Para tanto, contamos com colaborações de docentes de diferentes áreas: o professor Nelson Viana traz sua contribuição ao discorrer sobre Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira; a professora Maria Sílvia Cintra Martins e sua orientanda Maimuna Baldé abordam o Ensino e a Aprendizagem de Língua Materna; as professoras Alessandra Fracaroli Perez,

Tarcilane Fernandes da Silva, Aparecida de Fátima Brasileiro, Letícia Silveira Ferreira e Eloíza Martins Primo Capeloci e o professor Luiz André Neves de Brito, também abordam a área de Ensino de Língua Materna. Em seguida, a professora Lúcia Menossi e o professor Pedro Varoni trazem uma reflexão sobre as continuidades e discontinuidades do discurso no PPGL e, por fim, o professor Dirceu Cleber Conde elabora uma reflexão sobre a história e os desafios da linha Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais.

Já a Seção 3, que leva o título “Vozes do passado e do presente”, articula um diálogo entre memória, atualidade e os novos horizontes do PPGL. Ela se organiza em dois eixos: o primeiro resgata o legado de docentes por meio de entrevistas transcritas com Marília Blundi Onofre, Vanice Sargentini, Eliane Hércules Augusto Navarro, Soeli Maria Schreiber da Silva (Soila), Flávia Hirata-Vale e Luciana Salazar Salgado, realizadas por alunos no curso de Bacharelado em Linguística no âmbito da disciplina Laboratório 7 – Ênfase 2 – Textos: Meios e Materiais Instrucionais, ofertada pela professora Luzmara Curcino, e gentilmente cedidas pela docente para comporem o nosso *ebook*. Ao lado dessas vozes, o segundo eixo volta-se às perspectivas de professores recém-integrados, com um texto coletivo de Camila Höfling, Elaine Ferreira do Vale Borges, Lucas Vinício de Carvalho Maciel, Mariana Luz Pessoa de Barros e Viviane Cristina Garcia de Stefani, e outro assinado por Caroline Carnielli Biazolli, Cássio Florêncio Rubio e João Paulo da Silva.

Por fim, a Seção 4, que aborda o tema “Coordenação em perspectiva: lições do passado e caminhos para o futuro”, complementa as demais com experiências do ponto de vista da coordenação. Nessa parte, contamos com um texto do professor Oto Vale e outro das professoras Luzmara Curcino e Luciana Nogueira, representando as vivências das gestões passadas e da atual.

Ressaltamos ainda a liberdade de escrita concedida aos autores na elaboração de seus textos. Alguns optaram por reunir

suas experiências às de outros professores, construindo, em uma só voz, os pontos em comum. Outros preferiram escrever em subseções, preservando as peculiaridades de suas vivências. Houve também aqueles que integraram a perspectiva docente à discente. Enquanto alguns percorreram caminhos mais extensos, explorando suas trajetórias de forma detalhada, outros privilegiaram lembranças mais pontuais e significativas. Em conjunto, todos atenderam à proposta, apresentando o PPGL sob a ótica das memórias, da atualidade e dos novos horizontes que se desenham.

A todos os professores, alunos e egressos que contribuíram direta ou indiretamente para esta obra, os nossos sinceros agradecimentos. Desejamos que este material encontre leitores receptivos às reflexões aqui presentes e comprometidos em fortalecer nosso programa como um espaço de acolhimento e de dignidade para todos.

Uma ótima leitura!

AO LONGO DAS DUAS DÉCADAS...

510 ALUNOS FORMADOS

168 DOUTORES

342 MESTRES

47 DOCENTES ENVOLVIDOS

5 TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS

17 EDIÇÕES DO SPLIN

...Contribuições que não se findam.

"PPGL 20 ANOS: ENTRE MEMÓRIAS, ATUALIDADE E NOVOS HORIZONTES"

NESTE ANO...

112 ALUNOS ATIVOS

64 DOUTORANDOS

48 MESTRANDOS

37 PROFESSORES ATIVOS



SUMÁRIO

SEÇÃO 1

PPGL PELO MUNDO	21
-----------------------	----

PARTE 1

DO PPGL PARA O MUNDO: CONTRIBUIÇÕES ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS.....	22
---	----

CAPÍTULO 1

Dirceu Cleber Conde

Números... que chatice! Só que não.....	23
--	----

PARTE 2

PERFIL DOS EGRESSOS: IMPACTO E TRANSFORMAÇÕES.....	33
---	----

CAPÍTULO 1

Amanda Batista Braga

Vinte anos de discursos, memórias e emoções no PPGL/UFSCar	34
---	----

CAPÍTULO 2

Marcia Fanti Negri

Professorar: uma viagem	52
----------------------------------	----

CAPÍTULO 3

Theciana Silva Silveira

De São Luís a São Carlos:

o impacto do PPGL/UFSCar na minha
vida acadêmica, profissional e pessoal.....63

SEÇÃO 2

**EXPLORANDO AS FRONTEIRAS
DO CONHECIMENTO EM LINGUAGEM
E ENSINO**

85

CAPÍTULO 1

Nelson Viana

**Ensino e Aprendizagem
de Língua Estrangeira:**

caracterização e trajetória de uma linha de pesquisa86

CAPÍTULO 2

Maimuna Baldé

Maria Sílvia Cintra Martins

**Ensino e Aprendizagem
de língua materna:**

relatos de algumas experiências de docência e pesquisa 107

CAPÍTULO 3

Alessandra Fracaroli Perez

Tarcilane Fernandes da Silva

Aparecida de Fátima Brasileiro

Letícia Silveira Ferreira

Eloíza Martins Primo Capeloci

Luiz André Neves de Brito

**Letramentos de resistência
e de reexistência:**

cinco memórias-grafia de como a linguística
no PPGL se fez (e se faz) no feminino..... 127

CAPÍTULO 4

Pedro Henrique Varoni de Carvalho

Lígia Mara Boin Menossi de Araújo

Continuidades e discontinuidades dos estudos do discurso no PPGL - o movimento da história.....	152
--	------------

CAPÍTULO 5

Dirceu Cleber Conde

Andando na linha:

de "Linguagem Humana e Tecnologia" a "Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais"	166
---	-----

SEÇÃO 3

VOZES DO PASSADO E DO PRESENTE	178
---	------------

PARTE 1

ENTREVISTANDO A HISTÓRIA DO PPGL	179
---	------------

CAPÍTULO 1

Entrevista com as professoras

Marília Blundi Onofre

Vanice Sargentini

Eliane Hércules Navarro

Revisitando as origens do PPGL	180
---	------------

CAPÍTULO 2

Luciana Salazar Salgado

Trajetórias pela Análise do Discurso:

relato da professora Luciana Salazar Salgado	209
--	-----

CAPÍTULO 3

*Soeli Maria Schreiber da Silva***Trajетórias pelo Ensino e pesquisa:**

a argumentação, a política de línguas, o livro didático
e projetos nascendo – os temas em questão e as parcerias 218

CAPÍTULO 4

*Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale***Trajетórias pela Descrição, Análise e
Processamento de Línguas Naturais:**

as memórias da professora Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale 229

PARTE 2

A VISÃO DOS PROFESSORES RECÉM-INTEGRADOS 238

CAPÍTULO 1

*Camila Höfling**Elaine Ferreira do Vale Borges**Lucas Vinicio de Carvalho Maciel**Mariana Luz Pessoa de Barros**Viviane Cristina Garcia de Stefani***Entre memórias e projeções:**

tessituras na linha de Ensino e Aprendizagem de Línguas 239

CAPÍTULO 2

*Caroline Carnielli Biazolli**Cássio Florêncio Rubio**João Paulo da Silva***Da chegada recente****a compromissos duradouros:**

trajетórias, desafios e perspectivas futuras no Programa de
Pós-Graduação em Linguística da UFSCar 263

SEÇÃO 4

COORDENAÇÃO EM PERSPECTIVA:

LIÇÕES DO PASSADO E CAMINHOS

PARA O FUTURO.....291

CAPÍTULO 1

Oto Araújo Vale

Minhas contribuições como

coordenador do PPGL da UFSCar292

CAPÍTULO 2

Luzmara Curcino

Luciana Nogueira

20 anos de PPGL-UFSCar:

conquistas e desafios na formação de pesquisadores

no campo dos estudos das línguas e linguagens no Brasil..... 298

ENCERRAMENTO.....313

Lana Camila Santos Gonçalves

Lívia Oliveira Azevedo

O PPGL pelo olhar discente..... 314

Sobre o organizador e as organizadoras 320

Sobre os autores e as autoras 321

Índice remissivo..... 332

Seção

1

PPGL PELO MUNDO

Parte

1

**DO PPGL
PARA O MUNDO:**
CONTRIBUIÇÕES ACADÊMICAS
E PROFISSIONAIS

1

Dirceu Cleber Conde

NÚMEROS... QUE CHATICE! SÓ QUE NÃO

INTRODUÇÃO

Os números, muitas vezes, são vistos como entediantes, áridos, distantes da realidade vibrante e complexa que talvez poderiam representar. No âmbito institucional, planilhas, tabelas, percentuais e médias podem, à primeira vista, não dar uma boa interpretação dos esforços coletivos de uma comunidade. Ou ainda podem ser confundidos com enfadonhas sequências de dados com o objetivo de apenas impressionar. No entanto, quando mergulhamos nos dados do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), o que encontramos é uma história de excelência, impacto e transformação. Os números deixam de ser cifras frias para se tornarem o retrato falado de duas décadas de dedicação à pesquisa, ao ensino e à extensão de qualidade. Este texto se propõe a explorar alguns números dessa experiência, focando em três pilares fundamentais que atestam sua relevância: a) a qualidade da formação de seus egressos; b) excelência de sua produção acadêmica; e c) seu inegável impacto social. Longe de ser uma chatice, a análise quantitativa e qualitativa desses números revela a potência de um programa consolidado que, para além de cumprir sua missão institucional, transcende ao irradiar conhecimento formando profissionais de alto nível por todo o Brasil e além de suas fronteiras.

PANORAMA GERAL: AS PESSOAS E OS NÚMEROS

Em um texto como este, ficamos tentados a despejar uma avalanche de números, que chamam a atenção apenas pela quantidade, mas aqui, queremos dar destaque ao conjunto de indivíduos

que trabalharam pelo PPGL desde a sua criação (2004 com início das atividades em 2005) até 2024. Nesse percurso, precisamos lembrar que todos os programas iniciam com seu credenciamento para a oferta de mestrado, e depois há o credenciamento para oferta de doutorado, especificamente no PPGL, isso ocorreu em 2010.

Em todo o percurso de 20 anos, foram expedidos 342 títulos de mestres e 168 títulos de doutores até dezembro de 2024; assim, são 510 dissertações e teses que contribuem para o desenvolvimento dos estudos linguísticos nas três linhas de pesquisa. Para chegarmos a esses resultados, foram aproximadamente 600 estudantes que passaram pelos cursos de mestrado e doutorado, considerando ainda que alguns não concluíram seus estudos (em torno de 90 pessoas que mudaram de planos ou alguma condição específica contribuiu para que desistissem).

Só conseguimos tais números porque, ao longo de todo esse tempo, tivemos a participação direta de 47 docentes dedicados, 5 técnicos administrativos diretamente ligados à secretaria do Programa e 396 colegas de outras instituições que participaram como membros externos das bancas de mestrado e doutorado. O envolvimento direto de mais de 1000 pessoas em 20 anos produziu ganho coletivo difícil de calcularmos, mas fácil de supormos.

EGRESSOS: O LEGADO QUE SE ESPALHA

Um indicador de sucesso de um programa de pós-graduação é o destino e a atuação¹ de seus egressos: para onde vão e

1 Muitos dados foram extraídos do Portal "Memória da Avaliação", CAPES, (<https://memoria-avaliacao.capes.gov.br/>) (Brasil, [s. d.]).

o que fazem. Inserir mestres e doutores qualificados em diferentes setores de atuação representa o sucesso da disseminação de ideias e valores (Brasil, 2025). Os números desta seção se partem de 2010, cinco anos depois de os primeiros mestres serem formados e iniciarmos o ingresso de doutorandos. Inicialmente, podemos olhar para a concentração de representantes egressos do PPGL pelo Brasil, conforme a imagem abaixo:

Figura 1 – Mapa da distribuição de egressos do PPGL pelo Brasil

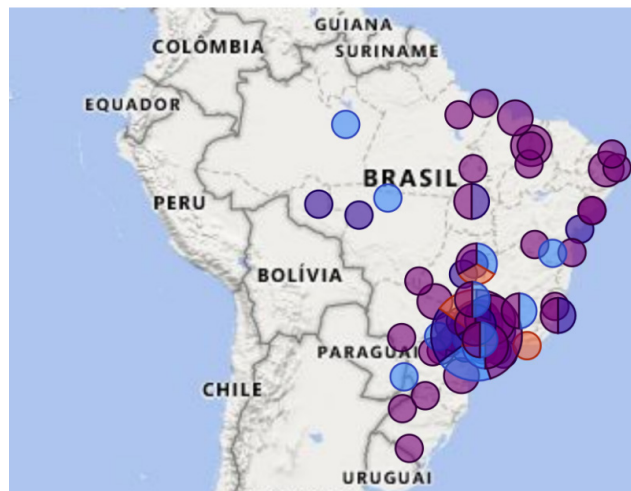


Fonte: elaborada pelo autor (2025).

Cada ponto em azul representa pelo menos um egresso do Programa naquela região. Há, sem dúvida, uma maior concentração de egressos no estado de São Paulo, logo, na região Sudeste, sabidamente a mais populosa do Brasil e com maior concentração de instituições de ensino superior. No mapa a seguir, podemos identificar a distribuição de egressos por atuação:

Figura 2 – Mapa da distribuição de egressos do PPGL por atividade profissional

● Ed.Básica ● Inst. Federal ● Outras ● Superior

*Fonte: elaborada pelo autor (2025).*

Há uma predominância de profissionais dedicados à educação tanto no nível básico quanto no nível superior, como se pode ver, há intensa atuação desses profissionais em institutos federais. A contribuição fundamental do PPGL à sociedade brasileira, de modo geral, deriva da formação de qualidade de seus egressos. Eles vêm atuando, em sua imensa maioria, na Educação, principalmente pública, mas também na rede privada, nos diferentes níveis. De um total de 168 doutores egressos, são 78 docentes (em sua maioria efetivos) de universidades, sem contarmos os institutos federais. Desse total, 17 estão vinculados a programas de pós-graduação na condição de docentes, alguns liderando grupos, com projetos de pesquisa ativos. No panorama internacional, temos um total de 10 egressos atuando em universidades ou outras atividades, como por exemplo, a adidância cultural. Tanto nas américas como na Europa e Ásia.

Nosso objetivo não é encher os olhos do leitor com cifras, mas selecionar algumas que julgamos ser representativas da força do PPGL.

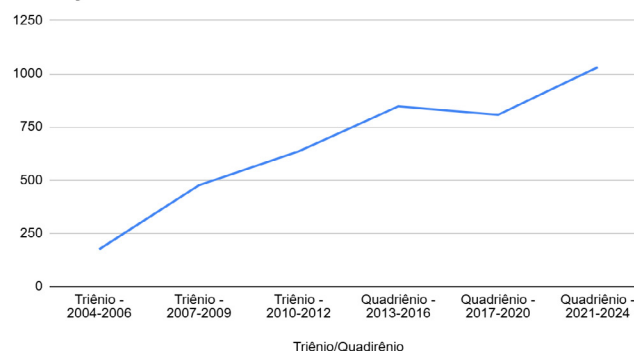
PRODUÇÃO ACADÊMICA: CONHECIMENTO DE QUALIDADE E ACESSÍVEL

Um programa de pós-graduação é também o *locus* de produção de conhecimento. A sinergia entre estudantes, egressos e docentes não produz apenas titulados, mas produtos bibliográficos e técnicos que impactam o campo da pesquisa e a sociedade de um modo geral. Os dados do PPGL mostram um ambiente acadêmico extremamente produtivo e de alta qualidade, envolvendo docentes, discentes e egressos. No levantamento de produção bibliográfica², entre 2005 e 2024 consideremos, para efeitos gerais, os seguintes produtos (veja a tabela completa no anexo I): a) artigos em periódicos; b) artigos em jornais e revistas; c) livros e capítulos de livros; d) trabalhos em anais de eventos; e) traduções e f) outras publicações.

SUMÁRIO

Figura 3 – Produção bibliográfica do PPGL ao longo dos anos

Produção vs Triênio/Quadrênio



Fonte: elaborada pelo autor (2025).

É importante notar que até 2013 a CAPES realizava a avaliação em triênios e, a partir de 2013, iniciaram-se as avaliações

2 Os dados são oriundos dos relatórios disponíveis em <https://memoria-avaliacao.capes.gov.br/> e de relatórios extraídos da Plataforma Sucupira.

quadrienais. No primeiro triênio, o PPGL atuou apenas por 2 anos, o que explica uma produção inicial pequena. Embora a produção tenha se mantido entre os quadriênios 2013-2016 e 2017-2020, foi neste último que o Programa atingiu a nota 5, considerando a qualificação da produção e muitas outras medidas adotadas a partir do planejamento estratégico.

O gráfico 1 ilustra que a comunidade PPGL é composta por pesquisadores ativos e prolíficos em ascensão. A qualidade se atesta nesse conjunto porque a produção amadureceu e se qualificou. A título de exemplo, 55% dos artigos publicados estão no estrato A do Qualis Periódicos e 26 estão no estrato B. É importante observar que 91% de todos esses produtos estão em periódicos de acesso livre ou e-books também gratuitos e disponíveis. Isso implica dizer que qualquer pessoa atingida por esses conteúdos pode acessar, ler e aplicar em suas pesquisas ou atividades profissionais. Isso é um ganho de impacto social muito relevante, pois espaços como o da educação podem se beneficiar das pesquisas de modo dinâmico e prático.

É importante observar que dos números indicados no quadro 1, praticamente um terço foi produzido por discentes e egressos ou teve a participação deles entre os autores.

Esses dados demonstram que os discentes e egressos não são apenas consumidores de conhecimento, mas produtores ativos durante sua formação. Quanto à participação de egressos, esses números ressaltam que a formação recebida os equipou com as ferramentas e o *ethos* necessários para uma carreira científica autossustentável e bem-sucedida, mantendo a cooperação com seus colegas em formação e os orientadores. Em comparação com a avaliação do quadriênio 2017-2020 avaliações anteriores, saltamos de 43 artigos produzidos por egressos para 126 em 2021-2024, aumento de 193%, isso sugere um efeito de “onda”: à medida que mais egressos se estabelecem em cargos permanentes (especialmente no ensino superior), sua produtividade pesquisa dispara, ampliando

ainda mais o impacto e a visibilidade do programa que os formou. Esses dados da produção corroboram o que foi apresentado no item “Egressos: o legado que se espalha”.

O IMPACTO SOCIAL TRANSCENDENDO OS LIMITES DO *CAMPUS*

A expressão “impacto social” pode abranger diversos contornos, por exemplo, podemos falar do impacto social que o funcionamento de um hospital pode ter em uma região periférica de uma cidade: mais atendimentos com menos deslocamento, mais saúde pública e, consequentemente, mais satisfação e bem-estar da população. Tudo isso, inclusive, pode ser mensurado através de determinadas pesquisas. Em nossa área de atuação também é possível fazer algo semelhante, muito embora os impactos sociais não sejam tão transparentes como no exemplo do hospital. Vejamos:

Na Área de Linguística e Literatura, impacto [social] diz respeito sobretudo à produção de conhecimento científico circunstanciado pela linguagem – seu objeto – em suas concepções teóricas, artísticas, literárias e aplicadas diversas. Isso inclui impacto decorrente da formação de pesquisadores e de profissionais para atuação na educação superior e básica, ou em outros setores em que essa formação se mostra relevante para o desenvolvimento educacional, cultural, social, tecnológico e econômico. Considera-se, pois, a ampliação da transferência/compartilhamento de conhecimento e a expansão de produtos e processos de inovação tecnológica e social (Brasil, 2025, p. 23).

Em uma linha contínua, o impacto social se estabelece desde a formação dos pesquisadores até a transferência e compartilhamento de produtos. Exemplificando: de um egresso que se titula e trabalha

até um avanço teórico sobre um determinado tema publicado em uma revista atingem esse objetivo. No meio desse contínuo, há um conjunto complexo de ações como as atividades extensionistas: eventos, minicursos, palestras, atividades formativas de profissionais. Essas são atividades que o programa desenvolveu continuamente.

Pensando nessa relação com a sociedade, só nos últimos quatro anos, o Programa, em sua intensa relação com a educação básica, atingiu mais de 1800 profissionais que participaram de algum tipo de atividade formativa em cursos presenciais e on-line em um total de 31 atividades. Embora o diálogo seja intenso com a formação de professores, 8 atividades atenderam mais de 300 profissionais fora da educação.

Além disso, a contribuição também se dá com um conjunto de atividades tradicionais recorrentes que mobilizam comunidades de pesquisa. Trata-se de eventos tradicionais do Programa que ao longo de 20 anos foram recorrentes, com destaque ao Seminário de Pesquisas da Pós-Graduação em Linguística da UFSCar (SPLin), o Colóquio Internacional de Análise do Discurso (CIAD), Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular (SIELiPop), Jornada de Políticas Linguísticas, entre outros. Além, é claro, de o programa ter sediado outros eventos de impacto nacional e internacional, como duas edições do Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), *International Conference on Functional Discourse Grammar*, entre muitos outros eventos.

CONCLUSÃO

Discutir números, índices, proporções etc. pode ser um assunto enfadonho e repetitivo, e por isso nosso pedido de desculpa ao leitor que, se chegou até aqui, teve paciência... No entanto, comemorar os números do PPGL, mesmo que alguns estejam

SUMÁRIO

incompletos e sejam parciais, representa um olhar sobre os resultados. Nosso olhar se lançou sobre a missão de demonstrar como todo o esforço de 20 anos valeu a pena e talvez isso seja realmente difícil de quantificar. É por isso que não são meras estatísticas; são a quantificação de milhares de horas de estudo, de orientação, de pesquisa, de escrita. São a materialização de um projeto coletivo que deu certo.

O título “Números... que chatice! Só que não...” encapsula perfeitamente essa ideia. A primeira impressão pode ser de frieza numérica, mas a leitura atenta revela um pouco de uma história de sucesso acadêmico e compromisso social. Os números do PPGL contam a história de um programa que, aos 20 anos, está em plena maturidade, consolidado como um centro de excelência em Linguística no país, e que continua a evoluir, a se expandir e a impactar positivamente a academia e a sociedade. E isso, definitivamente, não é nada chato. É, na verdade, motivo de grande orgulho e celebração.

REFERÊNCIAS

BRASIL, C. de A. de P. de N. S. (CAPES). Memória da Avaliação da Capes. <https://memoria-avaliacao.capes.gov.br/>, [s. d.]. Disponível em: <https://memoria-avaliacao.capes.gov.br/>. Acesso em: 30 ago. 2025.pdf

ANEXO I

TIPO DE PUBLICAÇÃO / ANO	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
ARTIGO EM PERIÓDICO	2	5	16	19	37	29	38	52	59	86	48	27	38	61	93	81	108	95	86	68
TRABALHO EM ANAIS	54	69	99	42	48	66	112	111	120	53	10	18	25	19	73	35	0	23	1	42
ARTIGO EM JORNAL OU REVISTA	0	11	15	5	11	2	7	18	8	14	0	0	1	5	2	6	6	1	1	0
LIVRO	17	12	50	51	22	47	48	60	69	80	101	59	32	75	66	109	93	80	78	114
TRADUÇÃO	0	1	8	6	7	7	10	10	13	19	23	8	1	13	5	14	32	22	37	72
OUTRO	0	4	31	3	6	7	3	8	8	16	0	8	2	2	5	44	30	41	1	0
TOTAL POR ANO	73	102	219	126	131	158	218	259	277	268	182	120	99	175	244	289	269	262	204	296

Parte

2

**PERFIL DOS
EGRESSOS:**
IMPACTO E TRANSFORMAÇÕES

1

Amanda Batista Braga

**VINTE ANOS
DE DISCURSOS,
MEMÓRIAS E EMOÇÕES
NO PPGL/UFSCAR**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-520-6.2

INTRODUÇÃO

A memória, assim como a história, não se constitui de forma contínua e regular, como um fio que se alonga pelo tempo, estabelecendo uma narrativa única que fundaria o real dos acontecimentos. Ao contrário disso, a produção da memória incorpora os movimentos próprios da história, em suas continuidades e rupturas, como diria Michel Foucault (2006; 2007). Sua retomada não se limita, pois, à formulação de dizeres que teriam validade e autenticidade garantidas pelas fontes supostamente oficiais, mas se estende a uma reconstrução constantemente atualizada do passado, cuja força se dá justamente mediante sua inscrição, sempre diversa, no presente. Assim sendo, considerando a possibilidade de uma retomada talvez coerente e certamente esburacada, proponho-me a articular, aqui, passagens de minha trajetória pessoal, acadêmica e afetiva junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística¹ da Universidade Federal de São Carlos, no intuito de reativar e atualizar memórias que se entrelaçam à história do próprio Programa e de alguns de seus docentes.

Eu era pré-concluinte do curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, quando, em meados de 2005, alguém me soprou ao ouvido, pela primeira vez, o nome do PPGL. O Programa tinha acabado de ser criado e um conjunto de fatores despertou em mim o desejo de conhecê-lo. Primeiramente, eu sonhava com um mestrado em Linguística na área de Análise do Discurso, área que eu conhecia em virtude dos projetos então coordenados pela Professora Ivone Lucena na UFPB. Naquele momento, a Professora Rosário Gregolin, da UNESP Araraquara, chegava em João Pessoa para oferecer na Universidade um minicurso intitulado “Foucault: sujeito, poder e identidade”, que eu cursei na missão de

1

Doravante PPGL.

SUMÁRIO

atribuir sentido às coisas que estava lendo. Na mesma ocasião, tive acesso ao livro que havia sido publicado no ano anterior pela Professora Vanice Sargentini (UFSCar) e pelo Professor Pedro Navarro (UEM) – *M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade* –, que me apresentava os nomes de duas referências e de dois futuros amigos, mas também a fertilidade de pesquisas que se desenvolviam entre o recém-criado Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar e o Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP Araraquara.

Na conjunção de tantos fatores, resolvi me inscrever no Edital aberto pelo PPGL em 2005, cuja finalidade era a formação de sua segunda turma, com início em 2006. Apresentei um projeto de pesquisa que propunha analisar os discursos que subjetivavam a população negra em uma revista chamada *Raça Brasil*, indicando o nome da professora Vanice Sargentini como orientadora pretendida. Já em novembro, tendo o projeto aprovado, fui a São Carlos fazer a prova escrita e a entrevista. Lembro muito da primeira vez que cheguei a São Carlos, em um ônibus da Empresa Cruz: lembro de observar o sotaque das pessoas ao meu redor e do rosto da (hoje também) Professora Isadora Gregolin, que me aguardava na rodoviária e que me recebeu em sua casa (sem que eu nunca tenha podido agradecer suficientemente). Mas lembro, principalmente, da primeira vez que entrei na UFSCar, levada pela própria Isadora. Era o dia da prova escrita do Processo Seletivo e ela ficou muito surpresa quando eu lhe disse que ainda não conhecia Vanice² pessoalmente, embora já tivéssemos conversado por e-mail. Eu a conheceria justamente no momento de aplicação da prova. Ao passar recolhendo as assinaturas dos candidatos e me ver assinando meu nome, Vanice, que naquele momento era coordenadora do PPGL, perguntou sorrindo: “Ah, então é você que é Amanda?”

O MESTRADO NO PPGL

Não é exagero dizer que, aquele momento da prova, e principalmente a aprovação que veio alguns dias depois, foram para mim um divisor d'águas. Voltei pra João Pessoa depois do processo seletivo com o objetivo de finalizar a graduação a tempo de começar o mestrado, em março do ano seguinte. O calendário acadêmico da UFPB estava atrasado... Foi preciso conversar com os professores, que me passaram atividades avaliativas e registraram minhas notas antecipadamente. A coordenação do curso de Letras, por seu turno, me deu uma declaração de que eu havia cumprido com todos os créditos, embora o diploma fosse demorar um tanto mais. Em fevereiro de 2006, cheguei à UFSCar para fazer matrícula apenas com essa declaração. Naquele momento, o PPGL ainda não ocupava, como hoje, uma sala do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), mas apenas uma salinha no prédio do Departamento de Letras (DL). Por sorte, a estagiária que estava ali na secretaria aceitou fazer minha matrícula com aquela declaração, sob a condição de que eu apresentaria o diploma até o fim do mestrado...

Em fevereiro de 2006, eu já estava morando em Araraquara. Morar em Araraquara, assim como Vanice, e estudar em São Carlos, me ofereceu uma das melhores coisas que o mestrado no PPGL poderia me oferecer: uma orientação que se deu, na maior parte do tempo, na estrada entre as duas cidades. Foi Vanice quem me levou para praticamente todas as aulas do mestrado (sem que eu nunca tenha podido agradecer suficientemente). No trajeto entre uma cidade e outra, percorrido sempre às quartas-feiras pela manhã, conversávamos sobre a pesquisa, sobre textos que poderiam nos interessar, sobre livros lançados, sobre eventos da área. Ali nascia uma parceria de pesquisa que nos rende frutos até hoje, mas também uma cumplicidade muito forte.

SUMÁRIO

Como se não fosse suficiente, o PPGL me ofereceu muitas coisas mais: novas disciplinas, novos professores, novos contatos de pesquisa, bem como, claro, a possibilidade de integrar a primeira composição do Laboratório de Estudos do Discurso (Labor), criado, naquele momento, em um diálogo incessante com o Grupo de Estudos em Análise do Discurso de Araraquara (Geada). Como decorrência desse diálogo, vieram muitas reuniões conjuntas, muitos eventos e muitos amigos, entre os quais Carlos Piovezani e Luzmara Curcino, hoje também professores da UFSCar e do PPGL, além de Nilton Milanez (UNESB), Pedro Navarro (UEM), Cleudemar Fernandes (UFU), Antônio Fernandes (UFCAT), Kátia Menezes (UFG), Claudiana Narzetti (UEA), Denise Witzel (UNICENTRO), Fernanda Fernandes (UEG), Vinícius Dorne (UFU), Renan Belmont (UFMG) e Israel de Sá (UFU). Éramos um grande grupo que, até então, promovia um batimento entre as obras de Michel Pêcheux e Michel Foucault. Mas essa perspectiva iria se afunilar cada vez mais em direção à obra de Michel Foucault e o PPGL teria um papel fundamental nisso.

A proposta de um evento internacional promovido pelo PPGL e sediado na UFSCar testemunha bem essa passagem. Ainda em outubro 2006, o Labor organizou o I Colóquio Internacional de Análise do Discurso³, cujo título era “Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos”. Recebemos na UFSCar o Professor Jean-Jacques Courtine, além de inúmeros grupos de pesquisa vindos de todo o país. Era um enorme privilégio estar naquele lugar, naquele momento e com aquelas pessoas. O evento seria realizado a cada 3 anos e, paulatinamente, a abordagem foucaultiana tornar-se-ia central. Não sem razão, sua terceira edição, ocorrida em 2012, teria por tema “História, discurso e autoria em Foucault”.

Estive em todas as edições do CIAD, que acabou se tornando um dos eventos mais importantes de nossa área. Mas, por ora,

3

Todas as informações sobre o CIAD, suas edições, temáticas e alguns dos vídeos das conferências estão disponíveis no site do evento: <https://www.ciad.ufscar.br/>. Acesso em: 02 ago. 2025.

SUMÁRIO

voltemos ao projeto de pesquisa do mestrado: eu havia proposto um projeto cujo objetivo era analisar os discursos que subjetivavam a população negra em uma revista chamada *Raça Brasil*. Conversando com Vanice, ela me propôs enquadrar a problemática no cenário mais amplo das então chamadas Políticas de ações afirmativas, que completavam, naquele ano de 2006, dez anos de implantação e, com isto, começavam a colher os primeiros resultados. A proposta de Vanice oferecia uma nova cara e um novo peso ao projeto, já que o fazia abordar um contexto de enorme atualidade e efervescência. Não por acaso, das orientações que recebi e das consequentes modificações que fiz no texto, veio também a aprovação, por parte da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), de minha bolsa de mestrado⁴!

Uma vez definido que a pesquisa contemplaria o cenário das políticas afirmativas, chegava a hora de definir também o *corpus* de análise. Resolvemos manter a ideia de analisar enunciados publicados na revista *Raça Brasil*, mas focando em uma temática específica: o cabelo crespo, que naquele cenário voltava a aparecer com muita regularidade na mídia. Foi uma temática que chamou muito a atenção naquele momento: primeiramente por ser polêmica e, do mesmo modo, pela proposta de explorá-la em um Programa de Linguística. Nosso intuito era o de discutir o cabelo crespo como símbolo identitário que havia passado por muitas transformações no decurso da história: tanto em sua textura e em seus penteados, quanto nos sentidos atribuídos a cada um deles. De modo geral, a pesquisa que eu defenderia em 2008 daria conta dos efeitos de sentido (bem à moda Michel Pêcheux) inscritos nos discursos das políticas afirmativas sobre esse cabelo, das relações de poder (bem à moda Michel Foucault) que o atravessam e dos modos de produção identitária que daí emergem (Braga, 2008).

O DOUTORADO ENTRE TRÊS CIDADES, DOIS PROGRAMAS E DUAS UNIVERSIDADES

Defendida a dissertação, em agosto de 2008, eu tinha um dilema a resolver: meu desejo era o de continuar na UFSCar, mas o PPGL ainda não tinha um curso de doutorado aprovado (o que só aconteceria no ano seguinte). Aquela indefinição me colocou em uma situação delicada, já que eu não queria abrir mão de começar o doutorado, mas tampouco queria abrir mão de continuar na UFSCar, no PPGL e no Labor, onde eu sentia a minha pesquisa acontecer. A solução que eu encontrei (a única, com suas “dores e delícias”) foi a de fazer seleção no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, em minha cidade, João Pessoa, e, se aprovada, vincular Vanice à minha pesquisa como coorientadora.

Assim eu fiz: fui aprovada na seleção da UFPB, com bolsa Capes, e comecei o doutorado em 2009. A partir de então, me dividi entre a UFPB e a UFSCar, ou entre João Pessoa, Araraquara e São Carlos. Passei o primeiro semestre de 2009 em João Pessoa, cursando as disciplinas obrigatórias do doutorado. Já no segundo semestre, voltei a morar em Araraquara, quando formalizei Vanice como coorientadora e voltei a viver intensamente o PPGL, sempre indo e vindo com ela de São Carlos. Naquele momento, eu ocupava um lugar diferente dos demais: apesar de ter orientadora no Programa, eu não era aluna regularmente matriculada, mas nem por isso fui recebida com demérito ou me senti menos integrada. Pelo contrário, o PPGL só me trouxe mais oportunidades, principalmente quando penso nas reuniões do Labor, nas disciplinas que pude acompanhar e no II CIAD, que organizaríamos em setembro daquele mesmo ano.

Aquele semestre teve uma importância imensa para minha pesquisa. A proposta de meu projeto era a de construir uma história

SUMÁRIO

da beleza negra no Brasil por meio de uma análise discursiva que desse conta, por um lado, das memórias que tínhamos dos padrões de beleza negra historicamente construídos e, por outro lado, dos acontecimentos discursivos que ressignificavam aquelas memórias na atualidade. Para tanto, eu considerava analisar um *corpus* que não se reduzia à linguagem verbal, mas que se estendia às imagens, bem como aos corpos e aos gestos nelas impressos. Que o projeto era audacioso, é certo, mas também é certo que eu não estava sozinha. Pelo contrário: a problemática estava em perfeita sintonia com toda a discussão que então fazíamos no Labor: como analisar os discursos semiologicamente materializados a partir das ferramentas teóricas e metodológicas da Análise do Discurso? Voltamos à Semiologia de Roland Barthes (1990; 2006) e descobrimos outra Semiologia com Jean-Jacques Courtine (1988; 2006), fazendo trabalhar, em nossos textos, noções como as de Semiologia histórica, paradigma indiciário e intericonicidade (Courtine, 2011).

Como disse anteriormente, tenho absoluta convicção de que as contribuições que recebi, naquele semestre junto ao PPGL, foram determinantes para o desenvolvimento da minha tese de doutorado. Primeiramente, porque tínhamos as reuniões do Labor – que, àquela altura, já contava com meus amigos Carlos Piovezani, Luzmara Curcino (na condição de professores da UFSCar) e Pedro Varoni (como mestrando) –, nas quais abordamos textos que se tornariam centrais na discussão que eu havia me proposto a fazer. Exemplo disso é o texto intitulado *Resposta a uma questão*, de Michel Foucault (2010), que descobri nas reuniões do Labor e que foi fundamental na organização teórica e metodológica de meu trabalho. Como não fosse suficiente, cursei, como ouvinte, a disciplina “Discurso, semiologia e história”, ofertada pelo PPGL e ministrada por Vanice e Carlos. Foi com as leituras daquela disciplina que escrevi, em minha tese, a discussão sobre a Semiologia de Barthes (1990; 2006) e a Semiologia histórica proposta por Courtine (1988; 2011). Foi também com as leituras daquela disciplina que escrevi o capítulo que publicaria no livro

intitulado *Análise do discurso e Semiologia: problematizações contemporâneas*, fruto das preocupações comuns que tínhamos naquele momento (Gregolin; Kogawa, 2012; Braga, 2012).

Mas teve mais: para além das orientações que eu continuava a ter na estrada entre Araraquara e São Carlos, naquele ano nós também organizamos a segunda edição do CIAD, já sob a coordenação não apenas de Vanice, mas também de Carlos e Luzmara. O tema faz brilhar meus olhos ainda hoje: “Os sentidos do olhar: as imagens nas sociedades democráticas”. Uma vez mais, recebemos professores da França e do Brasil, todos com o intuito de discutir a relação entre discursos e imagens, bem como uma metodologia que possibilitasse analisar aquilo que então chamávamos de “natureza semiológica do objeto de análise”. As conferências e mesas me interessavam de uma tal forma que cheguei a gravar e transcrever algumas delas. O esforço se mostrou didático e produtivo, mas, para minha sorte, na sequência, os coordenadores publicaram o livro com os textos das conferências – *Discurso, Semiologia e História* (Sargentini; Curcino; Piovezani, 2011) – do qual retirei muitas das ideias e referências que sustentaram minha pesquisa.

Finalizado o semestre, voltei a João Pessoa, onde passei todo o ano de 2010. Em 2011, me sentindo afastada das discussões e sabendo que precisaria qualificar em 2012, voltei à UFSCar, agora para passar o ano inteiro. Foi novamente um ano de muita produtividade, de muito afeto, e ainda de uma certa “recomposição pessoal”, da qual eu não poderia prescindir. O interior paulista, uma vez mais, me oferecia suas estradas. O PPGL, por seu turno, me colocava no centro das discussões que norteavam minha tese, me abria as portas de suas disciplinas e de suas reuniões de pesquisa. Naquele momento, acompanhei a finalização do mestrado e o início do doutorado dos meus amigos Israel de Sá e Jocenilson Ribeiro, e participei de atividades de extensão. Frequentei a disciplina “Introdução aos estudos do discurso”, ministrada por Vanice aos alunos ingressantes e, no segundo semestre, cursei a disciplina “História, corpo e discurso”,

ministrada por Vanice e Carlos. Lembro muito das aulas em que discutíamos a *História do corpo* (Corbin; Courtine; Vigarello, 2009), para as quais eu levava os exemplos de minha pesquisa.

Foi um momento em que, já tendo maturado a proposta de minha tese, as leituras faziam mais sentido, a escrita estava mais fluida e as ideias chegavam com mais facilidade. Passei meses na leitura dos “arquivos de brasilidade”, como diria meu amigo Pedro Varoni (2014; 2015): Gilberto Freyre, Abdias Nascimento, Roberto DaMatta, Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes... São fruto daquele momento o artigo “O que é que a mulata tem? História e cultura no discurso publicitário”, que publiquei na revista *Travessias*, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Braga, 2011); o artigo “Dispositivos de uma beleza negra no Brasil”, que apresentei e publiquei nos anais do XIII Simpósio Nacional de Letras e Linguística / III Simpósio Internacional de Letras e Linguística, que ocorreu em novembro de 2011 na Universidade Federal de Uberlândia (para a qual fomos todos de ônibus); bem como, claro, o relatório de qualificação, que eu apresentaria à banca no ano seguinte.

Mal voltei a João Pessoa, para o Natal de 2011, e já era hora de retornar à UFSCar para o exame de qualificação, em fevereiro de 2012. Tendo oficializado Vanice como coorientadora e tendo feito junto ao PPGL grande parte da pesquisa que eu então apresentava, não poderia fazê-lo em outro lugar. Àquela altura, o Programa da UFPB, no qual eu era aluna regular, já havia compreendido a dispersão dos meus passos e não viu problemas na realização do exame em outra instituição. Foi novamente com muito afeto, muito cuidado e muita parceria, que nos reunimos eu, Vanice, Carlos e Rosário Gregolin para a qualificação, na qual fui aprovada com nota máxima⁵. Apenas alguns meses depois, mais precisamente em setembro, estive novamente

5

O Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, naquele momento, atribuía nota ao exame de qualificação.

na UFSCar para o III Colóquio Internacional de Análise do Discurso. É verdade que eu perdi o voo, mas o evento deu um “jeitinho”...

Pela primeira vez desde 2005, não voltei ao PPGL em 2013. Mas Vanice, Carlos e Luzmara vieram a João Pessoa para minha defesa de doutorado (sem que eu nunca tenha podido agradecer suficientemente). Era verão, quase carnaval e eu precisava defender porque dali a duas semanas faria um concurso para docente do magistério superior na Universidade Federal da Paraíba. Nos agradecimentos da tese, retomo aqui o que escrevi ao PPGL: “Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, onde sempre encontrei portas abertas e possibilidades múltiplas”. Poderia ter continuado: “...”, além de muito afeto, mesmo quando eu já não tinha vínculo formal com o Programa”. As memórias que aqui recupero o comprovam bem. Tive a alegria de contar com os meus amigos e docentes do PPGL durante toda minha trajetória na pós-graduação, e ainda o teria na preparação para o concurso.

MAIS IDAS E VINDAS ENTRE A UFPB E A UFSCAR DEPOIS DO CONCURSO

Fiz o concurso apenas 17 dias depois de minha defesa de doutorado. Fui aprovada, mas ainda esperaria um ano até ser nomeada. Quando minha nomeação saiu, em 2014, os planos eram muitos. Os mais urgentes coloquei em prática já em 2015: primeiramente, a criação do meu grupo de pesquisa, o Observatório do discurso⁶, que se dedica aos Estudos Discursivos Foucaultianos e que reúne pesquisadores da graduação e da pós-graduação, dos quais tenho

6 Todas as informações sobre o grupo estão disponíveis em seu site institucional (<https://www.cchla.ufpb.br/observatoriododiscurso/>) e em seu perfil no Instagram (<https://www.instagram.com/observatoriododiscurso/>).

SUMÁRIO

imenso orgulho. O segundo era a publicação em livro da minha tese de doutorado. Não sem alguma insistência de Vanice, revisei o material, deixei o texto mais acessível ao grande público e, novamente, foi a UFSCar que me abriu as portas. O livro *História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas* (Braga, 2015) foi publicado pela EdUFSCar⁷, que teve um enorme cuidado com meu texto: desde a revisão das fontes até a elaboração da capa.

Com apresentação de Vanice e texto de orelha de Carlos, este é um livro que, mesmo 10 anos depois de sua publicação, me traz muitas alegrias. À época de seu lançamento, ele ganhou uma enorme projeção, tendo sido largamente mencionado nas mídias impressas e digitais, e largamente citado em trabalhos acadêmicos. Mesmo hoje, é difícil estar em algum evento sem que alguém não se aproxime para falar sobre ele. Sua primeira edição, que contou com mil exemplares, esgotou pouco tempo depois, quando assinei novo contrato com a EdUFSCar, autorizando a reimpressão e sua publicação em e-book.

Em 2017, estive em São Carlos para compor a banca examinadora da doutoranda Elizete de Souza Bernardes, orientanda de Vanice. Em minha trajetória, sempre tive muito prazer em voltar à UFSCar e retribuir, de algum modo, tudo que o Programa me proporcionou. Quando peguei o voo até São Paulo, eu ainda não sabia, mas aquela visita de 2017 daria início a um novo ciclo de trabalho junto ao PPGL. Um dia depois da banca, antes de voltar a João Pessoa, conversando com Carlos, eu lhe dizia que queria começar uma nova pesquisa...

Carlos tinha acabado de publicar, com Jean-Jacques Courtine, o livro *História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso* (Courtine; Piovezani, 2015). Já na introdução, eles faziam um diagnóstico interessante: afirmavam que tinha havido,

historicamente, uma divisão sexista da fala pública entre homens e mulheres, de tal modo que as mulheres haviam sido excluídas do campo da oratória e que, com isto, a tal “história da fala pública” era uma história da fala pública masculina. Surgia ali um interesse, de nossa parte, em aprofundar a ideia e contar essa história da fala feminina: de seus silenciamentos, mas também de suas resistências.

Naquela mesma época, o Brasil vivia um momento político conturbado. Estávamos no auge das articulações do golpe que deporiam Dilma Rousseff (PT) da presidência da República. Foram muitos os ataques à sua pessoa. Um deles, muito evidente e violento, foi, sem dúvida, os ataques à sua fala. Foram inúmeras as interdições, os menosprezos e as deslegitimações dos pronunciamentos de Dilma. Para exemplificar o que digo, basta citar o livro *Dilmês: o idioma da mulher sapiens*, do jornalista Celso Arnaldo Araújo (2015). Trata-se de um livro inteiramente dedicado depreciar e a satirizar a fala pública de Dilma. São textos que não apenas decretam a impossibilidade, historicamente construída, de que uma mulher possa estar em lugares de poder e autoridade, como também reverberam a enorme dificuldade de se reconhecer alguma competência na fala pública das mulheres. Foi a conjunção entre o livro publicado por Carlos em 2015 e o cenário político brasileiro daquele momento que nos deu a ideia de uma nova pesquisa: uma pesquisa sobre a história da fala feminina, sobre a qual começamos a pensar naquela conversa que tivemos em São Carlos, em 2017.

Trabalhamos mais detidamente na ideia em meados de 2018, catalogando enunciados antigos e contemporâneos. Era justamente sobre esses primeiros enunciados que eu falava no V Colóquio Internacional de Análise do Discurso, que organizamos em 2018. Foi ainda nesta edição do CIAD que Vanice teve (mais uma!) excelente ideia: a de formarmos um grupo de pesquisa interinstitucional com os egressos do doutorado do Labor. Ali se formava o GEDIR – Grupo Interinstitucional de Estudos de Discursos e Resistências –, cujos integrantes somos eu, o Professor Israel de Sá (UFU), o Professor

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Jocenilson Ribeiro (UFS), a Professora Livia Pires (UNICEP) e o Professor Pedro Varoni (UFSCar). Todos nós havíamos feito doutorado sob orientação (ou coorientação, no meu caso) de Vanice e tínhamos, no cerne de nossos trabalhos, a reflexão sobre a produção de discursos e as práticas de resistência contemporâneas. O grupo nos trouxe, naquele momento, e continua a nos trazer, ainda hoje, muitos trabalhos em parceria.

Bom, depois daquele CIAD, a pesquisa sobre a fala das mulheres, que eu vinha desenvolvendo com Carlos, ganhou uma enorme proporção. Em 2020, publicamos um primeiro artigo sobre a temática (Braga; Piovezani, 2020) e já ganhamos o prêmio de Melhor artigo publicado na Revista da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística)⁸. Na sequência, publicamos outros textos, tanto em periódicos científicos quanto em livros: textos sobre a fala pública de Dilma Rousseff (PT), Tabata Amaral (à época, filiada ao PDT), Manuela D'Ávila (PcdoB), Marielle Franco (PSOL), Eliziane Gama (PSD), Sâmia Bomfim (PSOL)...

No ano seguinte, mais precisamente em maio de 2021, estive novamente na organização do Colóquio Internacional de Análise do Discurso. Desta vez, um CIAD à distância, já que a pandemia não nos permitia uma reunião do auditório do Teatro Florestan Fernandes. Poucos meses depois, em setembro, já tendo sete anos de docência na UFPB e já credenciada como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da instituição⁹, resolvi me afastar para realização de estágio pós-doutoral. Diante do trabalho que estava realizando com Carlos, não havia dúvida sobre o desejo de voltar à UFSCar. Treze anos depois de encerrada minha matrícula como mestranda, foi mais uma vez o PPGL que me estendeu a mão

8 *Prêmios/ Melhor artigo publicado na revista da ABRALIN.* Disponível em: <https://abralin.org/premio/melhor-artigo-publicado-pela-revista-abralin/>. Acesso em: 31 go. 2025.

9 Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <https://www.cchla.ufpb.br/proling/>. Acesso em: 31 ago. 2025.

e me abriu suas portas. Naquela oportunidade, paralelamente à pesquisa sobre a fala das mulheres que desenvolvia em conjunto com Carlos, também ministramos juntos, ele como docente permanente e eu como pós-doutoranda, uma disciplina no PPGL. Como já disse, é sempre com muito prazer que volto e que tento retribuir o vasto investimento que o Programa fez em minha formação.

Hoje, em agosto de 2025, escrevo este texto em meio à divulgação do livro que acabo de publicar com Carlos: *A fala feminina: silenciamentos e resistências (do mundo antigo ao Brasil contemporâneo)* (Braga; Piovezani, 2025), fruto da pesquisa que começamos a gestar naquela conversa em 2017 e que verticalizamos durante meu pós-doutorado, entre 2021 e 2022. O livro traça um panorama histórico dos menosprezos, deslegitimações e interdições da fala de mulheres desde a Antiguidade clássica até o cenário político brasileiro de nossos dias. Para nossa alegria, o livro conta com apresentação escrita pela deputada Érika Hilton (PSOL), prefácio escrito pela professora Marlène Coulomb-Gully (Universidade de Toulouse II), e texto de contracapa escrito pela deputada Talíria Petrone (PSOL). Publicado pela editora Jandaíra, de São Paulo, há apenas dois meses, o livro já tem enorme visibilidade e, certamente, contribuirá imensamente na resistência aos discursos que fomentam o silenciamento das mulheres. Afinal, conhecer as tentativas da dominação masculina de calar as mulheres e as lutas feministas pela escuta de suas palavras é um passo decisivo para a desconstrução de uma das mais primárias, mais potentes e mais opressoras relações de poder.

Ainda que pareça ponto de chegada de minha relação com o PPGL, este livro não é mais do que ponto de passagem, haja vista o vasto diálogo que continuo tendo com o Programa, o enorme respeito que nutro por seus integrantes e o imenso afeto que continua a fazer com que nossos caminhos sigam lado a lado.

SUMÁRIO

ATUALIZAR PARA NÃO CONCLUIR

Não posso concluir um texto sobre minha relação com o PPGL, o que posso fazer é atualizar a narrativa. Nesse sentido, devo dizer que, em 2024, recebi o convite para compor uma das mesas-redondas do VII CIAD, cujo tema era “Gênero e sexualidade: discursos e afetos”. Foi uma ocasião especial por muitas razões. Primeiramente, se vi o CIAD nascer, é certo que ele também me viu nascer como pesquisadora. Cheguei à UFSCar em 2006 para iniciar o mestrado e já me vi em meio à organização da primeira edição do evento. E eis que tantos anos depois, não apenas o convite para compor uma de suas mesas, mas também o convite para escrever esse texto, me fazem revisitar essas memórias e rever o trajeto percorrido: de mestrandia a palestrante do evento. Mas não apenas isso! O VII CIAD me deu ainda a oportunidade de voltar à UFSCar acompanhada de meu grupo de pesquisa: foi a primeira apresentação do Observatório do discurso no Colóquio, o que me deu a impressão não de um ciclo que se fecha, mas de muitos outros que se abrem.

Por tudo isso, no ano em que o PPGL comemora 20 anos de fundação, eu comemoro 20 anos de discursos, memórias e emoções com esse Programa que faz parte da minha formação e da minha vida (sem que eu nunca tenha podido agradecer suficientemente...).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. **Dilmês**: o idioma da mulher sapiens. Rio de Janeiro: Record, 2016.

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARTHES, R. **Elementos de Semiologia**. Tradução de Izidoro Blikstein. 17. ed. Cultrix: São Paulo, 2006.

SUMÁRIO

BRAGA, A. **A mídia impressa na promoção de discursos sobre política de igualdade racial**: o negro e a revista *Raça*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/items/9d0ec627-e587-4315-bc01-6195bc478d1a>. Acesso em: 31 ago. 2025.

BRAGA, A. O que é que a mulata tem? História e cultura no discurso publicitário. **Travessias**, v. 5, p. 5-16, 2011.

BRAGA, A. À imagem da Fênix: caos e construção em Análise do Discurso. *In*: GREGOLIN, M. do R.; KOGAWA, J. M. M. (org.). **Análise do discurso e Semiologia**: problematizações contemporâneas. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 167-186.

BRAGA, A. **História da beleza negra no Brasil**: discursos, corpos e práticas. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

BRAGA, A; PIOVEZANI, C. Discursos sobre a fala feminina no Brasil contemporâneo. **Revista da ABRALIN**, vol. 19, n. 1, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1694>. Acesso em: 31 ago. 2025.

BRAGA, A; PIOVEZANI, C. **A fala feminina**: silenciamentos e resistências (do mundo antigo ao Brasil contemporâneo). São Paulo: Jandaíra, 2025.

CORBIN, A; COURTINE, J; VIGARELLO, G. (org.). **História do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

COURTINE, J; HAROCHE, C. **História do rosto**: exprimir e calar as suas emoções (de século XVI ao início do século XIX). Tradução de Ana Moura. Lisboa: Teorema, 1988.

COURTINE, J. **Metamorfoses do discurso político**: derivas da fala pública. Tradução de Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2006.

COURTINE, J. Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário. Tradução de Carlos Piovezani. *In*: PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. (org.). **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, 2011. p.145-162.

COURTINE, J; PIOVEZANI, C. (org.). **História da fala pública**: uma arqueologia dos poderes do discurso. Petrópolis: Vozes, 2015.

FOUCAULT, M. **Estratégia, poder-saber**. Coleção Ditos & Escritos IV. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, M. Resposta a uma questão. *In*: FOUCAULT, M. **Repensar a política**. Coleção ditos e escritos VI. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 1-25.

GREGOLIN, M. do R.; KOGAWA, J. M. M. (org.). **Análise do discurso e semiologia**: problematizações contemporâneas. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

SARGENTINI, V.; NAVARRO, P. (org.). **M. Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder e subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.

SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (org.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011.

VARONI, P. **A voz que canta na voz que fala**: poética e política na trajetória de Gilberto Gil. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

VARONI, P. **Revista Piauí**: acontecimento no arquivo de brasilidade. Aracaju: Edunit, 2014.

SUMÁRIO

2

Marcia Fanti Negri

PROFESSORAR:
UMA VIAGEM

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-520-6.3

SUMÁRIO

Eu gostaria de iniciar esse texto com o pensamento de que não se colhe frutos nem maduros e nem verdes demais, ou seja, quer dizer que estão passando por um processo de amadurecimento. É assim que descrevo a minha trajetória como professora de línguas formada em Letras Português/Inglês pela UFSCar: um processo de formação, descobertas, e transformações sem nos distanciar das nossas raízes e origens.

Quando recebi o convite para participar do *ebook* comemorativo dos 20 anos do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar (PPGL), pensei e exclamei: “Olha! Tanto tempo já se passou e eu continuo lá, apesar de estar agora do outro lado do Atlântico”. E foi aí que algumas palavras das aulas de linguística aplicada ressoaram na minha cabeça. Uma formação nunca é um processo acabado, com ponto final, mas sim com reticências, não de hesitação, mas de continuidade e de amadurecimento.

Refletir sobre minha trajetória como egressa do PPGL é revisitar um percurso repleto de memórias marcantes e enriquecedoras, vivenciadas ao longo do mestrado e do doutorado e que me constituem como professora-pesquisadora. Lembro-me, com gratidão, das sessões de devolutiva com meu orientador, momentos fundamentais de crescimento intelectual e aprimoramento da escrita acadêmica.

As disciplinas de inverno, com suas temáticas inovadoras, contribuíram significativamente para minha formação. Desde o inverno de 2011, as discussões e reflexões realizadas no curso da professora Dra. Vera Lúcia Teixeira da Silva, “A Construção das competências do Professor de Línguas”, principalmente ao redor do conceito de “construção”, constituem a minha prática de professora, pois, quando me deparo com um desafio em sala de aula, sempre me volto para as competências do professor de línguas e reflito: estão em constante movimento, re-construção, transformação.

SUMÁRIO

A disciplina de fundamentos da investigação, ministrada pelo Professor Dr. Nelson Viana, ressoa sobre meu fazer científico na minha atuação como professora curiosa que olha e questiona a prática. Nessas disciplinas não só encontrei perguntas e respostas e mais questionamentos, mas também encontrei amigos com os quais aprendi e aprendo até hoje.

A partir da minha perspectiva de professora, em um constante movimento de aprendizagem e transformação da prática pedagógica, posso afirmar que o PPGL exerce uma pedagogia de ensino que vai além dos muros da sala de aula e envolve o aluno em diversas atividades co-curriculares. É na minha prática diária de preparação de aulas e reflexão sobre a minha sala de aula que me deparo com memórias dos eventos acadêmicos dos quais participei, tanto como organizadora quanto como apresentadora – como o CARPE (Colóquio Ação e Reflexão em Português para Estrangeiros), em que tive a oportunidade de trabalhar na comissão organizadora em 2018, e depois como palestrante em 2023, onde falei sobre a característica inerente do ser professor no contexto de ensino de português como língua estrangeira: a transformação, e a nossa qualidade de esculpir a formação a partir da prática pedagógica.

Durante os meus anos de doutoranda no PPGL, tive a oportunidade de participar do SPLin (Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Linguística), me ajudando a refinar o trabalho de pesquisa, uma vez que a proposta é a difusão e comunicação de projetos de pesquisa em desenvolvimento no PPGL. Essas oportunidades me ensinaram a desempenhar diversos papéis com disciplina, organização e excelência.

Durante os 6 anos que passei no PPGL, como aluna, entendi que o pesquisador se constitui de vários personagens, e que estão sempre em construção: o pesquisador, o avaliador, o professor, o escritor, e administrador, entre outras atribuições. Atuei ainda como parecerista da revista Linguasagem, participei de bancas de

SUMÁRIO

defesa de trabalhos de graduação e pós-graduação, e tive a honra de colaborar como avaliadora e observadora nas aplicações do exame Celpe-Bras em suas diversas aplicações. Além disso, a minha tese de doutorado, intitulada “Representações sociais e interculturalidade: um estudo documental sobre elementos provocadores e roteiros de interação do exame Celpe-Bras”, tratou o exame como objeto de estudo. Nessa pesquisa documental, discuti a interculturalidade nos materiais de aplicação do Celpe-Bras. A partir da análise interpretativa, pude desenvolver competências analíticas essenciais, como a leitura crítica de documentos institucionais, a articulação teórica interdisciplinar e o domínio de metodologias qualitativas. O processo de pesquisa me ensinou a olhar para os dados com atenção e sensibilidade teórica, contemplando possibilidades de encaminhamentos para o processo avaliativo no Exame Celpe-Bras. Mais do que um exercício acadêmico, a tese representou um espaço de amadurecimento intelectual, ético e profissional, consolidando meu compromisso com uma abordagem crítica e intercultural no ensino de Português como Língua Estrangeira e contribuindo para minha inserção mais consciente no campo da Linguística Aplicada.

Todas essas experiências consolidaram meu vínculo com o PPGL e reforçaram minha convicção na importância de uma formação acadêmica plural, crítica e comprometida com a excelência.

A minha trajetória de professora de línguas se inicia com o ensino de língua inglesa, e continua hoje como professora de português e espanhol em Miami, na Flórida, nos Estados Unidos. Minha formação como professora de línguas começou na UFSCar, em 2007, quando ingressei no curso de Letras. Como eu gostava muito de aprender línguas, eu logo me inseri em projetos voltados ao ensino da língua inglesa, por exemplo, o projeto de ensino de língua inglesa em escolas públicas. Foram nesses contextos que fui me enxergando e me formando professora.

SUMÁRIO

Quando penso nos caminhos que percorri, entre países e línguas, e contextos variados de ensino, eu sempre me reconecto com as vivências e formação acadêmicas do PPGL, desde quando ingressei na graduação em 2007 e fui me familiarizando, através de eventos acadêmicos com a possibilidade de atuar em âmbito internacional. No PPGL estamos em contato com uma formação contínua e para o mundo. Sempre pude vislumbrar não só as possibilidades, mas também as parcerias que estabelecemos com o mundo. Por exemplo, tive a oportunidade de participar em missão para o ensino de português em Cuba, onde passei 3 semanas ministrando um curso de português para médicos que viriam em missão de trabalho no Brasil.

Desde o fim da minha graduação, em 2010, quando participei da primeira turma de "Epecop" – assim são denominados carinhosamente os estudantes que participam da disciplina "Ensino de Português para Estrangeiros: Contextos e Práticas" (EPECOP), oferecida pelo professor Dr. Nelson Viana, me via professora da minha língua materna como língua estrangeira, o que me proporcionou vislumbrar oportunidades de pesquisa e trabalho pelo mundo. Além disso, ser EPECOP me incentivou a, naquele momento, direcionar minha pesquisa de mestrado para investigar concepções de cultura em livros didáticos para o ensino de português língua estrangeira.

Ao ingressar no doutorado, em 2015, tinha o desejo de dar continuidade às pesquisas na área de Português como Língua Estrangeira (PLE), impulsionada pela relevância crescente da Língua Portuguesa do Brasil no cenário internacional. Essa motivação foi reforçada pela minha atuação como observadora-avaliadora do Exame Celpe-Bras - exame oficial do governo brasileiro que certifica a proficiência em português como língua estrangeira. O Celpe-Bras, aplicado no Brasil e no exterior, é reconhecido internacionalmente e adotado por universidades brasileiras para ingresso de estudantes estrangeiros, bem como por órgãos profissionais que validam diplomas estrangeiros. Sua proposta comunicativa, que integra compreensão e produção oral e escrita em situações reais, sempre me

inspirou a manter minha prática pedagógica conectada com usos autênticos da língua. Essa experiência como avaliadora e observadora nas aplicações do exame ampliou minha compreensão sobre os desafios e as práticas envolvidas no ensino e na avaliação de PLE.

Sempre via o português como uma porta de atuação no mercado de trabalho mundial. Lembro-me de sempre ser incentivada por colegas que já haviam participado do programa da Fulbright e de professores que nos incentivavam a participar de programas de intercâmbio e cooperação internacional. Decidi me candidatar ao programa de *Foreign Language Teaching Assistant* da Fulbright (FLTA), um programa de cooperação bilateral para o ensino de línguas estrangeiras nos Estados Unidos. Esse programa promove o intercâmbio acadêmico e cultural por meio do envio de professores brasileiros em formação para auxiliar no ensino de português em universidades norte-americanas. Durante o programa, que acontece no período de um ano acadêmico, os participantes também cursam disciplinas e participam de atividades culturais, aprimorando sua proficiência em inglês e suas competências pedagógicas. Na condição de FLTA atuei como professora de Língua Portuguesa na Universidade de Miami, o que me proporcionou estar em contato com diversas culturas. Ensinar Português do Brasil nesse contexto me aproximou ainda mais da minha cultura, permitindo que eu (re)criasse representações sobre o meu país e a nossa cultura. Durante meu ano de Fulbright na Universidade de Miami, além de ensinar a minha língua, atuei no programa de Português oferecendo atividades culturais e experimentais com a língua, por exemplo, eu oferecia sessões de bate-papo semanais, em que algumas delas eram dedicadas especificamente a algum ponto cultural, por exemplo, a culinária brasileira. Eu também era responsável por organizar e conduzir as sessões de filmes Luso-Afro-Brasileiros, em que tínhamos a oportunidade de nos conectar com diversas pessoas que pertenciam à comunidade de falantes de português, alunos interessados em pesquisar o Brasil e pesquisadores e especialistas na área de Estudos Brasileiros.

SUMÁRIO

Essa experiência reforçou meu interesse em pesquisar aspectos (inter)culturais que permeiam o processo de ensino-aprendizagem de PLE. Neste ano que passei longe do Brasil, me conectei com as minhas raízes de outra maneira: através das artes e da literatura. Através dos cursos de Português e Estudos Brasileiros que fiz durante meu ano de *Fulbright* FLTA na Universidade de Miami, o interesse pela literatura se mostrou bastante aparente e me conectava diretamente com as aulas de literatura brasileira e de língua inglesa que havia tido na UFSCar.

De volta para o Brasil, em 2018, tive a oportunidade de atuar como professora substituta no Departamento de Letras da UFSCar, uma experiência marcante em minha trajetória profissional. Esse período me permitiu aprofundar o contato com a literatura de língua inglesa e com as teorias socioculturais que havia explorado durante meus estudos na Universidade de Miami no programa de *Foreign Language Teaching Assistant* (FLTA) da Fulbright.

Lecionei tanto em disciplinas de linguística aplicada quanto em literatura de língua inglesa, o que ampliou significativamente meu repertório acadêmico e docente. Por meio das aulas, pude compartilhar com os estudantes as experiências internacionais que vivenciei, integrando e reconfigurando práticas pedagógicas. Por exemplo, na minha aula de Literatura inglesa, trabalhei com o gênero textual de *reaction paper* como instrumento de avaliação, em que os alunos tinham de analisar o texto literário propondo um argumento principal e integrando suas perspectivas teóricas. Me lembro muito bem de uma das atividades que os alunos gostaram muito: eles tinham que recriar o texto literário – assim, puderam trabalhar não só com a interpretação do texto, mas também, com a língua inglesa, expandindo estruturas da língua. Incentivei ativamente meus alunos a participarem do programa *Fulbright* FLTA, reforçando a importância de vivências interculturais na formação docente. A cooperação entre a UFSCar e *Fulbright* fomenta formação de educadores com experiência internacional, domínio de abordagens interculturais e vínculos

acadêmicos duradouros, além de fortalecer a reputação institucional no cenário global. Dessa forma, entendo a educação como veículo da diplomacia.

Na condição de professora substituta no DL, também tive a oportunidade de colaborar com professores que haviam sido meus mestres na graduação — naquele momento, na perspectiva de colega de profissão —, vivência que me levou a aprimorar minha prática docente. Foi nesse contexto que os estudos literários se revelaram, para mim, uma via potente de expansão do conhecimento e de aprofundamento no ofício que escolhi: o de professora de línguas estrangeiras. Terminei essa jornada como professora na UFSCar com um forte desejo de continuar. Esse momento também coincidiu com o fim da escrita da minha tese de doutorado, processo esse que me mostrou caminhos a serem expandidos, tanto no âmbito metodológico da pesquisa documental, quanto na perspectiva teórica das representações sociais, interculturalidade e ensino de línguas.

Em 2019, retornei à Universidade de Miami, acolhida para uma nova jornada acadêmica, agora em Literatura Brasileira e Estudos Culturais, em que pesquisei literatura de migração escrita por mulheres na contemporaneidade brasileira, dando origem a uma tese de doutorado em literatura brasileira. Também nesta universidade, continuava ensinando português, e fui me aperfeiçoando como professora de espanhol, já que a cidade de Miami é uma cidade majoritariamente de língua espanhola. Me vi na condição de aprendiz de uma língua estrangeira, pois, em muitos contextos, tinha que me comunicar e viver em espanhol. Além de ensinar a minha língua, eu sentia a necessidade de contribuir com o ensino de espanhol, já que essa língua irmã agora fazia parte de mim também. Quando me vejo na condição de estudante de língua, me lembro imediatamente das aulas de linguística aplicada em que discutíamos o fazer pesquisa no contexto de ensino-aprendizagem de línguas, e me recordo da fala do professor Dr. Nelson Viana, em que explicava que o nosso laboratório de pesquisa é a comunicação e seus diversos contextos com

suas especificidades. Essa e outras teorizações que fazíamos em sala de aula me formaram como professora de línguas que está em constante reflexão sobre a língua em contexto de ensino e aprendizagem.

Durante os verões dos anos de 2020 e 2022, atuei como professora de português na escola de verão do Middlebury College, em Vermont. Em meio às montanhas de variados tons de verde e um céu azul, versos de Robert Frost, encontrei estudantes que me ensinaram a ver a minha língua como uma possibilidade para o mundo. O programa de português no Middlebury College, é um programa intensivo de 7 semanas de duração, em que os alunos fazem um juramento linguístico antes do início das aulas. Nesse juramento público, todos nós, professores e alunos, ali internos da Escola de Português, juramos falar a língua portuguesa e somente ela durante o programa. Eu ensinava um curso iniciante, em que a diversidade de alunos era muito grande, me motivando a oferecer aulas que atendessem a várias demandas e interesses. Uma maneira que encontrei foi a de incorporar atividades de atuação cênica e teatro na sala de aula. Eu tinha feito aulas de teatro e sempre pensava que a sala de aula era similar a um palco, e que, estar naquele palco, seria uma grande oportunidade de transformação, tanto para mim como professora, quanto para meus estudantes. A partir dessa prática, eu percebia que os alunos se integravam mais e utilizavam a língua portuguesa cada vez mais em suas interações. Isso me mostra que o ensino da língua precisa ser o mais próximo possível da realidade humana. Essa interdisciplinaridade está presente na minha prática pedagógica, como um dos pilares da minha formação acadêmica profissional.

Ainda sobre a experiência de ensinar português no Middlebury College, tenho uma pequena anedota que guardo com carinho, pois é uma memória de que o trabalho com a língua portuguesa fora do meu país é um constante reencontro. Certa noite de verão, após o jantar, veio um aluno me procurar. Eu, sentada na mesa da sala de estar, onde todos os professores se sentavam ao redor de uma mesa de madeira maciça, a luz amarelada já em tons de calmaria,

SUMÁRIO

SUMÁRIO

a conversa dos outros ao fundo, e um leve tocar de piano de caldas, ele chega até mim e diz: - “Professora, hoje eu não vou tirar dúvidas. Eu quero dizer que hoje eu falei com a minha mãe no telefone”. E abriu um sorriso contagiante. Enfatizou: “Em português”. Seus olhos pretos, cor de jabuticaba, marejaram ao encontrar com os meus. Ou seja, falar em português com a sua mãe brasileira no telefone significou não só um avanço linguístico, mas também o desenvolvimento de uma relação afetiva a partir da língua portuguesa. Nesses momentos, percebi que todo o trabalho de preparação de aulas e de dedicação individual com cada estudante tinha resultados visíveis em seus processos de aprendizagem. Reflito, essa constatação é produto de diversas esferas da formação profissional que obtive no PPGL, desde o mestrado e o doutorado.

A realização da dissertação de mestrado e da tese de doutorado contempla etapas e processos fundamentais da formação acadêmica no PPGL. O processo de escrita acadêmica pode ser desafiador, porém profundamente formativo. Através do feedback construtivo do meu orientador e de sessões de revisão do texto, consegui melhorar significativamente minha escrita acadêmica, o que foi fundamental para o desenvolvimento e aprimoramento contínuo da minha escrita.

Ser professora de línguas significa estar em constante movimento, seja no replanejamento do programa de curso, na reorganização de atividade de sala de aula, ou na reflexão dos métodos de ensino. Nós, professores, estamos sempre reorientando a trajetória, e por fim, nos re-formando.

Sempre levo comigo os pilares educacionais e éticos da pesquisa e de prática pedagógica que aprendi nos meus anos de PPGL: como ser uma boa professora para meus alunos, como fazê-los experienciarem a língua que ensino por uma pedagogia crítica e que desenvolva a autonomia. Tenho em mente que a prática pedagógica como professora de línguas e literaturas seja pautada em fornecer oportunidades para os alunos continuarem a fazer perguntas.

SUMÁRIO

Atualmente, egressa da Universidade de Miami, entre a linguística e a literatura, carrego a formação holística que tive como professora desde o PPGL, formando professores capazes para atuar em diversos contextos no mundo. Atuo como professora de português e espanhol no ensino fundamental da escola Ransom Everglades, em Miami, Flórida. Apesar de me encontrar a mais de 6000 quilômetros de distância da UFSCar, a formação que obtive no PPGL está presente na minha prática pedagógica de professora e pesquisadora. Eu sempre penso que o belo da educação é poder espalhar suas sementes em qualquer lugar. Finalizo essa reflexão com uma pequena anedota, que também diz respeito ao ensino de língua portuguesa para estrangeiros. Em uma turma de português intermediário, realizei uma atividade para conhecer melhor os interesses dos alunos e identificar suas necessidades (prática esta que me lembro nitidamente de ser discutida na disciplina de Métodos de Avaliação com a professora Dra. Sandra Gattollin, ainda quando eu era aluna especial do mestrado no PPGL, em meados de 2010), e me deparo com a seguinte resposta de um dos alunos: “Eu gosto de português” – tal fala me faz lembrar do porquê estou aqui – desde a disciplina de Epecops, a minha motivação era um tanto quanto aventureira: trabalhar com a língua portuguesa em contexto internacional. É nesses pequenos gestos que também enxergo o ofício do professor.

Quando penso em minha formação como professora, explico as relações construídas (com o corpo docente e discente que fez parte direta ou indiretamente de minha formação na UFSCar), sendo elas de muito apreço e que fortaleceram a minha formação. Nessas relações, eu consegui enxergar o papel do professor não só como facilitador da aprendizagem, mas como motivador, orientador, no sentido mais genuíno da palavra – aquele que guia para o melhor caminho – mostrando caminhos e possibilidades.

Sempre penso na trajetória acadêmica como uma constante colheita de frutos, que acontece de tempos em tempos. É como colher jabuticabas do pé, uma a uma, e depois de colhidas, não encerram a história, apenas espalham suas sementes por outras terras.

3

Theciana Silva Silveira

DE SÃO LUÍS A SÃO CARLOS:

**O IMPACTO DO PPGL/UFSCAR
NA MINHA VIDA ACADÊMICA,
PROFISSIONAL E PESSOAL**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-520-6.4

PRIMEIROS PASSOS NO UNIVERSO ACADÊMICO: GRADUAÇÃO EM LETRAS

SUMÁRIO

Escolher uma área de pesquisa, especialmente em um campo tão vasto e interdisciplinar como a área das Letras, é um desafio que envolve muito mais do que interesse intelectual/acadêmico. Em meio a tantas possibilidades teóricas, metodológicas e temáticas, é comum sentir-se dividida entre diferentes caminhos, cada um com seu potencial de descoberta e impacto. No meu caso, essa escolha não foi imediata nem linear; ela se construiu gradualmente, a partir de disciplinas, leituras, diálogos com professores e colegas, participação em programas de ensino, grupos de pesquisa e, principalmente, da tentativa de alinhar minhas inquietações pessoais com uma abordagem que me permitisse investigá-las com profundidade.

Minha trajetória no universo acadêmico se iniciou em 2008, quando ingressei na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no Curso de Letras com habilitação em português e inglês e suas respectivas literaturas. Desde o início da graduação, fui movida por uma curiosidade profunda sobre a linguagem, principalmente em se tratando da área da Linguística, em que tive professores comprometidos com o ensino, pesquisa e extensão. Cada orientação, aula e troca de ideias contribuiu para que eu compreendesse não apenas os fundamentos da área, mas também o compromisso ético e crítico que envolve o trabalho do pesquisador. Foram eles que me ajudaram a enxergar caminhos, a formular perguntas e a acreditar no valor da minha própria voz dentro do universo científico.

A vivência universitária plena se sustenta sobre o tripé fundamental do ensino, da pesquisa e da extensão. Meu primeiro contato com esse tripé se deu por meio do *ensino*, quando, ainda nos primeiros períodos da graduação, fui bolsista do Programa Institucional

de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), coordenado à época pela Profa. Dra. Marize Barros Rocha Aranha (UFMA). Essa experiência foi fundamental para minha formação inicial, pois me permitiu viver o ambiente escolar com um novo olhar, não mais como aluna da educação básica, mas como monitora e graduanda de um curso de licenciatura, o que me permitiu um olhar mais crítico e sensível às realidades educacionais.

No âmbito da pesquisa, fui pesquisadora do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), coordenado pela Profa. Dra. Conceição de Maria de Araújo Ramos (UFMA), que posteriormente foi minha orientadora da graduação e do mestrado em Letras. Participar desse projeto foi uma experiência decisiva na minha formação acadêmica, pois me proporcionou o primeiro contato direto com os métodos da pesquisa linguística empírica, especialmente no campo da dialetologia e da geolinguística. Por meio do ALiMA, pude compreender a importância da coleta de dados *in loco*, do contato com os falantes e da análise cuidadosa das variações linguísticas presentes no Maranhão, o que ampliou minha percepção sobre a diversidade linguística brasileira e reforçou meu interesse pelos estudos do léxico.

Essa experiência não apenas consolidou minha identidade como pesquisadora, mas também fortaleceu meu compromisso com a valorização das línguas e culturas locais.

Em fevereiro de 2013, defendi minha monografia na área do léxico, com dados do Atlas Linguístico do Maranhão, intitulada “Um estudo da tabuização das denominações para o homossexual masculino, no português falado no Maranhão”, que teve como banca minha orientadora, já supracitada, os professores doutores José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA), Maria da Graça dos Santos Faria (UFMA) e Luís Henrique Serra (UFMA), que na época era mestrando da USP. Nesse mesmo ano coleí grau, em abril. Quando penso em minha formação como professora, explico as relações construídas

(com o corpo docente e discente que fez parte direta ou indiretamente de minha formação na UFSCar), sendo elas de muito apreço e que fortaleceram a minha formação. Nessas relações, eu consegui enxergar o papel do professor não só como facilitador da aprendizagem, mas como motivador, orientador, no sentido mais genuíno da palavra – aquele que guia para o melhor caminho – mostrando caminhos e possibilidades.

MESTRADO EM LETRAS (PPGLETRAS/UFMA)

De 2013 a 2015, trabalhei como professora substituta na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), uma experiência que teve grande impacto na minha trajetória profissional e pessoal. Essa vivência me permitiu colocar em prática os conhecimentos adquiridos até então, consolidar minha identidade docente e enfrentar os desafios reais do ensino superior. Lecionar em um ambiente universitário, com diferentes perfis de estudantes e demandas acadêmicas variadas, ampliou minha compreensão sobre o papel do professor como mediador do conhecimento, formador de pensamento crítico e agente de transformação social. Além disso, a passagem pela UEMA reforçou em mim a certeza de que queria ser professora universitária, mas para isso, necessitaria continuar com meus estudos à nível de pós-graduação.

Foi em 2015 que se concretizou um marco importante para a pesquisa em Letras no Estado: a abertura do primeiro curso de mestrado em Letras (PGLetras) no Maranhão, sediado em São Luís, no Campus Dom Delgado da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Ingressar nessa primeira turma foi, para mim, motivo de orgulho e responsabilidade. Optei por seguir na linha de pesquisa 1, intitulada Descrição e Análise do Português Brasileiro, o que me

possibilitou aprofundar os estudos acerca das Ciências do Léxico, especificamente, no âmbito da Terminologia do babaçu, com base na fala das quebradeiras de coco.

Fui orientada pela Conceição Ramos, uma profissional extremamente qualificada, cuja competência acadêmica é acompanhada por uma postura ética, sensível e generosa. Além de ser uma pesquisadora respeitada na área, é também uma orientadora atenta e cuidadosa, sempre disposta a escutar, dialogar e apoiar seus orientandos com responsabilidade e humanidade. Tê-la ao meu lado ao longo desse percurso foi um privilégio que contribuiu diretamente para meu crescimento intelectual e pessoal.

No mestrado, tive a oportunidade de fazer um estágio de curta duração numa universidade do país, e foi assim que o Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), entrou na minha vida. Por conta de minha pesquisa tratar de fenômenos linguísticos na Terminologia e, até então, não haver um professor especialista nessa área na época, submeti uma proposta ao EDITAL Nº 14/2015 ESTÁGIO, da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

Com a aprovação, busquei professores renomados na área que pudessem contribuir com minha pesquisa. Não poderia ter feito escolha melhor, enviei um e-mail para a Profa. Dra. Gladis Maria de Barcellos Almeida, da UFSCar, que prontamente me respondeu e me aceitou durante quatro meses no programa sob sua supervisão bem como em seu grupo de pesquisa, GETERM, mesmo sem me conhecer, acreditando apenas nas palavras daquela jovem que tinha anseio de conhecimento.

Essa experiência foi extremamente enriquecedora, pois me possibilitou o contato com diversos professores e pesquisadores de referência, ampliando minha visão sobre os estudos linguísticos e

SUMÁRIO

fortalecendo minha formação acadêmica. Tive acesso a disciplinas que dialogavam diretamente com minhas áreas de interesse, o que contribuiu para a consolidação da minha trajetória acadêmica. Além disso, tive o privilégio de ser orientada pela querida Gladis, uma profissional admirável, cuja sensibilidade, competência e rigor científico marcaram profundamente meu percurso. Sob sua orientação, pude desenvolver minha pesquisa com segurança, autonomia e senso crítico. No decorrer do curso, também construí amizades e vínculos afetivos que ultrapassaram o espaço da sala de aula, formando uma rede de apoio, trocas e aprendizados que sigo valorizando até hoje.

A passagem pelo PPGL não apenas consolidou minha pesquisa de mestrado, mas também plantou a semente de um retorno mais duradouro, o que viria a se concretizar posteriormente com minha entrada oficial no programa no ano seguinte como aluna de doutorado.

De volta à minha cidade, com a dissertação já bem encaminhada, fui submetida ao exame de qualificação. Tive a honra de contar com o apoio do meu programa de origem, que custeou a ida da Profa. Dra. Gladis Maria de Barcelos Almeida a São Luís/MA, possibilitando sua participação presencial tanto na qualificação quanto, posteriormente, na defesa da minha pesquisa. Esse encontro presencial teve um significado ainda mais especial por se tratar de um momento raro no cenário pós-pandemia, em que tantas bancas passaram a ocorrer de forma remota. Entre a qualificação e a defesa, decidi me inscrever na seleção de doutorado do PPGL/UFSCar, e fui aprovada. Foram meses marcados por muito estudo, ansiedade, dúvidas e medo, mas também por uma enorme vontade de continuar trilhando o caminho da pesquisa. A aprovação representou, para mim, não apenas a conquista de uma nova etapa acadêmica, mas a confirmação de um projeto de vida que vinha sendo construído com dedicação, persistência e paixão pela Linguística.

Além de integrar a primeira turma do mestrado em Letras da UFMA, tive a alegria e o orgulho de ser a primeira aluna da turma a defender a dissertação, o que tornou essa conquista ainda mais simbólica. Fazer parte desse momento inaugural não significou apenas conquistar um novo título acadêmico, mas participar ativamente da construção de um espaço de produção científica voltado à valorização da nossa realidade linguística local, contribuindo com um olhar atento às especificidades do Maranhão e do Brasil, com a dissertação intitulada “Maranhão, terra das palmeiras: a sinonímia na terminologia do babaçu”¹.

Hoje, retornar ao lugar onde fui aluna, agora como professora do mesmo programa que me formou, é mais do que uma conquista profissional, é a concretização de um ciclo que se renova: estar ao lado de professores que agora são meus colegas de trabalho, de novos estudantes, orientando e aprendendo, me faz perceber que a universidade é, antes de tudo, um espaço de transformação contínua de quem ensina, de quem aprende e de quem, como eu, tem o privilégio de viver ambas as experiências.

DOUTORADO EM LINGUÍSTICA (PPGL/UFSCAR)

CAMINHOS TRILHADOS NO PPGL

Em 2017, iniciei uma nova etapa da minha trajetória acadêmica ao me mudar para São Carlos/SP, onde passei a integrar o Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UFSCar,

agora como doutoranda, da linha de Análise e Processamento Automático de Línguas Naturais (PLN). Embora já tivesse tido uma experiência anterior no programa durante o estágio de curta duração no mestrado, retornar como doutoranda foi uma vivência completamente diferente.

No primeiro ano do doutorado, cumpri os créditos exigidos com dedicação e entusiasmo, mesmo que com alguns contratempos da vida, aproveitando ao máximo as oportunidades e os diálogos com professores e colegas. Foram aulas exigentes, ricas em debates e trocas. Esse período foi essencial para fortalecer minha base teórica e metodológica, e, ao final dele, eu já havia delineado com minha orientadora os caminhos da pesquisa que desenvolveria ao longo do doutorado.

Com o apoio da minha orientadora, pude estruturar um projeto coerente, alinhado às minhas inquietações acadêmicas e ao contexto pelo qual minha orientadora se encontrava. À época, ela liderava o projeto Terminologias Científicas e Técnicas Comuns (TCTC), que tem como objetivo geral a harmonização, a sistematização e a disponibilização pública, na plataforma do Vocabulário Ortográfico Comum (VOC), de terminologias científicas e técnicas para os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP); para tanto, foi escolhido, na “Proposta de Plano Estratégico de Cooperação em Energia”, gestada durante a I Reunião de Ministros da Energia da CPLP, realizada em Cascais, Portugal, em junho de 2015, o eixo estratégico – petróleo e gás.

Com isso, tive a oportunidade de desenvolver minha pesquisa no campo da Terminologia do petróleo, especialmente a partir da minha atuação na equipe responsável pela organização dos dados. Esse envolvimento direto me permitiu aprofundar o olhar sobre os aspectos linguísticos e conceituais desse universo terminológico, o que contribuiu significativamente para a construção de uma pesquisa de doutorado mais consistente, madura e alinhada aos desdobramentos teóricos da área.

SUMÁRIO

No final de 2017, por razões pessoais, precisei retornar ao Maranhão. A partir de então, continuei a desenvolver minha pesquisa utilizando os dados que já havia coletado. Apesar da distância geográfica, cerca de 2.682 km, mantive reuniões periódicas e constantes com minha orientadora, que garantiram um acompanhamento próximo e dedicado ao longo dos quatro anos do doutorado. Essa proximidade virtual não apenas preservou a qualidade do vínculo acadêmico, mas também reafirmou o compromisso e o suporte indispensáveis para o avanço do meu trabalho.

Paralelamente ao doutorado, atuei como professora substituta no Instituto Federal do Maranhão (IFMA) e na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Foi um período extremamente intenso, marcado pelo desafio constante de conciliar as exigências da vida acadêmica com o trabalho docente e a vida pessoal, uma realidade comum a muitos pesquisadores no Brasil. Ainda assim, sempre que possível, viajava a São Carlos, seja para cursar disciplinas de inverno, participar de atividades acadêmicas ou simplesmente reencontrar colegas e amigos que fizeram parte da minha trajetória naquele espaço. Os anos de 2018 e 2019 foram dedicados a muito estudo, escrita e dedicação ao trabalho.

No entanto, ao chegar ao terceiro ano do doutorado, que também coincidiu com o período da minha qualificação, fomos surpreendidos pela pandemia da COVID-19, um evento que reconfigurou por completo o cotidiano acadêmico, profissional e pessoal. O mundo, de repente, virou ao avesso e, com ele, nossas rotinas, planejamentos e formas de viver e pesquisar.

Foi nesse contexto, já tão difícil, que meu pai foi infectado pela COVID-19, logo no início da pandemia, quando ainda sabíamos muito pouco sobre o vírus, exceto sobre sua alta letalidade. Crises sucessivas de saúde, comorbidades e várias internações exigiram de mim uma dedicação integral a ele. Durante esse período, me afastei completamente da pesquisa, pois o cenário ao nosso redor era

devastador: perdemos amigos, pais de amigos, conhecidos de todas as idades, de crianças a idosos, o vírus parecia não fazer distinções. Para mim, naquele momento, o doutorado havia perdido totalmente o sentido, a única urgência era sobreviver e atravessar, como fosse possível, aquele tempo de dor e incerteza.

Todo esse cenário fez com que minha trajetória no doutorado sofresse alterações, sobretudo em relação aos meus prazos. A qualificação, originalmente prevista para o início do ano, precisou ser adiada e só pôde ser realizada no final de 2020, já bastante próxima da data inicialmente planejada para a defesa. Naquele momento, a crise pandêmica parecia ter dado uma breve “trégua”, ou talvez apenas tivesse se tornado um pouco menos aguda. Com meu pai em casa, ainda lidando com as sequelas deixadas pela COVID-19, consegui, aos poucos, retomar o foco na pesquisa e reorganizar minha rotina acadêmica. Foi um recomeço lento, marcado por cicatrizes, mas também por um novo entendimento sobre o tempo, o cuidado e o real sentido de persistir diante das adversidades.

Após a qualificação, tomei a decisão de focar integralmente na pesquisa, pedi demissão do trabalho, com o objetivo de concluir o doutorado e, assim, estar preparada para pleitear a tão sonhada vaga de professora universitária. Finalizar essa etapa representava, para mim, muito mais do que a obtenção de um título: era a concretização de um projeto de vida, construído com muito esforço.

Dediquei-me à escrita da tese, revisitando leituras, aprofundando análises e buscando manter o compromisso acadêmico mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas nos anos anteriores. Esse foi um período intenso de incertezas, mas também de esperança de uma nova etapa que estaria por vir.

Defendi o doutorado em junho de 2021, com a tese intitulada “Metáfora na terminologia do petróleo no espaço da comunidade de países de língua portuguesa (CPLP): Angola, Brasil e Portugal”²,

SUMÁRIO

em um momento ainda marcado pelos resquícios da pandemia, mas já com a esperança de novos recomeços. Pouco antes da defesa, fui aprovada como professora substituta da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), o que representou um importante passo na consolidação da minha carreira docente. Com o título de doutora em mãos, tive, enfim, a oportunidade de pleitear uma vaga efetiva por meio de concurso público, também na UFMA, ainda em 2021. Submeti-me ao processo com toda a experiência acumulada ao longo dos anos de estudo e dedicação e tive a alegria de ser aprovada em 1º lugar, concretizando um sonho antigo: me tornar professora efetiva da instituição que ajudou a construir minha trajetória acadêmica.

Ter cursado diversas disciplinas no PPGL/UFSCar, mesmo aquelas que não eram diretamente vinculadas à área específica da minha pesquisa, ampliou consideravelmente minha bagagem teórica. Esse percurso interdisciplinar me permitiu transitar por diferentes abordagens e campos da Linguística, o que enriqueceu minha formação e fortaleceu minha capacidade analítica. Sem dúvida, esse repertório mais amplo foi fundamental no momento dos estudos para o concurso público, pois me deu segurança para enfrentar temas variados com profundidade e familiaridade.

Além das disciplinas, conviver com colegas de pesquisa no PPGL/UFSCar foi uma experiência igualmente enriquecedora. Conhecer os projetos desenvolvidos por outros doutorandos, com temáticas, abordagens e contextos diversos, ampliou minha visão sobre os caminhos possíveis da investigação linguística. Tive também a oportunidade de participar de eventos científicos em São Carlos e em universidades da região, o que fortaleceu minha inserção na comunidade acadêmica e me permitiu estabelecer diálogos produtivos com pesquisadores de diferentes instituições.

ENTRE AFETOS E APRENDIZADOS: OS VÍNCULOS PESSOAIS E O CRESCIMENTO NO PPGL

O impacto do PPGL/UFSCar na minha vida vai muito além da formação acadêmica. Foi também nesse espaço que construí laços afetivos e profissionais que marcaram profundamente minha trajetória. Tive o privilégio de conviver com profissionais altamente qualificados e generosos, como a Profa. Dra. Gladis Maria de Barcelos Almeida, uma referência na área da Terminologia, que foi minha supervisora durante o estágio de curta duração ainda no mestrado, orientadora de doutorado e uma grande amiga.

A convivência com colegas de diferentes regiões e formações me ensinou o valor da escuta, da colaboração e da construção coletiva do conhecimento. Esses vínculos, formados dentro e fora da sala de aula, permanecem como parte essencial da minha experiência. Desde minha primeira ida ao PPGL/UFSCar, ainda como mestranda, o programa me proporcionou experiências humanas profundas, com novas amizades, trocas culturais e vínculos afetivos que enriqueceram e enriquecem até hoje minha trajetória de forma única.

Essas amizades tão significativas começaram a se formar ainda durante meu estágio de curta duração no PPGL. Inicialmente, com colegas da minha própria linha de pesquisa, e, com o tempo, também com estudantes de outras linhas, em um ambiente de troca e acolhimento. Foi nesse período que tive um encontro especial com Máisa, uma conterrânea maranhense, cuja presença se revelou transformadora. Não imaginava, naquele momento, o quanto aquele laço mudaria minha trajetória. Com imensa generosidade, Máisa me apresentou ao seu grupo de amigos, pessoas incríveis que, com o tempo, também se tornaram meus amigos, e com quem compartilhei vivências acadêmicas, afetos e apoio.

Esses amigos, vindos de diversos estados do Brasil, contribuíram não apenas para o meu crescimento pessoal, mas também para a minha formação acadêmica e profissional. Hoje, muitos deles também atuam como professores universitários e, além da amizade que permanece firme, mantemos parcerias acadêmicas. Essa rede, construída dentro do PPGL, segue viva e produtiva, mostrando que os vínculos afetivos e intelectuais criados na pós-graduação podem ultrapassar os muros da universidade e se tornar pontes duradouras para a vida e para a pesquisa.

Na minha mesma linha de pesquisa, tive o privilégio de conviver com amigos do mestrado/doutorado que foram fundamentais. Gostaria de nominá-los aqui, pois cada um, à sua maneira, contribuiu para que minha jornada no PPGL fosse mais leve, rica e significativa. Destaco com especial carinho e profunda admiração os amigos de São Paulo – Rejeane de Luca, Layane Rodrigues, Jackson Wilke (baiano, porém ele e sua família viviam em São Paulo) e Roger Antunes – com quem compartilhei leituras, inquietações, inúmeros momentos de apoio e acolhedores almoços em suas casas. Vocês abriram as portas de seus lares e de suas famílias para me receber e acolher, fazendo-me sentir em casa mesmo longe da minha própria família, gesto pelo qual sou imensamente grata.

Destaco ainda, com muito carinho, meus amigos das outras linhas do programa, com quem construí uma amizade genuína e duradoura, nos chamamos carinhosamente de “Sanca Friends”. Esse grupo foi, sem dúvida, um dos grandes presentes que o PPGL me deu. Apesar das diferentes áreas de pesquisa, sempre encontramos tempo e espaço para o apoio, conversas sinceras, risadas e, claro, as trocas acadêmicas que nos enriqueceram como pesquisadores e como pessoas.

O grupo, criado ainda em 2017, tem resistido ao tempo e às transformações da vida acadêmica e pessoal. Mesmo em meio a tantos outros grupos que fomos obrigados a integrar no contexto digital,

especialmente durante a pandemia, o “Sanca Friends” permaneceu firme. Foi inclusive nesse período que esses amigos se tornaram porto seguro em tempos de incerteza, sendo presença constante, ainda que, por vezes, silenciosa. É uma amizade que atravessou a distância, a rotina atribulada e os desafios da pesquisa, e que segue sendo um dos maiores presentes que levo da minha vivência no PPGL.

Hoje, cada um segue seu caminho, espalhado por diferentes regiões do país, e até fora dele, atuando como profissionais competentíssimos, comprometidos com a pesquisa, o ensino e a transformação social. Não poderia deixar de nominá-los, são eles (em ordem alfabética):

Jorcemara Cardoso: Professora da Friedrich-Schiller-Universität Jena e divulgadora das Ciências da Linguagem nas redes sociais com o perfil @empoderamento_linguístico.

Jocenilson Ribeiro: Professor do Departamento de Letras Vernáculas e Coordenador adjunto do PPGL da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Maísa Ramos: Trabalhadora em Educação, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), e professora da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

Rafael Borges: Professor de Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN) e, atualmente, está em cooperação técnica no IFSULDEMINAS.

Virginia Rubio: Professora da Facultad de Humanidades y Artes da Universidad Nacional de Rosario.

Agradeço profundamente a cada um de vocês, tanto aos amigos do PLN quanto à “galera do discurso”, por terem feito e ainda fazerem parte da minha jornada, por todo o apoio, incentivo e amizade que tornaram essa caminhada muito mais leve e significativa.

DO ENSINO À PESQUISA: O IMPACTO DO PPGL NA MINHA VIDA PROFISSIONAL

Ensino

Atualmente, sou professora adjunta do Departamento de Letras, do Centro de Ciências Humanas, Campus Dom Delgado, São Luís-MA, e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras), da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Ministro disciplinas de Linguística no Curso de Letras da UFMA.

Atuo, também, como docente das disciplinas de Língua Portuguesa no Curso Intercultural Indígena, vinculado ao Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) – Equidade Indígena. Além disso, integro o Núcleo Docente Estruturante (NDE) desse mesmo curso, que tem como objetivo a formação de professores em licenciaturas específicas, voltadas para o atendimento das redes públicas de educação básica ou das redes comunitárias de formação por alternância.

Pesquisa

Sou coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ciências do Léxico (GEPLEX/CNPq)³, da UFMA, que tem como principal objetivo reunir/desenvolver pesquisas no âmbito da Lexicologia, da Lexicografia, da Terminologia, da Terminografia e suas interfaces com outras áreas de conhecimento, como a Linguística de Texto, o Discurso, bem como cooperar para a ampliação desses estudos, sobretudo, no que tange à perspectiva variacionista da língua(gem).

O grupo é composto por quatro professores doutores, cinco alunos de mestrado e 14 alunos de graduação. As atividades de pesquisa estão organizadas em quatro linhas principais: (i) Ciências do léxico e o ensino; (ii) Lexicologia e Lexicografia; (iii) Léxico, texto e discurso; e (iv) Terminologia e Terminografia.

Desenvolvo, no âmbito do GEPLEX (Grupo de Estudos e Pesquisas em Léxico), o projeto intitulado TERMLEX: O Léxico Geral e Especializado em Foco, que tem como objetivo investigar o léxico sob uma perspectiva interdisciplinar, contemplando aspectos linguísticos, cognitivos, textuais e discursivos. O projeto abrange diferentes modalidades e gêneros de textos, orais e escritos, com foco nas interfaces entre o léxico geral e o especializado, contribuindo para os estudos da linguagem em contextos diversos.

Vinculadas a esse projeto, estão em desenvolvimento sete pesquisas no âmbito do PIBIC. Na vigência 2024-2025, estão em execução três planos de trabalho – um com bolsa FAPEMA e dois com participação voluntária. Quanto à vigência 2025-2026, foram aprovados quatro planos, dos quais um é contemplado com bolsa FAPEMA e três contam com bolsistas voluntários.

Além das pesquisas desenvolvidas no âmbito da UFMA, também sou pesquisadora do Projeto Conexões Amazônicas: centros avançados para documentação, fortalecimento e revitalização de línguas e culturas indígenas na Amazônia (CNPq/MTCI/FNDCT), do Museu Paraense Emílio Goeldi. O projeto visa criar centros avançados dedicados à documentação, fortalecimento e revitalização de línguas e culturas indígenas em toda a região amazônica. É uma iniciativa financiada pela chamada pública CNPq/MCTI/FNDCT Nº 19/2024 e tem como foco a preservação da herança intergeracional dos povos indígenas, especialmente daqueles sob risco de apagamento.

A iniciativa é conduzida por uma rede colaborativa que inclui o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), a Universidade Federal do

Maranhão (UFMA), as Universidades Federais do Pará (UFPA), do Amazonas (UFAM) e do Amapá (UNIFAP). A coordenação geral fica a cargo da linguista Ana Vilacy Galucio (do MPEG), com apoio de uma equipe multidisciplinar das demais instituições parceiras.

O subprojeto no Maranhão é composto por seis professores: duas linguistas, Theciana Silveira e Maísa Ramos; duas antropólogas, Ana Caroline Amorim e Alice Pires; um arqueólogo, Arklei Bandeira; e, um médico, István van Deursen. A equipe tem como responsabilidade a documentação da língua Krepym, falada na Terra Indígena Geralda Toco Preto, localizada no município de Itaipava do Grajaú (MA). Essa ação responde a uma demanda expressa pelas lideranças indígenas locais, diante do processo acelerado de perda da língua Krepym Kartejé, considerado um grave risco à continuidade linguística do povo.

Orientações

As pesquisas desenvolvidas pelos meus orientandos estão inseridas em contextos interdisciplinares que dialogam com os eixos temáticos do projeto TERMLEX e com as linhas de investigação do GEPLEX. Os trabalhos têm como foco o estudo do léxico em suas diversas manifestações – gerais ou especializadas – a partir de abordagens linguísticas, textuais, discursivas e terminológicas.

Essas investigações, distribuídas entre os níveis de graduação e pós-graduação, abordam temas que vão desde a análise de unidades lexicais em corpora específicos, até a produção de instrumentos lexicográficos e terminográficos, refletindo sobre suas aplicações no ensino, na divulgação científica e na preservação de saberes tradicionais e técnicos.

A seguir, apresento as pesquisas que tenho orientado nos últimos anos:

Quadro 1 – Pesquisas orientadas no âmbito do Ensino Médio (PIBIC)

Título da pesquisa	Discente	Natureza
Vamos construir?: A elaboração de um glossário dos termos do técnico em edificações do ifma	Bruna Giovanna Oliveira Costa	PIBIC/Bolsa IFMA
Beiral, nervura e respingador: um estudo morfológico dos termos que compõem o universo do técnico em edificações do ifma	Pablo Lorrán Pereira Santos	PIBIC/voluntário

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Quadro 2 – Pesquisas orientadas no âmbito da Graduação (PIBIC)

Título da pesquisa	Discente	Natureza
Variação denominativa no universo portuário: um estudo terminológico no porto do itaquí	Laura rebecca monteiro carno	PIBIC/ FAPEMA
Estudo terminológico do universo do empreendedorismo e da inovação	Gabriel de matos pereira	PIBIC/ voluntário
Estudo da terminologia do universo do babaçu no maranhão: as quebradeiras de coco e o técnico/ especialista em foco	Rafaela maria leite silva tavares	PIBIC/ voluntário
Explorando o porto do itaquí: glossário do universo portuário do maranhão	Laura rebecca monteiro carno	PIBIC/ FAPEMA
Da linguagem técnica à compreensão do público geral: acessibilidade textual e terminológica em bulas de medicamentos	Anna julia mendonca silva	PIBIC/ voluntário
Glossário bilíngue da festa do moqueado do território indígena Rio Pindaré: o povo guajajara em foco	Vanussa Viana Guajajara	PIBIC/ voluntário
O ensino do léxico da fauna e da flora da língua do povo kreepym katejê por meio de jogos: um estudo no território indígena Toco Preto – MA	Vinicius jorge costa leite ferreira	PIBIC/ voluntário

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Quadro 3 – Pesquisas orientadas no âmbito da Pós-Graduação (Mestrado)

Título da pesquisa	Discente	Natureza
O léxico no contexto digital: processos de formação, difusão e consolidação de neologismos no instagram em perfis noticiosos maranhenses	Jane Kelle Vieira Melo	Em andamento
Estudo do léxico especializado dos pescadores de Cururupu -MA	Gleicilene Viana Ramos	Em andamento
Sinalário de libras: registrando os sinais de escolas municipais da zona urbana de Santa Inês/MA	Gracy Kelia Lopes Silva	Em andamento
Audiologia descomplicada: um guia prático de termos da otoneurologia para o dia a dia clínico em São Luís-MA	Pollyana Dos Santos Lindoso	Em andamento

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

PARCERIAS POSSIBILITADAS PELO PPGL

Ao longo de minha trajetória acadêmica, diversos trabalhos, projetos e eventos foram desenvolvidos em colaboração com pesquisadores de diferentes instituições. Para efeito deste texto, gostaria de destacar três parcerias que tiveram origem durante minha formação doutoral no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL). Essas colaborações, inicialmente construídas no contexto do doutorado, consolidaram-se ao longo dos anos e continuam a produzir frutos relevantes para a pesquisa linguística, especialmente nas ciências do léxico e documentação de línguas indígenas. São elas:

1. Desenvolvimento do projeto Pro-Amazônia, anteriormente mencionado, em parceria com a linguista Maísa Ramos, egressa do mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). No âmbito desse projeto,

SUMÁRIO

somos as linguistas responsáveis pela documentação da língua Kreepyn. Nosso encontro na UFSCar possibilitou o estabelecimento de uma colaboração que, hoje, se concretiza no desenvolvimento conjunto de atividades voltadas à pesquisa linguística e à documentação de línguas indígenas.

2. Parceria de internacionalização entre a UFMA e a Pontifícia Universidad Católica de Chile (PUC-Chile), viabilizada por meio do Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras) e da colaboração com a professora Luciana Pissolato, com quem tive contato durante minha banca de qualificação de doutorado. Na ocasião, a professora Luciana — que foi orientada pela professora Gladis Barcellos na graduação feita na UFSCar — participou como membro da banca, o que permitiu o início de um diálogo acadêmico que mais tarde resultaria em uma profícua parceria institucional. A partir desse vínculo, foi possível convidá-la para participar de diversas atividades na UFMA, incluindo colaboração em disciplinas do mestrado, palestras e na organização de publicações acadêmicas, que resultou na publicação do livro *Lingua(gens), léxico e ensino: diálogo e interfaces* (Vol 1), organizados pelas professoras Georgiana Santos, Luciana Pissolato e Theciana Silveira. O volume 2 está em fase de edição.
3. Organização do 3º Ciclo do Simpósio de Internacionalização do PGLetras (2025), evento que contou com a conferência na modalidade presencial da professora Jorcemara Matos Cardoso, intitulada Práticas e Processos de Racionalização e Hierarquia de Língua(gens) e Existências: Léxico, Discurso e Ensino. A professora Jorcemara também é egressa do PPGL/UFSCar, o que reforça os laços acadêmicos estabelecidos ainda durante a formação. A relação construída naquele período ultrapassou o espaço institucional e, atualmente, consolida-se em parcerias produtivas voltadas à pesquisa, à docência e à promoção de ações voltadas à internacionalização

do Programa. As pesquisas desenvolvidas pelos meus orientandos estão inseridas em contextos interdisciplinares que dialogam com os eixos temáticos do projeto TERMLEX e com as linhas de investigação do GEPLEX. Os trabalhos têm como foco o estudo do léxico em suas diversas manifestações – gerais ou especializadas – a partir de abordagens linguísticas, textuais, discursivas e terminológicas.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Este texto revela não apenas aspectos da minha trajetória acadêmica, mas também a relevância do PPGL na construção do percurso que venho trilhando. Ao revisitar essas experiências, reafirmo o quanto o programa foi decisivo na minha formação intelectual, profissional e humana. Espero que este relato seja motivo de inspiração e reconhecimento da potência transformadora que o PPGL representa na vida de tantos/as pesquisadores/as.

Gostaria, ainda, de agradecer o Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, na pessoa de Lana Camila Santos Gonçalves, pelo gentil convite para compor este *ebook* comemorativo pelos 20 anos do PPGL. É uma honra imensa poder partilhar um pouco da minha trajetória.

Expresso aqui minha gratidão a todos os professores do programa que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a construção dessa trajetória. Destaco especialmente aqueles que estiveram mais presentes ao longo do meu percurso: minha querida orientadora Gladis Barcellos, que tornou meu doutorado uma experiência leve e enriquecedora; Luzmara Curcino e Carlos Piovezani, cujo acolhimento e conversas sempre foram valiosos; Camila Höfling, pela escuta atenta e contribuições fundamentais à minha pesquisa;

Oto Vale, que gentilmente me recebeu como aluna especial ainda no mestrado para cursar sua disciplina; e, finalmente, Roberto Baronas e Cleber Conde, respectivamente coordenador e vice-coordenador do programa durante minha passagem em São Carlos, cujo apoio foi essencial.

Para finalizar, gostaria de dizer que este texto se encerra, mas minha trajetória – construída com tantas vozes, afetos e aprendizados no âmbito do PPGL – continua em constante movimento. O que compartilho aqui é apenas uma parte de uma história que segue sendo escrita com o compromisso, a gratidão e o desejo de seguir colaborando com a pesquisa, à docência e a valorização do conhecimento construído coletivamente.

SUMÁRIO

Seção

2

**EXPLORANDO
AS FRONTEIRAS DO
CONHECIMENTO EM
LINGUAGEM E ENSINO**

Nelson Viana¹

ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA:

CARACTERIZAÇÃO E TRAJETÓRIA DE UMA LINHA DE PESQUISA

1

Agradeço às professoras Dra. Eliane Hércules Augusto Navarro e Dra. Sandra Regina Buttros Gattolin de Paula, pela participação e pela contribuição em uma conversa/reunião que auxiliou para definição inicial de itens que poderiam compor este texto.

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-520-6.5

INTRODUÇÃO

Na criação do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), da Universidade Federal de São Carlos, uma das linhas de pesquisa foi denominada Ensino e Aprendizagem de Línguas, seguindo com essa denominação até os dias atuais. Sua constituição foi orientada pelos elementos e objetivos que se verificaram em sua descrição, disponível na página do Programa, com a seguinte textualização:

O objetivo desta linha de pesquisa é a investigação de aspectos e variáveis dos processos de ensino/aprendizagem de línguas, a partir de uma visão ampla das questões de linguagem que possibilite a realização dos estudos sob perspectivas transdisciplinares (Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2025, n. p.).

Considerando, porém, a vasta gama de especificidades relacionadas aos aspectos e variáveis dos processos de ensino-aprendizagem envolvendo os contextos de língua materna e os de língua estrangeira, foram então estabelecidas duas vertentes distintas, ficando uma delas, que constitui o foco deste texto, voltada diretamente para questões de ensino e aprendizagem de língua estrangeira (EALE).

Na produção deste texto, em celebração aos 20 anos do PPGL, o foco nessa linha de pesquisa torna-se bastante emblemático, ao considerarmos que neste mesmo ano comemoram-se os 35 anos de criação da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB).

O caráter emblemático decorre do fato desta linha ter forte relação com uma das subáreas importantes da Linguística Aplicada, nomeadamente a de ensino-aprendizagem de segunda língua e língua estrangeira, campo de formação pós-graduada específica ou tangencial dos professores que compuseram a linha no PPGL,

em sua fase inicial² e dos demais docentes³ que se vincularam a ela, credenciando-se ao Programa, ao longo deste período de 20 anos.

Em função dessa relação, nos serviremos de alguns apontamentos feitos por Cavalcanti (2025), a propósito dos 35 anos da ALAB, por verificarmos forte coincidência em seu conteúdo, principalmente em relação ao futuro desse campo disciplinar, com as questões que também se mostram fundamentais em nossa linha de pesquisa.

Além disso, trataremos de itens como o foco das investigações, a estrutura curricular, os temas mais recorrentes e métodos mais utilizados nas pesquisas de EALE do PPGL. Traremos ainda uma apreciação geral dos vínculos profissionais de egressos e da contribuição teórica da linha para o campo dos estudos sobre ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

O ESCOPO GERAL DOS ESTUDOS: A DIMENSÃO DOS FOCOS DE INVESTIGAÇÃO

Para abordar o que se investiga na linha EALE, consideramos adequado iniciar pela ementa da disciplina que tem como foco justamente a produção de conhecimento nessa área. Trata-se da disciplina Fundamentos da investigação em ensino e aprendizagem de línguas, introduzida no próprio projeto de criação do PPGL. No texto de sua ementa verifica-se (ênfase em **negrito** para este trabalho):

- 2 Os docentes Ademar da Silva (que atuou até 2013), Eliane Hércules Augusto Navarro e Nelson Viana compuseram a linha na criação/implementação do PPGL e iniciaram a atuação em 2005.
- 3 Outros docentes e respectivos anos de credenciamento e/ou início de atuação: Lúcia Maria de Assunção Barbosa (2006 – atuou até 2019), Sandra Regina Buttros Gattolin de Paula (2007), Rita de Cássia Barbirato Thomaz de Moraes (2009), Isadora Valencise Gregolin (2010), Rosa Yokota (2011), Vera Lúcia Teixeira da Silva (2012), Camila Hófling, Diléia Aparecida Martins e Elaine Ferreira do Vale Borges (2021) e Viviane Cristina Garcia de Stefani (2025).

SUMÁRIO

Fundamentação teórico-crítica e estudo de aspectos sociais e metodológicos do trabalho científico e acadêmico, com **ênfase na compreensão e na produção de conhecimento sobre aspectos e variáveis relacionados à área de ensino/aprendizagem** (Universidade Federal de São Carlos, [s.d.], n. p.).

Na reestruturação curricular realizada em 2024, a sua denominação passou para Fundamentos da investigação em Linguística Aplicada e a ementa recebeu leve alteração, mantendo-se, porém, bastante próxima à sua caracterização inicial, em relação ao conteúdo e evidenciando o que se investiga na referida linha. Veja-se a atualização da ementa, com destaque acrescentado para este artigo:

Fundamentação teórico-crítica e estudo de aspectos sociais e metodológicos do trabalho científico e acadêmico, com **ênfase na compreensão e na produção de conhecimento sobre aspectos e variáveis relacionados às áreas de ensino e de aprendizagem de línguas** no espectro da Linguística Aplicada (Universidade Federal de São Carlos, 2025, n. p.).

Partindo dessa caracterização inicial, consideramos necessário expandi-la para evidenciar de forma mais precisa para quais focos se orienta a pesquisa dessa/nessa linha. De maneira geral, podemos indicar que são estudados/investigados fenômenos, aspectos, variáveis, fatores que compõem a natureza multidimensional dos processos de ensinar e de aprender língua estrangeira.

Considerando que esses dois processos estão relacionados ao objetivo final que é o uso de LE, para propósitos gerais ou específicos de comunicação, ou seja, para a prática social, incluímos então o uso, a interação em LE, como processo também constituinte dos estudos. Temos, então, no escopo geral, como campo de pesquisa, os processos de ensino, de aprendizagem e de uso de LE.

Verifica-se como relevante nesta parte do texto, focalizarmos a abrangência da noção de língua estrangeira. Utilizado sob uma

SUMÁRIO

perspectiva ampla, de certa forma, na diferenciação com a concepção de língua materna, o termo tem uma função macro, podendo abranger, além da noção de língua estrangeira propriamente dita, outras modalidades, que podem ser consideradas “vertentes de interface”, algumas das quais foram sendo adicionadas ou consideradas em períodos posteriores ao inicial, no percurso da linha, respondendo a novas demandas, que foram se estabelecendo socialmente.

Nessa perspectiva, foram/têm sido desenvolvidas pesquisas com foco em língua estrangeira para propósitos gerais ou para propósitos específicos (inglês, espanhol, alemão, português LE, entre outras), língua de herança (português como língua de herança) e de diásporas, língua de acolhimento (português como língua de acolhimento), língua segunda (ensino-aprendizagem de Libras e português, língua portuguesa em contextos de múltipla paisagem linguística, como Timor Leste e Guiné-Bissau).

Essa amplitude, que foi sendo incorporada à noção macro de língua estrangeira, pode ser conferida na ementa de uma disciplina que foi proposta em 2021 e oferecida na modalidade remota em 2022, período da pandemia, com foco na discussão de pesquisas em andamento na linha EALE. Trata-se da disciplina: Seminários de Pesquisas em Desenvolvimento: Língua Estrangeira e Vertentes de Interface, cuja ementa contempla:

Análise e discussão, teoricamente embasadas, de pesquisas em desenvolvimento com foco em questões, variáveis e problemas relacionados a língua estrangeira e outras modalidades contextuais de interface como segunda língua, língua de herança, acolhimento, convivência, fronteira, imigração, perspectiva pluricêntrica e outras possibilidades tangenciais, tendo por finalidade o exercício reflexivo de avaliação e autoavaliação dos diversos aspectos teóricos e prático-operacionais dos processos de investigação científica⁴ (Universidade Federal de São Carlos, 2022, n. p.).

4

Trecho extraído da ficha da disciplina, disponível em arquivo interno da secretaria do PPGL e em arquivo do proponente.

A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Para tratarmos da organização curricular da linha EALE, consideraremos inicialmente a relação genealógica acadêmica contida em sua institucionalização. Cavalcanti (2025, p. 33), ao abordar a criação da ALAB, retoma

[...] lembranças de uma época de ebulição acadêmica na área de Linguística Aplicada. Tratava-se de um tempo (meados e final da década de 1980 e início da década de 1990) em que uma leva de recém-doutores formados fora do país voltava para casa e começava a se reunir com pesquisadores seniores, principalmente, nos eventos acadêmicos já existentes.

Destacamos desse trecho, a chegada dessa leva de recém-doutores, justamente porque vários deles foram responsáveis pelo estabelecimento e desenvolvimento de novos programas de pós-graduação ou pela inserção de área de concentração em programas já existentes, com forte foco em ensino e aprendizagem de línguas.

Em decorrência desse processo, foram formados novos mestres e depois doutores, cujos focos de investigação recaíram sobre aspectos e variáveis dos processos de ensinar, aprender e usar língua estrangeira.

Na fase inicial das atividades nesse campo, entre meados e final da década de 1980 e início da década de 1990, a maior parte das referências bibliográficas das disciplinas e das pesquisas eram em língua estrangeira, provenientes de publicações e autores dos Estados Unidos, Reino Unido, entre outros países. Ao longo de algum tempo, foi sendo desenvolvida produção em língua portuguesa, foi criada a ALAB assim como também foram constituídas Associações de professores de língua estrangeira (inglês, espanhol, francês), periódicos específicos foram também lançados e eventos voltados para o campo de ensino de línguas foram igualmente criados/implementados.

Esse desenvolvimento da área, sem dúvida, se refletiu na proposta da linha EALE do PPGL e a instituição das suas disciplinas reverbera o processo de expansão das pesquisas nesse campo educacional.

Desde a criação das disciplinas que compuseram o projeto inicial, passando pelas que foram introduzidas nos anos subsequentes, verifica-se a relação genealógica com a efervescência da produção acadêmica do Brasil e do exterior, no campo de ensino e aprendizagem de línguas. Nesse sentido, a organização curricular de EALE evidencia o compromisso de proporcionar aos pesquisadores formados nessa linha, conhecimento abrangente sobre os processos de ensino e aprendizagem de línguas, que contribua para investigações envolvendo os fenômenos multidimensionais encapsulados nesses processos.

As três primeiras disciplinas, propostas pelos três professores que se vincularam ao PPGL em sua criação, foram:

LIN003⁵ - Fundamentos da investigação em ensino e aprendizagem de línguas

LIN014 - Teorias de Aquisição e Aprendizagem de Línguas

LIN015 Teorias gramaticais e gramáticas pedagógicas

Essas disciplinas refletem, respectivamente, conteúdos relacionados aos métodos, ao escopo e aos temas de pesquisa nessa linha, às teorias relacionadas à aquisição de línguas e à abordagem da gramática no ensino, evidenciando um conjunto de conhecimentos relevantes para os pesquisadores em formação.

Outras disciplinas foram sendo introduzidas, na medida em que também novos docentes se credenciavam no Programa, contribuindo

5

A manutenção do código das disciplinas neste texto tem também a função de indicar a sequência de sua introdução na grade curricular.

SUMÁRIO

para a composição de um conjunto fundamental e abrangente de conteúdos relacionados às várias dimensões do ensino e da aprendizagem de língua estrangeira. A organização curricular foi sendo ampliada e passou a contar com as seguintes disciplinas:

LIN020 – Dimensões culturais no ensino-aprendizagem de línguas⁶

LIN024 - Abordagens de ensino de línguas

LIN036 - Planejamento de cursos de línguas

LIN041 - Interação em língua estrangeira e interculturalidade

LIN056 - Novas tecnologias e ensino de línguas

LIN060 - A construção das competências do professor de línguas

LIN066 - Avaliação e Ensino de Línguas Materna e Estrangeira

LIN087 - Análise e elaboração de materiais didáticos para o ensino de línguas

LIN153 - Ensino de línguas para crianças: questões teórico-metodológicas

Podemos verificar que esse conjunto de disciplinas contempla o caráter multidimensional dos fatores e variáveis envolvidos no ensino, na aprendizagem e no uso de língua estrangeira, o que possibilita aos mestrandos e doutorandos uma ampla gama de conhecimentos e de possibilidades de estudos/pesquisas.

Em perspectiva teórica, podemos verificar que, entre outras possibilidades de relação com diversos modelos de compreensão da natureza multifacetada da área, essa organização curricular

contempla, por exemplo, o modelo Operação Global de Ensino de Línguas, OGEL, de Almeida Filho (1993⁷, 2012).

Nesse modelo temos a abordagem como conceito básico fundamental, no plano das ideias, como uma filosofia orientadora das concretudes dos processos de ensinar-aprender línguas, constituídas por planejamento, materiais, método e avaliação. Outros componentes da Operação contemplam, por exemplo, as competências dos professores (e mais recentemente, de aprendizes de línguas).

Embora esse modelo teórico não tenha sido proposital e deliberadamente tomado como referência para a organização curricular na linha EALE, uma análise dos títulos de suas disciplinas permite a verificação de relação com a OGEL.

Essa relação seguramente é decorrente da relevância desses conteúdos para a formação de pesquisadores no campo do ensino de línguas e reflete o desenvolvimento dos estudos nessa área, tanto no Brasil quanto no exterior, que terá influenciado e informado a própria formação dos docentes da linha.

Além desse conjunto básico, outras disciplinas de EALE contemplam ainda conteúdos adicionais imprescindíveis, relacionados ao ensino de línguas, como teorias gramaticais e gramáticas pedagógicas, interculturalidade, uso das tecnologias de comunicação e informação.

A relevância dessas disciplinas se verifica pela relativa manutenção de seus conteúdos na reestruturação realizada em 2024 pelo PPGL, por meio da qual

7 Esse modelo circulou em textos experimentais em período anterior a essa data, mas foi em 1993 que ele foi publicado com uma caracterização já bem definida, contemplando os elementos basilares. O modelo tem sido revisitado pelo próprio autor, em obras posteriores, a exemplo da publicação de 2012, em que ele aborda as concretudes como estações.

SUMÁRIO

buscou-se promover uma formação comum mais sólida, com disciplinas de alcance mais geral quanto aos estudos linguísticos, como também tornar mais orgânicas e interdisciplinares a oferta de disciplinas de caráter específico, em atenção às demandas de formação de cada Linha de Pesquisa e dos Projetos de Pesquisa abrigados nessas Linhas e conduzidos pelos docentes do programa⁸ (Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2025, n. p.).

Após essa reestruturação, as disciplinas da linha EALE passaram a ter as seguintes denominações:

DISCIPLINAS INTRODUTÓRIAS

LIN003 - Fundamentos da investigação em Linguística Aplicada

LIN014 - Introdução aos estudos de ensino e aprendizagem de línguas

DISCIPLINAS ESPECÍFICAS

LIN024 - Ensino e aprendizagem de línguas: teorias, abordagens e pedagogias

LIN036 - Ensino e aprendizagem de línguas: planejamento

LIN060 - Ensino e aprendizagem de línguas: saberes e práticas docentes

LIN066 - Ensino e aprendizagem de línguas: avaliação

LIN087 - Ensino e aprendizagem de línguas: análise, elaboração e adaptação de recursos e materiais didáticos

A esse conjunto de disciplinas introdutórias e disciplinas específicas, somam-se outras, numeradas de I a IV, sob a denominação:

Tópicos avançados em ensino e aprendizagem de línguas, que permitem a abordagem de conteúdos suplementares relevantes e relacionados com pesquisas em desenvolvimento ou com temáticas adicionais, significativas para a linha.

Em função da constituição e da natureza da linha, bem como sua organização curricular e a consequente amplitude das possibilidades de investigação, foram desenvolvidas inúmeras e variadas pesquisas ao longo dos vinte anos focalizados neste texto.

Para fornecer uma dimensão quantitativa dos trabalhos desenvolvidos na linha, no período em foco, apresentamos um quadro com indicação do número de dissertações e teses, por docente orientador⁹.

Quadro 1 – Orientações de mestrado e doutorado por orientador entre 2005 e 2021

Docente orientador	Ano de ingresso	Ano de saída	Orientações mestrado	Orientações doutorado
Ademar da Silva	2005	2013	06	--
Eliane Hércules Augusto Navarro	2005	-	13	09
Nelson Viana	2005	-	20	13
Lúcia Maria de Assunção Barbosa	2006	2019	06	04
Sandra Regina Buttros Gattollin de Paula	2007	-	20	12
Rita de Cássia Barbirato Thomaz de Moraes	2009	-	10	8
Isadora Valencise Gregolin	2010	-	07	04
Rosa Yokota	2011	-	11	04
Vera Lúcia Teixeira da Silva	2012	-	06	03
Camila Hófling	2021	-	02	-
Diléia Aparecida Martins	2021	-	02	-
Elaine Ferreira do Vale Borges	2021	-	02	-

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

9

Para definir a ordem de apresentação dessa produção considerou-se o ano de ingresso do/da docente no PPGL.

No total foram 162 orientações concluídas, sendo 105 de mestrado e 57 de doutorado.

TEMÁTICAS E MÉTODOS DE PESQUISA

Os trabalhos desenvolvidos na linha evidenciam diversidade temática e metodológica. Considerando as pesquisas finalizadas desde a criação do programa até o presente período, que totalizam 162¹⁰ trabalhos, entre dissertações e teses, obtivemos uma indicação bastante significativa de temas e focos de investigação.

1. Materiais Didáticos e Livros Didáticos

- **Foco:** análise, produção, impactos e uso de materiais didáticos (impressos, digitais, temáticos, PNLD, CEL, cadernos estaduais etc.)

2. Ensino e Aprendizagem de Gramática

- **Foco:** papel da gramática, gramática como habilidade, foco na forma, propostas pedagógicas.

3. Formação de Professores (Inicial e Continuada)

- **Foco:** identidades docentes, competências, estágios, programas governamentais (Idiomas sem Fronteiras, Escolas de Fronteira), reflexividade, práticas críticas e decoloniais.

4. Avaliação e Exames

- **Foco:** instrumentos avaliativos, ENEM, Celpe-Bras, oralidade, impacto social de exames.

10

A identificação dos temas foi realizada com base nos títulos dos trabalhos, extraídos do Curriculum Lattes dos orientadores.

SUMÁRIO

5. Motivação, Crenças e Afetividade

- **Foco:** papel das crenças, representações, afetividade e motivação na aprendizagem

6. Interculturalidade e Identidade

- **Foco:** interculturalidade, identidades linguísticas, representações sociais, português como língua de herança e de acolhimento.

7. Tecnologias Digitais e Multimodalidade

- **Foco:** CALL, hipertexto, letramentos digitais, redes sociais, youtube, ambientes virtuais (Second Life, Teletandem).

8. Letramentos (Crítico, Digital, Multimodal, Transmídia, Translinguagem)

- **Foco:** letramentos críticos e multimodais, práticas translíngues, multimodalidade em materiais, abordagens decoloniais.

9. Ensino para Públicos Específicos

- **Foco:** terceira idade, crianças, refugiados, imigrantes, alunos de áreas técnicas (empresas, aviação, medicina, militares).

10. Português como Língua Estrangeira / Língua de Acolhimento / Língua de Herança

- **Foco:** ensino de PLE/PLAc/PLH, materiais, identidades, interculturalidade, exame Celpe-Bras.

11. Português como Segunda Língua

- **Foco:** comunidade surda, materiais didáticos, procedimentos didáticos, Libras; outros países de língua oficial portuguesa (Timor Leste, Guiné-Bissau)

12. Políticas Linguísticas e Curriculares

- **Foco:** BNCC, Currículo Paulista, programas governamentais, políticas de ensino de línguas

SUMÁRIO

Para chegar a essa indicação de temas realizamos os seguintes procedimentos: 1) organizamos os dados dos trabalhos de dissertação e teses orientados pelos docentes da linha, consultando o Currículo Lattes de cada um, extraindo manualmente as informações e consultando os orientadores em caso de dúvidas sobre os registros que ali constavam ou realizando diretamente algum ajuste, de acordo com nosso conhecimento dos estudos; 2) recorremos ao ChatGPT, instruindo-o para realizar a identificação dos temas; 3) revisamos e realizamos alguns ajustes¹¹ no resultado, com base no conhecimento obtido para organização dos registros.

Para conseguirmos que o ChatGPT realizasse a identificação dos temas foi necessário rearranjar/reduzir as informações a partir dos dados brutos, de maneira a não ultrapassar o limite possibilitado pela ferramenta. Essa ação nos levou a repassar todos os títulos de dissertações e teses, bem como o nome de seus autores (mestrandos, doutorandos), ano de conclusão e nome dos respectivos orientadores.

Na realização dessa tarefa foi possível lançar um olhar mais direto sobre os dados brutos, o que nos permite afirmar que o resultado apresentado neste texto é bastante consistente e representativo das pesquisas da linha, embora possa não contar com nuances de indicações da totalidade dos temas e de detalhes dos estudos realizados.

Em relação aos procedimentos de investigação, verifica-se no desenvolvimento dos estudos na linha EALE, ao longo de vinte anos, o emprego de grande variedade de métodos, o que se vincula ao conteúdo abordado na disciplina Fundamentos da investigação em ensino e aprendizagem de línguas, que busca instrumentalizar os pesquisadores para um trabalho crítico e operacional consistente.

11

Ajustes foram realizados ao resultado apresentado pelo ChatGPT, visando tornar a indicação mais fiel aos trabalhos defendidos na linha.

Essa formação é realizada pelo oferecimento de um panorama abrangente das perspectivas de pesquisa, da natureza dos métodos, seus instrumentos e procedimentos, suas potencialidades e limitações, bem como a relevância da triangulação de dados, e outros aspectos relacionados à produção de conhecimento.

Entre esses aspectos salientamos a necessidade de consideração das noções de validade, confiabilidade e generalização da/na pesquisa, que no campo da educação (e das humanidades, de forma geral), sob um viés qualitativo-interpretativista, podem ser tratados a partir de outros descritores, como indica Paiva (2019), com base em autores como Lincoln e Guba (1985).

Nessa perspectiva, a ideia de generalização passa para transferibilidade, enquanto validade é alterada para credibilidade. A noção de confiabilidade é alterada para dependabilidade ou confirmabilidade¹².

Os métodos utilizados/verificados nas pesquisas desenvolvidas na linha incluem etnografia ou estudos de base etnográfica, pesquisa narrativa ou pesquisa com narrativas, estudo de caso, auto-etnografia, metapesquisa, análise documental, pesquisa bibliográfica e pesquisa-ação ou outros métodos de pesquisa interventiva.

Verifica-se também o caso de estudos desenvolvidos sob perspectiva metodológica híbrida, em que o trabalho é realizado por meio de métodos distintos, que se complementam para atendimento mais preciso dos objetivos da pesquisa, recebendo uma caracterização que podemos tratar como intermetodológica.

Essa pluralidade ou combinação de métodos confirma a flexibilidade ou mesmo a necessidade verificada nesta linha de investigação, uma vez que ela se propõe a abordar e lidar com fenômenos

12

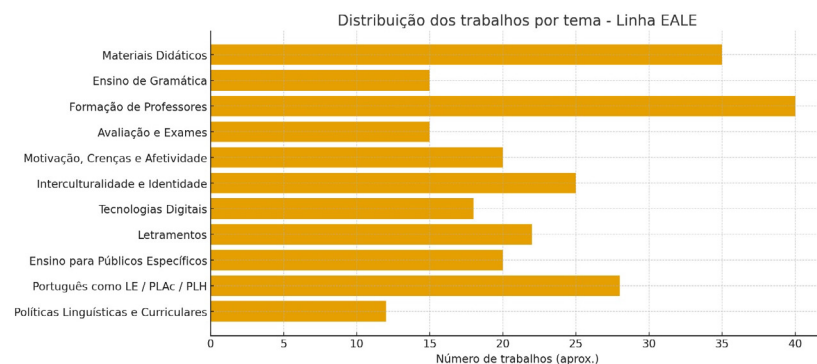
A discussão desses termos não está no escopo deste texto, mas pode ser conferida em Paiva (2019), bem como em Brown (2003)

educacionais múltiplos e complexos do ensino, da aprendizagem e do uso de língua estrangeira e(m) suas vertentes de interface.

A PESQUISA E(M) SUA RELAÇÃO COM O ENSINO E A EXTENSÃO

A pesquisa em ensino e aprendizagem de língua estrangeira localiza-se numa posição de forte confluência com o ensino e a extensão nesse campo, contribuindo para a produção de conhecimento que possa informar teoricamente a prática pedagógica em suas várias dimensões. As investigações produzidas na linha EALE do PPGL confirmam essa posição, como podemos verificar no gráfico¹³ a seguir, elaborado com base nos títulos das dissertações e teses finalizadas até o período de produção deste texto.

Gráfico 1 – Distribuição dos trabalhos por tema na linha Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

13

Gráfico desenvolvido pelo ChatGPT a partir de dados que organizamos e inserimos na instrução para a sua elaboração.

É possível verificar a relação direta das pesquisas com o ensino, tanto pelo foco dos estudos com destaque para a temática específica de formação de professores, quanto para outras dimensões igualmente vinculadas à prática pedagógica, como materiais didáticos, avaliação, gramática, diferenças individuais dos aprendizes, ensino para propósitos e contextos específicos, entre outras.

Nesse sentido, sem dúvida, a linha tem contribuído fortemente para o desenvolvimento de teorizações e saberes relevantes para o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras, com pesquisas que partem da prática e/ou são voltadas a ela.

Para desenvolvimento das pesquisas, em muitos casos o ambiente de observação e de ação investigativa consistiu em projetos de extensão, de variadas áreas relacionadas ao ensino de língua estrangeira, alguns que já se encontravam em desenvolvimento e outros que foram planejados visando diretamente a criação do espaço acadêmico para os estudos.

Entre uma ampla gama de atividades de extensão que serviram de cenário para as pesquisas, destacamos cursos específicos de português para estrangeiros, cursos preparatórios para o exame Celpe-Bras, a atividade de aplicação do exame Celpe-Bras no/do posto aplicador UFSCar, cursos gerais de língua inglesa, de português para estrangeiros e de língua espanhola do Instituto de Línguas da UFSCar, cursos de língua inglesa, português para estrangeiros e língua espanhola, voltados para propósitos acadêmicos no âmbito do Nucli (Núcleo de Línguas) UFSCar do Programa Idiomas sem Fronteiras, curso de língua inglesa para o setor de aviação, cursos de inglês para crianças (voltados a alunos de escolas públicas), cursos de inglês instrumental, cursos de formação de professores de língua estrangeira (inglês, espanhol), com focos variados e específicos, curso de língua alemã etc.

Dessa forma, verifica-se que a linha EALE une e relaciona o desenvolvimento de pesquisa ao ensino e à extensão, em profícua simbiose entre o conhecimento teórico/teorizado e a práxis pedagógica.

EGRESSOS E INGRESSANTES

Verifica-se a relevância e o impacto da formação abrangente oferecida na/pela linha EALE do PPGL, na aprovação de seus egressos em concursos públicos ou outras formas de seleção/contratação de professores no Brasil e em outros países. Os egressos têm ocupado posições em universidades públicas federais e estaduais, institutos federais, universidades privadas e outras instituições no país, bem como em instituições no exterior. Muitos ex-alunos assumiram papel de destaque, fortalecendo a visibilidade do PPGL.

Visando evitar a indicação incompleta e imprecisa de egressos e respectivos locais de trabalho, não faremos menção específica a nomes, limitando-nos a enfatizar que são variadas e muito importantes as instituições, tanto nacionais quanto estrangeiras.

Servimo-nos, entretanto, de dados que representam maior precisão, para indicar aspectos do impacto acadêmico da linha em relação aos egressos, apresentando destaque para o caso de alguns pesquisadores que já contam com orientações concluídas, de mestrado e, em menor escala, também de doutorado.

Para esses destaques tomamos como base a Plataforma Acácia – Genealogia Acadêmica do Brasil, cujo objetivo é mapear e documentar as relações formais de orientação nos programas de pós-graduação brasileiros¹⁴. Nessa perspectiva apresentamos dados¹⁵ relacionados a seis egressos, a saber:

14 <https://plataforma-acacia.org/>

15 Dados verificados na plataforma Acácia, em consulta realizada em 19 de setembro de 2025.

Quadro 2 – Instituição atual e orientações na pós-graduação de seis egressos da linha de Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira

Egresso	Instituição atual	Orientações mestrado	Orientações doutorado
Cibele Cecílio de Faria Rozenfeld	Unesp Araraquara	13	3
Cláudia Jotto Kawachi	UFES	9	1
Fidel Amando Cañas Chavez	UnB	7	-
Mirelle Amaral De São Bernardo	Instituto Federal Goiano	7	-
Ricardo Moutinho Rodrigues da Silva	Universidade de Macau	10	1
Sandra Mari Kaneko Marques	Unesp Araraquara	10	4

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

O uso do termo ingressantes na denominação desta seção, é para indicar a relevância que o PPGL e, no caso deste texto, a linha EALE representam para professores que já atuam em variados contextos de ensino e que buscam o Programa para o desenvolvimento de estudos em nível de mestrado e/ou de doutorado. Nesse conjunto, a linha conta com alunos provenientes da rede estadual ou da rede municipal de ensino (de diferentes cidades), de institutos federais ou universidades brasileiras e estrangeiras (e.g. Universidade Nacional Timor Lorosa'e, do Timor Leste).

Dessa forma, tanto egressos como ingressantes evidenciam a qualidade e a boa reputação da formação de pesquisadores oferecida pelo Programa.

DESAFIOS DA LINHA

Com certa semelhança quanto aos relevantes apontamentos realizados por Cavalcanti (2025), em relação ao futuro, no campo da Linguística Aplicada, consideramos alguns desafios e

perspectivas que se apresentam para a linha de pesquisa de ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

Como primeira consideração, reforçamos o compromisso social de EALE, no sentido de continuar desenvolvendo estudos e investigações que priorizem as demandas educacionais sob uma perspectiva crítica e socialmente engajada, voltada para ampliação da compreensão dos diversos fatores e variáveis que compõem os processos de ensinar, de aprender e de usar língua estrangeira, termo usado em sentido abrangente, conforme já explicitado neste texto.

Além desse viés de natureza ampla, indicamos a necessidade de ampliar os recursos para a incorporação crítica da tecnologia digital e da inteligência artificial no ensino de línguas, para o fortalecimento da internacionalização do Programa e da linha, para ampliação do número de docentes orientadores e para acolhimento das novas demandas de pesquisa que a sociedade vai apresentando, para enfrentamento das desigualdades sociais e das necessidades individuais dos ingressantes, buscando atender, entre outras exigências, especificidades de uma educação inclusiva, formada por grupos vulneráveis ou minorizados.

CONCLUSÃO

A linha de Ensino e Aprendizagem de Línguas consolidou-se como relevante núcleo do PPGL e como espaço privilegiado para a pesquisa nesse campo educacional. Ao longo de sua trajetória vem produzindo articulação relevante entre teoria e prática, valorizando um viés crítico-reflexivo na formação de pesquisadores que buscam constantemente dialogar com variáveis, aspectos e fenômenos relevantes do ensino, da aprendizagem e do uso de língua estrangeira como prática social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. **Quatro estações no ensino de línguas**. Campinas, Pontes Editores, 2012.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, Pontes Editores, 1993.

BROWN, J. D. Research Methods for Applied Linguistics: Scope, Characteristics, and Standards. *In*: DAVIES, A.; ELDER, C. (Org.). **The Handbook of Applied Linguistics**. Wiley-Blackwell, 2003.

CAVALCANTI, M. Memórias da primeira gestão da ALAB. *In*: Doris Matos, Wagner Rodrigues Silva, Alexandre Cadilhe, Cristiane Landulfo, Danillo Silva, Kelly Barros Santos (orgs.). **35 anos da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB): uma história a contar e a celebrar**. São Cristóvão, SE: Edalab, 2025. p.30-50.

PAIVA, V.L.M.O. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL. Linhas de pesquisa e grupos de pesquisa: Ensino e Aprendizagem de Línguas – EAL. UFSCar, 24 jul. 2025. Disponível em: https://www.ppgl.ufscar.br/pt-br/menu-lateral/linhas_grupos_pesquisa#EAL. Acesso em: 22 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Ementa da disciplina Fundamentos da investigação em ensino e aprendizagem de línguas**. São Carlos: UFSCar, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ppgl.ufscar.br/pt-br/area-do-estudante/ementas/lin-003-fundamentos-da-investigacao-em-ensino-e-aprendizagem-de-linguas.pdf/view>. Acesso em: 22 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Ementa da disciplina Fundamentos da investigação em Linguística Aplicada**. São Carlos: UFSCar, 2025. Disponível em: <https://www.ppgl.ufscar.br/pt-br/assets/arquivos/ementa-de-disciplinas/lin003.pdf/view>. Acesso em: 22 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Ementa da disciplina Seminários de pesquisas em desenvolvimento: língua estrangeira e vertentes de interface**. São Carlos: UFSCar, 2022. Disponível em: <https://www.ppgl.ufscar.br/pt-br/assets/arquivos/ementa-de-disciplinas/lin100-22-seminarios-de-pesquisas-em-desenvolvimento-lingua-estrangeira-e-vertentes-de-interface.pdf/view>. Acesso em: 22 set. 2025.

2

Maimuna Baldé
Maria Sílvia Cintra Martins

**ENSINO E
APRENDIZAGEM DE
LÍNGUA MATERNA:**
RELATOS DE ALGUMAS EXPERIÊNCIAS
DE DOCÊNCIA E PESQUISA

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-520-6.6

INTRODUÇÃO

Este capítulo contém, por um lado, relato de docente e pesquisadora do PPGL a respeito de sua atuação na linha de pesquisa de Ensino e Aprendizagem de Língua Materna; por outro lado, de forma ilustrativa, o relato de uma de suas orientandas a respeito de seu projeto de pesquisa em fase de finalização.

No decorrer destes vinte anos de atuação, pode-se dizer que a linha de pesquisa da qual tratamos aqui vem passando por transformações, advindas, talvez, de um declínio progressivo no interesse pelas licenciaturas em geral, e pelos processos de ensino e aprendizagem da língua portuguesa em particular. Além disso, algumas das questões que poderiam vir a ser tratadas por meio das abordagens que lhe são próprias vêm atraindo a atenção de pesquisadores mais afeitos às abordagens presentes em outras linhas de pesquisa.

Tendo atuado, de toda forma, por mais de quinze anos nos ensinos fundamental e médio, foi possível trazer para a pesquisa e docência junto ao PPGL um olhar e uma preocupação voltada a esses outros níveis de ensino, particularmente na esfera pública, acolhendo pesquisadores que ainda se interessavam por essas questões.

O próximo item comporta uma perspectiva memorialística a esse respeito. Já o item posterior tratará da nova perspectiva que passou a existir neste programa de pós-graduação com a vigência de ações afirmativas a partir do ano de 2020, política que já vigorava nos cursos de graduação da UFSCar desde 2007 e à qual nosso programa foi dos primeiros a aderir. A partir do item 4, teremos, por parte de uma das autoras deste trabalho, o relato de pesquisa de campo que vem se dando em Guiné-Bissau.

MEMÓRIA DE PESQUISA DE EGRESSOS E DE PROJETOS DE PESQUISA

Neste item, em olhar retrospectivo, são apresentados alguns trabalhos representativos da linha de pesquisa Ensino e Aprendizagem de língua materna, que foram orientados por mim. Serão também mencionados alguns projetos de pesquisa de maior relevância, que tiveram apoio FAPESP, e alguns Projetos de Extensão (PROEX/UFSCar), entendendo-se as atividades de orientação da pós-graduação em diálogo constante com aquelas de ensino, de pesquisa e de extensão universitária. Será possível perceber a dinâmica de transformações que esteve presente no Grupo de Pesquisa LEETRA (CNPq), que lidero, à medida que novos pesquisadores foram passando por nós.

Entre 2009 e 2010, foram defendidas quatro dissertações de mestrado que se dirigiam a questões de ensino e aprendizagem em duas escolas públicas, uma escola privada e, também, na esfera acadêmica. Destaco, aqui, duas delas: “Letramento e identidade: a apropriação de gêneros do discurso na escola com a mediação do livro didático” (Gláucia Regina Gomes), “Gêneros orais na esfera acadêmica” (Hermes Talles dos Santos, hoje professor na UFPB). Os títulos apontam para questões próprias aos Estudos do Letramento, principal enfoque no grupo de pesquisa nesse período. O segundo trabalho aponta, ainda, para a questão dos gêneros acadêmicos, que ainda não era muito enfocada neste programa à época.

Gláucia viria a defender, em 2014, sua tese de doutorado “A constituição da identidade letrada na esfera acadêmica”, a qual resultou no livro em coautoria *Escrita acadêmica e identidade à luz da presença indígena na UFSCar*, publicado pela EDUFSCar com apoio FAPESP. Nesse caso, seus dados foram gerados pela oferta presencial da atividade PROEX “Estudos de Língua Portuguesa na modalidade acadêmica”. Hermes viria a defender sua tese de doutorado

– “Representações sociais do professor de língua portuguesa” – em 2017. Seus dados foram gerados pela oferta a distância da atividade PROEX “Gramática e Ensino da Língua Portuguesa”.

Antes disso, no ano de 2011, Maria Cláudia Bontempi Pizzi, hoje professora no IFSP/São Carlos, trouxe à nossa linha a preocupação com a tradução, presente em sua tese de doutorado “A tradução literária como transcrição”, para a qual serviu-se de curso de extensão – Atividade PROEX “Estudos em Tradução Literária” – na modalidade a distância, com vistas à geração de dados. Iniciava-se, assim, a interface com os Estudos de Tradução e com os estudos literários.

A essas alturas, já tínhamos acolhido, em nosso grupo, a pesquisa de pós-doutorado de Cibele Rozenfeld (professora de alemão na UNESP/Araraquara), com quem aprendemos, cada vez mais, a lidar com a educação a distância como instrumento para a geração de dados via plataforma MOODLE – naturalmente sempre com Termos de Consentimento Livre e Esclarecido por parte dos professores participantes. Essa metodologia de geração de dados seria aplicada por vários mestrandos e doutorandos.

Por paradoxal que possa parecer a quem não pertença a nossa linha de pesquisa, a tradução está em seu cerne, compreendida em suas diferentes dimensões, conforme propostas por Jakobson (1973), quais sejam, intralinguística, interlinguística e intersemiótica, sendo a primeira aquela de que trata o linguista francês Antoine Culioli (1990), e que, via de regra, é conhecida por se dirigir às paráfrases e retextualizações. O fato, no entanto, é que a tradução está no coração da linguagem, conforme muito bem tematizado por Ferdinand de Saussure (1975, p. 192), em seu chamado de atenção para o “jogo do mecanismo linguístico”, que tem a ver com os procedimentos de linearização e de substituição sintagmáticos e paradigmáticos, e com a criatividade inerente a toda linguagem (Franchi, 2012).

Em 2012, Ariane Ranzani, professora de educação infantil de nossa rede municipal de ensino, defendeu sua dissertação "Letramento e material didático nas séries iniciais" e, em 2014, veio a defender sua tese de doutorado "Projetos didáticos na educação infantil". Foi entre os anos de 2013 e 2015, que fui coordenadora do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC/UFSCar (POEX/UFSCAR), de modo que o foco na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental tornou-se mais presente em nosso grupo.

Bem antes disso, já desde 2009, um ano após o início do ingresso de graduandos indígenas na UFSCar, comecei a submeter à FAPESP projetos voltados a questões tangentes às línguas e culturas indígenas. Com o primeiro desses projetos – "Letramento, ritmo e etnicidade: estudo do processo de transição vivenciado por graduandos de etnia indígena entre práticas letradas ou iletradas vernaculares e práticas letradas acadêmicas" (Projeto FAPESP 2009/13871-4) - coordenei expedição científica ao Alto Rio Negro, da qual participaram dois pesquisadores de Iniciação Científica - sendo um deles indígena da etnia baniwa - uma doutoranda sob minha orientação e um pesquisador alemão, o então professor da Universidade de Bremen Wolfgang Jantzen. Foi oferecida, em São Gabriel da Cachoeira (AM), a atividade de extensão "Formação em Educação Escolar Diferenciada e Inclusiva" (PROEX/UFSCar), voltada a professores indígenas de diversas etnias, no perfil de curso de formação de professores de base dialógica.

Vários projetos subsequentes foram desenvolvidos, estando o último – "Tradução, poética e artefatos culturais em projetos de letramento interdisciplinares na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I" (FAPESP 2022/00588-7) - em fase de finalização. Com os últimos dois projetos financiados pela FAPESP, foi possível produzir três jogos/games de plataforma com a finalidade de alfabetização e letramento na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental (ver <https://www.leetra.ufscar.br/>).

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Foi assim que, particularmente a partir da orientação da tese de doutorado de Pizzi, mencionada acima, nosso grupo de pesquisa passou a se envolver mais e mais com a tradução e, por outro lado, a partir da orientação do trabalho de mestrado de Andréi Krasnoschecoff, "Jogos e interação", defendido em 2013 – quando simultaneamente coordenava o PNAIC/UFSCar – foi emergindo, cada vez mais, a dimensão dos jogos, aliando, agora, as questões indígenas com as questões voltadas aos processos de ensino e aprendizagem na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I. Em 2023, Andrei defendeu a tese "The Raven: Problemas de e sugestões para uma tradução intersemiótica de poesia para o desenho de um jogo eletrônico", cujo título aponta para várias questões que passaram a ser abordadas em nosso grupo: a tradução, os jogos eletrônicos, a Poética. Sempre entendendo que todas essas questões são passíveis de serem pensadas e aplicadas na linha de pesquisa de ensino e aprendizagem de língua materna.

É digna de nota, ainda, a menção ao apoio CAPES para o aperfeiçoamento dos grupos de pesquisa por meio de bolsas PNPD, o que atraiu a nosso grupo vários pós-doutorandos, como Cibele, mencionada acima, e o escritor e ativista indígena Daniel Munduruku, com quem tivemos o início da Revista LEETRA Indígena, vinculada ao PPGL, e agora em sua vigésima sexta edição (ver <https://www.leetraindigena.ufscar.br/index.php/leetraindigena>).

João Paulo Ribeiro - hoje pesquisador com o projeto de pós-doutorado "Literatura Indígena, contos folclóricos e Escrita Acadêmica de graduandos indígenas da UFSCar" em andamento – defendeu, em 2022, sua tese de doutorado "Ñe'ë pypyte mbaraká rive: com o mbaraká entre as palmas das mãos das palavras", que versa sobre a tradução de canto indígena guarani. Sua dissertação de mestrado – "Traduzindo Vidas Secas para uma língua indígena" – havia sido defendida em 2018, e nela ele propôs a tradução de partes do romance do escritor alagoano para a língua nheengatu.

Houve, assim, conforme se pode perceber, uma transição progressiva dos interesses dos pesquisadores de nosso grupo – vinculados em princípio à linha de pesquisa Ensino e Aprendizagem de Língua Materna – para outras áreas de pesquisa, ampliando o enfoque dessa linha, porém, mantendo, em princípio, metodologias de pesquisa e de geração de dados que se alinham com a área de Linguística Aplicada.

Vale lembrar que os últimos vinte anos foram anos de profundas modificações nas esferas nacional e internacional, particularmente no que concerne: ao lugar dos assim denominados “grupos minoritários”; ao movimento indígena por preservação de suas terras, línguas e culturas, e ao crescimento no reconhecimento da Literatura Indígena; às comunicações, que vêm passando progressivamente da esfera presencial para a esfera a distância; à presença crescente de artefatos digitais na Educação, fatores que, em parte, explicam a dinâmica de transformações que se fez presente em nossa linha de pesquisa e, em particular, em nosso grupo de pesquisa.

NOVOS CAMINHOS EM MEIO ÀS AÇÕES AFIRMATIVAS

Abro um novo item para tratar das orientações muito específicas, especiais e promissoras advindas do ingresso de pesquisadores no PPGL pela via das ações afirmativas.

Luciano Ariabo Quezo, indígena umutina, é licenciado em Letras pela nossa universidade e hoje atua com professor de escola pública em Barra do Bugres/MT. Enquanto graduando, pôde desfrutar de bolsa FAPESP, e deu continuidade a seu projeto de Iniciação Científica com o ingresso no mestrado como candidato indígena, com o projeto “Gramática pedagógica da língua indígena balatiponé”, que se desdobrou com o título de sua dissertação “Ler e falar a língua indígena balatiponé dentro de seu contexto cultural”, defendida em 2022 junto a nosso programa.

SUMÁRIO

Eu já havia visitado a aldeia de Luciano em 2013, durante o desenvolvimento do Projeto FAPESP 2012/15852-0 "A construção de material didático bilíngue de cultura e língua indígena em correspondência com a lei 11.465/08"; conhecia, ao menos parcialmente, a realidade de seu povo do ponto de vista cultural e linguístico, embora não tivesse nenhum conhecimento da língua umutina/balatiponé.

Todas as orientações que venho mencionando aqui partem sempre do mesmo princípio dialógico, sem o qual seria impossível haver orientado dissertações e teses com temáticas tão diversas. Entendo que construímos ricos diálogos de saberes nas orientações de nossos pós-graduandos, particularmente junto àqueles que ingressam pelas ações afirmativas e, via de regra, são portadores de saberes de grupos linguísticos e culturais aos quais não pertencemos. Temos muito a aprender com eles, e eles conosco.

Figura 1 – Diálogos bilíngues balatiponé/português

Taykuriá, aykuriá pitukwá! Ami pitukwá?
Olá, bom dia! Tudo bem com você?

Aykuriá pitukwá, aykoriakô!
Bom dia, tudo bem!

Fonte: elaborada pelos autores (2025).

A proposta didática de Luciano para o ensino de sua língua materna é baseada em diálogos como esse que ele propõe na Unidade 1. Lembro que a língua balatiponé já foi considerada extinta pela UNESCO, que Luciano é um de seus únicos falantes e que sua ação científico-pedagógica está intimamente relacionada com a luta pela revitalização de sua língua.

No próximo item, acompanharemos alguns detalhes da dissertação “O papel da língua portuguesa no Ensino Fundamental II na Guiné-Bissau”, que deverá ser defendida ainda neste ano de 2025 junto ao PPGL.

Com outra temática, mas sempre dentro da linha de pesquisa de “Ensino e Aprendizagem de língua materna”, a pesquisadora defende, com base em pesquisa de campo, a utilização do guineense nas escolas de Guiné-Bissau, contrariamente ao que vem acontecendo mesmo após a declaração de independência de Portugal em 1973, pois ainda persiste o rastro colonial com a obrigatoriedade da língua portuguesa como língua oficial e língua de ensino.

CONTEXTUALIZAÇÃO DAS LÍNGUAS PORTUGUESA E GUINEENSE EM GUINÉ-BISSAU

O debate sobre a língua utilizada no sistema educacional africano é recorrente em diversos países do continente. Nos últimos anos, esse tema ganhou ainda mais relevância no meio acadêmico e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) não ficaram à margem dessa discussão.

Nesse contexto, observa-se que algumas nações estão adotando mudanças radicais na aplicação de línguas nacionais no ensino, especialmente nos ciclos iniciais (Ensino Fundamental I). Essa tendência, que já pode ser vista em países como Moçambique e Cabo Verde - com a oficialização do crioulo caboverdeano, neste caso - sugere um cenário em que, num futuro próximo, o uso de línguas locais se tornará cada vez mais significativo, inclusive em detrimento do português.

Em vários países do continente africano, as crianças geralmente falam duas ou mais línguas antes do ensino formal. Isso não é tão simples como podemos pensar de início, pois o fato de uma criança falar uma ou duas línguas não significa que ela esteja preparada para a aprendizagem em qualquer idioma. Com base nas premissas de Freire (1978), a melhor forma de ensinarmos é pela primeira língua da criança, na qual ela pensa e cria capacidade argumentativa e crítica do mundo.

Esse fenômeno de expressão linguística, seja, em português, seja em guineense, nos permite fazer duas observações fundamentais, no caso da realidade escolar que pesquisamos em Guiné-Bissau: (1) preferência pelo guineense: os discentes priorizam o guineense não apenas por dificuldades de comunicação em português, mas também por uma preocupação em compreender plenamente o conteúdo e estabelecer um diálogo mais efetivo com o docente; (2) ao utilizarem seu idioma favorável, conseguem compartilhar ideias com maior fluidez e confiança, sem o medo de cometer erros no português o que, em muitos casos, os levaria a permanecer em silêncio.

No entanto, o preconceito linguístico e a herança colonial na Guiné-Bissau resultam no preconceito social contra indivíduos que não dominam o português adequadamente, enquanto aqueles com maior proficiência na língua portuguesa são vistos como “inteligentes” ou “civilizados”. Essa valorização do português, portanto, não é meramente instrumental, mas reproduz um sistema de exclusão simbólica, onde a competência linguística funciona como requisito para oportunidades sociais e econômicas. Essa dinâmica reflete a persistência de estruturas coloniais na sociedade, onde o português opera como marcador de status e poder. Assim, a resistência dos alunos em usar o português em contextos acadêmicos não é apenas uma questão linguística, mas reflete um ato político, em função da hierarquização cultural imposta pelo colonialismo.

SUMÁRIO

Quando pensamos na língua portuguesa e na sua expansão em diferentes continentes, o principal fator que acelerou o crescimento dessa língua no mundo foi a colonização europeia, que lhe conferiu diversos status. O português é um idioma pluricêntrico, devido a sua centralização no topo das organizações públicas e administrativas em diversos estados nacionais. Em função disso, ele é expressado e doutrinado com diferentes status, como em Portugal e no Brasil, onde possui status de língua primeira (L1) junto à maioria da população, enquanto que, em Angola, Guiné-Bissau, Cabo-Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné Equatorial, possui status de língua oficial, e em Timor-Leste, com status de idioma estrangeiro e oficial (Oliveira, 2011). Evocando que, nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), esse vernáculo desempenha uma função relevante em relação à política, no ensino, na administração, e inclusive nas comunidades dos países da língua portuguesa (CPLP).

Com toda essa diferenciação de status da língua portuguesa, com sua trajetória desde o galego-português e com a diversidade linguística dos seus falantes, em especial nos países africanos de PALOP, o idioma acabou recebendo forte influência das línguas africanas até nos momentos atuais. Entende-se, assim, ser uma expressão de muitas vozes, pois cada povo adequa o português a sua realidade linguística. Em corroboração com Alkmim (2001 apud Barbosa, Freire, 2020), segundo a concepção da variação laboviana, a língua está na base da necessidade de comunidade da fala, por isso, ela e a variação são inseparáveis e essa orientação tem ligação com a própria pluralidade humana, que procura aplicar diversos recursos linguísticos com a finalidade de atingir diversas propostas de interações. Isto é, a língua é marcada pela variedade e segue a necessidade dos seus falantes, que comanda em diferentes circunstâncias de comunicação.

Nos últimos anos, houve um aumento significativo na evolução da língua guineense (LG) no país, principalmente nas interações diárias da população, como sendo um idioma que estabelece

comunicação entre falantes de diferentes línguas étnicas nacionais. Segundo dados estatísticos de 2009 do Instituto Nacional de Pesquisa/ INE de Guiné-Bissau, o território guineense é constituído por cerca de 30 grupos étnicos. Cada grupo étnico tem a sua própria língua e estrutura social. Nesse contexto, o guineense é a língua nacional utilizada pelos cidadãos guineenses de diferentes grupos linguísticos em seu dia a dia, enquanto a língua portuguesa é a língua oficial, utilizada nas escolas e em todos os setores públicos administrativos.

Segundo Embaló (2008), o guineense desempenha um papel indispensável na sociedade, pois é usado por pessoas de etnias diferentes. Ainda conforme a autora, o guineense é uma língua de base portuguesa, com uma gramática e léxico próprio. A gênese dessa língua está associada ao contato entre o português e as línguas africanas, ou seja, trata-se do resultado das tentativas de comunicação entre os diferentes grupos linguísticos.

Segundo Couto e Embaló (2010), depois da independência, em 1973, o país se viu, e ainda se vê, em confronto com uma série de dilemas e contradições em torno da língua oficial. Visto que o país é multilíngue e multiétnico, o primeiro dilema foi entre o guineense e as línguas étnicas. Seria apropriado adotar o guineense como língua nacional ou uma língua étnica? E, caso fosse escolhida uma das línguas étnicas, qual seria a mais conveniente? Os usuários das outras línguas aceitariam essa escolha? Além disso, há uma série de conceitos do mundo capitalista, que muitas dessas línguas não têm recursos para expressar, conforme reconheceu Amílcar Cabral (1990 *apud* Couto, 2010), ainda no momento da batalha pela libertação do país, alegando que o país recém-libertado não tinha mecanismos suficientes para organizar o guineense como língua de ensino.

Em seguida, surge a segunda contradição, aquela entre o português e o guineense. Apesar de o guineense ser a língua do cotidiano para a maior parte da população, especialmente nas áreas

urbanas, todos os documentos oficiais são redigidos em português. Além disso, toda a história do país está sendo configurada nessa língua. No âmbito educacional, os processos de alfabetização e aprendizagem são exclusivamente realizados em português.

Após o percurso da independência, o Estado optou por escolher a língua portuguesa como a língua oficial do ensino e da aprendizagem, muito embora não conste na Constituição da República. Todavia, a partir de 2007, essa oficialização foi institucionalizada, transformando-se em uma lei que regulamenta, tanto o uso da língua pelo Estado, quanto sua aplicação no ensino, conforme estabelecido pelo Decreto-Lei nº 7/2007, de 12 de novembro.

De acordo com Cabral (1976), no contexto da oficialização do português na Guiné-Bissau, a ausência de uma grafia padronizada e de uma gramática unificada para a Língua Guineense (LG) foi um fator determinante para a escolha do português como língua oficial e de ensino. Naquele momento, o Estado enfrentava diversos conflitos internos e buscava consolidar o processo de transição ao fim da colonização portuguesa. Diante dessas circunstâncias, faltavam recursos para estruturar a LG como idioma de ensino, o que justificou a adoção do português como língua de Estado e do sistema educacional.

A população guineense é de aproximadamente 2.500.000 habitantes e, dentre eles, cerca de 396.850 falam português, entre os quais, conforme a Divisão Estatística das Nações Unidas (2015 UNSD), os falantes de português como primeira língua (L1) são 5.850, e falantes como segunda língua (L2) 391.000. O restante da população fala o guineense e outras línguas nacionais existentes no país. O português, mesmo sendo língua de prestígio e com seu estatuto oficial, não impede a propagação do guineense e das línguas étnicas nacionais.

É fato que o português da Guiné-Bissau se afastou da língua portuguesa trazida pelos colonizadores, pois são duas realidades diferentes em todas as vertentes em termos das diversidades linguísticas. Porém, paradoxalmente, no ensino guineense o modelo do

português europeu é mais exigido nas escolas, como acontece também em Moçambique. De toda forma, existem grandes mudanças no português oficial para Moçambique, uma diversidade da língua portuguesa adaptada para a inclusão dos valores culturais, sua identidade, seus símbolos, seus objetos materiais, de maneira que seja sentida como pertence aos moçambicanos.

Observa-se que o português moçambicano está crescendo à medida que os falantes aumentam, incentivado pela influência social, por ser língua nacional e internacional. O mesmo acontece, também, com o português brasileiro, como defende Marcos Bagno (2015), na sua abordagem sobre preconceito linguístico em torno da variedade do português brasileiro, que também se distancia do português de Portugal. O português brasileiro possui a sua variedade interna, que ocorre em diferentes estados, devido ao histórico do povo brasileiro como defendem Barbosa, Freire (2020).

REFLEXÕES SOBRE A REALIDADE ESCOLAR GUINEENSE

Quando abordamos a situação da língua portuguesa no ensino guineense, entendemos que o problema não está só no idioma, mas na maneira com que ele está sendo inserido no processo de ensino e aprendizagem, e quais são os métodos aplicados pelos docentes, principalmente no ensino básico.

Nesse sentido, percebe-se que, no caso de persistir a exigência de que o português continue sendo a língua oficial nas escolas, haveria a necessidade de ensinarmos o português a partir da realidade guineense com a influência de nosso panorama linguístico. Assim, aprender português com traços do guineense, como acontece em alguns países falantes do português, conforme mencionado antes, sem a exigência do português europeu no ensino, uma vez que, ao aprender esse idioma com base na nossa conjuntura, haveria a possibilidade de o português guineense encaminhar-se por caminho

semelhante ao do português brasileiro, moçambicano, angolano, entre outros, recebendo as interferências das línguas nacionais/étnicas e do guineense proferidas pela maior parte da população.

Essas interferências mexem com os níveis fonético e fonológico, semântico-lexical, morfossintático e pragmático. Este caminho de ensinar na base da realidade guineense resultaria numa retomada da campanha de alfabetização implementada por Paulo Freire (1978), segundo quem a educação deve seguir a concepção libertadora.

Segundo o autor, seria crucial dar avanço ao projeto no período da luta pela autonomia, entretanto, isso exige um trabalho árduo e mútuo de todos cidadãos encarregados da conscientização, inclusive no contexto cultural da comunidade em causa. Pois não é possível concretizar esse trabalho de descolonização, educar uma sociedade ou comunidade com seus moldes ou conduta social de forma individual, visto que essa tarefa é um fenômeno que precisa da socialização, todavia nenhum indivíduo possui capacidade de socializar sozinho.

Nesse procedimento, o discente precisa aprender a expressar a sua opinião/premissa, a partir dos métodos de cognição/codificação e decodificação, através do que ele compreendeu e aprendeu em relação aos seus pensamentos, e construir uma visão crítica sobre a sociedade e o mundo. Freire sempre enalteceu que é necessário ampliar esse tipo de ensino no país, que necessita de todas as dimensões sociais da população.

METODOLOGIA, GERAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS DE PESQUISA

Tendo iniciado a pesquisa dentro desse pressuposto, de que a língua guineense, enquanto modalidade linguística que comporta elementos da língua portuguesa, como também elementos étnicos, deveria vir a se tornar nossa língua oficial de ensino, elaborou-se uma

série de perguntas com vistas à aplicação de questionários semiestruturados a serem dirigidos aos docentes e ao corpo administrativo de duas escolas de Guiné-Bissau, com o objetivo de compreender melhor essa realidade.

Nesse sentido, além da pesquisa de caráter bibliográfico, constituída a partir do levantamento de referências teóricas publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros e artigos científicos, adotamos, nesse estudo, uma abordagem qualitativa, visto que nos preocupava mais a interpretação e a compreensão dos fenômenos e do objeto, interessando-nos enxergá-los de modo articulado aos diversos elementos da pesquisa.

A fase de geração dos dados por meio de entrevistas foi realizada em meu país, Guiné-Bissau. Aplicamos um questionário, do qual destacamos aqui duas questões, dirigidas ao corpo docente e ao corpo administrativo de escolas do Ensino Fundamental II. Este trabalho, assim, apresenta um recorte da pesquisa de mestrado em andamento.

Para entendermos, de modo mais detalhado, a respeito da problemática que envolve as línguas portuguesa e guineense, elaboramos as seguintes perguntas dirigidas a oito professores de duas escolas, dos quais apenas dois são mencionados aqui:

1. Quais são as línguas que você fala? Qual é sua primeira língua, e qual é aquela em você tem mais domínio e por quê?
2. Quais são os desafios encontrados ao ensinar na língua menos falada no país?

O participante AM, afirmou que fala três idiomas, isto quer dizer que ele fala pepel, guineense e português. Ele afirma ter domínio maior no guineense. O participante sente-se mais confortável usando o idioma nacional (o guineense), o que sugere a maior fluência, devido ao uso cotidiano e à identificação cultural com o

SUMÁRIO

guineense usado amplamente em contextos informais e sociais. Pepel e português estão em segundo plano, no caso dele. Entende-se que este entrevistado é docente no Ensino Fundamental II, no qual as aulas são administradas em português, um idioma em que mesmo o docente não tem domínio em termos de comunicação, e não se sente confortável ao falar. Essa afirmação nos levou, mais uma vez, a questionar: se o próprio professor não se sente identificado, ou seja, à vontade ao falar a língua portuguesa, como é possível ensinar os outros nesse idioma, no processo de ensino e aprendizagem que requer vários requisitos para estabelecer compartilhamento do conhecimento, tudo isso na base de boas aulas?

O participante JI corroborou com o primeiro participante (AM) e descreveu seu desempenho linguístico da seguinte forma: balanta sua primeira língua (L1), adquirida no ambiente familiar, mas não é a que ele mais usa, já que os jovens usam mais o guineense. Essa língua está restrita aos contextos familiares. Por fim, o português, língua do trabalho, aprendida formalmente (na escola ou formação profissional). Apesar de ter especialização em português, JI se considera mais fluente no guineense.

Concluiu-se que os docentes entrevistados têm mais domínio no guineense, sendo que o segundo, JI, afirmou que, mesmo com especialização em língua portuguesa, é mais fluente na língua guineense.

Quanto à segunda pergunta, o participante AM considerou que os desafios linguísticos fazem parte das dificuldades dos estudantes, uma vez que muitos preferem se expressar em guineense. Informou que, por isso, a escola estabeleceu regras para limitar o uso do guineense nas salas de aula e no recinto escolar. Essa foi a forma encontrada pela direção para obrigar os estudantes a utilizarem a língua portuguesa no ambiente escolar.

Por sua vez, o participante JI afirmou também que as dificuldades dos estudantes derivam dos desafios com a língua portuguesa, uma vez que existem enormes obstáculos na compreensão dos conteúdos. Em nosso entendimento, isso ocorre porque, em princípio, quem tem domínio limitado do idioma tende a enfrentar mais desafios no processo de aprendizagem. Afinal, a língua constitui a base do processo educativo.

Por fim, trazemos a fala de diretor de uma escola que nos concedeu a entrevista, na qual abordamos a proibição de uso da língua guineense no ensino por parte da direção e dos docentes.

O diretor da DLPAGB confirmou a existência de uma proibição do uso de línguas nacionais (guineense e outras) na instituição. Segundo sua justificativa, como os guineenses não utilizam o português no cotidiano, essa medida seria necessária para incentivar os estudantes a se comunicarem em língua portuguesa no ambiente escolar. O mesmo diretor da escola confirmou que a aplicação de multas contra estudantes que falam o guineense em sala de aula traz consequências negativas para o processo de aprendizagem, especialmente nas zonas rurais do país. Nessas regiões, as crianças não têm o hábito de falar guineense, utilizando apenas suas línguas maternas (fula, balanta, mandinga e outras). É justamente na escola, que elas começam a ter contato, tanto com o guineense, quanto com o português.

Embora o diretor tenha consciência dos resultados negativos provocados pela proibição - com imposição de multas - do uso do guineense nas escolas, ele continua, no entanto, a apoiar essa lei, justificando que essa prática vem sendo adotada no ensino guineense há anos. Percebemos que ele poderia ser um promotor dessa mudança na educação, como diretor da instituição de ensino, mas infelizmente isso não acontece, pois ele afirma que se trata de uma prática persistente desde a época colonial.

De toda forma, entre todos os entrevistados, é importante frisar que a maior parte deles defende, apesar das dificuldades encontradas, o ensino da língua portuguesa tal qual vem vigorando, diante de sua importância – segundo entendem – para o sucesso educacional e profissional futuro desses estudantes.

PALAVRAS FINAIS

Com este capítulo, tivemos como objetivo traçar um panorama histórico e memorialístico da atuação de uma das docentes pesquisadoras de nosso programa de pós-graduação, em conjunto com mestrandos e doutorandos pertencentes ao Grupo de Pesquisa LEETRA (CNPq), na linha de Ensino e aprendizagem de Língua Materna. Destacamos que se trata de uma trajetória específica, já que nossa linha de pesquisa tem contado com vários outros docentes e pesquisadores portadores de trajetórias diferenciadas e que, à sua maneira, todos têm contribuído para o enriquecimento e permanência dessa linha ao longo dos vinte anos que ora comemoramos.

Trouxemos, de forma ilustrativa, relato de uma das pesquisadoras, a qual ingressou em nosso programa por via das ações afirmativas e trouxe, com sua pesquisa, uma voz diferenciada para compor, harmonicamente, o nosso coro.

De acordo com a análise de seus dados de pesquisa, cujo objetivo era compreender os desafios dos docentes ao ensinar em português uma língua com menos falantes no Ensino Fundamental II na Guiné-Bissau, concluímos, com base nos relatos dos participantes, que a maioria dos professores não possuem domínio ou hábito de comunicação em língua portuguesa. Essa dificuldade deve-se à forte influência da língua guineense, idioma que predomina na comunicação cotidiana no país. Além disso, no processo de ensino e aprendizagem, a língua portuguesa é considerada muito exigente para os estudantes. Segundo os depoimentos dos docentes entrevistados, existe até mesmo a aplicação de multas para os alunos que falam o guineense na escola.

De toda forma, apesar dos desafios linguísticos, a maioria dos professores alinham-se com a proibição do uso de línguas nacionais em sala de aula e com o estatuto da língua portuguesa como língua oficial de ensino.

Em nosso entendimento, no entanto, o português deveria ser ensinado de acordo com a realidade linguística local, permitindo a influência da língua nacional na comunicação cotidiana dos guineenses. Além disso, seria fundamental utilizar a língua guineense como suporte no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BARBOSA, J. B.; FREIRE, D. de J. A diversidade linguística no ensino de português como língua adicional e língua estrangeira. **Estudos Linguísticos**, v. 49, n. 2, p. 651-673, jun. 2020.

CABRAL, A. **Resistência cultural**. Bissau: Edições A.E.U.L., 1975.

COUTO, H. H. do; EMBALÓ, F. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP. **Papia**, n. 20, 2010.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Ophrys, 1990.

EMBALÓ, F. O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e factor de identidade nacional. **Papia**, v.18, p. 101-107, 2008.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, SP, v. 9, n. 1, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639037>. Acesso em: 6 set. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. *In*: **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1973.

OLIVEIRA, M. P. de. **Metodologia científica**: Um manual para realização de pesquisa em Administração. Catalão: UFG, 2011.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.

3

*Alessandra Fracaroli Perez
Tarcilane Fernandes da Silva
Aparecida de Fátima Brasileiro
Letícia Silveira Ferreira
Eloíza Martins Primo Capeloci
Luiz André Neves de Brito*

LETRAMENTOS DE RESISTÊNCIA E DE REEXISTÊNCIA:

**CINCO MEMÓRIAS-GRAFIA DE COMO A LINGUÍSTICA NO
PPGL SE FEZ (E SE FAZ) NO FEMININO**

INTRODUÇÃO

"The struggle with her father was over.
But the struggle with fathers in general,
with the patriarchy itself,
was deferred to another place and time"¹

(Virginia Woolf, *Three guineas*)

"Tudo no mundo começa com sim"

(Clarice Lispector, *A hora da estrela*)

Se tudo no mundo começa com um sim, foi com um sim que aceitei² o convite enviado pela doutoranda Lana Camila Santos Gonçalves para escrever um capítulo, reunindo memórias, reflexões e perspectivas sobre minha trajetória no Programa de Pós-Graduação em Linguística (doravante PPGL) que, em 2025, celebra seus 20 anos. O desafio estava posto: como rememorar esse percurso inscrito na linha de pesquisa ensino e aprendizagem de língua materna?

Poderia me inscrever nesta memória de vários modos. Porém, um modo de inscrição se fez necessário e preciso. Minhas memórias e reflexões se inscrevem na memória do PPGL com as memórias de orientadas e suas respectivas pesquisas. Convidei-as, então, para escreverem com suas memórias um breve relato dos seus processos de formação como linguista na linha de ensino e aprendizagem de línguas, mostrando seus modos de inscrição como mulher pesquisadora na historiografia de um programa em estudos linguísticos e,

1 "A luta com o próprio pai terminara. Mas a luta com os pais em geral, com o patriarcado em si, fora adiada para outro local e outra hora" (Trad. Tomaz Tadeu da Silva. São Paulo: Autêntica, 2019).

2 Ao longo deste capítulo, o leitor vai se deparar com vários "eus". Cada "eu" é assumido por um sujeito diferente na tecitura do texto. Nas seções de introdução e conclusão, o "eu" é assumido por mim, Luiz André Neves de Brito. Já, nas seções após a introdução, os vários "eus" são assumidos pelas pesquisadoras ao relatarem suas memórias-grafia. Assumimos esse modo de enunciação para deixar marcada a autoria plural e singular do modo como cada sujeito-autor deste texto se inscreveu na memória coletiva do PPGL, em seus 20 de existência.

SUMÁRIO

consequentemente, suas contribuições teórico-metodológicas para o Grupo de pesquisa Escrita e leitura: práticas plurais³ (UFSCar).

Ao inscreverem suas memórias neste capítulo, as cinco pesquisadoras revisitam e rememoram cenas que, em seu conjunto, contribuíram para a memória acadêmico-científica do PPGL ao longo desses 20 anos. Essas cinco vozes femininas, ao seu modo, inscreveram seus lugares de fala não só na historiografia de um grupo de pesquisa, como também na historiografia de um programa de pós-graduação, mas, sobretudo, na historiografia da ciência linguística aplicada. Nesse sentido, este capítulo contribui para mostrar o protagonismo feminino no fazer científico da linguística brasileira. Sim, a linguística no Brasil se faz no feminino (cf. Carvalho; Freitag, 2022). Compreendo esse efeito identitário da linguística no Brasil, a partir das seguintes afirmações delineadas por Eni Orlandi (2006):

1. A identidade é movimento na história;
2. Ao significar, o sujeito se significa;
3. Identidade não se aprende, isto é, não resulta de processos de aprendizagem, mas refere, isso sim, a posições que se constituem em processos de memória afetados pelo inconsciente e pela ideologia;
4. Todo processo de significação é construído por uma “mexida” (deslize) em redes de filiações históricas (M. Pêcheux, 1983), sendo, desse modo, ao mesmo tempo, repetição e deslocamento. (Orlandi, 2006, p. 204)

As memórias-grafia⁴ aqui inscritas dão a devida visibilidade a essas cinco mulheres pesquisadoras que, contra todas as adversidades social, de gênero e de raça impostas por uma sociedade patriarcal, reivindicaram seu lugar de fala no espaço científico. As seções

3 Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0552499560220580.

4 Utilizo o termo memória-grafia fazendo referência ao fato de as memórias terem sido encenadas por meio da escrita e, principalmente, por se tratar de um processo de inscrições de memórias em outras memórias.

SUMÁRIO

que seguem essa introdução, escritas em tom pessoal por cada uma dessas pesquisadoras, trazem relatos não só de como suas pesquisas enveredaram por caminhos/sentidos entre muitos possíveis dentro da linha de ensino e aprendizagem de línguas, como também de como se aproximaram e construíram seus percursos no e com o PPGL. Dessas relações dialógicas, nasceram a pluralidade de pesquisas do grupo: i) a Profa. Dra. Alessandra Fracaroli Perez, cuja pesquisa sobre educação a distância resultou na tese “A legislação da Educação a Distância no Brasil: uma análise discursiva materialista dos conceitos de aluno e professor” (2019); ii) a Profa. Dra. Tarcilane Fernandes da Silva, cuja pesquisa sobre o livro didático resultou na tese “Leitura e discurso: uma análise discursiva dos sujeitos leitores inscritos no livro didático do Ensino Médio Português Linguagens” (2019); iii) a Profa. Dra. Aparecida de Fátima Brasileiro, cuja pesquisa etnográfica sobre letramento literário na sala de aula resultou na tese “Letramento literário na sala de aula: as práticas pedagógicas de leitura e de atuação do aluno/leitor” (2020); iv) a Profa. Me. Letícia Silveira, cuja pesquisa etnográfica sobre o letramento acadêmico resultou na dissertação “Escrita na universidade: um estudo etnográfico acerca dos desafios do fazer científico de estudantes no ensino” (2021); e v) a Profa. Dra. Eloíza Martins Primo Capeloci, cuja pesquisa sobre a escrita no meio digital resultou na tese “Dos multiletramentos à gramática do design visual: uma análise do hipergênero e-zine” (2023). Sejam, então, conduzidos pelos relatos dessas mulheres pesquisadoras com quem tenho tido o prazer de trabalhar, investigando e refletindo sobre ensino e aprendizagem de língua materna.

MEMÓRIA-GRAFIA DE ALESSANDRA FRACAROLI PEREZ: "PROGRAMAS COMO O PPGL NÃO APENAS PRODUZEM CONHECIMENTO; TRANSFORMAM VIDAS E MODIFICAM FUTUROS"

SUMÁRIO

Cheguei à Universidade Federal de São Carlos no final de 2014, impulsionada pelo desejo de aprofundar minha trajetória acadêmica que se iniciou com uma formação em Pedagogia, seguida de uma especialização lato sensu em Direito Educacional e um mestrado concluído na USP. Orbitando em torno de um eixo central – a Educação mediada por tecnologia, meu percurso sempre se caracterizou por um movimento pendular constante entre teoria e prática, entre a pesquisa acadêmica e a aplicação no cotidiano educacional.

Essa temática concedeu-me ampla liberdade investigativa, permitindo-me identificar lacunas em diversas frentes. Na graduação, explorei o papel do tutor na mediação pedagógica; na especialização, debruicei-me sobre a legislação da educação a distância; e no mestrado, na Escola de Engenharia de São Carlos (EESC-USP), pesquisei a Presença Social, elemento da Comunidade de Inquirição (*Community of Inquiry*), modelo desenvolvido por Garrison, Anderson e Archer. Como resultado dessa investigação, traduzimos e adaptamos um instrumento de mensuração de presença social, desenvolvido por Kim (2011), permitindo sua aplicação em diversos contextos de ensino mediado por tecnologia.

Contudo, ansiava por novos caminhos que me permitissem um aprofundamento teórico e analítico mais robusto sobre essa modalidade de ensino. Algo novo, desafiador e significativo. O encontro com a Análise de Discurso (doravante AD), com suas ramificações e sua potência em descortinar dizeres aparentemente

solidificados, foi decisivo. O fascínio por essa linha de pesquisa foi imediato, e mergulhei na elaboração de um projeto para o edital de ingresso de 2015.

Sob a orientação da Profa. Dra. Ana Silvia Couto de Abreu, submeti um projeto intitulado “Política Pública para Educação Básica – uma análise discursiva do guia de tecnologia educacional”, cujo *corpus* principal seriam as versões dos Guias de Tecnologias Educacionais do MEC (2009, 2011/2012 e 2013). O objetivo era analisar o discurso oficial do Ministério da Educação sobre tecnologia educacional, mobilizando o quadro teórico-metodológico da AD.

Eis que, em 2015, ingressei oficialmente no doutorado. O ano foi dedicado integralmente a cursar disciplinas, em uma jornada tripla que conectava Batatais (minha cidade), Ribeirão Preto (meu local de trabalho) e São Carlos (meus estudos). Encontrei no PPGL um corpo docente acolhedor, portador de um conhecimento ímpar. As aulas, marcadas pela profundidade teórica, constantemente ecoavam em minha pesquisa, permitindo-me estabelecer relações frutíferas entre os conceitos estudados e meu objeto de investigação.

Todo esse período foi também de intenso e produtivo diálogo com minha orientadora. Em reuniões regulares, discutíamos o tema, a linha de pesquisa e os autores fundamentais, como Pêcheux e Eni Orlandi. Foram anos de intenso aprendizado, materializado em artigos, participação em eventos científicos e palestras. Nessas discussões, a pesquisa foi sendo moldada e, após profunda reflexão, amadureceu, culminando em uma reorientação do corpus e na abertura de novos caminhos investigativos.

Nesse novo percurso, no entanto, surgiu um evento inesperado: a aposentadoria da querida Profa. Ana Silvia Abreu. Foi um momento de grande apreensão, dada a sintonia já estabelecida e a pesquisa já encaminhada. Compreendemos, naturalmente, a importância daquela decisão em sua trajetória pessoal. Ela, então,

me informou que um novo orientador entraria em contato: o Prof. Dr. Luiz André Neves de Brito.

A transição, confesso, foi recebida com certa ansiedade. Como um pesquisador de outra linha de pesquisa, apesar de trabalhar com os mesmos referenciais teóricos, receberia uma pesquisa já em estágio avançado de maturação? Lembro-me do nosso primeiro encontro. Há muitos atributos acadêmicos que poderiam ser listados sobre o professor Luiz André (era assim que o chamava): sua inteligência aguçada, paixão pela pesquisa, inquietude intelectual e criatividade – qualidades evidentes em seu Lattes. Mas, neste relato, desejo destacar o orientador humano que ele foi e é. Acolheu-me, ouviu com respeito o trabalho já desenvolvido, incorporou-o com sensibilidade e guiou-me com precisão e apoio até a conclusão do doutorado.

Sob sua orientação, defendi com sucesso minha tese, intitulada “Análise discursiva da legislação da graduação da educação a distância” (Perez, 2019). Trata-se de uma pesquisa da qual me orgulho e que utilizo até hoje, uma vez que a cada nova legislação publicada sobre EaD, os arquivos analisados ganham novo movimento, permitindo-me atualizar e dar continuidade às investigações.

Ao professor Luiz André, materializo minha gratidão com uma frase de Carl Jung: “Ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”. No ambiente acadêmico, por vezes tão focado em titulações e produções, ele escolheu ser, acima de tudo, uma alma humana. Foi essa humanidade que me guiou e que tanto prezo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, pelos seus 20 anos de excelência, à Profa. Dra. Ana Silvia Couto de Abreu, pela fundamentação inicial e acolhida, e ao Prof. Dr. Luiz André Neves de Brito, pela condução magistral até a finalização: o meu mais profundo e grato obrigada. Programas como o PPGL não apenas produzem conhecimento; transformam vidas e modificam futuros.

MEMÓRIA-GRAFIA DE TARCILANE FERNANDES DA SILVA:

"ESSA TRAJETÓRIA É FRUTO DE MUITO ESFORÇO PESSOAL,
MAS TAMBÉM DO ACOLHIMENTO GENEROSO DA UFSCAR"

O convite para narrar as memórias acerca do meu Doutorado, realizado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), entre 2015 e 2018, levou-me a um mergulho em minha própria história de vida permeada de desafios desde a infância até a concretização do sonho maior: passar num concurso público.

Nasci em Teresina, no Piauí, em 1985. Desde a infância, vivi as privações que marcaram minha trajetória: menina negra, filha de mãe solo e criada na periferia, cresci sem acesso a livros ou a qualquer forma de capital cultural. Sempre frequentei escolas públicas e, devido à limitação financeira, para seguir estudando, escrevia todas as lições escolares a lápis, de modo que, ao final do ano, pudesse apagar as páginas e reutilizar o mesmo caderno no ano seguinte.

Mesmo morando na capital, habitava em uma casa muito insalubre, sem acesso à luz ou a qualquer tipo de saneamento básico. Minha mãe, uma mulher sem estudos, sozinha, criava três filhas (eu e minhas duas irmãs), oferecendo serviços de faxina de porta em porta em troca de um quilo de carne ou de algo que nos alimentasse. Foi nessa realidade que cresci e me criei, experimentando desde cedo "os efeitos do veredito social estabelecido contra nós" que somos pobres (Eribon, 2020). Isso me fez perceber que, naquela conjuntura social e econômica a que pertencia, estudar talvez fosse a única saída para conquistar dias melhores. E por toda a vida, essa foi minha grande motivação: estudar e passar num concurso público a fim de mudar a minha vida e a da minha família.

SUMÁRIO

Concluí o ensino básico e, logo em seguida, passei no vestibular para o curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Com toda a motivação que me acompanhava, terminei a Graduação, depois fiz Especialização e, por fim, o Mestrado acadêmico em Letras na Universidade Federal do Piauí. Ainda no segundo ano de Mestrado, comecei a sonhar com o Doutorado, mesmo sabendo que em minha cidade, nessa época, não existia essa possibilidade. Foi por isso que, no dia 16 de agosto de 2014, deixei tudo para trás em Teresina e me mudei para São Carlos (SP), a fim de tentar fazer o Doutorado em Linguística da UFSCar.

Quantos sonhos carreguei nessa mudança! Junto deles, levei também medos e incertezas. Ainda assim, maior que o medo era o desejo de estudar, e foi esse desejo que me fez deixar tudo em Teresina e partir para uma cidade desconhecida, onde eu não conhecia ninguém, apenas com a esperança de passar na seleção do Doutorado e sobreviver com a bolsa de R\$ 2.200,00, que seria meu sustento longe de casa. Era tudo muito incerto, mas para quem nunca teve nada na vida, ousar era a única forma de seguir.

A prova para a seleção só ocorreria em novembro, o que me dava um tempinho para estudar. E foi o que eu fiz, aproveitei esses meses para me dedicar às leituras indicadas nas referências do edital e para fazer aulas de francês, a fim de me preparar para o exame de proficiência. No mês de novembro, fiz a prova e fui aprovada. E, em março de 2015, iniciei oficialmente as aulas no meu tão sonhado Doutorado, e o melhor, na UFSCar, a universidade que sempre almejei. Era um sonho se tornando realidade.

Os quatro anos do Doutorado transcorreram muito rápido, apesar disso, saltava aos olhos o quanto eu evolui nesse tempo. Ao longo desse percurso, cresci como estudante, pesquisadora e ser humano. Entre histórias vividas e pessoas encontradas, construí laços que permanecem comigo – porque trouxe um pouco de cada uma delas e deixei nelas também algo de mim.

SUMÁRIO

No final do meu primeiro ano de Doutorado, mudei de área e passei a ser orientada pelo professor Dr. Luiz André de Brito, um ser humano incrível que me acolheu e me indicou as pesquisas em Análise do Discurso, área que pesquiso até hoje e que, ousado dizer, me atravessa de diferentes formas. No terceiro ano de Doutorado, surgiu em minha cidade um concurso público para professor efetivo da UESPI. Mais uma vez, o professor Luiz André me incentivou e me deu todo o apoio para eu me inscrever e fazer a prova. Eu fiz e fui aprovada!

Em agosto de 2018, após concluir o Doutorado, tomei posse como professora efetiva da Universidade Estadual do Piauí. Foi uma mudança definitiva em minha vida: regressei à minha terra natal, Teresina, e reencontrei a universidade que me formou, agora como lugar de atuação profissional. O sonho tomava corpo e se tornava realidade. Nesse novo ciclo, trabalhando na UESPI, criei o Grupo de Pesquisa em Ensino, Leitura e Discurso na Contemporaneidade (GPELD), publiquei, com apoio da FAPEPI (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí), meu primeiro livro — fruto da minha tese de Doutorado — e passei a integrar o corpo docente permanente do Mestrado Acadêmico em Letras. Atualmente, estou iniciando a escrita do meu segundo livro solo, e comandando projetos de pesquisa e extensão, fortalecendo, inclusive, parcerias interinstitucionais, a fim de ampliar fronteiras e construir pontes entre instituições, especialmente com a UFSCar, que segue como parceira em projetos de pesquisa e extensão, fortalecendo não apenas minha trajetória acadêmica, mas também o compromisso com uma ciência voltada à transformação social.

Hoje, afirmo com orgulho que venci. Transpus as barreiras do determinismo social, deixei para trás a pobreza extrema e alcancei lugares que antes me pareciam impossíveis: a formação acadêmica, as pós-graduações e a aprovação em um concurso público. Essa trajetória é fruto de muito esforço pessoal, mas também do acolhimento generoso da UFSCar, que me abriu caminhos e tornou viável a concretização desse sonho.

Sou grata à UFSCar e ao seu corpo docente pela acolhida generosa e pelos ensinamentos que transformaram minha trajetória. Hoje, em sinal da admiração que guardo por essa instituição, recomendo sempre aos meus orientandos de Mestrado que busquem a seleção de Doutorado da UFSCar, uma universidade rica em conhecimento, diversidade e humanidade, onde a ciência se faz junto com a vida.

MEMÓRIA-GRAFIA DE APARECIDA DE FÁTIMA BRASILEIRO: "ERA NOS ENCONTROS NO PPGL, EM CADA ESPAÇO ACOLHEDOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS QUE A MINHA PESQUISA IA TOMANDO CORPO"

O fascínio pelo ensino de literatura surgiu ainda na graduação, em uma sala de aula do componente curricular – o Estágio Supervisionado. O fascínio me levou à pesquisa de mestrado em que investiguei o letramento literário no livro didático de língua portuguesa. Porém, algo me inquietava e precisava ir além. Queria sentir/compreender o espaço pedagógico, o barulho dos alunos, as vozes e interações próprias de uma escola. Decidi, então, realizar uma pesquisa etnográfica sobre o ensino de literatura. Foi este desafio que me conduziu ao doutorado em Linguística no PPGL, onde portas se abriram, diversificando o meu olhar. Com os docentes do programa, muitas discussões se evidenciaram, teorias iam tomando forma e o meu projeto se (re)significava nesse entremeio.

Era março de 2016, em uma das salas de aula da Universidade Federal de São Carlos, as discussões sobre o ensino de língua materna, sob a reflexão dos estudos do(s) letramento(s), começaram

SUMÁRIO

a me inquietar, pois sabia que algo estava se desenhando, algo se iniciava ao ouvir o professor Luiz André mencionar dois autores estudiosos do letramento: Barton e Hamilton (1998). Até então desconhecidos, neles começava a encontrar o que queria. Atravessada pelas discussões sobre práticas e eventos de letramento, brilhavam meus olhos, pulsava minha curiosidade. Estava instigada em como conduzir o diálogo entre essas questões e a minha pesquisa em letramento literário (Cosson, 2011).

Estava indecisa nas discussões teóricas, nas bases metodológicas, mas sabia que precisava adentrar o espaço pedagógico e vivenciar o que a sala de aula me oportunizaria. Dessa forma, comecei, ainda imatura, o meu diálogo com os autores. Cada palavra me transportava para uma experiência futura que imaginava ser significativa e relevante. Foram marcações nos textos, seleções de abordagens pertinentes, análise dos conceitos de Letramento, abordados por Street (1984) – pontapé inicial que me levaria a um lugar a que nunca imaginaria ter chegado.

Era, nos momentos de orientações com o professor Luiz André, nos encontros no PPGL, em cada espaço acolhedor da Universidade Federal de São Carlos que a minha pesquisa ia tomando corpo, destravando a problemática inicial. Entre leituras e diálogos teóricos, o texto se anunciava sob o direcionamento do professor que, com sua paciência e sua base teórica, me deu condições para dessecar a teoria e levá-la para a sala de aula.

Foi nesse espaço acolhedor/motivador que nasceu a tese “Letramento literário na sala de aula: As práticas pedagógicas de leitura e a atuação do aluno/leitor”, cujo objetivo era conhecer quais práticas pedagógicas de literatura eram desenvolvidas no Ensino Médio e como os alunos atuavam em relação às práticas de leitura literária desenvolvidas pelos docentes. Nessa busca, multiplicidades de vozes, sob a perspectiva dos modelos ideológicos do letramento (Street, 1984), teciam o modo como ia abordando o letramento literário

como prática social e plural no espaço pedagógico, ou seja, compreendendo o letramento literário na sua relação com o contexto social pedagógico, atravessado por processos de interação e relações ideológicas específicas. Retomando palavras inscritas em minha tese,

o modelo ideológico faz referência ao espaço educacional, às dimensões sociopolítica e culturais em que os sujeitos plurais estão imersos. O espaço didático não acontece meramente entre as paredes frias de uma sala de aula. Ele traz consigo as amplas constituições ideológicas que se interconectam e processam, construindo histórias, revendo memórias, promovendo novas identidades (Brasileiro, 2020, p. 24).

Sob este princípio, foram praticamente quatro anos construindo conceitos, analisando as faces da teoria e as vozes do professor orientador, associando-as ao espaço pedagógico, cruzando os discursos dos educandos, docentes e o letramento literário. Como digo na tese, “as diversas possibilidades do termo ampliam as teorizações e permitem a criação de novos conceitos a depender da interação entre os sujeitos e das atividades desenvolvidas por eles em cada esfera comunicativa” (Brasileiro, p.24, 2020).

A maior conquista de um(a) pesquisador(a) é descobrir que a teoria se reinventa na prática da sala de aula e lá ela se reconfigurava com suas nuances. Cada lugar de fala trouxe o sussurrar das práticas de letramento e dos eventos de letramento e neles o PPGL deixou sua marca em um espaço distante fisicamente, mas presente indiretamente em cada olhar dos alunos observados. Mesmo em espaços físicos distantes, entre a Bahia e São Paulo, durante todo esse período da pesquisa, uma relação de amor, construção e descoberta se constituía na tessitura da produção da tese.

Atualmente levo essa mesma discussão aos alunos do curso de Letras, na disciplina de Estágio Supervisionado, e com ela retomo a base teórica, as discussões no espaço acadêmico, as vozes dos docentes pesquisados e uma nova pesquisa se inicia. Um ciclo que se iniciou

SUMÁRIO

no campus da UNEB, Caetité/BA, se direcionou ao PPGL, ao transitar pela base teórica, por um espaço educacional, retornou ao PPGL e agora ressurgiu em uma nova configuração, mas mantendo o cerne inicial de interação e diálogo que o letramento oportuniza. Continuo acreditando em como uma educação de qualidade se configura no contexto da valorização da leitura e transmitindo aos meus alunos o quão significativa é a imersão no espaço educacional para vivenciar a leitura literária e a sua manifestação significativa em cada leitor.

Agradeço imensamente a presença do professor Luiz André, que me acolheu, me orientou e me fez trilhar um percurso, cujo processo desconhecia. Agradeço por cada palavra, pela paciência de sempre e por me fazer acreditar que era possível.

Nesse momento de celebração de 20 anos, parablenzo toda a equipe que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, sobretudo, todos os docentes que me fizeram refletir e aprender muito. Foi nessa imensidão de aprendizado que me descobri e percebi que era mais do que imaginava. Senti realmente que ser pesquisadora é algo que faz parte de cada um de nós e que precisamos de pessoas para nos lançar ao mundo dos questionamentos e nos fazer cada vez mais inquietos, levando um pouco do meu conhecimento para interagir com todos os colegas e professores com que tive o prazer de dialogar.

Hoje a pesquisa se reinventa com novos sujeitos na minha sala de aula como educadora e me faz reviver cada cantinho do PPGL, cada leitura, cada teoria, cada reflexão feita pelos docentes. Com a satisfação de levar a minha pesquisa aos meus alunos, recebo com imensa satisfação o convite de fazer o registro desse texto. Todas essas relações dialógicas me fazem acreditar que a pesquisa não é apenas a busca de responder a problemática de um projeto, mas também a satisfação de fazer com que os meus alunos possam se inquietar e criar questionamentos buscando uma prática docente significativa e viva no contexto de ensino e aprendizagem da língua materna, por meio do letramento literário.

MEMÓRIA-GRAFIA DE LETÍCIAS SILVEIRA: "O ENSINO DA ESCRITA PRECISA SER ORIENTADO PELA SUA HETEROGENEIDADE, PELA PLURALIDADE DE CAMINHOS QUE A CONSTITUEM"

Durante toda a minha vida, fui uma criança fascinada pelas palavras. Lia com voracidade, escrevia com entusiasmo e, aos sete anos, já havia produzido meu primeiro livro de histórias. Filha de professores, cresci entre livros e cadernos, envolvida por uma atmosfera em que o estudo, a leitura e a escrita não eram apenas hábitos, mas pilares da existência. O amor pela linguagem e pela comunicação sempre esteve presente em mim, como uma respiração natural. No entanto, foi apenas em 2012, ao ingressar na Universidade Federal de São Carlos, que fui oficialmente apresentada à Linguística. Tinha apenas 17 anos, muitos sonhos, esperanças e uma sede intensa por independência. Sei que, para muitos jovens, o curso universitário não se mostra logo de início como um chamado definitivo. Para mim, porém, a experiência foi diferente: não houve um único dia em que duvidasse de que aquele era o caminho que desejava seguir.

Desde então, uma pergunta sempre me acompanhou: afinal, o que faz um linguista? Diante da vastidão de possibilidades, encontrei uma área que me concedia a liberdade de trabalhar com a linguagem da forma como sempre sonhara. Editora, revisora, professora – percorri todos esses papéis durante e após a graduação. No entanto, a verdadeira vocação revelou-se com maior força quando passei a vivenciar e a mergulhar no ensino da escrita. Foi nessa relação entre docência e linguagem que encontrei meu espaço mais genuíno.

Em 2017, ingressei no Mestrado no PPGL e, então, fui introduzida em um universo ainda mais arrebatador: o da pesquisa. Há algo de mágico em observar um fenômeno linguístico acontecendo em tempo real, como se a língua fosse um organismo vivo, pulsante,

SUMÁRIO

em constante transformação. A partir de uma pesquisa etnográfica, compreendi que a linguagem é feita de vozes, de corpos, de sujeitos e de experiências. Lembro-me vividamente de acompanhar uma disciplina de produção textual ministrada por meu orientador, um grande professor, cuja prática buscava estimular a criatividade dos alunos em múltiplas formas. Ao investigar revistas acadêmicas fictícias e projetos de trabalho de conclusão de curso, percebi que os letramentos acadêmicos não são apenas técnicas ou procedimentos, mas práticas sociais. Foi nesse processo que emergiu em mim um desejo até então silenciado: o de orientar uma aprendizagem baseada, sobretudo, no pensar.

Dois anos depois, em 2019, adentrei o universo da produção textual pré-universitária, em especial no contexto do ENEM, e minha vida profissional mudou de rumo. Dessa experiência, trouxe comigo um mantra que carrego até hoje: “pensar por meio da escrita”. Desde então, ele se tornou guia do meu trabalho, atravessando minhas aulas, minhas correções e, principalmente, a forma como concebo o ensino. Por isso, logo em 2021, iniciei o doutorado com a intenção de unir duas paixões que se consolidaram ao longo de minha trajetória: a pesquisa e a escrita.

Agora, em reta final dessa etapa de doutoramento, ao investigar a produção textual de escreventes pré-universitários, reafirmo uma convicção profunda: o ensino da escrita precisa ser orientado pela sua heterogeneidade, pela pluralidade de caminhos que a constituem — desde a leitura até a circulação social dos textos. Afinal, não somos seres isolados, independentes em absoluto; somos dialógicos, plurais, e nossas palavras carregam sempre as marcas das palavras dos outros. É por isso que, como professora, entendo que não basta analisar apenas o que o aluno escreve, mas é essencial compreender como ele escreve, em quais vozes ele se ancora, de que experiências se alimenta, a que horizontes aponta.

SUMÁRIO

Nesse sentido, entre Street e Bakhtin, no mestrado, e Maingueneau e Pêcheux, no doutorado, encontrei vozes que caminharam comigo e me ajudaram a compreender a complexidade da linguagem, da leitura e da escrita. Cada um deles, a seu modo, trouxe lentes que me permitiram enxergar a pluralidade que constitui o ato de escrever: de Street, a noção de práticas de letramento como experiências sociais; de Bakhtin, a dialogia que revela a palavra sempre atravessada pelo outro; de Pêcheux, a importância das condições de produção que marcam o discurso; e de Maingueneau, o *ethos* discursivo que mostra como o sujeito se constrói na/pela enunciação. Esses referenciais não apenas fundamentaram minha formação acadêmica, mas também ressoaram na minha prática profissional, pois me ensinaram que escrever é sempre um gesto plural, situado, vivo — um processo em que o sujeito se constitui, se transforma e se reconhece.

Se a escrita é processo contínuo, também o é a minha trajetória. Portanto, concluir esse percurso não significa encerrar, mas reconhecer que ensinar a escrever é, antes de tudo, ensinar a pensar, a dialogar e a se posicionar no mundo. Essa travessia, que não termina com a defesa do doutorado, reafirma meu compromisso em transformar a sala de aula em um espaço vivo, plural e reflexivo, onde cada aluno possa encontrar, na escrita, a sua própria voz. É nesse movimento que reconheço a importância do PPGL em minha formação: um espaço que não apenas me acolheu, mas me desafiou a amadurecer como pesquisadora, professora e, sobretudo, como alguém que acredita na potência da linguagem e da educação. Ao Programa, deixo minha gratidão mais profunda, por ter sido o chão fértil em que essa trajetória pôde florescer.

MEMÓRIA-GRAFIA DE ELOÍZA MARTINS CAPELOCI:

"A PESQUISA ACADÊMICA É TAMBÉM UMA
EXPERIÊNCIA COLETIVA. MINHA TRAJETÓRIA
NÃO SE FEZ APENAS DE MARCOS ACADÊMCISO,
MAS, SOBRETUDO, DE EXPERIÊNCIAS HUMANAS"

SUMÁRIO

Ao olhar para trás e revisitar os caminhos que me conduziram ao doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos, percebo que minha trajetória não se fez apenas de marcos acadêmicos, mas, sobretudo, de experiências humanas, de desafios e de resistências. Foi nesse movimento constante entre vida e pesquisa que amadureci, como profissional e como pessoa, para compreender os sentidos do que se tornaria a tese "Dos multiletramentos à gramática do design visual: uma análise do hipergênero "e-zine" (Capeloci, 2023).

O desejo de me aprofundar no tema dos multiletramentos nasceu do meu percurso como professora. Em sala de aula, observava as transformações que a cultura digital impunha às práticas de leitura e escrita. Já não se tratava apenas de ensinar o código alfabético, mas de compreender como imagens, sons, cores, tipografias e recursos digitais se articulavam na produção de sentidos. Essa inquietação foi se intensificando ao longo dos anos, até que percebi no doutorado o espaço possível para investigar, com rigor teórico e metodológico, questões que já atravessavam minha prática.

No mestrado em Letras pela UNESP/Assis, meu olhar já se voltava para os multiletramentos, especialmente para compreender como diferentes linguagens e práticas sociais permeiam a leitura e a escrita na contemporaneidade (Cope; Kalantzis, 2000; Rojo, 2014). Ao ingressar no doutorado, essa trajetória ganhou novos contornos

com a aproximação à Gramática do Design Visual [doravante GDV] (Kress; Van Leeuwen, 2006), que ampliou minhas ferramentas de análise ao permitir examinar dimensões visuais e composicionais dos textos multimodais. Se os multiletramentos favoreciam a compreensão social e cultural das práticas de linguagem, a GDV acrescentava o instrumental necessário para analisar como cores, imagens, tipografia e layout produzem sentidos e dialogam com o leitor. Assim, minha pesquisa articulou ambas as perspectivas: de um lado, a diversidade de práticas de linguagem; de outro, a materialidade visual que organiza e direciona a experiência de leitura.

O contexto da pandemia de Covid-19 atravessou profundamente essa jornada. O isolamento social, as aulas remotas e os desafios de reorganizar a vida pessoal e acadêmica à distância foram, ao mesmo tempo, obstáculos e motores de reinvenção. Como afirmam Romanowski, Wunsch e Mendes (2020), o ensino remoto intensificou a necessidade de incorporar tecnologias digitais ao cotidiano escolar, evidenciando desigualdades e exclusões. Assim, a pandemia não apenas transformou as condições de desenvolvimento da tese, mas também tornou ainda mais urgente a reflexão sobre as práticas de linguagem em ambientes digitais.

Foi nesse cenário que os e-zines emergiram como objeto de análise. Esse hipergênero, que nasce da tradição dos fanzines impressos e se reinventa em formato digital, reúne múltiplos recursos: textos, imagens, hiperlinks, vídeos, QR Codes e infográficos. Os e-zines produzidos no projeto de ensino e pesquisa “Comunicação e expressão: interfaces com ciência, tecnologia, sociedade e linguagem” (UFSCar) constituíram o corpus de minha pesquisa, desafiando-me a observar como os autores experimentavam novas formas de escrita e comunicação (Capeloci, 2023).

Ao analisar sumários, introduções, capas, layouts e escolhas tipográficas, percebi que tais produções revelavam tanto potencialidades quanto limitações. De um lado, destacavam-se a criatividade

SUMÁRIO

SUMÁRIO

no uso do digital, a integração de diferentes linguagens e o desejo de expandir sentidos para além do verbal. De outro, os recursos multimodais mais complexos – como vídeos, áudios e animações – apareciam ainda pouco explorados, o que me levou a questionar se isso decorria de limitações técnicas ou de escolhas deliberadas dos autores em manter formatos próximos do impresso.

A GDV, nesse contexto, mostrou-se essencial para decifrar os sentidos produzidos não apenas pelo texto escrito, mas também pelo conjunto de escolhas gráficas e visuais. O exame das metafunções – representacional, interativa e composicional – possibilitou compreender como os estudantes organizavam títulos e subtítulos, destacavam informações por meio de cores e imagens e estabeleciam hierarquias informativas que direcionavam o olhar do leitor (Kress; Van Leeuwen, 2006).

Esses resultados indicam que os e-zines funcionam como espaços de experimentação, nos quais a criatividade e a agência dos jovens autores se articulam às limitações técnicas e contextuais de sua produção. Mais do que apontar lacunas, como o uso restrito de recursos multimodais, foi possível reconhecer a emergência de novas formas de autoria e leitura na cultura digital. Ao mesmo tempo, tais achados reforçam a necessidade de repensar a formação docente, preparando professores para trabalhar com práticas que combinem o verbal e o visual de modo crítico e produtivo (Soares, 2003; Street, 1984).

Assim, investigar os e-zines significou reconhecer a materialidade dos multiletramentos nos textos digitais e compreender a GDV como ferramenta potente para analisar como as escolhas semióticas estruturam sentidos. Essa articulação teórico-metodológica não apenas sustentou a pesquisa, mas também ressignificou minha prática docente, ao mostrar que formar leitores e produtores de textos na contemporaneidade implica prepará-los para atuar em ambientes multimodais.

O doutorado foi, portanto, mais que um exercício analítico: representou um mergulho em uma concepção ampliada de linguagem. Estudar os e-zines permitiu reafirmar que ser letrado hoje significa transitar por múltiplas linguagens, compreender articulações entre modos e reconhecer que leitura e escrita se expandem em territórios digitais (Rojo, 2012; Ribeiro, 2020; Kress, 2003). Essa percepção vai além do domínio técnico da língua, pois envolve práticas sociais situadas (Street, 1984) e múltiplas camadas de sentido que integram texto verbal, imagem, cor, tipografia e elementos interativos.

Não foi um percurso fácil. Houve momentos de dúvida, de cansaço e de vontade de desistir. Contudo, em cada etapa, encontrei apoio na família, nos amigos e no orientador, Prof. Dr. Luiz André Neves de Brito, que soube conduzir-me com paciência e parceria. Apreendi, nesse processo, que a pesquisa acadêmica é também uma experiência coletiva: ainda que a tese traga um nome na capa, ela é feita das vozes, presenças e ausências que nos atravessam.

Concluir o doutorado foi, ao mesmo tempo, encerrar um ciclo e abrir outros. A tese não é ponto final, mas um convite à continuidade: aprofundar a reflexão sobre os modos de produção digital, pensar a formação docente em tempos de cultura multimodal e buscar formas de democratizar o acesso ao conhecimento.

Hoje, ao escrever estas linhas em tom de memória, reconheço que minha trajetória não foi apenas a de uma pesquisadora que analisou e-zines sob a ótica dos multiletramentos e da GDV, foi também a história de uma mulher que, em meio à maternidade, às incertezas e às mudanças, buscou compreender um mundo em transformação e encontrou, na Linguística Aplicada, um espaço para dar sentido à experiência.

SUMÁRIO

ATANDO “NÓS”: MEMÓRIAS-GRAFIA PLURAIS DE RESISTÊNCIA E DE REEXISTÊNCIA

Para apreender as relações dialógicas possíveis entre as memória-grafias inscritas neste capítulo, assumo a metáfora do nó que me remete à “imagem de vários fios unidos de modo intricado, de tal maneira que não se possa seguir o percurso de um sem tocar os outros”. A operação que os desata e os estira, um ao lado do outro, só ganha sentido histórico e formal se o intérprete os reunir de novo” (Bosi, 2010, p. 398). Essa operação de atar os nós permite (re)construir não só uma memória historiográfica de um programa de pós-graduação em linguística, mas, sobretudo, de como essas mulheres pesquisadoras, em um processo decolonial, escaparam o cerco do patriarcado e não se deixaram adiar para outro local e outra hora (aqui faço referência à epígrafe de Virginia Woolf).

Cada uma, ao seu modo, se inscreveu, resistiu e se reexistiu como mulher cientista, como mulher linguista. Sim, a linguística se escreve com A⁵, pois “não há como dissociar a percepção sobre o que é ciência de quem pode fazê-la” (Azevedo; Barbosa; Guena, 2024, p. 4). Nesse sentido, este capítulo apresentou uma amostra da valiosa contribuição dessas pesquisadoras na formação histórica do PPGL e do Grupo de Pesquisa Escrita e Leitura: práticas plurais.

No seio do grupo de pesquisa, inscrito na linha de pesquisa ensino e aprendizagem de língua materna, essas cinco pesquisadoras inscreveram-se em teorias e metodologias plurais com o objetivo de refletir sobre a diversidade de vozes (individuais, sociais, regionais, profissionais) que constituem a escrita e a leitura como práticas

plurais situadas e, conseqüentemente, problematizar as práticas plurais de escrita e leitura no ensino do português como língua materna.

Por meio do(s) modo(s) como essas mulheres pesquisadoras relatam (rememorizam) seus processos de inscrição na esfera acadêmico-científica, as práticas científicas dessas pesquisadoras conduzem os letramentos acadêmico-científicos para além das habilidades de mobilizar um referencial teórico-metodológico. Retomando as palavras de Angela Kleiman (2012), o percurso traçado por cada uma dessas pesquisadoras leva-nos a uma compreensão de letramento acadêmico-científico como “um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder” (Kleiman, 2012, p. 11).

Sob o pressuposto descrito no parágrafo anterior, visou-se, ao longo deste capítulo-memória, não apenas falar sobre os desafios que cercam a visibilidade da mulher como pesquisadora, mas, sobretudo, mostrar as vozes de egressas do programa; pesquisadoras que se formaram no programa e se inscreveram no mundo da pesquisa sobre ensino e aprendizagem de Língua Materna. Um processo de inscrição marcado por resistências e reexistências.

Dito isso, é preciso inscrever a palavra “reexistência” no sintagma “letramentos acadêmico-científicos”. O que se mostra nas memórias-grafia dessas pesquisadoras são letramentos acadêmico-científicos de reexistência. Os modos de reexistência dessas pesquisadoras desestabilizam a esfera científica patriarcal, ressignificando e consolidando o papel da mulher nas práticas letradas acadêmico-científicas.

Por fim, inscrevendo-se nas reflexões da linguista aplicada Ana Lucia Silva Souza (2011), os letramentos acadêmico-científicos, aqui reivindicados como de reexistência, mostram-se singulares pois, ao capturar a complexidade social e histórica que envolve as

práticas do fazer científico, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como já cristalizado, validado e formalizado na esfera científica. Essas questões levantadas, segundo Silva, são importantes, pois mostram que os valores atribuídos aos usos [fazer] e sentidos de ciência por parte das memórias-grafia dessas pesquisadoras, ao mesmo tempo em que dizem de si, dizem também do movimento das mulheres na esfera científica e de letramento de resistência e reexistência, que vem sendo experimentado e vivenciado pelo protagonismo das mulheres na historiografia da linguística no Brasil (cf. Carvalho; Freitag, 2022).

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, J. M.; BARBOSA, H. K. F.; GUENA, M. Mulheres nos programas de pós-graduação stricto sensu no Brasil: um processo decolonial do saber. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, [S. l.], v. 19, n. 40, p. 1–26, 2024. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/2271>. Acesso em: 4 set. 2025.

BARTON, D.; HAMILTON, M.. **Local literacies**: Reading and writing in one community. Londres e Nova Iorque, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 ago. 2025.

BRASILEIRO, A. de F. **Letramento literário na sala de aula**: As práticas pedagógicas de leitura e a atuação do aluno/leitor. São Carlos. UFSCar, 2020.

CAPELOCI, E. M. P. **Dos multiletramentos à gramática do design visual**: uma análise do hipergênero e-zine. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSCar, 2023.

CARVALHO, D.; FREITAG, R. (orgs.). **Linguística no feminino**: vozes femininas que fizeram a linguística no Brasil. Editora da ABRALIN, 2022. Disponível em: <https://editora.abralin.org/wp-content/uploads/2022/12/Linguistica-no-feminino.pdf>. Acesso em: 03 de set. de 2025.

SUMÁRIO

COPE, B.; KALANTZIS, M. **Multiliteracies**: Literacy learning and the design of social futures. Londres: Routledge, 2000.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

ERIBON, D. **Retorno a Reims**. Belo Horizonte: Âyné, 2020.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. 2ª Ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. 2. ed. Londres: Routledge, 2006.

ORLANDI, E. Identidade linguística escolar. *In*: SIGNORINI, I. (org.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. 4ª reimpressão. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 203-212.

PEREZ, A. F. **A legislação da Educação a Distância no Brasil**: uma análise discursiva materialista dos conceitos de aluno e professor. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSCar, 2019.

RIBEIRO, A. E. **Práticas de letramento digital**. São Paulo: Parábola, 2020.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROMANOWSKI, J.; WUNSCH, L.; MENDES, G. **Educação e pandemia**: desafios e perspectivas. Curitiba: CRV, 2020.

SILVA, T. F. **Leitura e discurso**: uma análise discursiva dos sujeitos leitores inscritos no livro didático do Ensino Médio Português Linguagens. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSCar, 2019.

SILVEIRA, L. **Escrita na universidade**: um estudo etnográfico acerca dos desafios do fazer científico de estudantes no ensino. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSCar, 2021.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

4

Pedro Henrique Varoni de Carvalho
Lígia Mara Boin Menossi de Araújo

CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES DOS ESTUDOS DO DISCURSO NO PPGL - O MOVIMENTO DA HISTÓRIA¹

1

Entrevista de Vanice Sargentini, concedida à Profa. Dra. Lígia Menossi e ao Prof. Dr. Pedro Varoni de Carvalho.

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-520-6.8

SUMÁRIO

A professora **Vanice Sargentini** construiu uma trajetória marcada pela dedicação ao ensino, à pesquisa e à gestão acadêmica, consolidando-se como uma das referências nacionais na área da Análise do Discurso de orientação francesa. Uma das **pioneiras do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar (PPGL)**, teve papel decisivo na consolidação do programa e tornou-se sua **primeira coordenadora**, conduzindo a estruturação inicial e abrindo caminho para o fortalecimento da linha de Estudos do Discurso. A partir desse trabalho fundacional, contribuiu para que o PPGL se tornasse um espaço de destaque no cenário nacional e para a formação de várias gerações de pesquisadores, hoje atuantes em diferentes universidades brasileiras.

Sua produção científica é vasta e diversificada, abrangendo reflexões sobre discurso, sujeito, ideologia e práticas sociais em diferentes materialidades, sempre atenta às transformações históricas e às urgências políticas de cada momento. Além de seu papel como pesquisadora, a professora Vanice também se destacou pela atuação institucional, tendo desempenhado funções de liderança que foram decisivas para a consolidação do PPGL como um espaço de referência para os estudos da linguagem no Brasil.

Ao mesmo tempo, sua trajetória é atravessada pelas marcas de ser mulher e mãe em um espaço acadêmico ainda fortemente masculinizado, o que torna sua caminhada ainda mais significativa. A professora Vanice soube aliar o rigor científico e a contribuição intelectual com a experiência de vida que dá densidade à sua prática docente e de pesquisa, afirmando a importância da presença feminina na universidade e abrindo caminhos para que outras mulheres possam também inscrever suas vozes no campo da Linguística.

Na entrevista abaixo, a Professora Vanice relembra a implementação da área de Linguagem e Discurso do Programa de Pós-graduação em Linguística, situando as diferentes frentes de trabalho e pesquisa que se abriram; a importância do intercâmbio

com pensadores franceses e das fontes de financiamento para o fortalecimento do campo; a implementação e organização de sete edições do CIAD- Congresso Internacional de Análise do Discurso, tradicional evento da área sediado na UFSCar. A Professora Vanice também refaz o percurso teórico metodológico das leituras das obras de Michel Foucault, a partir do Labor, Laboratório de Estudos do Discurso, grupo de pesquisa que coordenou, e seu reflexo na definição de objetos e temas de pesquisa que, em sua multiplicidade, buscam elucidar a complexidade dos discursos políticos na contemporaneidade.

Na conversa, mediada pela Professora Lígia Menossi Araújo e o Professor Pedro Henrique Varoni de Carvalho, a Professora Vanice Sargentini nos oferece um generoso relato em retrospecto sobre o programa de Pós-graduação em Linguística, possibilitando apreender o estado da arte da área de Linguagem e Discurso. Memória que fala ao presente.

1. A partir do desenvolvimento de pesquisas do PPGL como se poderia avaliar, em retrospecto, a linha Linguagem e discurso e também os movimentos no campo dos estudos do discurso, no qual você se inscreve? Quais são as principais mudanças em relação ao momento atual?

De início, agradeço a oportunidade que esta entrevista me propiciou de refletir um pouco mais sobre as continuidades e descon- tinuidades dos estudos do discurso no PPGL nesses 20 anos. Minha primeira ação foi buscar a definição da linha de pesquisa Linguagem e Discurso e me surpreendi como o texto mantém-se o mesmo e é ainda bem atual, uma vez que caracteriza a linha de uma forma ampla e também a caracteriza na sua essência: *"As reflexões sobre o discurso norteiam-se por estudos históricos, políticos e sociais da linguagem. Privilegiam-se os seguintes domínios: gêneros, semântica histórica da enunciação e relações entre discurso e história"*. De fato, os estudos do discurso, nas mais diferentes filiações teóricas, têm

SUMÁRIO

por princípio balizador analisar os discursos em sua historicidade e em suas inscrições política e social, que não se separam da materialidade linguística. Com especificidades teóricas e terminológicas, bem como propósitos analíticos diversos, os estudos do discurso se solidificaram na área da Teoria e Análise linguística, em especial a partir dos anos de 1980 e com várias ramificações nos anos seguintes, atualizando seguidamente seus pontos de interesse. Quando se fala dos domínios em destaque no PPGL, desvela-se tanto um quadro representativo de correntes que tomam o discurso como objeto, bem como o perfil dos professores que atuavam no programa naquele início do curso em 2005. Eram (i) estudos baseados em Bakhtin, que se convencionou nomear posteriormente como Estudos Dialógicos do Discurso; (ii) estudos de uma teoria da enunciação que passa a se articular teoricamente com a Análise do discurso, fundamentando uma Semântica Histórica da Enunciação e (iii) os Estudos do discurso assentados nas relações entre discurso e história, seja por estabelecer laços com a vertente da Análise do discurso fundada em Michel Pêcheux, para quem os conceitos de história e memória se mostravam centrais na formação dos sujeitos e do discurso, seja por analisar os discursos por uma vertente arqueológica (saberes) e genealógica (poderes), centrada em Michel Foucault, para quem as práticas discursivas constroem o objeto de que fala.

Nesses 20 anos, o quadro de professores credenciados ampliou-se, possibilitando tanto o avanço e solidificação das pesquisas inscritas nos quadros teóricos mencionados, como foram acrescidas novas pesquisas fundadas na análise do discurso, de orientação (linha, vertente) francesa, como se convencionou nomear no Brasil. Os estudos que têm como objeto o discurso solidificaram-se seja pela produtividade de pesquisas e publicações, seja pela organização de fortes grupos de trabalho, como se pode ver nos quadros de Grupos de Trabalhos (GTs) da Anpoll que conta, entre outros, com o GT Análise do discurso e com o GT Estudos Discursivos Foucaultianos.

SUMÁRIO

Em um histórico de trabalho com a análise do discurso político, trilhei nos anos de 1990 o caminho que já se mostrava para mim assentado em Michel Pêcheux e Michel Foucault, uma vez que minha pesquisa sobre *Discurso e História: as vozes anarquistas no trabalhismo brasileiro*² exigiu que eu constituísse um arquivo da imprensa anarquista, ao longo de um período de mais de 20 anos, fundamentado tanto na análise da constituição do discurso político na formação do país, como na formação do discurso sobre o sujeito trabalhador. Além disso, sem que fosse um movimento consciente, aproximava-me das noções de Arqueologia e Arquivo, pretendendo compreender os saberes que atuavam na construção de uma dada história do Brasil. Um dos resultados dessa pesquisa foi chegar pela análise de publicações da Imprensa Operária às mutações do discurso anarquista em discurso comunista, considerando as continuidades e descontinuidades desse movimento. Creio que à luz desse estudo outros trabalhos que desenvolvi e orientei pautaram-se em acompanhar os movimentos dos discursos na construção de uma dada história, compreendendo, com Foucault, que as práticas discursivas erigem o objeto de que fala. Com isso, justifico como houve desde o início tendência de incorporar em minhas pesquisas os fundamentos foucaultianos.

Neste primeiro quarto de século, os estudos do discurso foram provocados a se questionar em razão de temáticas antes ainda não completamente expostas como: (i) as questões midiáticas permeadas pelo fenômeno das tecnologias digitais, ainda que anteriormente M. Pêcheux já indicasse a circulação como ponto central de análise; (ii) a problemática dos processos de subjetivação e das formações identitárias, tema que frequenta tanto os discursos sobre /de grupos memorizados, quanto os discursos em que se observa um agravamento dessa menorização dada pela interseccionalidade; e (iii) o tema da consequente intensificação do discurso neoliberal,

2

SARGENTINI, V. *Discurso e História: as vozes anarquistas no trabalhismo brasileiro*. Tese de doutorado. 1998.

SUMÁRIO

desta vez conjugado ao avanço da extrema direita e ao crescimento da adesão ao discurso neopentecostal. São temáticas que motivaram proposições teóricas, às vezes vindas de áreas conexas (como, por exemplo, o conceito de necropolítica, em diálogo com o conceito de biopolítica), ou ainda de conceitos foucaultianos como governamentalidade, dispositivo, resistência, pensados sob a luz das práticas discursivas.

2. Quais foram os principais momentos de aproximação com pensadores franceses como Jean Jacques Courtine, Marlène Coulomb-Gully e outros e como eles ajudaram a definir o campo da AD nas pesquisas feitas na vertente teórica que você atua no PPGL?

Considero que são duas frentes que motivaram e justificaram a aproximação com professores de outros países no PPGL. A primeira está no projeto, incentivado e financiado pela Capes, de internacionalização das pesquisas feitas no Brasil, seja na proposição de parcerias de pesquisa e convênios institucionais, seja no intercâmbio de doutorandos e professores. A segunda tem relação com o forte diálogo que as pesquisas no Brasil, na área das Ciências Humanas, estabeleceram com a França, em especial na área da Análise do discurso. Ao longo desses 20 anos, o PPGL contou com a presença de muitos professores estrangeiros, participantes de grupos de pesquisa, nas mais diversas áreas. De minha parte, o diálogo com Jean Jacques Courtine³ adveio teoricamente da tese que ele publicou em 1981, *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*⁴, cujo desenvolvimento expõe as articulações possíveis entre Michel Pêcheux e Michel Foucault, em especial fundadas em

3 Jean Jacques Courtine é professor emérito da Universidade Sorbonne Nouvelle e da Universidade da Califórnia. Foi um dos principais integrantes do grupo de Michel Pêcheux e em trabalhos como *Decifrar o corpo: pensar com Foucault* (Ed. Vozes, 2013), *História do Rosto* (Vozes, 2016) estabelece um diálogo profícuo com M. Foucault.

4 A tradução dessa tese foi publicada no Brasil em 2009, da qual eu participei da Revisão Técnica: COURTINE, J.J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. Prefácio de M. Pêcheux. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

SUMÁRIO

A *Arqueologia do Saber*⁵, nos conceitos de arquivo, nas problematizações sobre a noção de enunciado, sobre memória e discurso. Em outubro de 2006, propus e organizei, com o apoio do PPGL e da Capes, o I Colóquio Internacional de Análise do discurso⁶, com mesas que discutiram *AD: Filiações e Singularidades*; *AD: Objetos e Deslocamentos*; *AD: Conceitos e Objetos*; *AD: Objetos e Métodos, a leitura do arquivo* e nesse evento houve a conferência de J.J.Courtine, denominada *Deslocamentos da Análise do Discurso: história da expressividade*. A esse primeiro Colóquio, seguiram-se outros seis, a partir de então em parceria com a Profa. Dra. Luzmara Curcino e o Prof. Dr. Carlos Piovezani, tornando-se um evento consolidado na área, com financiamento Capes e Fapesp. No ano de 2007, sob a supervisão do Prof. Dr. J.J. Courtine, em estágio pós-doutoral, com apoio do CNPq, pesquisei sobre a noção de Semiologia Histórica, analisando uma arqueologia dos discursos políticos expressos também em uma genealogia das imagens. Destaco o apoio das agências de fomento, porque é vital para a discussão acadêmica, para o avanço da pesquisa e para a manutenção dos alunos nos Programas de pós-graduação.

O interesse sobre as mutações midiáticas do discurso político levou o grupo de pesquisadores do Labor/ CNPq⁷, sob minha coordenação (Laboratório dos estudos do discurso) a estabelecer o contato com a professora pesquisadora Dra. Marlène Coulomb-Gully⁸, que possuía pesquisas sobre mulheres, política e mídias, tendo publicado em o livro *Présidente: le grand défi: Femmes, politiques et médias*

5 A primeira edição do livro data de 1969 e apresenta a arqueologia como um método que se organizou em resumo ao modo de pesquisa empregado em livros anteriores. FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7ªed. RJ; Forense Universitária, 2004.

6 Informações e publicações sobre as sete edições do CIAD (Colóquio Internacional de Análise do discurso) podem ser encontradas na página: <https://www.ciad.ufscar.br/>

7 Informações sobre o Laboratório de estudos do discurso estão disponíveis em: <https://www.labor.ufscar.br/>

8 Marlène Coulomb-Gully é professora emérita da Universidade de Toulouse – Jean Jaurès. Sua pesquisa se concentra em gênero, política e mídia. Dentre outros, ela publicou os livros seguintes: *Sexisme sur la voix publique : femmes, éloquence et politique* (L'aube, 2022); *Femmes en politique, en finir avec les seconds rôles* (Nouveau Monde, 2016); *Présidente, le grand défi* (Payot, 2012).

SUMÁRIO

(Payot, 2012). A forte articulação existente entre os nossos interesses de pesquisas e aqueles desenvolvidos pela professora resultaram em excelentes estágios de intercâmbio de doutorandos e doutorandas⁹ e minha atuação como professora visitante na Universidade de Toulouse no ano de 2012. A essa altura, investigávamos mais especificamente sobre a análise do discurso político de campanha eleitoral e o discurso das mulheres e sobre as mulheres no discurso político¹⁰.

3. Nos últimos 20 anos, a linha de Estudos do Discurso no PPGL recebeu novos pesquisadores que trouxeram perspectivas diversas para o campo. A partir da sua experiência e do seu olhar de quem acompanhou essa trajetória desde o início, como você percebe o desenvolvimento da pesquisa em Análise do Discurso no programa? Você diria que, apesar dessa pluralidade, é possível reconhecer uma identidade que caracteriza o trabalho desenvolvido aqui?

Como disse no início, a descrição da linha de pesquisa (*As reflexões sobre o discurso norteiam-se por estudos históricos, políticos e sociais da linguagem*) acolhe a pluralidade de perspectivas de estudo do discurso, afinal o discurso é o objeto de investigação. Traçar as fronteiras entre diferentes correntes parece não trazer fortes contribuições, antes traz reducionismos e equivalências equivocadas. Defendo que a pergunta de pesquisa pode orientar a linha teórica que melhor conduz às hipóteses e aos resultados esperados.

9 Algumas pesquisadoras sob minha orientação estiveram em estágio de doutorado sob a supervisão da Profa. Marlène Coulomb-Gully: Luciana Carmona Garcia. *A ordem do olhar: sentidos da imagem no discurso político televisivo brasileiro*. 2014. Tese (Doutorado / PPGL) e Livia Maria Falconi Pires. *Na Arena Discursiva: uma análise dos debates eleitorais presidenciais brasileiros*, 2017. Tese (Doutorado / PPGL).

10 Dentre as publicações destacam-se: SARGENTINI, V. Ecos da arqueogenealogia de Michel Foucault na análise da imagem: retratos do homem político na mídia. In: PIOVEZANI, CURCINO; SARGENTINI (org.) **Presenças de Foucault na Análise do discurso**. São Carlos: EdUFSCar, 2014 e SARGENTINI, V.; SÁ, I. Discursos em luta: os usos e os sentidos do termo 'Presidenta' no debate político-midiático. In: CURCINO; SARGENTINI; PIOVEZANI (org.) **(In)Subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos**. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

SUMÁRIO

Da mesma forma, a extensão do material de análise, suas características intrínsecas e os desenvolvimentos analíticos exigem aplicações teórico-metodológicas apropriadas. Portanto, a despeito das identidades – como a centralidade do sujeito, as mutações dos discursos no espaço e no tempo, a intrínseca inscrição dos discursos na história, há diferenças entre as correntes de estudo. Para me salvar de ter que dizer de modo incerto e arriscado sobre as diferenças entre conceitos, por exemplo, da perspectiva bakhtianiana, das correntes fundadas em M. Pêcheux, M. Foucault e D. Maingueneau, prefiro destacar que os alunos do PPGL, da linha Linguagem e Discurso cursam uma disciplina, denominada Introdução aos Estudos do discurso, ministrada por professores especialistas em cada uma das correntes mencionadas, de forma a propiciar conhecimento e maturidade sobre a complexa análise do discurso.

4. Qual o impacto do processo de leituras das obras de Michel Foucault no Labor e como esse movimento tem definido suas perspectivas de pesquisa atualmente?

Para falar sobre isso, lembrei-me de uma entrevista recente do professor Edgardo Castro à Revista Fórum¹¹, na qual ele explica que sua “primeira edição de *Introdução a Foucault* é de 2014, ou seja, de 10 anos atrás. Naquela época, o estado da biblioteca foucaultiana era muito diferente do que temos hoje”, fato que o fez publicar em 2024 *Uma nova introdução a Foucault* (Ed. Autêntica). Considero que essa justificativa de Castro é também pertinente para explicar a forma como nos estudos do discurso, houve um processo de leitura dos textos de Foucault que responde a um cronograma de publicações e consequentemente de empregos de termos que Foucault remodela, atualiza, problematiza em seus cursos e livros como, por exemplo,

11 Edgardo Castro é Doutor em Filosofia pela Universidade de Friburgo, Suíça, Professor Titular de Filosofia na Universidade de Buenos Aires, Argentina, e Investigador Principal no CONICET, Argentina. A entrevista intitula-se “Os leitores de Foucault estão mal-acostumados”: Edgardo Castro apresenta uma nova introdução a Foucault. Revista Fórum Linguístico, Vol. 22 (2025), Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/105634/59196>

SUMÁRIO

ocorre com os termos *episteme*, dispositivo e práticas discursivas. O impacto das leituras de Foucault em nossos trabalhos é contínuo. Surpreendemo-nos diante de tantas novas publicações e atualizações de leituras de seus comentadores. Além disso, cabe-nos ler Foucault para fazer análises à luz do seu pensamento e não com a presunção de que caberia uma ação de aplicar seus conceitos: “reler Foucault não é “aplicá-lo” à AD, é trabalhar sua perspectiva no interior da AD.” (Courtine, 2009, p. 82).¹² Essa citação de J.J.Courtine está originalmente em sua tese, de 1981, quando o autor faz suas primeiras articulações entre os autores Pêcheux e Foucault. Em pesquisas e publicações seguintes, como a *História do Rosto*¹³, e também em seus artigos nos volumes *História do Corpo* (ed. Vozes, 2008), *História da Virilidade* (Ed. Vozes, 2013), e *História das Emoções* (Ed. Vozes, 2020), vemos como uma perspectiva arqueogenealógica se desenha neste estudo do discurso. A discussão que se põe de forma central é como os saberes dominados, que Foucault (1979¹⁴) compreende por duas coisas: (i) “*conteúdos históricos que foram sepultados, mascarados em coerências funcionais ou em sistematizações formais*” e (ii) “*uma série de saberes que tinham sido desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível requerido de conhecimento ou de cientificidade* (p. 170). são sustentados pelas relações de poder. Questionar os saberes – Foucault defende ‘promover uma insurreição dos saberes’ – tornou-se em nossos estudos um modo de constituição da problemática de pesquisa. À luz de Foucault, buscamos o rompimento com os saberes dominados, compreendendo

12 “O objetivo e o objeto da AD e da Arqueologia divergem consideravelmente; isso significa que se encontrará na problemática de Foucault muito mais uma prática teórica exemplar na construção de FD do que uma bateria de noções aplicáveis imediatamente à AD: reler Foucault não é “aplicá-lo” à AD, é trabalhar sua perspectiva no interior da AD.” In: COURTINE, J.J., 2009, p. 82).

13 COURTINE, J.J.; HAROCHE, C. *História do Rosto. Expressar e calar as emoções*: (do século 16 ao começo do século 19). Trad. Marcus Penchel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. [2007]

14 FOUCAULT, Michel. *Genealogia e poder*. In: *Microfísica do Poder*. Roberto Machado (Org.). 1ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

SUMÁRIO

como que foi o *“acoplamento entre o saber sem vida da erudição e o saber desqualificado pela hierarquia dos conhecimentos e das ciências que deu à crítica destes últimos anos sua força essencial”* (Foucault, 1979, p. 170¹⁵).

*A Arqueologia do Saber*¹⁶ tem sido a obra de entrada para leitura e discussões nos grupos de pesquisa, na qual se encontra a centralidade teórico-metodológica empregada em nossas análises. Para tal é preciso a compreensão do que é um arquivo: o sistema que transforma enunciados discursivos em acontecimentos e em coisas; é a lei do que pode e do que não pode ser dito (Foucault, 2004, p. 147). Não se trata, portanto, de arquivo no sentido apenas de registro histórico, de soma de textos guardados para a posteridade. Também não é apenas de instituição de guarda e conservação de memórias. É um sistema de discursividade que seleciona o que vai ser conectado à história e o que vai ser dela excluído. É preciso também problematizar a noção de enunciado (discutida em Courtine, 2009, a partir de Foucault), que considera que um enunciado se caracteriza por estar a) ligado a um referencial; b) por exigir que o enunciador ocupe uma determinada ‘posição sujeito; c) por estar inscrito em um domínio associado e d) por possuir uma existência material). O método arqueológico faz indagações sobre o objeto de análise, se ele é tomado como um documento ou monumento e principalmente volta-se para o questionamento da incorporação dos saberes na construção das arqueologias. Enfim, A arqueologia do saber oferece o princípio teórico e metodológico para a análise. *A ordem do discurso*¹⁷ é, por sua vez, o diálogo mais explícito que M. Foucault faz com os estudiosos da linguagem: especifica os procedimentos

15 M. Foucault discute os saberes dominados e a insurreição dos saberes em um texto escrito originalmente em 1976, já expondo as bases teóricas da arqueogenealogia. FOUCAULT, Michel. Genealogia e poder. In: **Microfísica do Poder**. Roberto Machado (Org). 1ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

16 FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. RJ: Forense universitária. 2004.

17 Trata-se da conferência de M. Foucault proferida em sua aula inaugural no Collège de France, em dezembro de 1970. FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. RJ: Ed. Loyola, 1996.

SUMÁRIO

externos (quem pode dizer, o que pode dizer e em que circunstância se pode dizer) e internos (comentário, autor e disciplina) de exclusão do sujeito. Ao descrever os procedimentos que cerceiam e controlam os discursos na sociedade, faz-nos ver as relações entre as práticas discursivas e os poderes. O Curso *A hermenêutica do sujeito* ministrado em 1982 e publicado no Brasil em 2004 (portanto antes que outros cursos ministrados no início dos anos de 1980) é de central relevância para a compreensão da noção de sujeito e do processo de subjetivação. As discussões nele presentes só vieram a ser incorporadas em nossos trabalhos posteriormente, ainda que o referenciado texto *O sujeito e o poder* (Dreyfus e Rabinow, 1995)¹⁸ já nos amparasse para essa reflexão. A leitura da *Microfísica do Poder* trouxe um novo arranjo metodológico para os estudos do discurso, quando se passa a reconhecer a inseparabilidade entre o saber e o poder, passando então a estudar os discursos em seu caráter arqueogenealógico. Em relação a isso, em nossas leituras em grupo, inicialmente tivemos acesso ao livro Vigiar e Punir (1987)¹⁹ e posteriormente à publicação do Curso A Sociedade Punitiva (2015)²⁰, o qual permite uma compreensão mais aprofundada das formas históricas de controle da sociedade. Neste Curso, a noção de sequestro do tempo foi muito didaticamente explicitada e para mim de enorme contribuição para analisar algo da nossa atualidade como a Reforma do Ensino Médio²¹. Seguindo ainda a publicação dos Cursos, as leituras que fizemos do *Nascimento da Biopolítica* inseriu a problemática

18 O texto *O sujeito e o poder* foi publicado como um Apêndice, no livro organizado por Dreyfus e Rabinow. FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. RJ: Forense Universitária, 1995.

19 FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

20 FOUCAULT, M. **A sociedade punitiva**. Curso no Collège de France (1972-1973). São Paulo – SP. Ed. WMF Martins Fonte, 2015.

21 SARGENTINI, V. A imposição de reformas e a mediatização: o ensino médio no Brasil entre consensos e resistências. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, 16(1), 314-333. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/eidea-16-2225>

SUMÁRIO

das práticas governamentais neoliberais, orientando análises que desvelam a presença do discurso neoliberal nos mínimos espaços, materiais escolares, Reforma do Ensino, imagens corporais, enfim, chegamos à compreensão do funcionamento discursivo da racionalidade neoliberal²².

E assim, seguindo a ordem de publicação dos cursos, em nossas pesquisas adentramos nas discussões feitas no que frequentemente se nomeia de uma transição que M. Foucault faz em direção ao campo das práticas e das técnicas de si. O Curso *Do governo dos vivos* conduziu-nos às discussões sobre os processos de veridicção. A temática da vontade de verdade nucleou a proposta do V CIAD (2018) que apresentava como “urgente conhecer as várias facetas das relações entre o discurso e as verdades e mais bem compreender os funcionamentos históricos e discursivos que produzem o saber e o desconhecimento, as crenças e as convicções, os segredos e as revelações, as desconfianças e os descréditos que se nos apresentam como mentiras e desilusões” (2021, p. 12)²³. A emergência das fake-news instigando e confundindo os votos no pleito eleitoral foi temática de vários artigos do livro *Discurso e Pós-verdade*²⁴.

- 22 As pesquisas sobre a racionalidade neoliberal e os discursos que a sustentam estão em algumas publicações como: SARGENTINI, Vanice Maria; LOPES, Michelle Aparecida Pereira. Uma análise discursiva do “corpo normal” do século XXI: entre a docilidade e a abjeção. *In*: FERNANDES JÚNIOR, Antônio; STAFUZZA, GRENISSA BONVINO (Org.). **Discursividades contemporâneas: política, corpo, diálogo**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017. SARGENTINI, V. A racionalidade da guerra interior: quando as práticas discursivas produzem o inimigo. *In*: BUTTURI JUNIOR, Afílio, FERNANDES, Cleudemar; BRAGA, Sandro (org.) **Cartografias do contemporâneo: crises de governamentalidade**. Campinas: Pontes, 2023.
- 23 CURCINO, L. SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. O discurso e as verdades: relações entre a fala, os feitos e os fatos. *In*: **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021.
- 24 SARGENTINI, V.; CARVALHO, P. A vontade de verdade nos discursos: os contornos da *fake News*. *In*: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (org.) **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021.

SUMÁRIO

A leitura da incursão de M. Foucault no campo da ética nos Cursos *O governo de si e dos outros* (1982-1983)²⁵ e *A coragem da verdade* (1983-1984)²⁶ conduziu nossas pesquisas para o campo do Discurso e das Emoções. Em diálogo com J.J. Courtine que dirige a edição dos livros sobre a História das Emoções²⁷, temas como o medo, o ódio, a vergonha e outros afetos, presentes em nossas práticas de linguagem, tornaram-se fontes de publicações e de orientações de trabalho²⁸. A leitura dos livros *Desobedecer*²⁹ e *A vergonha um sentimento revolucionário*³⁰, ambos de Frédéric Gros, um dos maiores especialistas da obra de Foucault na atualidade, também foi fonte de orientação de pesquisas e publicações³¹. Considero, enfim, que para responder sobre as nossas perspectivas de pesquisa, tenho que destacar que a problemática do discurso político sempre atravessou nossos trabalhos, não se reduzindo a ele no que se refere às temáticas de pesquisa. Novos problemas se apresentam, atualmente, por exemplo, a força e a interferência das big techs na vida dos sujeitos e na condução dos governos.

São, portanto, os fundamentos teórico-metodológicos que envolvem questionar temas, compor arquivos, interrogar saberes, avaliar os poderes e suas resistências, refletir sobre os processos de subjetivação, compreender as racionalidades governamentais que dão sustentação às nossas análises das práticas discursivas. Enfim, é esse percurso intenso de estudo e sem fim que nos motiva a continuar buscando as descontinuidades na continuidade!

- 25 FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros** (Curso no Collège de France 1982-1983). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- 26 FOUCAULT, M. **A coragem da verdade** (Curso no Collège de France 1983-1984). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- 27 COURTINE, J.J. CORBIN, A.; VIGARELLO, G. **História das Emoções**: 3 Do fim do século XIX até hoje. Volume dirigido por J.J. Courtine. Petrópolis-RJ: Vozes, 2020.
- 28 Em setembro de 2024, ocorreu o VII CIAD, quando se discutiu o tema Discurso, Afetos e Sensibilidades e publicamos o livro PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. **O discurso e as emoções**. Medo, ódio, vergonha e outros afetos. São Paulo: Parábola, 2024.
- 29 GROS, Frédéric. **Desobedecer**. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- 30 GROS, Frédéric. **A vergonha é um sentimento revolucionário**. Trad. Walimir Gois. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- 31 SARGENTINI, V. Obedecer e insurgir: as raízes e as asas da (des)obediência política Organização do dossiê Obedecer e insurgir. Apresentação. **Revista Fórum Linguístico**, Vol. 18 (2), 2021.

5

Dirceu Cleber Conde

ANDANDO NA LINHA:

DE "LINGUAGEM HUMANA
E TECNOLOGIA" A "DESCRIÇÃO,
ANÁLISE E PROCESSAMENTO
DE LÍNGUAS NATURAIS"

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-520-6.9

INTRODUÇÃO

O Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar (PPGL) conta com três linhas de pesquisa em sua constituição atual: Ensino e Aprendizagem de Línguas; Linguagem e Discurso; e, por fim, Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais. Vamos nos ocupar de tratar desta última linha que sofreu mudanças bastante significativas em sua conceituação. Nosso objetivo é trazer um pouco da história e da essência do que se faz nela. De sua constituição, evolução e atual inserção no programa, observamos uma mudança dinâmica dada por diferentes fatores. Tal dinâmica é desejada e salutar, pois em sua história, a linha DAP como é chamada corriqueiramente, no PPGL ampliou e diversificou seu escopo. Para tanto, este texto irá I) retomar o conceito de linha de pesquisa; II) traçar um breve histórico da DAP; III) finalmente retomar os conceitos sobre a essência dessa linha e seus desafios.

É DIFÍCIL ANDAR NA LINHA

O conceito de 'linha de pesquisa', por vezes, parece transparente, mas como sempre acontece com termos e conceitos ele acaba, na prática, sendo opaco. As maiores dificuldades são as multifacetadas concepções advindas da utilização em diversos contextos acadêmicos e institucionais como apontavam há mais de 20 anos atrás Borges-Andrade (2003) e Menandro (2003). Mesmo o Parecer 331/2024 (Brasil, 2024) que embasa a Portaria 109/2025 (Brasil, 2025) que atualiza o processo avaliativo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), não faz menção ao conceito de 'linha de pesquisa'.

SUMÁRIO

Segundo Borges-Andrade (2003) dentre vários problemas, vamos destacar apenas três:

1. Ausência de uma Definição Compartilhada: O conceito é largamente utilizado em *curriculum vitae*, descrições de grupos de pesquisa, especificações de Programas de Pós-Graduação, e documentos oficiais de agências de fomento, mas carece de uma definição expressivamente compartilhada.
2. Imprecisão e Variações na Utilização: Mesmo em documentos como o I Plano Nacional de Pós-Graduação com variações ("linhas de projetos de pesquisa", "linhas de trabalho e pesquisa", "linhas de trabalho científico", "linhas curriculares e projetos de pesquisa") e sem uma definição precisa.
3. Confusão com Outros Conceitos e Níveis de Análise: Os Programas de Pós-Graduação, na tentativa de apresentar alguma unidade, definem linhas tão abrangentes a ponto de se tornarem pouco informativas sobre a pesquisa efetivamente desenvolvida, tornando o termo quase sinônimo de "área de interesse" ou "área de concentração".

Diante da imprecisa, vamos construir a seguinte definição tomada do ColetasCapes e citada por Borges-Andrade:

Na ajuda do programa Coleta Capes, que gera os relatórios dos Programas de Pós-Graduação, uma linha de pesquisa é definida como "*um domínio ou núcleo temático da atividade de pesquisa do Programa, que encerra o desenvolvimento sistemático de trabalhos com objetos ou metodologias comuns*" (2003, p. 165, grifo nosso).

Em torno dessa definição foi que o PPGL procurou adequar as ações e as descrições da linha em resposta à própria dinâmica que a linha apresentava. O histórico a seguir dará conta desse aspecto.

ANDANDO NA LINHA DA HISTÓRIA

Criada junto com a proposta do curso em 2004, a linha foi inicialmente batizada de “Linguagem Humana e Tecnologia”. Seu objeto de estudo era a língua/linguagem, mas com um objetivo característico bastante específico e aplicado: a exploração do conhecimento linguístico como base fundamental para a construção de sistemas computacionais que manipulam a língua natural, área conhecida como Processamento de Língua Natural (PLN).

Seu foco era essencialmente interdisciplinar e prático, entendendo a “construção de sistemas” como um ciclo completo que incluía análise de requisitos, projeto, implementação e avaliação. As aplicações visadas eram tipicamente tecnológicas, incluindo a geração de dicionários eletrônicos, tesouros, ontologias, corretores gramaticais, tradutores automáticos e sumarizadores de textos. Essa descrição tinha muito a ver com a formação e capacitação dos docentes integrantes da proposta em 2004.

Esse caráter inovador, porém, apresentou desafios. No primeiro processo seletivo, houve um número reduzido de projetos pertinentes à nova linha, fato atribuído ao seu perfil pioneiro e ainda em consolidação. Havia também uma barreira natural para a entrada de alunos de graduação em Letras e Linguística, pois a pesquisa demandava familiaridade com áreas como Ciência da Computação e Matemática. Nesse processo inicial, existia a participação interinstitucional fundamental que congregou docentes dos Departamentos de Letras e de Computação da UFSCar com pesquisadores do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC) da USP de São Carlos, muitos dos quais já colaboravam em projetos no Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC).

O ano de 2013 marcou um ponto de virada crucial. Com o credenciamento de novos docentes para o programa, tornou-se evidente que a denominação e o escopo original estavam restritivos.

SUMÁRIO

As pesquisas dos novos professores envolviam “descrição linguística” aprofundada em todos os níveis (fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático-discursivo), cujos resultados nem sempre se convertiam exclusivamente em aplicações de processamento automático. Diante disso, os docentes da linha tomaram a decisão estratégica de redefini-la completamente. A linha foi renomeada para “Descrição, Análise e Processamento Automático de Línguas Naturais”. Esta mudança de nomenclatura refletiu uma substancial ampliação de sua missão. O objetivo passou a ser dual e complementar: a) exploração do conhecimento linguístico para a descrição e análise teórica de línguas naturais; b) construção de recursos linguístico-computacionais para o seu processamento automatizado.

Durante o quadriênio 2013-2016, houve mais uma mudança na identidade da linha ao se renomear, com a exclusão do adjetivo “automático”, restando o título “Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais” e deixando em aberto que tal processamento pode ser automático ou não, o que alarga ainda mais o escopo e a diversidade de tratamento. Tal mudança se consolidou no quadriênio 2017-2020. A nova configuração mostrou-se mais abrangente e permeável, criando um espaço institucional que legitima a interdisciplinaridade e acomoda uma gama mais diversificada de pesquisas. Essa mudança demonstrou que a linha não exige mais que toda descrição linguística tenha um fim computacional.

A trajetória da linha, desde sua origem como “Linguagem Humana e Tecnologia” até sua forma atual, “Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais”, ilustra um amadurecimento notável. Ela evoluiu de um núcleo estritamente focado em engenharia e aplicações de PLN para um ambiente híbrido e plural, que valoriza tanto a investigação linguística teórica de excelência quanto a sua aplicação tecnológica, tornando-se um polo central para estudos linguísticos que dialogam com a contemporaneidade e com a computação.

A linha desenvolveu, ao longo de 20 anos, executar diversos projetos de pesquisa e deles surgiu um conjunto extenso de produtos técnicos e bibliográficos, mesmo sendo uma linha que conta com menos docentes e menos discentes. A história segue sendo confeccionada a cada dia e a chegada de novos docentes em 2021 e 2025 demonstra mais pluralidade ainda, pois entraram em cena a sociolinguística e os estudos descritivos de LIBRAS. No próximo tópico vamos explorar um pouco mais dessa diversidade.

A ESSÊNCIA DA LINHA E SEU FUTURO: ANDANDO NA LINHA

No cenário contemporâneo da Linguística, a interface entre a investigação teórica da linguagem e o desenvolvimento de tecnologias de Processamento de Língua Natural (PLN) tornou-se um campo fértil e estratégico. Nesse contexto, a DAP se destaca por estruturar explicitamente seu fazer pedagógico-científico-extensionista na tríade que não opera de forma estanque, mas constitui um contínuo interdependente, no qual a descrição minuciosa e a análise teórica fundamentam a construção de recursos e aplicações computacionais robustas, enquanto a demanda do processamento retroalimenta e complexifica as questões de pesquisa pura.

A “descrição” constitui o alicerce epistemológico da linha. Ela se manifesta no compromisso com a observação e catalogação de fenômenos linguísticos em seus diversos níveis (fonético, morfológico, sintático, semântico-pragmático, sociolinguístico), frequentemente a partir de diferentes tipos de *corpora*. Projetos como a descrição fonético-acústica de fenômenos do PB e a investigação sobre variação e mudança linguística no interior paulista são exemplos paradigmáticos.

A análise está submetida a um eixo que implica a interpretação dos dados descritos à luz de arcabouços teórico-metodológicos específicos. A análise é *locus* da formulação de hipóteses explicativas e se constroem modelos para fenômenos como, por exemplo, a Condicionalidade e Polifuncionalidade de conectivos ou as Noções de Comitatividade e Distributividade. É neste estágio que o conhecimento linguístico é formalizado e sistematizado, preparando-o para usos tecnológicos.

O “processamento” representa o eixo de aplicação e convergência. Trata-se da materialização dos *insights* descritivos e analíticos em recursos linguístico-computacionais tangíveis. Projetos como o POeTiSA, que visa produzir um *corpus* anotado e modelos de *parsing* sintático, e o ReSGaT, que desenvolve métodos de representação de significado, são diretamente alimentados pelos resultados dos eixos anteriores. A análise sintática automatizada, por exemplo, depende intrinsecamente de uma descrição e análise prévia detalhada da gramática da língua. O fluxo, contudo, é bidirecional: os desafios encontrados no processamento (como a ambiguidade ou a informalidade dos textos em redes sociais, estudada no projeto Investigação Linguística de Gêneros CGU (Conteúdo Gerado por Usuário)) lançam novas perguntas à análise e demandam descrições mais refinadas, realimentando o ciclo.

As ações de extensão da DAP operam como um braço que valida e populariza o conhecimento gerado nesta tríade. A título de exemplo, o projeto “Conlang na escola” é um caso emblemático. Ele traduz complexos conceitos de descrição e análise linguística (fonologia, morfologia, semântica, sintaxe) em uma atividade prática e lúdica, permitindo que estudantes da educação básica vivenciem o método científico de construção de uma língua/gramática. Aqui, a descrição é a atividade prática dos alunos; a análise é a reflexão sobre as regras que criam; e o processamento pode ser entendido metaforicamente como a aplicação dessas regras para gerar enunciados na nova língua. Da mesma forma, o projeto de fonética forense aplica

técnicas de descrição e análise fonético-acústica – eixos centrais da pesquisa da linha – a um contexto socialmente demandado, demonstrando a utilidade prática do conhecimento linguístico especializado.

A análise das ações da Linha DAP revela um modelo de operação altamente integrado e virtuoso. Esta estrutura coesa permite que a linha atue na vanguarda da pesquisa linguística, respondendo simultaneamente a questões teóricas profundas e a demandas sociais e de mercado prementes, formando profissionais capacitados a transitar entre a linguística teórica e a linguística computacional. A DAP configura-se, portanto, como um ecossistema dinâmico de produção, aplicação e disseminação do conhecimento sobre a língua natural.

Até agora alguns exemplos serviram para ilustrar o que se tem feito na linha, mas temos de considerar também os desafios futuros para a DAP face ao avanço acelerado da Inteligência Artificial (IA), à onipresença de algoritmos de distribuição de conteúdo e à evolução constante do ecossistema das redes sociais. Notamos que o núcleo fundamental da linha – a tríade “descrição-análise-processamento” – tornar-se-á ainda mais crucial; contudo, deverá adaptar seus objetos, métodos e pressupostos éticos para enfrentar os novos desafios impostos por um ambiente comunicativo cada vez mais mediado e moldado por agentes artificiais.

O advento de modelos de linguagem de grande escala (LLMs – *Large Language Models*) (Almarie *et al.*, 2023), a regulação algorítmica do discurso social (Silveira, 2020) e a emergência de plataformas como ambientes primários de interação linguística (Lantz-Andersson, 2016) reconfiguram radicalmente o objeto de estudo das Ciências da Linguagem. Para uma linha de pesquisa como a DAP, este novo panorama não representa uma obsolescência, mas uma oportunidade que deve ser abraçada com urgência. O futuro de suas investigações residirá na capacidade de aplicar a *expertise* descritiva e analítica para compreender, criticar e orientar o desenvolvimento e a atuação desses sistemas inteligentes, posicionando o linguista

como um agente fundamental na construção de uma esfera pública digital mais ética e funcional.

O eixo tradicional da descrição verá seu escopo expandido para além dos textos e enunciados “naturais”. Será imperativo descrever fenômenos tais como: I) a linguagem dos próprios algoritmos: como os *feeds* de redes sociais e sistemas de recomendação (e.g., TikTok, Instagram) “leem” e classificam textos, imagens e vídeos? A descrição linguística precisará decompor a lógica de funcionamento desses sistemas, tratando-os como um novo “nível” de análise pragmático-discursiva; II) a fala híbrida humano-máquina: a descrição deverá voltar-se para as novas formas de interação, como *prompts* e *prompt engineering*, que são gêneros textuais específicos cuja estrutura sintática e semântica é otimizada para a comunicação com IAs. A análise desses novos dados demandará *frameworks* que integrem teorias linguísticas com teorias da computação e da informação.

Já no eixo da “análise” reside um duplo papel: o de analisar a linguagem gerada pela IA e a linguagem utilizada para controlar a IA. Projetos como os já existentes na DAP que investigam Conteúdo Gerado por Usuário (CGU) serão a base para uma subárea dedicada à Linguística dos Modelos de Linguagem, focada em vieses semânticos, estereótipos discursivos incorporados e falhas pragmáticas dos LLMs.

Por sua vez, o âmbito do PLN ético e crítico, o processamento enfrentará o desafio de migrar de um paradigma de aplicação de técnicas para um de auditoria e controle do que é produzido. A pesquisa no âmbito do PLN poderá se orientar para:

- a. desenvolvimento de *benchmarks* linguístico-críticos com *corpora* anotados e testes específicos para avaliar não apenas a performance, mas o viés, a toxicidade e a aderência sociolinguística dos modelos, indo além de métricas puramente estatísticas.

SUMÁRIO

- b. o processamento da transparência algorítmica (*algorithmic auditing*), desenvolvendo ferramentas de PLN que auxiliem a “explicabilidade” (explainable AI - XAI) dos algoritmos de distribuição de conteúdo, traduzindo suas operações obscuras em relatos inteligíveis para a sociedade. O projeto POeTiSA, por exemplo, poderia evoluir para uma plataforma de análise de como os *parsers* de grandes plataformas interpretam sintaticamente o discurso de ódio versus a crítica política.
- c. validação de fatos e análise de discursos manipulativos, desenvolvendo a *expertise* em semântica formal e pragmática para construir sistemas que identifiquem não apenas *fake news*, mas sofisticadas estratégias de persuasão, manipulação e discurso de ódio, que operam em níveis linguísticos complexos (como pressuposições e implicaturas).

No espaço das redes sociais, o campo de atuação será menos um “espaço” e mais um “processo” contínuo de curadoria algorítmica. A DAP estará na vanguarda de estudar processos de mapeamento de discursos que emergem dessas plataformas (p. ex.: *deepfakes*, conteúdos efêmeros em *stories*) e como tais conteúdos são distribuídos e vinculados à estratégia de engajamento e *marketing* digital. O futuro da pesquisa na linha DAP aponta para uma consolidação de seu papel como ponte indispensável entre a complexidade da linguagem humana e a lógica computacional. Seu diferencial competitivo permanecerá no rigor descritivo e na profundidade analítica, agora direcionados para os artefatos que medeiam cada vez mais a comunicação humana.

CONCLUSÃO

A trajetória da linha de pesquisa Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais (DAP) no PPGL-UFSCar é um testemunho eloquente de como um programa acadêmico pode evoluir de maneira dinâmica e salutar para responder às demandas internas e aos avanços do campo do conhecimento. Desde sua gênese, marcadamente aplicada e interdisciplinar como “Linguagem Humana e Tecnologia”, até sua configuração atual plural e abrangente, a linha percorreu um caminho de amadurecimento que ampliou significativamente seu escopo sem perder sua identidade central.

Essa identidade, como demonstrado, cristaliza-se na tríade interdependente de descrição, análise e processamento, um contínuo virtuoso onde a investigação teórica fundamenta a aplicação tecnológica, e os desafios práticos retroalimentam e complexificam a pesquisa pura. Este modelo integrado mostrou-se não apenas coerente, mas também excepcionalmente resiliente e adaptável.

Olhando para o futuro, fica evidente que o núcleo epistemológico da DAP tem uma missão crucial: lidar com os fenômenos da IA e das redes sociais. O advento da Inteligência Artificial e a onipresença dos modelos de linguagem de grande escala representam menos uma ameaça e mais uma oportunidade histórica. Os desafios éticos e técnicos impostos por essa nova paisagem comunicativa demandam, precisamente, o rigor descritivo e a profundidade analítica que são a marca registrada da linha. Portanto, a DAP posiciona-se diante da oportunidade de desenvolver o diálogo indispensável entre as humanidades e a tecnologia. Seu futuro, e por extensão o da Linguística contemporânea, reside em consolidar seu papel como ponte crítica e criativa entre a complexidade irreduzível da linguagem humana e a lógica computacional. Ao fazê-lo, a linha assegura sua relevância acadêmica e afirma a ciência linguística como um espaço fundamental para a construção de uma tecnologia mais ética, transparente e alinhada com as nuances da interação humana.

REFERÊNCIAS

ALMARIE, B. *et al.* Editorial - The Use of Large Language Models in Science: Opportunities and Challenges. **Principles and Practice of Clinical Research Journal**, [s. l.], v. 9, n. 1, 2023. Disponível em: <https://journal.ppcr.org/index.php/ppcrjournal/article/view/259>. Acesso em: 3 set. 2025.

BORGES-ANDRADE, J. E. Em busca do conceito de linha de pesquisa. **Revista de Administração Contemporânea**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 157-170, 2003.

BRASIL, C. **Parecer 331/2024**. 12 jun. 2024.

BRASIL, C. de A. de P. de N. S. (CAPES). **Portaria 109/2025**. 2025.

LANTZ-ANDERSSON, A. Embracing social media for educational linguistic activities. **Nordic Journal of Digital Literacy**, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 50-77, 2016.

MENANDRO, P. R. M. Linha de pesquisa: possibilidades de definição e tipos de utilização do conceito. **Revista de Administração Contemporânea**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 177-182, 2003.

SILVEIRA, S. A. Discursos sobre regulação e governança algorítmica. **Estudos de Sociologia**, [s. l.], v. 25, n. 48, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/13530>. Acesso em: 3 set. 2025.

Seção

3

**VOZES DO PASSADO
E DO PRESENTE**

Parte

1

**ENTREVISTANDO
A HISTÓRIA DO PPGL**

1

*Entrevista com as professoras
Marília Blundi Onofre
Vanice Sargentini
Eliane Hércules Navarro¹*

REVISITANDO AS ORIGENS DO PPGL

1

Esta entrevista foi gravada com as docentes na entrada do Departamento de Letras, no dia 02 de junho de 2025. Ela, assim como as demais que integram esta seção, compõe as atividades de comemoração dos "20 anos do PPGL". O material resulta das ações desenvolvidas na disciplina Laboratório 7 – ênfase 2 – Meios e Materiais Instrucionais do curso de Bacharelado em Linguística, em parceria com a Equipe de Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Linguística. Participaram da equipe os alunos da disciplina Camila Borges Venticinco Silva, Eduardo Barreto de Oliveira, Giovanna Costa de Oliveira, Grazielle Pedro de Paiva, João Pedro de Albertim Vieira, Jonas Prado Barbosa, Julia de Oliveira Matos, Pontal Sereuwazaowe Xavante, Rafael Campana Filgueiras, e a docente, e então Vice-coordenadora do PPGL, Luzmara Curcino. Sua *transcrição e retextualização* foram realizadas por Livia Oliveira Azevedo, discente de doutorado do PPGL.

Entrevistadores:

Gostaríamos de agradecer por nos concederem essa entrevista e nos contarem um pouco da história do PPGL-UFSCar, desde a formulação da proposta e sua aprovação pela CAPES com a criação, inicialmente, do curso de Mestrado e, alguns anos depois, do curso de Doutorado, e todos os esforços de gestão, de docência, de pesquisa e de formação de pesquisadores que a rotina de um programa de pós-graduação impõe. Vocês três fizeram parte de acontecimentos importantes vivenciados pelo Departamento de Letras, na época de elaboração do projeto de criação do PPGL, entre 2003 e 2004, e também atuaram, em momentos distintos, como docentes e orientadoras de mestrandos e doutorandos, e também assumiram a gestão, atuando como coordenadoras e vices coordenadoras do Programa. Passados 20 anos, além de nossos sinceros agradecimentos, em especial, aos professores Vanice Sargentini, Gladis de Barcellos Almeida e Valdemir Miotelo, que estiveram à frente para a instalação do PPGL, gostaríamos de ouvi-las sobre essa história da qual foram protagonistas ou colaboradoras... Poderíamos iniciar com vocês se apresentando, falando de sua área de atuação, de seu início no PPGL.

Marília Blundi Onofre:

Bem, eu sou a Marília, e atuo como docente junto ao Departamento de Letras desde que ingressei na UFSCar em 1995. Tanto eu, quanto minhas colegas Vanice e Eliane, somos da velha guarda, e nosso primeiro desafio,

SUMÁRIO

meu e da Vanice, na UFSCar, foi a implantação do curso de Letras. Nesse momento, nem tínhamos muito definida a área de atuação específica dos docentes, porque na verdade o curso de graduação estava sendo criado. Fiz parte da comissão de criação do curso de Licenciatura em Letras e, em seguida, assumi a função de coordenadora, de primeira coordenadora do curso recém-criado. Como a gente tinha um grupo muito reduzido de docentes atuando no curso nos seus primeiros anos, nossa preocupação era garantir seu bom funcionamento. Foi com seu processo de consolidação, com o interesse de nossos alunos egressos da graduação que desejavam dar continuidade a sua formação na pós-graduação, que, então, decidimos expandir, da formação inicial em pesquisa na graduação para a pós-graduação. Decidimos unir esforços e investir tempo na pesquisa, definindo áreas de pesquisa específicas de que se ocupavam cada um de nós, docente no Departamento de Letras. Assim, foi no momento de pensarmos a concepção do PPGL, que fomos aos poucos estabelecendo com os colegas do Departamento quais seriam a área de atuação e as linhas de pesquisa, de modo a configurarmos o que hoje está em funcionamento no PPGL. No campo dos estudos linguísticos, desde minha formação, eu me identifiquei com a área dos estudos de Enunciação Linguística, especificamente voltada para o ensino do português como língua materna. Parece que foi ontem que tudo isso aconteceu. Por isso levo um susto quando a gente é lembrado que agora, em 2025, já se completam 20 anos da criação do PPGL. Ano que vem, em 2026, comemoraremos 30 anos do curso de Licenciatura em Letras. Ao meu lado, hoje, nessa entrevista, a minha colega, a professora Eliane, foi uma de nossas alunas na primeira turma da graduação do curso de Licenciatura em Letras aqui da UFSCar.

Então, a gente tem muita história aqui para contar. Passo a palavra para a Vanice que, como eu, foi pioneira na criação do Curso de Letras, e algum tempo depois, dedicou-se ao processo de criação do PPGL-UFSCar.

Vanice Sargentini:

Como disse a minha colega Marília, eu sou sua contemporânea, porque nós ingressamos na UFSCar, no Departamento de Letras, praticamente juntas, com alguns meses de diferença. Eu ingressei também em 1995, mas assumi o cargo em 1996, porque naquela época você passava em concurso e podia levar muito tempo, um ano para ser convocado para assumir a vaga. Acho que às vezes isso ainda acontece hoje. E nós, então, trabalhamos juntas na instalação do curso de Letras, desde o seu início. Nos primeiros cinco anos de existência do curso, quando nossos primeiros alunos se formavam, e alguns deles tinham feito Iniciação Científica sob nossa orientação e sob a orientação de outros colegas, manifestavam interesse de continuar seus estudos com a gente, de realizar pesquisa de mestrado, de doutorado. Diziam, por exemplo, que desejavam continuar a pesquisar o que tinham iniciado na graduação. Nessa altura, os colegas professores também estavam animados para dar continuidade a essas pesquisas que vinham orientando na graduação, relacionadas aos seus temas de interesse de pesquisa. Formadas as primeiras turmas do curso de Letras, e uma vez que o Departamento já estava mais consolidado, com mais professores, entre 2002 e 2003, iniciamos as conversas e costuras para viabilizar a criação de um programa de pós-graduação. Foram dois anos de gestação e, em

SUMÁRIO

2004, escrevemos o projeto e submetemos à Avaliação de Propostas de Cursos Novos (APCN), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculado ao Ministério da Educação (MEC). A elaboração da proposta não foi algo simples. Era preciso justificar a pertinência de se criar um curso de pós-graduação na área de estudos linguísticos aqui na UFSCar em São Carlos, tendo na cidade ao lado, em Araraquara, um curso muito consolidado nessa área na UNESP/FCLAr, e outro, também muito consolidado na mesma área, e não muito distante geograficamente, na Unicamp. Logo, a gente precisava encontrar espaço e constituir a nossa identidade. Então, os anos de 2002 e 2003 foram necessários para que pudéssemos discutir e amadurecer a proposta do curso que gostaríamos de gestar. Em 2004, foi o ano propriamente dito da materialização escrita desse projeto. A primeira avaliação de nossa proposta não foi imediatamente positiva, passou por uma diligência. Ou seja, após apresentada a proposta do Programa, ainda tivemos que mudar algumas coisas, justificar melhor nosso projeto, ao que em seguida recebemos a aprovação. Assim, em 2005 iniciamos as atividades no PPGL-UFSCar. Vou passar agora a palavra para a Eliane Hércules, que não apenas, como lembrou a Professora Marília, foi aluna do curso de Letras, foi professora do curso de Letras, e credenciada desde o início professora do PPGL.

Eliane Hércules:

Você tem razão, Vanice, minha vida acadêmica inicial foi uma loucura. Então, eu fui aluna da primeira turma do curso de Letras aqui da UFSCar, e também fui professora dessa

SUMÁRIO

primeira turma do curso de Letras da UFSCar. Como eu tinha formação em Direito, e como eu sempre dei aula de inglês desde a minha adolescência, sempre gostei muito, e por isso ingressei no mestrado em Linguística Aplicada, na área de Ensino de Línguas, na Unicamp, decidi cursar também a graduação em Letras. Eu estava quase terminando o mestrado na Unicamp quando abriu o curso de Letras aqui na UFSCar. O vestibular era pela FUVEST, e na época eu falei “Não tenho condições de ser aprovada,” mas meu esposo me incentivou “Você lê tanto, vai conseguir.” E de fato fui aprovada e iniciei o curso. Fui aluna da Marília, e fui aluna da Vanice. E enquanto cursava Letras, fui aprovada no doutorado também na Unicamp, e fui conciliando e conduzindo os dois cursos simultaneamente. Nesse período, abriu uma vaga para professora substituta na área de ensino de inglês, eu prestei o concurso e fui aprovada. Então eu trabalhei no curso de Letras quando ainda estava concluindo minha graduação. E tão logo me formei, e também defendi minha tese e obtive o título de doutora, entrei aqui efetivamente, em 2003. Portanto, logo que ingressei como docente no Departamento de Letras, soube dos esforços do grupo de professores do departamento para a criação da pós-graduação. Como para essa criação, era preciso de um número mínimo de docentes com título de doutor, mesmo eu tendo dito aos meus colegas que não me sentia ainda preparada para ser já professora de pós-graduação, fui convencida por eles de que precisava participar, e aceitei o desafio coletivo. A gente começou com muita vontade, todos que estavam envolvidos queriam muito fazer dar certo, mas também não deixávamos de ter um pouco de medo mesmo, né? Nós éramos tão poucos! No ano que eu entrei na UFSCar, eu já fui designada para chefe de departamento também. Os colegas pediram para eu

SUMÁRIO

assumir, afinal eu já estava aqui, já tinha sido aluna, já tinha sido professora substituta, então, segundo eles, nada ia ser muito novo para mim. Como não tinha outro jeito, a gente tem de fazer. Então, foi assim que ingressei como docente no curso de Letras, assumindo a chefia do Departamento de Letras e, ao mesmo tempo, auxiliando como podia na criação do Programa de pós-graduação. Embora nós tivéssemos realmente esses dois programas, o da UNESP e o da Unicamp, bastante consolidados e muito próximos, geograficamente, ainda assim havia uma demanda muito grande, e era uma concorrência insana para entrar na pós, porque não tinha vaga e havia muitos candidatos. Sem dúvida alguma, era importante acolher essa demanda, especialmente aquela que vinha de nossos alunos egressos do curso de Letras.

Entrevistadores:

Gostaríamos de ouvi-las um pouco mais sobre a criação do PPGL, as dificuldades enfrentadas, a construção do curso tendo em vista, como já mencionaram a vizinhança de dois Programas que já eram conhecidos nacionalmente, Unicamp e Unesp, o clima político na época, e como se definiu essa identidade do programa, com a organização das linhas, do quadro docente, etc...

Vanice Sargentini:

Então, como a Eliane estava dizendo, nós éramos poucos professores no Departamento de Letras, porque eles foram sendo contratados à medida que o curso de Letras

SUMÁRIO

foi recebendo alunos a cada ano, até que constituíssemos o quadro total de docentes. Após 5 anos da criação do curso de Letras, já não éramos tão poucos, como quando eu e Marília ingressamos na UFSCar, quando éramos uns quatro, cinco apenas. E nessa ocasião, de 2002 a 2004, nós estabelecemos um diálogo bastante frutífero com outros colegas das instituições da região, em relação a seus projetos de pesquisa. Conversamos bastante com os professores da Unesp de Araraquara, e professores o da Unicamp. E já se via naquele momento uma reduzida oferta de vagas para a pós-graduação, de forma que caberia, aqui na região, mais um programa de pós, considerando a amplitude da demanda, mesmo estando no interior do estado de São Paulo. As linhas de pesquisa foram definidas pelos temas e perfis de pesquisa dos professores que trabalhavam aqui no Departamento de Letras. Eu mesma já trabalhava, desde que ingressei aqui, com os estudos do discurso, meu colega, Professor Valdemir Miotello também, na perspectiva de Bakhtin, e a Professora Soeli Schreiber da Silva com as questões da Semântica da Enunciação. Portanto, nós três compusemos essa linha, que veio se chamar "Linguagem e Discurso". A linha de "Ensino e Aprendizagem de Línguas" foi composta pela Professora Eliane, que trabalhava com Teorias Gramaticais de Ensino, não, é?...

Eliane Hércules:

Isso, Inglês Específico para Fins Acadêmicos...

Vanice Sargentini:

Também com o Professor Nelson Viana...

Eliane Hércules:

Que também era de Linguística Aplicada, já trabalhava com questões de Aquisição de Linguagem, e muito experiente com Metodologias de Ensino. Além de pesquisar na área do ensino de Português para Estrangeiros.

Vanice Sargentini:

Exatamente, na UFSCar já contávamos com essa frente do Português para Estrangeiros, que era coordenada pela professora Lúcia Maria de Assunção Barbosa. Desta linha participava ainda o Professor Ademar da Silva do Departamento de Metodologia e Educação. A terceira linha, que se chamava "Linguagem Humana e Tecnologia", na ocasião, e que depois foi alterado para o nome atual "Descrição, análise e processamento automático de línguas naturais", que era a linha em que mais sensivelmente conseguimos enfatizar o diferencial, aqui na região, da formação em estudos linguísticos, quando comparado às outras ofertas dos outros programas. Nela, tínhamos a Professora Gladys Almeida, que trabalhava com terminologia, com dicionários, e ela convidou outras duas professoras, uma delas é a Lúcia Rino, professora da Ciência da Computação aqui na UFSCar, e a Professora Sandra Aluisio, da USP, do ICMC. Então, assim

SUMÁRIO

se formaram as três linhas. Já havia naquela ocasião também uma tendência das Coordenações de Área da CAPES de solicitar que os programas não fossem mais criados em Letras amplamente, mas sim em Linguística ou em Literatura. A nossa proposta foi, para atender essa orientação, criar um Programa de Pós-graduação em Linguística. Por fim, nós estávamos com oito docentes e um colaborador, que era a professora da USP. Então, nós iniciamos com esse quadro de docentes e com essas Linhas de Pesquisa. E eu, estive vendo nos documentos, e no primeiro Processo Seletivo que abrimos 16 vagas. Corajosos, já abrimos 16 vagas, ingressaram 16 alunos que dois anos depois vieram a se tornar mestres em linguística pelo PPGL.

Marília Blundi Onofre:

Eu estava tentando me lembrar porque não fiz parte da primeira comissão de seleção dos ingressantes, já que naquela época todo mundo tinha de participar de tudo, justamente porque éramos poucos. E aí conversando com a Vanice, agora há pouco, me lembrei que, no momento em que foi criada a pós e feita a primeira seleção, o Curso de Letras estava passando pela primeira reformulação da grade, que foi em 2004. E como eu tinha estado na coordenação no momento da criação do curso, tivemos de nos dividir nas tarefas, eu fiquei com a responsabilidade de levar à frente essa reformulação da grade do Curso de Letras, e não participei do primeiro grupo, da equipe responsável pela tramitação do processo de criação do PPGL. E eu gostaria de registrar que foi a instituição, a UFSCar, quem nos incentivou

SUMÁRIO

a conduzir todos esses processos, segundo a lógica "primeiro a gente cria o problema e depois corre atrás das soluções". No primeiro momento, eu fiquei bem em dúvida se deveríamos mesmo nos propor a esse desafio, com o mínimo, sempre o mínimo. Mas nós fomos crescendo. Começamos em pequeno número, com o mínimo de condições, desde a criação da Licenciatura em Letras, o que não foi diferente com a criação do PPGL. E foi um trabalho de muita garra desse grupo, que vocês já nomearam, e que correu atrás, fez a primeira proposta, convidou docentes, pesquisadores para ajudar a pensar o curso, fez encontros, seminários, reuniões. Então, foi um trabalho muito grande, de muita coragem, foi um desafio que esse grupo assumiu, acreditando, apostando no crescimento do curso, apostando no ingresso dos alunos, no crescimento das áreas. Isso foi muito interessante. E esse grupo abraçou, junto com a instituição, junto com a UFSCar, que deu o suporte possível, esse desafio, fez essa aposta e que hoje vemos tão consolidada, com tanto sucesso. A gente fica admirado, como a Eliane falou com a velocidade como tudo aconteceu. A gente mal tinha ingressado na Universidade e já recebia um cargo, o que é difícil, mas também é interessante, porque é uma forma de crescimento, de aprendizado, e é assim que a gente vai fazendo as descobertas. Então, esse grupo de docentes, Vanice, Gladys, Miotello, Eliane, Nelson, Soila, apostaram nessa empreitada, assumiram a responsabilidade, acreditaram, e o PPGL está aí. Muitas pessoas até achavam que era um risco grande, mas a gente estava naquele momento esperançosos em crescer. Estávamos completando dez anos do curso de Letras e iniciando o PPGL. E a aposta se mostrou muito acertada, porque à medida que você vai criando as necessidades, as condições para funcionamento vão sendo conquistadas

SUMÁRIO

também. E no meio disso tudo a gente ainda achou fôlego para quando veio a proposta do REUNI, nós não tivemos dúvida e nos propusemos a criar outro curso de graduação, dessa vez o Bacharelado em Linguística. Se o PPGL derivou da criação do curso de Licenciatura em Letras, é ele que nos motiva a propor a criação do Bacharelado em Linguística. Com o PPGL, a área de estudos linguísticos se fortaleceu e queríamos que ela se fortalecesse mais ainda, em parceria com a área de estudos em Língua Estrangeira. Por isso, é preciso mesmo cumprimentar esse grupo pioneiro e corajoso que atuou na criação do PPGL, porque foi um desafio muito grande, mas uma aposta também muito acertada.

Eliane Hércules:

Eu me lembro em particular, Marília, da questão dos espaços físicos, sempre muito reduzidos. E aí a gente foi ver onde iria funcionar a secretaria do Programa.

Marília Blundi Onofre:

Uma vez a gente ouviu de um diretor do CECH que disse assim: "Primeiro cresçam, se estabeleçam, e aí vocês vão brigar por espaço".

Vanice Sargentini:

Mas a gente não escutou isso exatamente ao pé da letra, né?

Marília Blundi Onofre:

A gente fez e disputou o espaço já de início.

Eliane Hércules:

Depois do espaço, foi preciso conseguirmos outros materiais, como computador, né? Vinha tudo emprestado. Foi difícil mesmo, até nos estabelecemos.

Vanice Sargentini:

E havia coisas muito interessantes naquela época, em termos de possibilidade de infraestrutura. As universidades públicas conquistaram, junto ao Governo Federal e ao Governo Estadual, uma série de demandas. Vale destacar. Havia o FAP Livros. FAP Livros era uma beleza. Era um projeto da FAPESP, oferecido uma vez por ano praticamente, e a gente passava um ano fazendo aquelas listas enormes de livros que a gente queria adquirir e que iam para a Biblioteca Comunitária da UFSCar. Os professores enviavam os projetos para a FAPESP, e quando recebiam o recurso podiam adquirir os livros para o acervo da biblioteca. E isso foi formando a biblioteca. Porque vejam, também tem o seguinte, em 1995, quando nós ingressamos, foi logo no ano seguinte, em 1996, quando houve a criação da Biblioteca Central Comunitária, porque antes não havia. E essa biblioteca é enorme, como vocês sabem, e era preciso compor o acervo de toda essa biblioteca. O FAP Livros foi excepcional para isso.

SUMÁRIO

Foi durante esse período, ao longo desses 10 anos iniciais, que foi criada a plataforma Lattes, em 1999. Setores como a Fundação Carlos Chagas lá no CNPq, com abertura de editais para projetos de pesquisa foram sendo criados nesse período. Foi nesse período que se iniciou a cultura e a organização da pós-graduação no Brasil, em que seus professores começaram a propor projetos amplos, de modo que abrigassem várias pesquisas e vários alunos nesses projetos. Então, tudo isso foi nesse momento de criação e organização dos programas de pós-graduação. Só uma curiosidade, eu estive olhando o primeiro relatório de avaliação do PPGL, do primeiro ano, para ver seus resultados. Esse primeiro relatório, que era composto por uma série de questões que a CAPES encaminhava aos programas, foi preenchido por mim, coordenadora do PPGL. Eu, à época, preenchi, porque vi que está lá com a minha letra, eram 13 páginas. Hoje, não tem programa de pós-graduação, que ao preencher o relatório de avaliação Sucupira, entregue menos de 100 páginas. Então, às vezes, são outras exigências, outras organizações, outros momentos.

Eliane Hércules:

Eu me lembro que o que ajudou bastante também a gente, na área de “Ensino e Aprendizagem de Línguas”, principalmente, foram os periódicos da CAPES. É desse período a prática da assinatura de revistas científicas da área. Digo isso porque quando eu fiz mestrado na Unicamp, nós ficávamos esperando chegar os números temáticos impressos de revistas que nos interessavam. Íamos à biblioteca, e ficávamos ali esperando como se fosse um

SUMÁRIO

presente de Natal. E aí, quando começou a pós aqui na UFSCar, logo vieram os periódicos da Capes, com acesso digital livre, né? Um acesso digital. Já não precisava esperar. E no nosso caso, nós não tínhamos também revistas especializadas da época, assinatura, porque o programa era novo. E eu me lembro de ficar maravilhada, de abrir um diretório, no computador, assim e de ter tudo. Você tinha acesso a tudo, como tem até hoje.

Entrevistadores:

Nessa circunstância, já se tinha no horizonte o objetivo de criar o curso de Doutorado. Isso era algo que vocês já tinham em mente desde que fundaram o PPGL ou somente depois dele em funcionamento é que vocês decidiram criar esse outro curso? E como que se deu a proposta de doutorado? Enfrentaram muitas dificuldades na proposta de um novo curso, um curso de doutorado em tão pouco tempo? Valeu a pena tanto esforço?

Marília Blundi Onofre:

Sempre. Sempre vale.

Eliane Hércules:

Acho que foi o mesmo pensamento, a mesma motivação da criação do mestrado. Os alunos estavam terminando o mestrado e não havia o doutorado. Tínhamos alunos

SUMÁRIO

muito bons, muito promissores, e aquela vontade de poder acolher, receber nossos alunos, e também outros pesquisadores de outras áreas que tivessem feito mestrado em outros lugares, poder promover esse intercâmbio.... Então, eu não acho que começamos já pensando em criar o doutorado, porque já foi difícil criar o mestrado, coisa do que não tínhamos noção. Mas acho que foi tão bem-sucedido o mestrado, que nós investimos na criação do Doutorado sem medo. Foi bem-sucedido. Os alunos que ingressaram fizeram bons trabalhos, foram se desenvolvendo bem, as bancas estavam avaliando bem, as dissertações estavam sendo defendidas no prazo, com qualidade... e isso nos motivou a abrir o doutorado para continuar com esses alunos, para receber novos alunos. Mas, de novo, foi uma decisão num ímpeto. Eu falo sempre para os meus filhos que a gente sempre precisa guardar em nós um pouco da loucura da juventude, no sentido de desejar fazer algo e decidir fazer. E acho que foi bem isso. Era um programa jovem, os professores eram, relativamente, jovens, estávamos funcionando há pouco tempo, talvez fosse cedo para pensar em propor um doutorado, mas ainda assim, com muito trabalho em equipe, porque todos se uniram naquele momento, e, logicamente, alguns de nós encabeçaram o projeto. Eu me lembro muito do Miotello, que hoje já se aposentou e não está mais no PPGL, lembro-me do entusiasmado dele com o doutorado, da Vanice também, sempre, e do quanto eles encamparam isso, juntamente com a Gladis que também era muito entusiasta. Eu sempre era um pouco mais medrosa, mas ajudava, acompanhava o ritmo. Me lembro que quando me coube assumir a Coordenação do PPGL, nossa, fiquei apavorada. Mas o Miotello falou: "Não, você não vai fazer sozinha, a gente vai fazer junto. Vamos lá, guria. E vamos, né? Então, vamos.

Marília Blundi Onofre:

Sempre incentivando. A Vanice... As pessoas vão, assim, juntando esse ânimo.

Eliane Hércules:

A Soila também.

Marília Blundi Onofre:

O doutorado veio quase que naturalmente. Acho que foi mais... o cuidado maior foi o início do PPGL. Uma vez criado o mestrado, aí o doutorado veio junto, porque aí já tínhamos alunos, já tínhamos grupos de pesquisa constituídos, rotinas já bem estabelecidas...

Eliane Hércules:

Já tinha espaço, já tinha uma estrutura.

Marília Blundi Onofre:

E sempre essas pessoas assumindo os papéis de levar a cabo esses projetos, o Miotello, a Vanice, a Gladis, a Eliane, o Nelson, a Soila...porque a motivação é muito importante. Juntos sempre.

SUMÁRIO

Vanice Sargentini:

Eu acho que o APCN do doutorado já foi um pouco mais fácil para a gente apresentar, porque já tinha a estrutura do programa. E também não podemos esquecer que nesse período, como você disse, Marília, houve a criação do curso de Linguística em função do REUNI. O REUNI era esse programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais. Com o REUNI, nós tivemos o privilégio de ter a indicação do número de professores que seriam contratados para o curso que se iniciava, que veio a ser o Bacharelado em Linguística. Então, à medida que foram sendo contratados os docentes para as vagas do curso de Bacharelado em Linguística, eles passaram a compor o quadro de docentes do PPGL, e passamos a ter um número maior de professores, em linhas já mais definidas. Passamos a ter um número maior de docentes, e obviamente um número maior de discentes. Isso fez toda a diferença para a criação do Doutorado, porque é preciso ter um número maior de docentes para ter o mestrado e o doutorado. É uma exigência também na CAPES.

Eliane Hércules:

Conseguimos um pouco mais de equipamentos também, computadores...

Vanice Sargentini:

Isso, porque a universidade funciona assim, com os projetos dos professores é que se recebe apoio financeiro para aquisição de equipamentos, livros ... Então os projetos de pesquisa que submetíamos aos Editais também foram aumentando e com isso, conseguimos melhorar os recursos necessários para as pesquisas.

Eliane Hércules:

Eu me lembro de que a professora Gladis, como ela trabalhava com Linguística de Corpus, abriu mão de ter uma sala exclusiva, um gabinete, para montar um laboratório em que os alunos que ela orientava pudessem trabalhar

Marília Blundi Onofre:

Sim, o laboratório de corpora.

Eliane Hércules:

Para ter o tratamento dos dados.

Vanice Sargentini:

SUMÁRIO

E se valeu a pena, sim... A implantação do REUNI, como eu disse, propiciou a contratação de mais professores, porque o objetivo desse programa era a expansão que estabelecia o provimento de oferta de Educação Superior para pelo menos 30% dos jovens na faixa etária de 18 a 24 anos, até o final da década, no caso da década de 2020 agora. O último censo nos mostrou que nós temos 18,4% de pessoas que concluíram uma graduação. Em 2000, eram apenas 6,8%. De forma que ainda nós temos só um em cada cinco brasileiros que tem uma graduação. E se a gente pensar na formação em nível de pós-graduação esse número é menor ainda. Qual é essa urgência. Por que criar um mestrado, um doutorado? Vejam, apenas 0,8% da população no Brasil, população de 25 a 64 anos, possui um título de mestre, e apenas 0,2% um título de doutor. Então, nem é questão de nos perguntarmos se valeu a pena, porque na verdade nós temos certeza que valeu a pena porque esse é um trabalho que tem de ser feito pela sociedade. Temos que seguir, temos que fazer, não dá nem tempo de parar para se perguntar "Fiz, foi bom, foi necessário?". Não, era e ainda é uma urgência. Então, vimos a necessidade dessa oferta, desse crescimento do programa. E eu acho que essa proposta toda continua.

A gente continua com um número grande de professores agora credenciados no programa de pós. Fazer 20 anos no programa de pós é, de fato, algo a ser comemorado. É um êxito enorme e que, de alguma forma, contribuiu, sem dúvida, para a melhoria desses números que apresentei. Afinal, a educação precisa melhorar, e por isso a gente tem de continuar melhorando. Tem de continuar insistindo, lutando, nem dá para se perguntar ainda se valeu a pena, tem de ainda só arregaçar as mangas e ir trabalhando.

SUMÁRIO

Marília Blundi Onofre:

É muito gratificante a gente ver os orientandos, os alunos, que muitos, desde a Iniciação Científica, vão crescendo na pesquisa, se tornando pesquisadores, docentes em outras universidades. Isso é muito gratificante! O nosso trabalho e o trabalho de todos os colegas do PPGL vem ganhando repercussão, não só no Brasil, mas fora também. Nós temos ex-alunos que trabalham em universidades, no exterior, nossas parcerias com colegas de outras regiões do país e no exterior vão crescendo. Eu tive orientandos do Piauí, em parceria com uma professora da Universidade Federal do Piauí. Fomos contemporâneas na Unesp, quando fizemos doutorado na mesma linha de pesquisa. Em Teresina, tinha o programa de mestrado e não o de doutorado, então, os alunos vieram fazer o doutorado no PPGL. A partir desse contato, vieram outros, e hoje já são três docentes na UFPI formados pelo PPGL.

Eliane Hércules:

Temos três hoje egressos do PPGL como docentes no Piauí.

Marília Blundi Onofre:

Essas parcerias são muito ricas e vão estabelecendo um diálogo entre os grupos. Eu acho que é o grande papel da pós-graduação.

Eliane Hércules:

É muito gratificante termos os nossos egressos espalhados pelo Brasil.

Marília Blundi Onofre:

Eu acho que o PPGL cumpriu e tem cumprido muito bem esse papel.

Eliane Hércules:

Nós temos nossos egressos espalhados pelo Brasil, e também no exterior, e a maneira como a gente tem recebido notícia deles é muito gratificante... Ano passado foi uma alegria muito grande para mim dar aula para o pessoal da Guiné-Bissau, do Timor-Leste, participar de banca e conhecer mais dessas realidades. Então, é essa abertura para o mundo, o que também sonhamos para o PPGL, né? A gente fica muito feliz de contribuir, porque cada um leva um grãozinho de areia, mas o oceano é feito de grãozinhos, né? De uma serra de grãozinhos. Então, não tem dúvida. A gente aprende, ensina, compartilha. Acho que não tem dúvida de que fazemos isso por algo maior.

Entrevistadores:

Para encaminharmos para o final, gostaríamos de ouvi-las sobre o que vocês esperam dos próximos 20 anos do PPGL. Que perfil de pesquisadores novos vocês esperam que o programa receba e forme? Que desafios vão ser preciso enfrentar no futuro?

Eliane Hércules:

Para o futuro, o que a gente espera é que o programa continue cada vez mais bem avaliado, que a gente continue recebendo alunos dos mais diversos locais, acho que isso enriquece muito essa troca. Espero que venham alunos de vários perfis, que se disponham a trabalhar com vários temas de pesquisa, em função das urgências que vão surgindo em nossa sociedade. Nós temos essa grande questão de inteligência artificial, por exemplo. Como é que nós vamos interagir com isso? Mas acho que a pós-graduação é o caminho mesmo para saber como usar em benefício da maioria esse tipo de inovação, para o crescimento da educação no país, de maneira geral, especialmente, no que diz respeito aos estudos da linguagem, afinal, não existe uma área em que não seja preciso se debruçar sobre a linguagem, refletir. E eu volto a dizer, não é minha área de especialidade, mas não tem como nenhum de nós negar essa questão da inteligência artificial, e os usos que dela faremos nos próximos anos. E é através de pesquisa, de análise, de reflexão, de discussão que a gente vai encontrando os caminhos. Então, espero que o PPGL comemore seus 40 anos, mesmo que nós já não estejamos mais vinculados como docentes,

mas desejo que possamos assistir ao crescimento de nossos ex-alunos e outros ex-alunos dos nossos alunos, nossos netos acadêmicos, né?

Vanice Sargentini:

Em relação ao futuro do PPGL, eu acho que ele está atrelado ao futuro da pós-graduação no Brasil. E o futuro da pós-graduação passa, eu creio, por ter mais estabilidade de investimento. Segurança de crescimento com estabilidade de investimento. Precisamos crescer, e isso é cobrado dos programas, mas não é possível fazer isso se os programas não dispuserem de financiamentos. E essa história de instabilidade de recursos se dá porque depende das agências de fomento e dos investimentos que as esferas federais e estaduais fazem nas universidades. Então, isso tem sido sempre um ponto de dificuldade e que a gente busca alternativas com muito esforço, mas que não deveria ser assim. Então, o crescimento dos programas de pós-graduação no Brasil deve contar com financiamento de qualidade, com estabilidade. Disso derivam a ampliação das pesquisas, a atualização das pesquisas, a atualização do corpo docente, que poderia, então, também apresentar projetos mais inovadores. Quando se pensa nas articulações com outros países, seria ideal que isso se ampliasse, mas a gente também está vivendo um momento que cada um, na sua xenofobia, evita cada vez mais o outro. Então, eu desejo fortemente que o futuro da pós-graduação no Brasil seja de crescimento, como foi nesses 20 anos, de organização, de superação, para que, de fato, se chegue a respostas, a pesquisas que tragam resultados relevantes para a sociedade. Tem sido nosso desafio.

SUMÁRIO

Marília Blundi Onofre:

Desejo, sempre, que a universidade consiga ser ouvida, respeitada como lugar de formação, lugar de pesquisa. É isso, tudo que a Vanice disse, é uma das grandes dificuldades. Por exemplo, para se formar um pesquisador de excelência, é necessário que se disponha de bolsas de estudo, de modo que ele possa conduzir suas pesquisas com dedicação. E a gente tem sempre movimentos que contribuem para a inovação. Eu acho que, atualmente, a questão da extensão que está sendo apontada como algo para entrar no currículo da pós-graduação, eu vejo como um lugar que vai forçar um movimento nos cursos para que se criem diferenciais. Porque é isso, a universidade vai sempre criando lugares e isso vai fortalecer também a questão da teoria e prática e as pesquisas nos cursos de pós. Então, a discussão é sempre esse lugar da universidade, da universidade pública. E o que a gente espera é que as pessoas tenham fôlego para lutar, não é?

Eliane Hércules:

Sim, Marília, ainda mais se considerarmos que a extensão é a frente que mais diretamente se vincula à sociedade, a demandas específicas.

Marília Blundi Onofre:

Sim, que esses projetos todos tenham fôlego e que os professores e alunos não fiquem isolados, cada um no

SUMÁRIO

seu cantinho, mas que retomem o lugar da universidade, o lugar de luta, de mostrar para a sociedade a importância da pesquisa, da extensão, do ensino. A gente está em um momento com uma certa dificuldade, eu vejo, do grupo mostrar, se fortalecer, se unir, participar dos eventos e sair para a luta. Eu acho que é isso que vai garantir a permanência da Universidade. Mas a gente sabe que vai crescendo e vai adiante. Com vocês, por exemplo, da atual coordenação, o Professor Cleber Conde e a professora Luzmara Curcino. A quem aproveitamos para parabenizar por esse trabalho de resgate da história do Programa, nessa circunstância comemorativa dos 20 anos. É isso que vai motivando todos nós, docentes e discentes.

Entrevistadores:

Agora, pra finalizar, vocês teriam alguma anedota? Alguma coisa como desencontros, desacertos, essas coisas atrapalhadas que às vezes acontecem no processo de construção e de defesa diária da existência de um Programa de Pós como este?

Marília Blundi Onofre:

Eu posso me lembrar de uma. Nesses lugares de coordenação, não me lembro quando, mas sempre recebemos professores de outras instituições para falar, para ministrar cursos, palestras... e a gente pra variar está sempre correndo, sempre um pouco distraído na correria... E eu vinha correndo, e pedi para o pesquisador que ia falar

SUMÁRIO

lá na biblioteca, nas nossas Jornadas de estudo... Não lembro exatamente o que era, mas falei: "Aguarda um pouquinho que eu vou pegar o carro e já te pego aí". Ele ficou aqui parado no Departamento me esperando. Isso nem faz muito tempo porque já era esse prédio, aqui, do Departamento de Letras, só não existia ainda essa extensão, esse hall em que estamos. Aí eu peguei o carro na pressa, deixei o pesquisador aqui, fui embora lá pra biblioteca e cheguei no auditório, ainda parei o carro, descí, e só aí me dei conta: "Cadê o fulano? Opa, esqueci". Quando cheguei lá de volta, ele me disse: "Eu estava vendo que eu estava aqui esperando, você passou de carro e ainda abanou a mão pra mim". Eu pra não parecer tão distraída, improvisei uma desculpa: "Não, é que eu tive um compromisso antes, fui pegar o material, mas estou aqui.". São coisas que acontecem quando a gente tem que fazer tudo ao mesmo tempo. Claro que se a gente for ficar sentada aqui, a gente vai se lembrando de muitas coisas desse tipo.

Eliane Hércules:

Aliás, Marília, sempre teve muito isso, essa outra função dos professores, que é a de ciceronear os convidados, de buscar o pessoal na rodoviária, levar no Hotel.

Marília Blundi Onofre:

Sim, sim.

Eliane Hércules:

Isso tudo, além de ser coordenadora, fazer o café, na copa, porque não tinha ninguém pra fazer e levar. “Mas a coordenadora vai servir o café?”, aí eu falei “Não, não. É que hoje tá assim mesmo”. “Tá assim mesmo, não, aqui é assim mesmo! Todo mundo tem de fazer de tudo mesmo.

Marília Blundi Onofre:

E assim a gente vai tropeçando.

Vanice Sargentini:

Eu tenho um episódio. Não é bem uma anedota, mas na ocasião em que nós fomos fazer a proposição do curso, anteriormente fizemos reuniões aqui na universidade com todos os outros programas que também iam iniciar. Não me lembro exatamente quais eram, mas era alguma coisa assim, Matemática, Estatística, tinha mais uns dois. E o nosso aqui de Linguística. E fomos conversar com o pró-reitor de pós-graduação. E ele, quando olhou a nossa publicação, achou aquilo muito pouco. Muito pouco. É porque havia uma diferença forte entre as áreas. As áreas das ciências exatas, em geral, publicam, e da saúde também, com muitas pessoas numa mesma publicação. Então, o número de publicações é muito mais alto. E aí, o pró-reitor de pós-graduação foi explicar para um outro professor, que acho que era de Matemática ou Estatística, não me lembro qual. E disse assim: “Você não acredita,

mas na área das humanas, os professores quase não publicam com os alunos. Além de eles orientarem, eles têm que escrever os próprios trabalhos. É por isso que eles não têm tanta publicação". Hoje isso já se modificou, mas se mantém ainda as diferenças entre as áreas e a Capes é sensível a isso.

Entrevistadores:

Queremos finalizar agradecendo muito essa tarde de conversa maravilhosa! Também gostaríamos de cumprimentá-las e de agradecê-las em nome de todos os discentes que já passaram pelo PPGL e de todos que hoje cursam Mestrado e Doutorado nesse curso, que somados são mais de 600 discentes, e também em nome de todos os docentes, dos que estavam desde o início e dos que puderam ingressar na Universidade graças a esse esforço de vocês, a essa coragem de vocês, a esse sonho que vocês permitiram que outros sonhassem e realizassem. Não fosse a coragem de vocês, nada disso teria acontecido! Nosso muito obrigado coletivo!!!

SUMÁRIO

2

Luciana Salazar Salgado

TRAJETÓRIAS PELA ANÁLISE DO DISCURSO:

**RELATO DA PROFESSORA
LUCIANA SALAZAR SALGADO**

SUMÁRIO

Entrevistador:

Professora Luciana, primeiramente nós gostaríamos de agradecer por nos conceder essa entrevista e rememorar a sua trajetória no PPGL e pela Análise do Discurso. Depois de 20 anos do início do nosso programa de pós-graduação, gostaríamos de conhecer um pouco mais sobre a sua experiência como docente e como pesquisadora, além do impacto que o PPGL teve de maneira geral sobre a sua vida profissional e, quiçá, pessoal. Para começarmos, você poderia se apresentar para nós?

Luciana Salazar Salgado:

Eu sou Luciana Salazar Salgado, entrei na UFSCar em 2010 e no PPGL em 2012, depois de laboriosas tentativas, na linha Linguagem e Discurso com um projeto de estudo dos objetos editoriais.

Entrevistador:

Por quais temas de pesquisa você se interessa?

Luciana Salazar Salgado:

Tem uma coisa interessante na minha vida no PPGL que é: quando eu entro em 2012, rapidamente eu sou conectada com redes externas; eu diria que o PPGL foi

SUMÁRIO

um plano de voo, né? Logo depois eu entro no programa de Estudos em Literatura aqui da UFSCar e no Instituto de Estudos Brasileiros, na USP câmpus São Paulo, e é justamente essa rede que se constitui a partir do PPGL que faz a minha participação no que hoje se chama Estudos da Edição, uma rede nacional interdisciplinar. Dentro dessa rede, o PPGL me deu a disciplinaridade a partir da qual eu vou para a rede, a partir dos Estudos da Linguagem. E, aí, muita gente interessante acabou vindo para a UFSCar trabalhar comigo por conta dessa especificidade. Sobre a trajetória... acabei de fazer um relatório, então está na ponta da língua: eu formei 10 doutores, 22 mestres... já posso aposentar [risos] e um tantão, mais de 20 iniciações científicas e também muitos TCCs, todos em torno de objetos editoriais. E por conta dos objetos editoriais que tomam o livro do tipo códice como um paradigma, mas funcionam para além dele, afetados pela digitalidade, me vi cada vez mais tendo de estudar a digitalidade e logo a hiperdigitalidade das práticas. Então as palavras-chave dessa rede, hoje, são objetos editoriais e hiperdigitalidade. O PPGL me deu esse plano de voo a partir dos Estudos da Linguagem para o estudo da relação entre objetos editoriais e hiperdigitalidade. E aí esse tantão de gente que colou e que se organizou a partir de um grupo de pesquisa criado, sim, a princípio, com base no PPGL, que é o Comunica. Tem um subtítulozinho que é "inscrições linguísticas na comunicação": Comunica: inscrições linguísticas na comunicação [UFSCar/CEFET-MG, CNPq]. A gente pensa os objetos editoriais na comunicação social, pensa na força das ideias que um objeto editorial fixa e institui a partir da linguagem, mais especificamente da dimensão discursiva dos Estudos da Linguagem. Então, acho que posso dizer que o PPGL é isso, um grande plano para esse voo que já vai bem farto.

SUMÁRIO

Mas é interessante pensar, é um voo que se deu muito mais – é uma reflexão interessante para um programa de pós-graduação! – se deu muito mais externamente do que internamente. Paradoxalmente, essa conexão com o programa foi crucial para esse voo externo. Todas as viagens sistemáticas, enfim, essas participações que eu pude fazer em editoras e universidades, ajudando a criar editoras júnior, empresas júnior, coisas como escritórios de apoio nas editoras universitárias, espaços formativos... essas coisas não aconteceram na UFSCar, mas eu pude participar delas a partir de minha filiação institucional ao PPGL.

Entrevistador:

E quanto às comissões de trabalho? Como você descreveria a sua participação nessa instância do PPGL?

Luciana Salazar Salgado:

Se eu participei um pouquinho foi da Comissão de Planejamento Estratégico. Tudo bem que saíram coisas interessantes a partir dali, dei sugestões que tiveram consequência até, mas acho que não chega a ser um pertencimento, porque a minha relação com o PPGL sempre foi muito frouxa. Eu nunca participei nem do Conselho, nunca fui consultada a respeito. Por aqui sempre foi difícil... por isso que eu fico pensando, por exemplo: quando a gente criou o Escritório de Revisão de Textos no Instituto de Línguas, rapidamente ele foi apropriado por

outras pessoas, seguiu em outra direção... O PPGL nunca o encampou no nível da pesquisa... Enfim... Eu não tenho... Pensando aqui no roteiro que nos foi proposto... contar um “percalço”? Eu teria uma lista gigantesca, mas não de coisas engraçadas. É muito difícil traçar uma memória desse programa...

Entrevistador:

Como você vê o diálogo que eventualmente possa ser promovido pelo fato de você estar no programa de Literatura e no programa de Linguística?

Luciana Salazar Salgado:

O que eu acho interessante na relação do PPGL com o PPGLit é que o Programa de Pós-Graduação em Linguística se relaciona com o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura justamente nessa interface dos Estudos da Edição. Olha a linha que foi criada no PPGLit, quando fui convidada a pertencer ao programa lá: “Literatura, linguagens e meios.” Então, também os Estudos da Literatura sentem essa necessidade de pensar de que modo o literário, e isso sempre será uma grande discussão, se materializa e circula. A história dos objetos editoriais é muito conectadora dos problemas discursivos, inclusive, em alguns casos, é sobretudo. Fui assessora, como discursista, da constituição do Atlas da Literatura Digital Brasileira, projeto pioneiro que foi desenvolvido no âmbito do Programa de Literatura (liderado pela professora Rejane Rocha), que convocou alguns especialistas

SUMÁRIO

em linguagem, em discurso, justamente para constituir esse repertório a partir do qual se criou o Observatório da Literatura Digital Brasileira, um projeto de ponta que nós temos aqui. Então, ele pertence ao Programa de Literatura, mas não prescinde desse trânsito, desse contato com especialistas que não são necessariamente da Literatura – a interdisciplinaridade de novo, sempre ela. Eu tive a boa sorte de ser colocada aí nesse entrecampo. Mas eu gostaria de fazer uma observação, porque é justamente o trabalho nesse entrecampo que me leva a participar de um terceiro programa de pós-graduação, e possivelmente isto seja legal de sublinhar, porque não se trata de quantidades, mas de uma sucessão de convites a partir do plano de voo que o PPGL me dá, porque o terceiro programa é justamente no Instituto de Estudos Brasileiros [IEB-USP]. O Atlas que mencionei é o Atlas da Literatura Digital Brasileira, que se conecta a minhas pesquisas por lá, no Fundo Milton Santos, e o que eu sempre fiz no PPGL foi trabalhar com a constituição de objetos editoriais no mercado editorial brasileiro. Tem esse traço interessante que é sempre pensar o Brasil. Esses programas de pós acabam se conectando aí. De fato, o que o PPGL me deu foi a possibilidade de constituir essa abertura para os ambientes em que há interesse nessa perspectiva, construída em torno da força daquilo que se publica e forja boa parte do que somos, inclusive em termos de brasilidade, de constituição de uma nação etc.

Entrevistador:

E quanto a projetos de extensão? Você poderia nos contar um pouco mais sobre o seu trabalho nessa frente?

Luciana Salazar Salgado:

Eu batalhei muito via extensão, mas nunca ligada ao PPGL... Fizemos muita coisa tentando implantar práticas de edição, mas nada se firmou... Ah, eu tenho um outro projeto de extensão, de outro tipo, que eu acho legal pra caramba, que foi com o Sindicato dos Petroleiros do Estado de São Paulo. Aí era linguista dando assessoria para os petroleiros que estavam construindo um programa humorístico em que a personagem central era o Peão Refinado. Olha que maravilha de trocadilho, né? Eles tinham uma primeira temporada, tinham iniciado a segunda e pediram análises comunicacionais para prosseguir. Eu já tinha dado assessoria para eles, acabei constituindo uma equipe, o professor Pablo Arantes também fez parte, nesse segundo momento, e nós fizemos um projeto de extensão justamente para discutir as temporadas produzidas e os possíveis ajustes para as temporadas subsequentes. Foi interessante, como linguista, sobretudo discursista, parar em lugares como esse, de assessoria. Talvez essa seja uma marca da minha trajetória de pesquisadora: a possibilidade de trabalhar como assessora. Assessora de editoras, assessora de casas não publicadoras, mas que preparam objetos editoriais para publicação... Acho que a assessoria linguística, que não é evidente para o senso comum, é um dos exercícios que eu tive a oportunidade de fazer na minha condição de pesquisadora. Nossa, gente, quanta coisa legal! Não tenho tido tempo de pensar nisso... mas vejo agora que fiz muitos projetos de extensão. É que eu dei uma desanimadinha... Os últimos tempos foram muito duros. E é muito trabalhoso lutar contra a maré. Mas eu sempre gostei muito de atuar na Extensão. Inclusive, quando eu estava como coordenadora do bacharelado, começamos

SUMÁRIO

a discutir a curricularização da extensão, as possibilidades que se desenhavam até mesmo para os espaços formativos em edição. Na Comissão de Planejamento Estratégico do PPGL, a gente chegou a comentar como seria legal que a [Revista] Linguasagem pudesse ser o centro de um escritório de edição de um periódico científico, mas também de objetos correlatos, e pudesse talvez ser o projeto mais permanente nessas horas de extensão previstas para graduação, né? Bom, eu estou sempre pensando nisso, só penso nisso. Ah, uma coisa que eu não mencionei é que essa rede, desse voo que foi possível fazer a partir do PPGL, permitiu a criação do LABEPPE, que é o Laboratório de Escritas Profissionais e Processos de Edição, uma parceria UFSCar-CEFET Minas Gerais. O CEFET/MG tem um curso muito importante no Brasil, que é um bacharelado em Letras Tecnologias de Edição. Nós, inclusive, tentamos, antes da pandemia, fazer convênio para a graduação, mas é bem complicado fazer convênio para a graduação, uma pena... A gente queria construir essas afinidades, e eles têm lá uma pós-graduação que corresponde a essa ideia. O LABEPPE nasceu em 2017 na conjunção com os trabalhos que eles fazem lá. Eles têm a LED, uma editora experimental. Então, muitos trabalhos de extensão, muitos projetos de extensão que eu propus estavam ligados a exercícios desse laboratório.

Entrevistador:

E quais são seus desejos para o futuro do PPGL?

Luciana Salazar Salgado:

Que desejos eu posso fazer para o PPGL? Que nos próximos 20 anos, a UFSCar possa, sim, ser um centro de referência dos Estudos da Edição a partir dos Estudos da Linguagem. A minha intensa circulação por aí, em outras instituições – que já lá se vai, então, aos 15 anos – faz crer, frequentemente, que nós podíamos ter tido aqui um centro de referência. Como eu disse, eu tive a boa sorte de ter certos mestrandos e doutorandos virem para cá em busca disso. Então, o que eu posso desejar? Que o PPGL tenha fôlego, tenha força, tenha abertura, tenha condições de constituição coletiva e trocas efetivas entre seus membros, para que ele abrace isso que se constitui como Estudos da Edição, o estudo dos objetos editoriais, que inclui a problemática da digitalidade, para muito além dessa noção que hoje circula de “discurso digital”. Enfim, gostaria muito de ter contribuído para isso... Metida! Além de tudo, ainda quero ficar para a posteridade...? [risos] Eu não estarei mais aqui, mas eu gostaria da ideia de que ajudei a criar alguma coisa nesse programa...

Entrevistador:

Com certeza ajudou! Professora, nós gostaríamos de finalizar a entrevista agradecendo a sua disponibilidade de conversar conosco e compartilhar um pouco mais da sua história! Além disso, gostaríamos de deixar registrado aqui, também, o nosso agradecimento pela dedicação ao PPGL ao longo de todos esses anos, pois ela, sem dúvida, contribui muito para o desenvolvimento do nosso programa. Muito obrigado!

3

Soeli Maria Schreiber da Silva

TRAJETÓRIAS PELO ENSINO E PESQUISA:

A ARGUMENTAÇÃO, A POLÍTICA
DE LÍNGUAS, O LIVRO DIDÁTICO
E PROJETOS NASCENDO – OS TEMAS
EM QUESTÃO E AS PARCERIAS

DOL: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-520-6.12

Entrevistador:

Professora Soeli, gostaríamos de iniciar agradecendo pela disponibilidade em participar desta entrevista e por compartilhar conosco um pouco da sua trajetória no PPGL e na área de Ensino e Aprendizagem de Línguas. Passadas duas décadas desde a criação do nosso programa de pós-graduação, é muito significativo poder ouvir sobre a sua caminhada profissional, assim como sobre as contribuições que o PPGL trouxe para a sua vida acadêmica e pessoal. Para darmos início à nossa conversa, poderia se apresentar para nós?

Soeli Schreiber:

Bom, boa tarde, boa noite, para quem está vendo o vídeo. É um orgulho poder participar desse vídeo e eu sou muito orgulhosa de ter contribuído para a criação do PPGL, do curso de Letras, do curso de Linguística. Pessoal, me chamo Soeli Maria Schreiber da Silva. Meu apelido aqui dentro da instituição é Soila. Todos me conhecem como Soila. Às vezes mudam para Soeli Schreiber, Soila Schreiber. Mas o meu nome é esse. E eu entrei aqui, eu fiz meu concurso no início de 95. Aí, no dia seguinte, o governo Fernando Henrique proibiu as contratações. Então eu disse "Bah!", né? E eu, quando eu entrei aqui, passei em primeiro lugar, claro, no concurso, né? E eu queria trabalhar, né? Mas seguindo, no mês de julho, eu trabalhei como professora substituta. E depois, em seguida, graças aos trabalhos da reitoria e tal, as vagas foram vindo para o departamento e aí eu acabei entrando e depois já comecei a trabalhar. E no PPGL,

SUMÁRIO

o que aconteceu? Nós tínhamos que criar esse curso de pós-graduação, que não tinha ainda, já tínhamos criado o bacharelado. E aí, precisava de pesquisa. Então, eu saí à cata, né? De formar um grupo de pesquisa. E nós trabalhamos em conjunto no grupo: eu, o Miotello, a Gladys, a Vanice, o professor João, a professora Eni Orlandi, que veio aqui, trabalhou conosco, né? Fizemos excelentes leituras na área em que eu atuo aqui, que é Linguagem e Discurso. Então foi um projeto fundador aqui da Unidade de Pesquisa em Estudos Históricos, Políticos e Sociais da Linguagem, fundada em 2001 e do nosso trabalho. Claro que depois cada um foi desenvolver o seu trabalho dentro do curso de pós-graduação. E, nesse projeto, então, que se chamava “Povo Fala Povo”, saiu esse vídeo aqui e esse livro aqui [mostra]. *Os Sentidos do Povo* (com parceria de João Massarolo e Pedro). E também um livro, *Os Sentidos do Povo*, que organizei. Nesse sentido, eu acho que o trabalho de criação de um curso, de fundação de um laboratório, tudo isso passa pela pesquisa. E foi um sucesso o nosso trabalho. Todos fizeram pesquisa, quem quiser pode ler esse livro, ver aí, está publicado o que a gente escreveu, o que a gente fez. Então foi assim que a gente começou o primeiro grupo. Mas depois cada um foi trabalhar na sua linha. Também no grupo, cada um trabalhou na sua linha. Eni Orlandi foi Pesquisadora Visitante. Colaborou com nossas leituras, nosso trabalho inicial. Foi uma parceria com a Unicamp-LABEURLB e com muitos pesquisadores. Nós recebemos na época Sônia Branca, Francine Mazière, Simone Delesalle e na sequência Patrick Sèriot. Eu sempre trabalhei nessa linha de Linguagem e Discurso, mas sou da Semântica. Eu sou da Semântica do Acontecimento. Mas não é assim que cada um tem a sua área. Você tem que ter os grupos mais próximos. Nós somos próximos da Análise do Discurso, então somos da linha de Linguagem do Discurso.

Entrevistador:

Perfeito. Professora, passaremos então às perguntas temáticas. Quantas foram e quais foram as pesquisas que você orientou nesses anos de atuação do PPGL e ainda orienta atualmente? Quais foram as áreas de interesse que você encontrou nesses últimos anos?

Soeli Schreiber:

Eu não sei, assim, todos os títulos, né? Eu até trouxe aqui todos os títulos, mas nem tem sentido eu só passar o título para vocês, né? Vocês podem entrar no PPGL e ver as pesquisas lá. Eu trabalhei muito com argumentação desde o início do nosso trabalho. Eu já trabalhava na graduação, aí eu trabalhava bastante com o Ducrot. Depois eu entrei na pós, continuei fazendo trabalho com argumentação, mas sempre a partir de temas. Eu sempre trabalhei a partir de temas. Então, por exemplo, nesse livro aqui [vai mostrando conforme fala], foi quando eu trabalhei com o tema do direito. Realizamos uma Jornada de Semântica do Acontecimento e contamos com a parceria de Eduardo Guimarães (UNICAMP), Luiz Francisco Dias (UFMG), José Horta Nunes (LABEURB). Depois eu e a professora Carolina organizamos o livro. Mas, ainda assim, eu não fiquei muito contente com o meu trabalho daqui, então depois eu voltei a trabalhar. Nesse trabalho aqui, eu tinha vários orientandos de iniciação científica e eu disse: "Ah, não, nós vamos ter que deixar publicado um livro do que eles fizeram". Aí eles escreveram artigos e nós fizemos esse livro aqui, pequeno e tal. E tudo bem, fizemos também esse vídeo; fizemos um slide tape,

SUMÁRIO

que os alunos que fazem Política de Língua sempre veem o slide tape, né? Então, esses trabalhos aqui são trabalhos que eu considero importantes. Dois pesquisadores com quem tenho trabalhos publicados: André Stallhauer e Gabriel Leopoldino dos Santos. Foram fundamentais no meu percurso. Um trabalho que eu considere muito importante foi "Os sentidos da escravidão". Esse livro eu organizei com a Profa. Carolina de Paula Machado, trabalhamos juntas no projeto e na pesquisa. E aqui vários dos meus orientandos participaram do livro: André, Nirce, Nayara, Maria Fernanda, Sosthene, Marcelle, Fernanda Silva. Também participaram orientandos da Profa. Carolina e os pesquisadores: Taisir, Giseli, Débora, Jorge, Adilson, Cristiane, Keila, Rosimar e Sheila de outras Universidades. Eu participei aqui com dois artigos e, para dizer a verdade para vocês, o que eu queria fazer mesmo nesse livro, eu não consegui fazer. Por quê? Porque todo o material da escravidão aqui, em primeiro lugar, está numa letra que ninguém entende. Então eu ia ter que pagar tanta gente para transcrever aquela letra, porque tem que ser um especialista, não pode ser qualquer um. Aí no começo eu tentei. Tentei ir lá na estação, pesquisamos lá, mas o material está se deteriorando. E eles não investem na pesquisa disso. Nos outros lugares, nos cartórios, são poucos documentos que têm. Na Fazenda Conde do Pinhal, eu consegui documentos, mas não consegui ainda o que eu queria. O que eu queria? É muito difícil de dizer. Quando a gente está morando numa cidade e está fazendo uma pesquisa que envolve aquela cidade, sobretudo na nossa, que foi a última cidade em que terminou a escravidão – as pessoas trabalhavam como escravas, como se fosse normal, e já tinha acabado a escravidão... Então, tem gente por aí, sabe? As famílias vão passando e tal. Então, fica difícil a gente discutir o tema. Mas eu acho que no imaginário das pessoas, não sei se essa palavra

SUMÁRIO

que eu devia usar, ainda está presente a escravidão aqui nessa cidade. Se eu fosse pesquisar mais sobre esse tema, eu ia trabalhar com isso. Eu gostaria de mostrar isso. Então, desse trabalho todo, dessa pesquisa, foi um investimento da FAPESP em nós, né? Então, com vários bolsistas e tal. Mas está aí o livro. Foi um livro muito interessante, um projeto coletivo. Contamos com parceria da UNICAMP – Sheila e Mônica, da UNEMAT – Taisir, da UEMS – Rosimar e da UESB – Adilson. Quero registrar o artigo que escrevi sobre a Lei 145, que está no Código Penal. Proponho uma alteração na lei sobre o que é trabalho forçado. Eu gostei demais desse projeto. No projeto sobre o livro didático, eu e meus orientandos publicamos vários artigos. Eu com Nayara, Bárbara, Gabriel e Ana Laura. Já defenderam tese. Sobre Política de Língua, eu já trabalhei com isso. Eu trabalhei nesse projeto aqui, eu trabalhei um pouco com Política de Língua, depois eu voltei a trabalhar com Política de Língua aqui, e agora eu estou começando de novo a trabalhar com Política de Língua. É um projeto internacional, e dependemos da FAPESP... E um projeto internacional importante para a Língua Portuguesa – estudo da transnacionalização. Mas o projeto surgiu quando eu li a tese do Leandro Diniz, que é lá da UFMG, ele foi orientando da professora Mônica [Graciela Zoppi-Fontana]. Contamos com a parceria da professora. E ela também escreveu um livro sobre transnacionalização. Só que eles não trabalham naquela tese sobre o funcionamento da língua. Então a gente não tem muita informação sobre qual Língua Portuguesa estão aprendendo no exterior, que língua que é. E aí eu quero saber isso. Esse é um dos meus objetivos, como é que chamam a nossa língua no exterior, como se designa a nossa língua, nesse trabalho, eu já tenho várias pessoas envolvidas no projeto, vários alunos, e é um trabalho que

SUMÁRIO

a gente vai fazer, já estamos com o projeto em andamento. Desde o ano passado já estou discutindo. Não é fácil fazer um projeto, é grande, mas eu estou feliz com ele. Eu praticamente vou concluir meus trabalhos aqui na universidade, porque eu já podia estar aposentada, eu vou concluir com esse trabalho. Espero concluir, né? Não sei, a gente nunca sabe como vai ser, mas eu estou muito contente de dar mais essa contribuição e agora para a Língua Portuguesa, para uma discussão sobre a Língua Portuguesa na transnacionalização. Tenho muita gratidão pela parceria com Eduardo Guimarães e Luiz Francisco Dias, seja participando de eventos ou ministrando cursos. Precisamos de parcerias com outras universidades. Elas foram fundamentais para minhas pesquisas e trabalhos com meus orientandos.

Entrevistador:

Muito bom, professora. Agora, gostaríamos que você comentasse um pouco sobre a sua atuação no PPGL, seja em atividades acadêmicas, em comissões das quais tenha participado nesses últimos anos ou mesmo em sua atuação profissional dentro do programa. Como tem sido essa experiência?

Soeli Schreiber:

Olha, no PPGL eu fui do conselho. Trabalhei no conselho, né? E vendo, assim, o PPGL, o modo como ele nasceu, ele foi se constituindo. Não é fácil você criar regimento, criar as regras para as pessoas circularem nesse programa.

SUMÁRIO

E eu acho que, sobretudo, esse trabalho, que começou com o Cléber e Luzmara, acompanhados de várias comissões, foi um trabalho que mudou bastante o PPGL, criou várias regras para o pessoal circular no PPGL e está sendo muito bom. E espero que continue assim, que a gente fique com uma nota maior nesse semestre, porque, nesse ano, nós trabalhamos bastante, publicamos bastante, e nós queremos ver esses nossos trabalhos valorizados, sobretudo por essa Comissão de Avaliação. Porque não é fácil a gente fazer as coisas que a gente quer fazer, né? Qualquer trabalho de pesquisa é um trabalho demorado, produzir um texto a gente não produz de hoje para amanhã, vocês já sabem disso, né? E sobretudo um trabalho grande de pesquisa, né? Para organizar as coisas. E organizar também um programa, né? Estar de acordo com as regras do país e tal. Sobretudo, ultimamente, que a universidade está passando por muitas dificuldades, né?

Entrevistador:

Perfeito, professora. Mudando um pouco de assunto, na sua trajetória na pós-graduação houve algum episódio marcante? Tem algum desafio enfrentado, uma conquista significativa ou mesmo uma lembrança curiosa que gostaria de compartilhar conosco?

SUMÁRIO

Soeli Schreiber:

Olha, eu não tenho anedotas para contar, mas eu acho que eu tenho boas lembranças, desde já, de pessoas com quem eu trabalhei aqui. Pessoas que me ajudaram muito quando eu tive desafios no PPGL. Não vou dizer do que se trata e tal, mas vários professores me ajudaram: o professor Cleber, o professor Baronas, a professora Luzmara, a professora Vanice e uma grande equipe da UFSCar. Não tenho anedota para contar, mas acho que tem muita coisa boa que aconteceu aqui que a gente sempre vai lembrar, que a gente fez, que os outros fizeram.

Entrevistador:

Houve algum evento, seja acadêmico ou pessoal, que tenha marcado de forma significativa a sua trajetória no PPGL? E quanto à cidade, há alguma lembrança especial que permaneça viva na sua memória?

Soeli Schreiber:

Olha, eu gostei dos meus eventos dos livros. O lançamento que eu fiz numa livraria aqui na cidade. O lançamento desse aqui que eu fiz na USP. Não sei por que não aconteceu o lançamento aqui. Eles me ofereceram para fazer lá. Aí é o primeiro livro que eu publiquei. Aí eu fiz lá na USP esse lançamento. Outro livro aqui foi publicado pela editora da universidade, mas, na verdade, ele foi feito pela Mercado Aberto. Então, foi posto o nome da editora,

SUMÁRIO

mas eu gostei muito, porque é muito importante você ter um trabalho publicado na editora da universidade. O livro *Os Sentidos do Povo* foi lançado no GEL, em São Paulo. Eu queria dizer também que esses vídeos e tal, eles estão no *YouTube*. Então, quem quiser ver... E tem mais um vídeo que eu não falei, que é O nome indígena e a questão da identidade. Também está no *YouTube*. É uma discussão interessante sobre o nome. Então, quem quiser ver, não teve oportunidade ainda, pode ver.

Entrevistador:

Para concluirmos, então, gostaríamos de saber quais são os seus desejos e expectativas para o futuro do PPGL. Na sua visão, quais os principais desafios que o programa poderá enfrentar nos próximos anos e o que você espera em relação ao seu desenvolvimento?

Soeli Schreiber:

Olha, eu desejo cada vez mais sucesso para o curso, né? Que a gente tenha vários alunos saindo daqui que possam contribuir muito, porque nós estamos formando pessoas, e essas pessoas saem daqui, vão para escolas importantes, vão trabalhar no exterior, nós temos alunos trabalhando no exterior, nós já temos alunos em universidade, eu já formei gente que está em universidades, em Institutos Federais, em ETEC. Então, isso dá um prazer muito grande, formar os alunos, que é a coisa mais linda e mais bonita que tem nessa universidade. É formar os

SUMÁRIO

alunos, são os alunos. É muito bom que tenhamos alunos presentes que estudem linguagem nas diversas linhas. E eu acho que o nosso curso vai ser cada vez mais sucesso, porque ele demora, o curso demora para se constituir. Aqui os cursos que têm nota bem alta, eles já são muito antigos. Nós ainda somos novinhos. Então, a gente está trabalhando, trabalhando. Tudo é trabalho. Tudo é trabalho. O mérito de um curso é o trabalho coletivo. O trabalho das pessoas. E as pessoas têm que saber. Eu estou contribuindo com a minha parte. Cada um fazendo a sua parte. Não é o reitor que vai fazer o trabalho da gente, ele faz a parte dele. O coordenador faz a parte dele. O professor faz a parte dele. Ele não pode é deixar de fazer pesquisa. Se não, o dia em que deixar de fazer pesquisa, a universidade para. Aí não tem universidade, tem que ter pesquisa, sobretudo no PPGL. Tem que ter.

Entrevistador:

Professora Soeli, agradecemos imensamente a sua disponibilidade em conversar conosco e em compartilhar conosco a sua trajetória. Gostaríamos também de registrar nosso reconhecimento pelo seu trabalho intenso ao longo dos anos no PPGL, contribuição que tem sido fundamental para o fortalecimento e desenvolvimento do nosso programa. Muito obrigado!

4

Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

TRAJETÓRIAS PELA DESCRIÇÃO, ANÁLISE E PROCESSAMENTO DE LÍNGUAS NATURAIS:

**AS MEMÓRIAS DA PROFESSORA
FLÁVIA BEZERRA DE MENEZES HIRATA-VALE**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-520-6.13

Entrevistador:

Professora Flávia, gostaríamos de iniciar agradecendo por sua presença e por aceitar compartilhar conosco um pouco da sua trajetória no PPGL. Para começarmos esta conversa, poderia nos dizer seu nome, contar sobre a sua chegada ao programa e compartilhar em qual linha de pesquisa você está inserida atualmente?

Flávia Hirata-Vale:

Meu nome é Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale. Eu entrei no PPGL em 2011. Atualmente, eu sou da linha de Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais. Porém, quando eu entrei na UFSCar e no programa, a linha se chamava Linguagem Humana e Tecnologia.

Entrevistador:

Ótimo. Poderia compartilhar conosco quais pesquisas você tem orientado ao longo desses anos e de que maneira elas dialogam com sua própria trajetória acadêmica e de pesquisa?

Flávia Hirata-Vale:

Eu sempre orientei pesquisas que trabalhassem com a linha teórica da Gramática Funcional, do Funcionalismo,

SUMÁRIO

que foi a linha teórica em que eu fiz o meu mestrado e o meu doutorado com a professora Maria Helena de Moura Neves, em Araraquara. Os meus trabalhos de mestrado e de doutorado foram sobre orações condicionais no português escrito brasileiro. Então, de uma certa forma, ao longo dos meus primeiros anos aqui no PPGL, eu continuei a trabalhar com orações, com articulação de orações, mas não só as condicionais, como também outros tipos de orações. E também em relação ao valor da condicionalidade, a expressão do valor da condicionalidade no português brasileiro. E a interface também com outros valores semânticos, como, por exemplo, a causalidade e a concessividade. Eu entendo que o ponto de mudança na minha carreira e nos meus trabalhos foi quando eu fui para o pós-doutorado na Bélgica, em 2014, porque quando eu fiz o meu projeto para o estágio de pesquisa no exterior da FAPESP, eu comecei a trabalhar com um tema a respeito do qual eu tinha tratado no meu mestrado, que eram as orações condicionais sem oração principal, e que a partir de uma literatura extensa, de 2007 em diante, começou a se chamar de insubordinadas, o processo de insubordinação. Então, a partir de 2014, 2015, quando eu voltei, eu me dediquei aos trabalhos sobre as construções insubordinadas, no português. Acho que também uma questão que foi marcante, foi uma mudança também de perspectiva teórica. Até então eu vinha trabalhando bastante com a Gramática Funcional e a Gramática Discursiva Funcional, e depois do meu pós-doc, eu comecei a trabalhar com a Gramática de Construções, com os modelos baseados no uso, e eu pude, então, desenvolver muitos trabalhos sobre esse tema, tanto em nível de iniciação científica como de mestrado. Eu tive também dois projetos aprovados, auxílios regulares aprovados pela FAPESP nesse meio tempo.

SUMÁRIO

E, também, mais recentemente, outras questões que têm aparecido, que são decorrentes dessas pesquisas com Gramática de Construções, com a condicionalidade, têm a ver com um ponto de vista cognitivo, acho que posso dizer assim, que a Gramática de Construções envolve que é a questão de entender que a grande parte dos fenômenos que a gente descreve, seja de orações, seja de expressão de reportatividade, eles marcam uma perspectiva e um ponto de vista. Então, são fenômenos que têm a ver com perspectivização cognitiva, e acho que com ponto de vista cognitivo também. Então, é uma questão a que eu tenho me dedicado bastante nos últimos tempos, tenho dois orientandos que estão trabalhando a esse respeito, mas é interessante que acaba que quando você começa a ver os fenômenos com outro olhar, você acaba encontrando aquilo em tudo quanto é fenômeno que você se depara. Então, eu estou trabalhando agora com uma construção insubordinada que é o “como se”, em “como se eu não tivesse mais nada para fazer”. Isso também é uma maneira de o falante expressar o seu ponto de vista, estabelecer a perspectiva com que ele quer que o ouvinte, o interlocutor dele, entenda aquela construção insubordinada. Então, a gente acaba dirigindo o olhar e vê que tudo tem ali alguma coisinha de perspectivização. Enfim, é com isso que eu tenho trabalhado ultimamente.

Entrevistador:

Excelente. E quanto à sua atuação no PPGL, poderia compartilhar um pouco sobre sua participação em atividades acadêmicas, cargos de gestão ou comissões nesses últimos anos, bem como sobre a experiência de representar o programa em diferentes espaços?

Flávia Hirata-Vale:

Rapidamente, depois que eu entrei no programa, eu pude assumir o cargo de vice-coordenação com o professor Carlos Piovezani como coordenador. Eu fiquei, acho que quase dois anos, porque, como eu falei anteriormente, eu saí para o pós-doutorado no meio de 2014, e acho que uma coisa que é importante ressaltar desse período é que o programa estava em muita efervescência. A gente tinha bastante oportunidade de financiamento, de qualificação do programa. Então, por exemplo, a gente tinha muitos encontros de coordenadores do Sudeste, encontros de formação mesmo, dos programas de pós-graduação, dos coordenadores. E tudo isso era bastante financiado pela CAPES. Então havia encontros de editores de revistas científicas, que foi quando a gente começou a pensar nas questões de Qualis [CAPES], o desespero da [Plataforma] Sucupira estava começando, então havia bastante incentivo, né? Depois que eu voltei do pós-doutorado, eu creio que uma coisa que foi importante é, de fato, eu ter tido a experiência concreta da internacionalização, de ter vivido um ano fora do país e ver o que isso significava. Então, logo que eu voltei, na metade de 2015, em agosto, já em dezembro eu voltei para a Bélgica, firmei um acordo de cooperação internacional com a professora que eu conheci lá, da Universidade de Ghent. E até hoje, né, dez anos depois, a gente continua com esse acordo. A gente já pôde mandar pelo programa muitos alunos de mestrado para fazer BEPE com bolsa da FAPESP, o doutorado sanduíche com a Bolsa do PDSE, mas também alunos de graduação. Então, alunos de graduação que estavam sob orientação com bolsa da FAPESP também puderam ir para a Bélgica. Então, acho que essa ação de internacionalização fez com que eu me envolvesse no programa em relação a essas questões. Não só dentro do programa, internamente, como externamente, eu pude representar o programa em comissões de internacionalização aqui

SUMÁRIO

na UFSCar, a criação da primeira política de internacionalização, que foi lá em 2017, 2018, a criação do programa Print CAPES, como ele foi elaborado aqui, então sempre, de uma certa maneira, representando aquilo que o programa precisava para a sua internacionalização.

Entrevistador:

Muito interessante. E, pensando agora em momentos marcantes, haveria algum episódio, experiência ou lembrança especial – seja um desafio, uma conquista ou até mesmo uma situação curiosa – que gostaria de compartilhar sobre a sua trajetória no PPGL?

Flávia Hirata-Vale:

Ah, eu queria contar uma coisa mais engraçada!

Entrevistador:

Não precisa.

Flávia Hirata-Vale:

Como eu falei, nesse período em que eu estive na coordenação do programa, havia muito incentivo financeiro dos órgãos de fomento, havia uma verdadeira política de fomento à pós-graduação no Brasil. Então, uma coisa

SUMÁRIO

que foi superimportante nesse período de 2013, 2014, foi que, por uma decisão da CAPES, o programa recebia uma bolsa de doutorado completa, fechada para cada estudante de doutorado que o programa mandasse para fazer o estágio sanduíche no exterior. E não apenas com a bolsa da CAPES, do PDSE da CAPES, mas também os estudantes que recebiam bolsa da FAPESP, a BEPE da FAPESP, poderiam, então, ao irem para o exterior, e o programa recebia uma bolsa de doutorado. Então, não é, assim, exatamente uma anedota, mas é algo que marcou muito, eu acho, que o programa, porque pôde ter uma expansão, pôde oferecer mais bolsas para as pessoas que vinham para cá fazer... A gente tem que pensar que o programa era bastante recente, o doutorado estava recém-aprovado, e era importante a gente ter essa atratividade na possibilidade de ofertar bolsa. Eu tenho pensado muito nessa questão dos programas de pós-graduação, por conta do fato de que, quando eu me formei, em 94 do século passado, a gente tinha três oportunidades aqui em São Paulo para fazer pós-graduação. A gente tinha que fazer ou na USP, ou na Unicamp, ou na Unesp de Araraquara. Eram muito poucos os programas. E eu, como me formei na Unesp de Rio Preto, os meus professores todos tinham se formado na Unesp de Araraquara, então o mais óbvio era que eu fosse para Araraquara. Então, o fato de a gente ter um programa aqui, novo, em São Carlos, e que tivesse essa possibilidade de ter bolsa para os estudantes poderem cursar com tranquilidade, algo que não foi o meu caso, por exemplo, era muito bom. Então, acho que foi algo que foi bastante importante para o programa. Agora, em termos de anedota, eu posso dizer o seguinte. Como eu falei anteriormente, a gente tinha bastante incentivo para ir nesses encontros de coordenadores do Sudeste, encontros de editores de revistas

SUMÁRIO

científicas. Eu era editora da Revista do GEL naquele momento e era sempre muito bom e muito gostoso encontrar com os amigos em situações que não eram tão acadêmicas assim e a gente tomar aquela cervejinha juntos, né? Então, acho que a pós-graduação proporciona isso pra gente. Enquanto a gente é estudante, a gente faz amizades e leva essas amizades para o resto da vida, às vezes. E quando a gente é professor, a gente tem a responsabilidade com a formação dos nossos estudantes, de pensar naquilo que a gente quer para o nosso país, em termos de educação.

Entrevistador:

Para concluirmos, professora, gostaríamos de ouvir a sua visão sobre o futuro do PPGL. Quais são, na sua perspectiva, os principais desafios e as maiores expectativas para o desenvolvimento do programa nos próximos 20 anos?

Flávia Hirata-Vale:

Então, dos próximos 20 anos, vou participar de apenas alguns. Para os próximos 20 anos, eu desejo que a gente continue tendo força para resistir a todas as ameaças que a gente tem sofrido nos últimos tempos. Como eu falei, né? Se em 2013 a gente tinha bastante financiamento, a partir de 2016, com o golpe, a gente sabe o que aconteceu. Não só no programa de pós-graduação, mas na universidade, no país como um todo. Então, essa falta de garantia, de a gente saber com o que a gente vai poder

SUMÁRIO

contar, é algo que eu acredito que é essencial para que a gente mantenha a qualidade do programa. Que a gente consiga envolver cada vez mais os estudantes. Então, acho que o meu desejo para o programa nos próximos 20 anos é estabilidade. É uma estabilidade que se conquista com financiamento, que se conquista com o compromisso das pessoas que participam do programa. Que tanto estudantes quanto professores e professoras vejam no programa ou na pós-graduação não somente uma etapa que vem depois da graduação, porque muitas vezes isso acontece, né? "Ai, eu vou fazer o mestrado porque sei lá". Mas que vejam mesmo a riqueza que é fazer uma pós-graduação, fazer um mestrado, um doutorado, num país tão desigual como o nosso. Então, resumindo, acho que os meus desejos são dois. A estabilidade e a valorização da pós-graduação.

Entrevistador:

Professora Flávia, muito obrigado pela sua disponibilidade em nos conceder esta entrevista e em compartilhar conosco a sua trajetória, marcada por contribuições tão significativas ao PPGL. Gostaríamos de registrar, também, nosso reconhecimento pela sua dedicação e pelo impacto do seu trabalho no fortalecimento e na consolidação do programa. Muito obrigado!

Parte

2

**A VISÃO
DOS PROFESSORES
RECÉM-INTEGRADOS**

1

*Camila Höfling
Elaine Ferreira do Vale Borges
Lucas Vinício de Carvalho Maciel
Mariana Luz Pessoa de Barros
Viviane Cristina Garcia de Stefani*

ENTRE MEMÓRIAS E PROJEÇÕES:

**TESSITURAS NA LINHA DE ENSINO
E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS**

INTRODUÇÃO

A vida acadêmica raramente se oferece como um caminho retilíneo. Antes, ela se revela como uma tessitura complexa, marcada por idas e vindas, hesitações e descobertas, encontros e desencontros que, ao se entrelaçarem, formam um tecido plural. Cada fio dessa trama guarda a memória de percursos singulares, ao mesmo tempo em que se enlaça a outros fios, compondo um mosaico coletivo que dá sentido à experiência universitária. O que se apresenta neste capítulo é justamente essa tapeçaria: múltiplas vozes – dos autores em questão – que, embora nascidas em contextos diferentes, convergem no espaço comum do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (PPGL-UFSCar), compondo cadências que oscilam entre o rigor científico e a delicadeza reflexiva.

Narrar trajetórias acadêmicas é mais do que relatar etapas formais de desenvolvimento intelectual. É reconhecer as inquietações que mobilizam o pensamento, os desvios que redirecionam escolhas, as contingências que obrigam a reinventar-se. Há um gesto de resistência, de resiliência e de criação nesse movimento, pois nele se afirma a impossibilidade de reduzir o fazer acadêmico a uma linha contínua e previsível. Trata-se, antes, de uma prática de vida atravessada por afetos, políticas, disputas e desejos, cujo sentido maior se revela quando compartilhada em diálogo com outros.

As narrativas aqui reunidas, divididas em tessituras em três seções, são testemunhos de singularidades que se abrem ao coletivo, fortalecendo a rede de saberes, práticas e esperanças que sustentam a universidade e o percurso acadêmico de professores e professoras. Esse exercício de rememorar e projetar não é apenas um ato de olhar para trás, mas também de lançar o olhar adiante. A memória não é estática; é um campo de forças em que se entrelaçam passados e futuros, em que a experiência vivida encontra sua

SUMÁRIO

ressignificação no presente. Os relatos de formação e de pesquisa apresentados neste livro iluminam, então, não apenas o que já foi percorrido, mas também os caminhos que se anunciam. Entre permanências e transformações, delineia-se a paisagem de um campo de estudos que, fiel à sua natureza híbrida e transdisciplinar, reinventa-se ao acompanhar as mutações da linguagem, da sociedade e da educação. Ao mesmo tempo, o texto revela o caráter artesanal da vida intelectual: o tear acadêmico não é movido apenas por técnicas e teorias, mas também pela cadência das mãos que, ao tecerem, deixam marcas pessoais e coletivas no tecido. Cada fio que compõe a trama é atravessado por histórias de formação, por escolhas metodológicas, por interlocuções teóricas e por compromissos éticos que não se separam da vida social. A universidade, nesse horizonte, não é apenas instituição, mas lugar de criação, espaço de escuta e de responsabilidade diante do mundo.

É nesse espírito que se organiza este capítulo estruturado em três seções compostas por cinco tessituras cada uma. Escritas em primeira pessoa, as tessituras traduzem os percursos e anseios acadêmicos das/dos cinco professoras e professores que aqui atuam como coautoras/es, sendo apresentadas, respectivamente, em cada seção, na ordem alfabética dos nomes elencados no início deste trabalho. A primeira seção, "Entre ideias e inquietações: tessituras de percursos acadêmicos", reúne percursos individuais e coletivos, revelando como trajetórias singulares se entrelaçam em uma trama de experiências acadêmicas que, embora não lineares, convergem para a docência e a pesquisa. Já a segunda seção, "Cadências e horizontes: tessituras da linha Ensino e Aprendizagem de Línguas", dá relevo à linha de Ensino e Aprendizagem de Línguas (EAL), cujas investigações articulam teoria e prática, tradição e inovação, local e global, abrindo horizontes para pensar os desafios contemporâneos do ensino e da aprendizagem de línguas. Por fim, mas não menos importante, a terceira seção, "Por onde o pensamento se alonga: tessituras de trajetórias possíveis", projeta potenciais percursos,

apontando para a necessidade de consolidar espaços de interlocução crítica voltado ao plurilinguismo, internacionalização e impacto social da educação, desenvolver uma racionalidade sistêmica na educação de professores de línguas, fortalecer parcerias interinstitucionais, dialogar criticamente com legados teóricos e enfrentar, de modo criativo, os desafios da pós-graduação brasileira. Juntas, essas tessituras – percursos, cadências e horizontes – não apenas narram, mas também anunciam, constituindo uma tapeçaria aberta que se prolonga no tempo e se reinventa no encontro entre vozes diversas.

SUMÁRIO

ENTRE IDEIAS E INQUIETAÇÕES: TESSITURAS DE PERCURSOS ACADÊMICOS

Esta seção reúne trajetórias distintas, narradas por docentes e pesquisadores/as, coautores neste capítulo, que, a partir de origens, interesses e percursos singulares, encontram-se hoje no mesmo espaço institucional. Cada tessitura preserva sua identidade e voz próprias, ao mesmo tempo em que se entrelaça às demais, compondo uma trama plural de experiências que transitam entre escola e universidade, pesquisa e docência, teoria e prática.

TESSITURA 1 – DO LAR ACADÊMICO À UNIVERSIDADE: MEMÓRIAS DE UM PERCURSO FORMATIVO

Minha trajetória acadêmico-profissional foi marcada, desde muito cedo, pela convivência cotidiana com as figuras do professor e do pesquisador. Filha de docentes universitários, cresci em um ambiente permeado pela pesquisa e pelo ensino: era comum, durante minha infância, observar meu pai com o microscópio sobre a mesa da copa, registrando análises de estômagos de vespas, enquanto

SUMÁRIO

minha mãe se dedicava intensamente à leitura e à escrita, imersa em discussões sobre autores como Paulo Freire, Bourdieu, cujas obras ocupavam lugar de destaque nas estantes de nossa casa. A escolha pelo curso de Letras Português-Inglês ocorreu de forma natural e, ao longo da formação inicial, consolidou-se o meu perfil como professora de língua inglesa como língua estrangeira. Paralelamente, minhas primeiras experiências investigativas trilharam caminhos que, mais tarde, convergiram para a pesquisa na pós-graduação, como demonstram os trabalhos de Iniciação Científica (“O substantivo em função adjetiva”) e de Aperfeiçoamento (“A metalinguagem lexicográfica: subsídios para a elaboração de dicionários bilíngues”), ambos voltados para os estudos léxico-gramaticais. Essa trajetória investigativa evoluiu no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*, com pesquisas que, partindo de uma proposta de definição padrão de nomes concretos em dicionários bilíngues (Höfling, 2000), avançaram para o estudo do perfil dos usuários de dicionários – em especial estudantes de Letras com habilitação em Língua Inglesa – discutindo a formação de usuários autônomos (Höfling, 2006). Minha experiência profissional também se desenvolveu em diferentes níveis e contextos de ensino, da gestão de escolas de idiomas à atuação docente no ensino fundamental e médio em instituições privadas, até minha experiência como docente em um Instituto Federal (então CEFET). Em 2008, esses caminhos convergiram para a docência universitária, ao ingressar no Departamento de Letras da UFSCar, na área de língua inglesa e suas literaturas. O ingresso no Programa de Pós-Graduação em Linguística ocorreu apenas no quadriênio 2021–2024, em função de atividades de gestão assumidas na universidade, entre elas a Coordenação do Curso de Letras e a atuação na gestão superior como Secretária de Relações Internacionais. Assim, a trajetória que articula ensino, pesquisa e gestão acadêmica consolidou-se de modo coerente e progressivo, resultando no amadurecimento de minha identidade como pesquisadora na área de ensino e aprendizagem de línguas.

TESSITURA 2 – FIOS DE INQUIETAÇÃO E A TRAMA DE UMA PEDAGOGIA COMPLEXA DE LÍNGUAS

Em um contexto marcado por restritas oportunidades de acesso ao ensino superior, o sonho de integrar uma universidade pública e a necessidade de conciliar trabalho com os estudos noturnos orientaram a minha escolha pelos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Letras. Essa trajetória, forjada por desafios pessoais e inquietações em torno da própria aquisição de línguas adicionais, levou-me à participação em um curso de extensão universitária voltado aos fundamentos teóricos e processuais do ensino e da aprendizagem de línguas ainda na graduação. A partir desse ponto, a organização reflexiva das experiências vividas intensificou o meu interesse pela pedagogia de línguas adicionais, sob a ótica da Linguística Aplicada (LA). O aprofundamento teórico e investigativo consolidou-se na sequência da formação acadêmica, por meio do desenvolvimento dos projetos de mestrado (Borges, 2003), doutorado (Borges, 2009) e pós-doutorado (Borges; Paiva, 2011). Embora, à primeira vista, essa trajetória possa sugerir linearidade, revela-se, em sua essência, não linear e atravessada por bifurcações e emergências. No mestrado, desenvolvido no âmbito da LA no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-Unicamp), os desassossegos emergiram da análise dos pilares teórico-metodológicos de um documento oficial de língua inglesa voltado ao ensino fundamental. No doutorado em Educação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP), o foco deslocou-se para a reflexão sobre a constituição de teorias de ensino de línguas que sustentam a LA como uma ciência social autônoma à luz das contribuições de Thomas Kuhn (e seus críticos) no posfácio – 1969 de “A estrutura das revoluções científicas” e; da segunda filosofia de Ludwig Wittgenstein. Essa efervescência intelectual desdobrou-se, no pós-doutorado em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em pesquisas

SUMÁRIO

ancoradas na Teoria da Complexidade/Caos, culminando na formulação de uma proposta de abordagem complexa para o ensino de línguas com aperfeiçoamentos posteriores (Borges, 2015; 2021a). Tal percurso acadêmico se intensificou inicialmente no exercício da docência em nível de graduação e pós-graduação na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e foi posteriormente fortalecido com a atuação como docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde atualmente desenvolvo estudos e reflexões sobre variáveis aninhadas na emergência de uma pedagogia complexa de línguas no âmbito do Grupo de Estudos em Racionalidade Sistêmica e Pedagogia de Línguas (GRaSPe)¹.

TESSITURA 3 – ENTRE TRAMAS E DESVIOS: MEANDROS ENTRE ESCOLA E UNIVERSIDADE

Ao refletir sobre minha trajetória acadêmica e profissional, percebo que é preciso certo esforço para flagrar alguma coerência em um percurso marcado por desvios e descontinuidades, mas foram justamente as oscilações entre a escola e a universidade que me permitiram ingressar na linha de Ensino e Aprendizagem de Línguas – talvez uma reta tivesse conduzido a outros destinos. Aos estágios da Licenciatura em Letras Português, concluída na USP, seguiu-se o mestrado em Semiótica e Linguística Geral (Barros, 2006), também na USP, acerca do tempo na autobiografia, sob a orientação do professor José Luiz Fiorin. O doutorado não ocorreu na sequência: havia o desejo de trabalhar na educação básica com o Ensino de Língua Portuguesa, compartilhando, com as adaptações necessárias, novas possibilidades de compreender o texto e o discurso. Após dois anos “na escola”, retornei à academia para desenvolver o doutorado (Barros, 2011) sobre formas de construir a memória e

1

É possível acessar a página do grupo de pesquisa no endereço www.graspe.ufscar.br.

SUMÁRIO

apreender o enunciatário em textos autobiográficos, orientada pela professora Norma Discini. Realizei também um doutorado sanduíche em Paris, sob a supervisão de Denis Bertrand. Com a tese finalizada, atuei por três anos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), experiência transformadora que exigiu reinventar certezas construídas ao longo da jornada. Em seguida, voltei à USP para fazer um pós-doutorado sobre modos de fazer e de ser professor, depreendidos de memoriais acadêmicos. Lecionei, depois, no Colégio de Aplicação da UFSC, unindo reflexão e prática no ensino para adolescentes. Por fim, cheguei à UFSCar, onde o ensino superior permitiu misturar as águas dos dois afluentes – escola e universidade – que moldaram minha trajetória até aqui.

TESSITURA 4 – DA URDIDURA DO VESTIBULAR AO TEAR DO ENSINO SUPERIOR

Na minha escolarização, sempre admirei o trabalho dos professores e tive especial interesse por literatura e língua portuguesa, o que me levou a cursar Letras na Unicamp. Ainda na graduação, iniciei a docência no ensino fundamental, médio e em cursinhos preparatórios para vestibular. No mestrado, também na Unicamp, analisei o gênero discursivo redação de vestibular (Maciel, 2008) e, no doutorado (Maciel, 2014), seguindo na mesma universidade e temática, examinei, à luz da teoria bakhtiniana, as complexas relações dialógicas que candidatos teciam entre a proposta da prova e outras vozes e vivências. Entre o mestrado e o doutorado, ingressei como docente efetivo na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, onde tive meu primeiro contato com a docência no ensino superior, contando com o apoio de colegas que muito me auxiliaram. Vindo de um mestrado em Linguística Aplicada e mantendo essa linha no doutorado, as reflexões sobre o ensino sempre estiveram presentes, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior. Hoje, como docente da UFSCar e do PPGL, sigo comprometido com as questões do ensino, sempre de forma ética e intelectualmente responsável.

TESSITURA 5 – ENTRE QUADROS E PALAVRAS: O CINEMA NO TECIDO DO ENSINO DE LÍNGUAS

Ingressar no corpo docente do PPGL/UFSCar representa, para mim, um retorno carregado de significado. Minha trajetória acadêmica está profundamente ligada à história do próprio programa. Após duas graduações em Letras na UFSCar — português/inglês e, depois, espanhol — iniciei o mestrado no PPGL, concluído em 2010, investigando o uso do cinema como recurso para o ensino de espanhol. Desenvolvi um curso com atividades fílmicas, dentro do projeto de extensão “Espanhol en UFSCar”, e avaliei seus resultados por meio de questionários e observação participante, obtendo respostas muito positivas. Essa experiência gerou uma inquietação: se outros professores de línguas integrassem o cinema às suas práticas, também alcançariam resultados significativos? A questão guiou minha pesquisa de doutorado, também no PPGL, que estruturou um curso de formação de professores com 30 horas de duração, unindo teoria e prática, e cujas atividades foram elaboradas colaborativamente, analisadas em grupos focais e aplicadas em sala de aula. Os resultados confirmaram a eficácia do recurso e destacaram o valor do processo interativo, sustentado teoricamente pela Teoria da Atividade. Durante o doutorado, fui aprovada como docente no Instituto Federal do Sul de Minas Gerais, conciliando deslocamentos, múltiplos vínculos profissionais e demandas acadêmicas. Os anos de pós-graduação no PPGL foram marcados por rigor teórico, intensos debates e fortes laços acadêmicos e afetivos. Retornar ao programa como docente é, assim, revisitar minha própria história, assumindo a responsabilidade de contribuir para a formação de novas gerações de linguistas e educadores, capazes de atuar em contextos complexos e desafiadores.

CADÊNCIAS E HORIZONTES: TESSITURAS DA LINHA "ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS"

A linha de pesquisa Ensino e Aprendizagem de Línguas do PPGL-UFSCar reúne percursos que se cruzam na busca por compreender, investigar e transformar práticas linguísticas e educacionais. Seus horizontes são múltiplos e se expandem na cadência dos encontros entre teoria e prática, tradição e inovação, local e global. As reflexões que seguem revelam diferentes olhares de pesquisadores que nela atuam, essencialmente, a partir dos anos de 2020, compondo um mosaico de expectativas, desafios e possibilidades para esse campo de estudos.

TESSITURA 1 – ENTRE LÍNGUAS E EXPERIÊNCIAS: QUANDO A ORIENTAÇÃO APONTA O CAMINHO

Dada a trajetória construída até o momento do credenciamento no PPGL, apresentava-se em meu percurso um duplo perfil: de um lado, a pesquisadora dedicada aos estudos do léxico; de outro, a docente cuja atuação se consolidava no ensino e na aprendizagem de língua inglesa como língua estrangeira, acompanhada de orientações em diferentes níveis – da Iniciação Científica ao Trabalho de Conclusão de Curso. Essa configuração híbrida resultou, num primeiro momento, em certa indecisão quanto à linha de pesquisa a ser seguida, o que me levou a solicitar o credenciamento em duas frentes: por um lado, com um projeto vinculado à linha Ensino e Aprendizagem de Línguas; por outro, com uma proposta voltada à linha Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais. Contudo, o caminho da orientação foi se encarregando de definir, de maneira quase orgânica, a direção a seguir. Os primeiros

SUMÁRIO

orientandos, com suas perguntas e inquietações, me conduziram naturalmente à linha de Ensino e Aprendizagem de Línguas. E foi justamente nesse movimento que os desafios começaram a se revelar, uma vez que a centralidade da língua inglesa foi dando lugar a outras línguas. Assim, as duas primeiras dissertações defendidas sob minha supervisão inauguraram novas perspectivas: uma voltada ao ensino de Português como Língua Estrangeira (Sousa, 2024) e outra aos estudos de Português como segunda língua para Surdos, no contexto de Educação Bilíngue (Tavares, 2024; Tavares; Höfling, 2024). A atuação nessa linha de pesquisa tem se configurado, portanto, como um espaço de constante aprendizado e reinvenção, pautado pelo compromisso com a formação de estudantes-professores e pela articulação entre teoria e prática. O desafio tem sido construir um ambiente crítico, participativo e inovador, capaz de dialogar com as complexidades sociais e culturais que perpassam o ensino de línguas em nosso país. Dessa forma, as investigações se mantêm enraizadas no chão da escola e atentas a seus protagonistas – alunos, professores e gestores –, reconhecendo que a pesquisa só se justifica plenamente quando devolvida à comunidade que a intriga.

TESSITURA 2 – ENSINO E APRENDIZAGEM COMO SISTEMAS ADAPTATIVOS COMPLEXOS

As investigações no campo do ensino e da aprendizagem de línguas adicionais contribuíram de modo decisivo para o surgimento e a consolidação da Linguística Aplicada (LA) como ciência, estabelecendo-se, na atualidade, como uma de suas subáreas mais expressivas. A LA configura-se como um campo epistemologicamente em constante amadurecimento, marcado por sua inerente natureza híbrida de orientação transdisciplinar, articulando saberes oriundos de distintas áreas do conhecimento e respondendo às múltiplas complexidades dos contextos educacionais, sociais e culturais.

SUMÁRIO

Esse movimento desafia paradigmas tradicionais (simplificadores) da pesquisa em linguagem, desvelando, entre outros aspectos, espaço para a compreensão da emergência, no aninhamento de múltiplas variáveis, de comportamentos caóticos dos sistemas ensino e aprendizagem (e sub e supra sistemas aninhados), por exemplo, no âmbito do paradigma da complexidade (Borges, 2014). Investigar o ensino de línguas, nesse cenário, requer sensibilidade às dinâmicas locais e globais que atravessam e constituem os sujeitos e suas formas de significar o mundo em interação com questões de ordem biológica, sociopolítica e contextuais em sentido micro e macro. Nesse horizonte, estudos baseados em sistemas adaptativos complexos – conforme propostos pela teoria da complexidade/caos – oferecem uma via promissora para compreender a linguagem como fenômeno emergente, instável, não linear e altamente sensível às condições iniciais. Tal perspectiva amplia o escopo teórico da área e fundamenta práticas pedagógicas mais abertas, responsivas e afinadas com a natureza viva, auto-organizativa e emergente da linguagem em uso. Essa é uma proposta de estudos que venho desenvolvendo como pesquisadora do PPGL-UFSCar, visando uma atuação na temática central da gênese do sistema de ensino de línguas como um fenômeno adaptativo complexo, bem como do desenvolvimento do professor de línguas no paradigma da complexidade.

TESSITURA 3 – A PONTE ENTRE A SEMIÓTICA E A SALA DE AULA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs), para o ensino fundamental (1997, 1998) e médio (2000) no Brasil, apesar de evidenciarem preocupações e propostas que, em muitos momentos, dialogam com a teoria semiótica, e incluam obras de semioticistas em sua bibliografia, não apresentam a semiótica como uma das bases efetivas de suas propostas (Limoli, 2011). Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), o termo “semiótica” surge inúmeras vezes, mas sua presença parece vinculada

SUMÁRIO

à ideia de trabalhar com múltiplas linguagens, sem que haja uma definição precisa do que seria uma “análise semiótica.” Assim, constata-se que a teoria não ocupa lugar robusto nos documentos oficiais que regem o ensino de língua portuguesa. Apesar disso, muitos semioticistas têm atuado ativamente no diálogo com a educação básica, produzindo dissertações, teses, livros, artigos, obras didáticas e paradidáticas que oferecem propostas para o trabalho de produção e interpretação de textos em diversas linguagens. Tais contribuições têm sido especialmente relevantes para o ensino envolvendo textos multimodais e digitais, bem como para a compreensão das relações entre plano de conteúdo e plano de expressão — demandas cada vez mais prementes na sociedade contemporânea. Vejo, então, que o desafio que se impõe é o de contribuir para ampliar a ponte entre escola e universidade, por meio de pesquisas que fortaleçam a presença da semiótica nas práticas de multiletramentos, oferecendo suporte teórico-metodológico à didática e investigando criticamente tanto o discurso didático de manuais e documentos oficiais quanto as práticas escolares.

TESSITURA 4 – O DIÁLOGO PERMANENTE COM O LEGADO BAKHTINIANO

O ensino de língua portuguesa no Brasil foi profundamente impactado, nos anos 1980, pela proposta de Wanderley Geraldi de colocar o texto no centro da aula de português. Na esteira dessa visão, ganharam destaque as abordagens fundamentadas nas noções de gêneros discursivos e dialogismo, oriundas das reflexões de Bakhtin e do Círculo. Hoje, é inegável a influência do pensamento bakhtiniano nas propostas oficiais, nas práticas pedagógicas, nos materiais didáticos e na formação docente voltada ao ensino de língua portuguesa. Por isso, divulgar, discutir, compreender criticamente e dialogar com esse legado é tarefa essencial da linha de pesquisa Ensino e Aprendizagem de Línguas, alimentando e renovando perspectivas

para o campo. Nesse sentido, além da atuação em aulas e orientações no âmbito do PPGL, desenvolvo trabalho de divulgação científica, por meio do Instagram @prof.lucasmacieli e do Youtube Canal Saber Linguagem – Prof. Dr. Lucas Maciel (<https://www.youtube.com/@SaberLinguagem>). Além disso, venho produzindo livros para divulgação do pensamento bakhtiniano: “Para entender os gêneros do discurso” (Maciel, 2022) e “Bakhtin: 12 conceitos fundamentais” (Maciel, 2024).

TESSITURA 5 – HORIZONTES CONTEMPORÂNEOS: TECNOLOGIA, DIVERSIDADE E FORMAÇÃO CRÍTICA

Atuar na linha de pesquisa em Ensino e Aprendizagem de Línguas implica habitar um espaço de interlocução intensa entre teoria e prática, entre sala de aula e sociedade. A área, que historicamente dialoga com campos como a aquisição de línguas, o ensino de línguas estrangeiras, a análise do discurso educacional e as políticas linguísticas, vem assumindo novos contornos na última década. Entre os desafios contemporâneos, destacam-se: (1) multimodalidade e tecnologia digital – o ensino de línguas atravessa hoje ambientes híbridos e digitais, com plataformas, aplicativos e corpora multimodais abrindo novas possibilidades de pesquisa e inovação pedagógica; (2) diversidade linguística e inclusão – o contexto educacional brasileiro coloca em pauta a educação bilíngue, a presença de imigrantes e refugiados, o ensino de línguas de sinais e a valorização de línguas indígenas; (3) formação crítica de professores e pesquisadores – a preparação de pós-graduandos exige articular rigor científico e sensibilidade pedagógica, capacitando-os para atuar em contextos variados e dialogar com políticas públicas. Assim, a linha se apresenta como um verdadeiro laboratório intelectual para pensar a língua em uso, em trânsito e em transformação – e refletir sobre como essas transformações impactam, de maneira concreta, o ensino e a aprendizagem.

POR ONDE O PENSAMENTO SE ALONGA: TESSITURAS DE TRAJETÓRIAS POSSÍVEIS

O pensamento acadêmico se prolonga quando encontra espaço para projetar caminhos e imaginar futuros. Nessa seção, diferentes olhares se debruçam sobre o ensino e a aprendizagem de línguas, propondo horizontes teóricos, políticos e pedagógicos. Cada texto aqui reunido é um esboço – não no sentido de inacabado, mas como desenho aberto, traço que se estende e se reinventa. Juntos, eles revelam pontos de partida diversos, mas convergentes no compromisso com a construção de uma prática científica viva, crítica e socialmente comprometida.

TESSITURA 1 – ENTRE FRONTEIRAS E HORIZONTES: PERSPECTIVAS PARA A PESQUISA EM LA

O espaço de interlocução construído entre ensino e aprendizagem de línguas, em diferentes contextos, ampliou os horizontes de minhas próprias investigações e publicações, conduzindo-me a explorar novas searas de pesquisa, entre elas as políticas linguísticas, a educação plurilíngue e os processos de internacionalização do ensino superior (Höfling; Zacarias, 2017; De Oliveira; Höfling, 2021, 2022). A integração ao Grupo de Pesquisa sobre Políticas Linguísticas e de Internacionalização da Educação Superior (GPLIES - <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9572177799231276>) tem representado um marco nesse percurso, pois reafirma meu pertencimento ao campo da Linguística Aplicada (LA) e, ao mesmo tempo, abre caminhos para a articulação entre ensino, pesquisa e extensão voltada às questões que atravessam o cenário educacional plurilíngue contemporâneo (Höfling, 2022). Olhando para os próximos passos, o desafio que se coloca é dar continuidade a essas investigações de forma a contribuir para a compreensão das práticas linguísticas em

SUMÁRIO

contextos de formação, bem como para o fortalecimento de políticas que favoreçam a inclusão, o plurilinguismo e a internacionalização crítica. Assim, os projetos futuros pretendem não apenas aprofundar o diálogo entre teoria e prática, mas também promover um impacto social mais amplo, assumindo o compromisso de pensar a educação linguística em suas múltiplas dimensões e em consonância com as demandas do nosso tempo. Ao mesmo tempo, as experiências acumuladas nas etapas anteriores – da formação inicial ao pertencimento à linha de pesquisa em Ensino e Aprendizagem de Línguas – oferecem uma base sólida para o desenvolvimento de projetos que conectam diferentes atores do campo educacional. Dessa forma, a trajetória que se inicia no microscópio e nos livros de infância, passa pelas escolhas, influências e consolidações acadêmicas, e agora se expande para novos horizontes, revela-se como um percurso contínuo de aprendizado, reflexão e compromisso com a produção de conhecimento e avanço da ciência voltada para o ser humano, visto como um ser social, cultural e linguístico.

TESSITURA 2 – RACIONALIDADE SISTÊMICA E DESENVOLVIMENTO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS

Delineia-se a expectativa de desenvolvimento, aprofundamento e consolidação de uma Racionalidade Sistêmica que possa fundamentar tanto uma Pedagogia de Línguas quanto uma Epistemologia de Formação de Professores de Línguas, em consonância com os princípios de uma emergente Linguística Aplicada Complexa (Silva, Borges, 2016; Borges, Silva, 2019; Borges, 2021). Tal perspectiva implica uma ruptura com modelos lineares, prescritivos e universalizantes, propondo uma compreensão dos fenômenos educacionais como processos dinâmicos, não lineares, emergentes, interdependentes, auto-organizativos e altamente sensíveis às condições iniciais (caóticos). Nesse horizonte, os processos de ensino e de aprendizagem de línguas configuram-se como núcleos estruturantes,

entendidos como práticas socio-culturalmente situadas, permeadas por instabilidade, imprevisibilidade e coadaptação entre sujeitos e contextos. Ancorada na Ciência da Complexidade, esse arcabouço reconhece a natureza viva, adaptativa e auto-organizativa de sistemas pedagógicos, visando estruturar um arcabouço teórico consistente para a construção de práticas formativas e educativas sensíveis à diversidade, à contingência e à constante transformação que marcam a experiência contemporânea no ensino de línguas.

TESSITURA 3 – CIÊNCIA COMO OBRA COLETIVA E A FORÇA DAS PARCERIAS

Entendo que o futuro da linha precise ser pensado a partir do fortalecimento de parcerias, primeiro, porque não se constrói ciência de forma isolada, são necessárias muitas mãos; segundo, porque a relevância de um programa de pós-graduação – sobretudo em ciências humanas – não é algo dado, mas que precisa ser construído e defendido diariamente, de maneira coletiva. Assim, imagino para o futuro da linha mais projetos articulando os diversos pesquisadores que a compõem – como este *ebook* –, projetos envolvendo áreas distintas da UFSCar e iniciativas interinstitucionais, em âmbitos nacional e internacional. No caso do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Semiótica da UFSCar (PISCar), estão previstas atividades conjuntas com o Grupo de Pesquisa em Semiótica da Unesp (GPS), como simpósios e encontros de discussão de textos, além da produção de artigos em parceria com colegas e do fortalecimento de vínculos com pesquisadores estrangeiros. O bom andamento dos trabalhos depende, contudo, de condições materiais que assegurem a permanência de estudantes na pós-graduação e o financiamento de projetos. Há, portanto, uma dimensão deste trabalho coletivo que se projeta também como luta política dentro e fora da universidade, para garantir que essas condições sejam melhoradas.

TESSITURA 4 – PASSADOS, PRESENTES E FUTUROS NO DIÁLOGO BAKHTINIANO

Em uma modernidade cada vez mais digital, recorro a Bakhtin para refletir sobre as práticas humanas centradas nas relações entre passados, presentes e futuros. Considero imprescindível reafirmar e trabalhar na pós-graduação com obras e textos de pensadores e pesquisadores “do passado” cuja relevância permanece incontornável. A partir dessa base, conjugamos o que nos foi legado com o presente que vivenciamos, projetando um futuro em que os conhecimentos construídos na universidade possam, de fato, impactar o ensino. Para tanto, é preciso uma nova visão que considere a onipresença do digital sem permitir que ela nos desumanize. Isso requer ouvir mais o outro que a nós mesmos: escutar estudantes, seus pais e professores – nessa ordem –, de modo que nossas reflexões possam contribuir, de forma ampliada, para processos educacionais permeados pelas práticas de linguagem.

TESSITURA 5 – DESAFIOS, FRENTES DE AÇÃO E COMPROMISSO COM O FUTURO

O contexto atual da pós-graduação brasileira é desafiador. Nos últimos anos, temos acompanhado: mudanças nas políticas de fomento, com impacto na continuidade de pesquisas e bolsas; necessidade de internacionalização, que exige domínio de línguas estrangeiras, produção em revistas indexadas e construção de redes de pesquisa globais; exigência de relevância social, que convoca os programas a demonstrarem de que forma suas pesquisas contribuem para a sociedade. No caso específico do ensino e aprendizagem de línguas, isso se traduz na urgência de aproximar a pesquisa da realidade das salas de aula. Projetos que dialoguem com professores da educação básica, escolas bilíngues, contextos de

ensino de Português como Língua Adicional e espaços multilíngues tornam-se estratégicos. O PPGL/UFSCar, ao longo de sua história, sempre valorizou a excelência acadêmica aliada à inovação social. O desafio atual é manter esse legado em meio às transformações, consolidando-se como um polo de produção de conhecimento crítico e internacionalmente relevante. Ao projetar os próximos anos, vislumbro três frentes de ação prioritárias que podem orientar não apenas minha atuação como docente, mas também a contribuição da linha de pesquisa em ensino e aprendizagem de línguas para o PPGL:

1. Integração entre pesquisa e extensão: promover projetos que dialoguem com a comunidade escolar, com professores de línguas e com contextos multilíngues locais; transformar resultados de pesquisa em materiais e formações acessíveis, que impactem práticas pedagógicas.
2. Fortalecimento das metodologias digitais e interdisciplinares: explorar ferramentas de análise multimodal e corpora digitais, aproximando a pesquisa da realidade tecnológica dos alunos; incentivar parcerias com áreas afins, como Educação, Psicologia Cognitiva, Computação e Ciências de Dados.
3. Ampliação da internacionalização e visibilidade científica: estabelecer redes de colaboração com pesquisadores estrangeiros; incentivar publicações em periódicos internacionais sem perder o diálogo com a realidade educacional brasileira.

Essas perspectivas não apenas consolidam a tradição de excelência do PPGL/UFSCar, como também respondem aos desafios de um mundo em que a pesquisa em linguística aplicada e ensino de línguas é cada vez mais global, tecnológica e socialmente engajada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura das tessituras aqui reunidas permite perceber que a vida acadêmica é feita menos de trajetórias retilíneas e mais de movimentos sinuosos, bifurcações e retomadas que, ao se entrelaçarem, dão corpo a um campo de saber vivo, dinâmico e em constante reinvenção.

O primeiro movimento, voltado às experiências singulares de formação e docência, mostra como cada percurso é atravessado por inquietações fundantes: o ingresso no mundo das palavras, das línguas, seus dicionários, buscando a autonomia de seus usuários, concomitante ao aprendizado da profissão docente; a busca por uma racionalidade sistêmica na formação de professores e uma pedagogia complexa que acolham a não linearidade do ensino e da aprendizagem de línguas; a travessia entre escola e universidade, cujos meandros moldam a identidade docente; a urdidura que leva da redação de vestibular à reflexão sobre a formação superior; e a integração do cinema como recurso pedagógico capaz de reconfigurar práticas de ensino. Em cada uma dessas trajetórias, o que emerge não é apenas um relato individual, mas uma maneira de compreender a docência como espaço de invenção e resistência.

No segundo movimento, centrado na linha de Ensino e Aprendizagem de Línguas, destacam-se as cadências que sustentam e expandem o campo da Linguística Aplicada. As cinco tessituras evidenciam a complexidade de investigar a linguagem em contextos de ensino: a construção de um ambiente crítico, participativo e inovador, que dialogue com as complexidades sociais e culturais que perpassam o ensino de línguas em nosso país; a necessidade de pensar os processos educacionais como sistemas adaptativos complexos, dinâmicos, abertos, não lineares e auto-organizáveis; a urgência de consolidar pontes entre a teoria semiótica e as práticas escolares; a vitalidade do diálogo com o legado bakhtiniano, que mantém o texto

no centro da sala de aula; e, por fim, os desafios contemporâneos que se apresentam sob a forma de tecnologias digitais, diversidade linguística e formação crítica de professores. Juntas, essas reflexões reforçam a vocação da linha como espaço de interlocução fecunda entre tradição e inovação, teoria e prática, universidade e sociedade.

O terceiro movimento, por sua vez, projeta horizontes possíveis, fazendo da memória um ponto de partida para o futuro. As tessituras que o compõem assumem um compromisso de pensar a educação linguística em suas múltiplas dimensões, favorecendo a inclusão, o plurilinguismo e a internacionalização crítica; revelam uma racionalidade sistêmica em construção, capaz de oferecer fundamentos teóricos e epistemológicos para práticas pedagógicas sensíveis à complexidade dos processos de ensino e de aprendizagem na contemporaneidade; apontam para a centralidade da ciência como obra coletiva, sustentada por parcerias institucionais e pelo compromisso político com a defesa da universidade pública; retomam o diálogo bakhtiniano como modo de articular passados, presentes e futuros em uma modernidade digital; e, finalmente, reconhecem os desafios impostos pela pós-graduação brasileira, afirmando a necessidade de integrar pesquisa e extensão, fortalecer metodologias digitais e ampliar a internacionalização.

Assim, o que se delinea ao final deste capítulo é a consciência de que cada fio – cada tessitura – ao mesmo tempo que guarda a marca de experiências particulares, contribui para a formação de uma tapeçaria coletiva. Os percursos individuais se tornam cadências compartilhadas, e os horizontes projetados anunciam compromissos que extrapolam o âmbito da pesquisa para alcançar a vida social. O PPGL-UFSCar, nesse contexto, aparece como um espaço de ressonância dessas vozes: lugar em que os meandros se encontram, em que os fragmentos se reconhecem como parte de um todo maior, e em que a universidade se afirma como tecido vivo, entrelaçado por memória, criação e responsabilidade diante do presente e do futuro.

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

BARROS, M. L. P. **O discurso da memória:** entre o sensível e o inteligível. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/SP, 2011. 306f.

BARROS, M. L. P. **A arquitetura das memórias:** um estudo do tempo no discurso autobiográfico. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/SP, 2006. 233f.

BORGES, E. F. V. CALTeL as an object theory of the complexity theory domain on language teacher development. **International Journal of Complexity in Education**, v. 2(2), p. 75-92, 2021a.

BORGES, E. F. V. Por uma pedagogia complexa de línguas adicionais. *In*: FINARDI, K. R.; SANT'ANA, C. e AMORIM, G. B. (orgs.) **Linguística aplicada na contemporaneidade:** temáticas e desafios. Campinas - SP: Pontes Editores, 2021b. p. 195-227.

BORGES, E. F. V.; SILVA, W. M. The emergence of the additional language teacher/adviser under the complexity paradigm. **DELTA**, v. 35(3), p. 2-14, 2019.

BORGES, E. F. V. Complexity approach to language teaching and learning: moving from theory to potential practice. *In*: GITSAKI, C. & ALEXIOU, T. (org.). **Current issues in second/foreign language teaching and teacher development:** research and practice. Newcastle upon Tyne, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2015. p.140-163.

BORGES, E. F. V. Paradigm shift in language teaching and teacher education. **The ESpecialist**, v. 35(1), p. 42-59, 2014.

BORGES, E. F. V.; PAIVA, V. L. M. O. Por uma abordagem complexa de ensino de língua, **Linguagem & Ensino**, v. 14(2), pp. 337-356, 2011.

BORGES, E. F. V. **Uma reflexão filosófica sobre abordagens e paradigmas na constituição da subárea ensino-aprendizagem de LE/L2 na Linguística Aplicada.** Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP/SP), 2009. 298f.

BORGES, E. F. V. **O discernimento do esteio teórico nos PCN de Língua Estrangeira - Ensino Fundamental.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas/SP, 2003. 206f.

SUMÁRIO

De OLIVEIRA, L. C.; HÖFLING, C. O ensino de conteúdo por meio da língua (LACI): Uma abordagem para o ensino de inglês. *In*: EL KADRI, M.S.; SAVIOLLI, V.B; MOLINARI, A. (Orgs).

Educação de professores para o contexto bi/multilíngue: perspectivas e práticas. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 94-115.

De OLIVEIRA, L. C.; HÖFLING, C. Bilingual Education in Brazil. *In*: RAZA, K.; COOMBE, C.; REYNOLDS, D. (org.). **Policy Development in TESOL and multilingualism: past, present and the way forward.** Springer, 2021. p.25-37. ISBN 978-981-16-3602-8 ISBN 978-981-16-3603-5 (e-book)

HÖFLING, C. A formação de professores de língua inglesa e o inglês como meio de instrução (EMI/IMI) como política linguística de instituições de ensino superior. *In*: **Inter/multi/transdisciplinaridades em estudos linguísticos e políticas de internacionalização na educação: inovações, reflexões e práxis.** Editora UEMS, 2022.

HÖFLING, C. Uma proposta de definição padrão de nomes concretos em dicionários bilíngues. In Beatriz N. O. Longo & B. C. D. da Silva (Orgs.) **A construção de dicionário e de bases de conhecimento lexical.** Série Trilhas Linguísticas. São Paulo, Cultura Acadêmica Editora, n. 09, 2006. pp 61-99.

HÖFLING, C. **Traçando um perfil dos usuários de dicionários - estudantes de Letras com Habilitação em Língua Inglesa:** um novo olhar sobre dicionários para aprendizes e a formação de um usuário autônomo. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras - FCL - UNESP, Araraquara/SP, 2006. (Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Nunes de Oliveira Longo)

HÖFLING, C. **Da análise crítica de definições de nomes concretos em dicionários para uma proposta de definição padrão.** Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras - FCL - UNESP, Araraquara/SP, 2000. (Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Nunes de Oliveira Longo)

HÖFLING, C.; ZACARIAS, R. A. S. (EMI) O uso de inglês como meio de instrução: impacto na internacionalização, mobilidade acadêmica e formação de estudantes. *In*: LUCAS, O. P.; RODRIGUES, R. F. L. (orgs.) **Temas e rumos nas pesquisas em Linguística (Aplicada):** Questões empíricas, éticas e práticas. Vol. 2. Campinas: Editora Pontes, 2017. p. 255 a 279. ISBN 978-85-7113-859-9.

LIMOLI, L. Leitura semiótica da telenovela e ensino de língua portuguesa, **Anais do XX Seminário do CELLIP** – Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná, 1, 2011, p. 1-12.

SUMÁRIO

MACIEL, L. V. C. **Gênero e estilo nas melhores redações do vestibular Unicamp.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas/SP, 2008. 180 p.

MACIEL, L. V. C. **Relações dialógicas em narrativas.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas/SP, 2014. 380 p.

MACIEL, L. V. C. **Para entender os gêneros do discurso.** Araraquara: Letraria, 2022. 162 p.

MACIEL, L. V. C. **Bakhtin:** 12 conceitos fundamentais. São Carlos: Edição do Autor, 2024.

SILVA, W. M.; BORGES, E. F. V. (orgs.). **Complexidade em ambientes de ensino e de aprendizagem de línguas adicionais.** Curitiba, PR: CRV, 2016. 298p.

SOUSA, R. P. de. **Reflexões sobre os processos de ensino-aprendizagem de português como língua estrangeira na República Cooperativista da Guiana: desafios e possibilidades.** 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/20521>.

TAVARES, T. N. **O letramento visual em materiais didáticos bilíngues para surdos (Libras língua portuguesa):** escolhas e práticas pedagógicas do professor surdo. 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/20620>.

TAVARES, T. N.; HÖFLING, C. O letramento visual em materiais didáticos bilíngues para surdos: escolhas e práticas pedagógicas do professor surdo. **Revista Espaço**, volume especial, n. 60, p. 118-134, 2024.

2

Caroline Carnielli Biazolli

Cássio Florêncio Rubio

João Paulo da Silva

DA CHEGADA RECENTE A COMPROMISSOS DURADOUROS:

**TRAJETÓRIAS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS
FUTURAS NO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA DA UFSCAR**

DOL: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-520-6.15

INTRODUÇÃO

O presente capítulo reúne as trajetórias, bem como reflexões sobre o ingresso recente, os percalços enfrentados, as adaptações realizadas e as projeções para os próximos anos de três docentes que, há pouco tempo, passaram a integrar o Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com atuação na linha de pesquisa “Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais”, entre outras que compõem o programa.

Caroline Carnielli Biazolli é mestra e doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Araraquara/SP. Ingressou na UFSCar em 2019, no então Departamento de Metodologia de Ensino, que passou a se chamar Departamento Interdisciplinar de Formação Docente, ao qual atualmente está vinculada como professora Adjunta, nível 2. Desenvolve pesquisas nas áreas de Sociolinguística e de Ensino e Aprendizagem de Línguas, com foco na Língua Portuguesa como língua materna. Seus estudos envolvem temas como variação e mudança linguísticas, normas linguísticas, gêneros textuais-discursivos¹, preconceito e respeito linguísticos, ensino de Língua Portuguesa e formação docente. É líder do “Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística” (SOLAR), sediado na Unesp de Araraquara e na UFSCar, e integra o grupo “Pró-norma plural: do *continuum* fala-escrita para a norma-padrão”, alocado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Cássio Florêncio Rubio é mestre e doutor em Estudos Linguísticos pela Unesp de São José do Rio Preto. Desde 2019, integra o corpo docente da UFSCar, vinculado ao Departamento

1 O uso da forma “gêneros textuais-discursivos”, em vez de “gêneros textual-discursivos”, é intencional e busca destacar, conforme apontam Biazolli e Berlinck (2021) a respeito de pesquisas sobre variação e mudança linguísticas e gêneros, que tanto a análise da organização textual de um gênero quanto a interpretação dos discursos que o sustentam têm igual relevância.

de Psicologia, no qual atua como professor Associado, nível 3. Sua área de investigação principal é a Sociolinguística, com ênfase em variação e mudança linguísticas, bilinguismo e multilinguismo, contato linguístico, e políticas linguísticas. Integra o “Grupo de Estudos Sociofuncionalistas”, sediado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), e o “Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística” (SOLAR), da Unesp e da UFSCar.

João Paulo da Silva é mestre e doutor em Letras e Linguística pela Universidade de São Paulo (USP). Ingressou na UFSCar em 2016, no Departamento de Psicologia, ao qual está associado como professor Adjunto, nível 2, para atuar nas disciplinas de Linguística e Língua Portuguesa do Curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação Libras/Língua Portuguesa (TILSP). Suas pesquisas se voltam para a descrição linguística da Libras, do ponto de vista da multimodalidade e intercorporeidade, características das interações humanas. É membro do “Laboratório Linguagem, Interação, Cultura e Cognição” (LLICC), da USP.

A inserção dos três docentes na linha de pesquisa “Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais” ocorreu em momentos distintos, entre 2021 e 2024, em um contexto de ampliação do corpo docente do PPGL da UFSCar. Essa chegada recente, embora marcada por motivações singulares, também revela pontos de convergência, especialmente no compromisso de expandir a linha com aportes teórico-metodológicos diversos. Essa expansão fortalece o alcance das pesquisas desenvolvidas no programa e, de modo direto, colabora para o avanço da Linguística brasileira como um todo. Nesse sentido, a partir de uma escrita colaborativa, este capítulo busca destacar experiências e expectativas relacionadas à atuação na pós-graduação de docentes recém-integrados ao PPGL da UFSCar, que investigam temáticas inéditas no programa e contribuem para a formação de novos pesquisadores.

SUMÁRIO

Inserido nas comemorações dos 20 anos do PPGL da UFSCar, este capítulo organiza-se sobretudo em quatro frentes principais – (i) os percursos académicos e profissionais dos docentes envolvidos; (ii) suas primeiras impressões; (iii) seus desafios, o processo de inserção no programa e as estratégias de adaptação utilizadas; e (iv) suas projeções e contribuições futuras. Mais do que um registro institucional de parte da memória do programa, este texto é um gesto de aproximação entre aqueles que ingressaram no PPGL da UFSCar no mesmo período, unidos pelo desejo de celebrar a continuidade do programa, fortalecida pelo compromisso coletivo.

NOSSAS TRAJETÓRIAS²

- Caroline Carnielli Biazolli

Minha escolha pela licenciatura foi, desde o começo, atravessada por experiências afetivas e por uma referência familiar muito significativa. Filha de professora de História, cresci acompanhando de perto os desafios e os encantamentos da profissão docente. Minha mãe dedicou mais de quatro décadas à Educação, tendo iniciado a carreira alfabetizando classes multisseriadas na zona rural e chegando a atuar no Ensino Superior. A sua trajetória sempre me inspirou. Foi, portanto, natural que a escola ocupasse desde cedo um lugar importante na minha vida.

Entre todas as disciplinas, as aulas de Língua Portuguesa sempre me despertaram um interesse especial. Mesmo em um contexto de ensino tradicional de língua, eu me encantava com o modo como as palavras davam forma às ideias e abriam caminho para a comunicação. Somente na graduação, entretanto, compreendi

2 Esta seção foi escrita, de modo proposital, na primeira pessoa do singular, preservando a voz e as vivências individuais da autora e dos autores do capítulo.

SUMÁRIO

a língua em sua dimensão mais ampla, como prática social, movimento histórico e elemento central na constituição de nossa identidade como sujeitos. Desse modo, ao escolher o curso de Letras, encontrei um espaço para unir meu interesse pelo estudo da língua ao desejo de atuar na formação de outras pessoas.

Concluí a graduação em Letras, Licenciatura Plena e Bacharelado em Português/Inglês, em 2007, pela Unesp de Araraquara. Durante os meus anos de graduanda, tendo sido bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET)³, pude participar de atividades que integravam ensino, pesquisa e extensão, ampliando minha formação para além da sala de aula. No campo da pesquisa, foi nesse período que iniciei minha trajetória na Linguística, tendo o primeiro contato com a Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]) e desenvolvendo iniciações científicas voltadas ao estudo da posição dos clíticos pronominais no português brasileiro dos séculos XIX e XX, sob a orientação da Profa. Dra. Marymarcia Guedes.

Meu interesse por estudos de variação e mudança linguísticas se consolidou quando, de fato, entendi a língua como uma realidade dinâmica, heterogênea e historicamente situada, marcada pelas práticas sociais em seu contexto real de uso. Nas minhas primeiras pesquisas, aprendi que o fenômeno da colocação pronominal, tão frequentemente ensinado na escola apenas a partir de regras prescritivas que buscam evitar “erros”, era muito mais complexo: longe de se restringir a normas fixas, a colocação pronominal se manifestava no uso real da língua, condicionado por fatores linguísticos e extralinguísticos, relacionados a situações comunicativas e contextos históricos específicos. O reconhecimento da heterogeneidade

3 O PET, sob a responsabilidade da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC), é um programa que concede bolsas a estudantes de graduação e a tutores e apoia atividades de grupos tutoriais nas Instituições de Ensino Superior em todo o país, promovendo a formação acadêmica de excelência. Informação disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pet>. Último acesso em: 19 ago. 2025.

constitutiva da língua, integrada a uma realidade inerentemente ordenada, conduziu todo o meu percurso na pós-graduação.

No mestrado, cursado no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLLP) da Unesp de Araraquara, desenvolvi a pesquisa intitulada "Clíticos pronominais no português de São Paulo: 1880 a 1920 – uma análise sócio-histórico-linguística", sob a orientação da Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck. A dissertação, realizada com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e defendida em 2010, com base em pressupostos da Linguística Histórica e da Sociolinguística Variacionista, analisou a colocação de clíticos pronominais em textos jornalísticos produzidos em São Paulo e em Rio Claro, município do interior paulista, entre 1880 e 1920. O estudo buscou identificar semelhanças e particularidades no uso de pronomes clíticos em localidades com perfis socioculturais distintos, em um período até então pouco explorado pelas pesquisas linguísticas, mas de grande relevância histórica. A escolha do corpus jornalístico se revelou especialmente produtiva, pois mostrou, a partir dos resultados obtidos, a pertinência de um olhar mais atento às correlações entre variação, mudança linguística e gêneros textuais-discursivos. Foi justamente essa a questão que se tornou central e foi aprofundada no doutorado.

Concluída em 2016, novamente sob a orientação da Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck, no PPGLLP da Unesp de Araraquara, fiz a tese "Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma". O estudo, que contou com o auxílio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), avaliou como a questão de continuação (estilístico e fala/escrita) e de gêneros textuais-discursivos contribui para o entendimento de processos em variação, tomando como objeto a colocação de clíticos pronominais em quatro gêneros jornalísticos do início do século XXI – entrevista na TV, noticiário de TV, carta do leitor e editorial –, extraídos de programas, telejornais e periódicos impressos de Portugal e do Brasil.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Os resultados sinalizaram que, no português usado em Portugal, a posição dos pronomes clíticos está intimamente relacionada a fatores estruturais, enquanto no português brasileiro tal fenômeno parece também ser sensível à ação de elementos não linguísticos, uma vez que houve diferenças no comportamento das variantes de acordo com o gênero e a sua distribuição nos continentes propostos. Com base nos registros da variedade brasileira do português, a tese mostrou a coerência de se unir à observação de motivações linguísticas uma investigação sobre o maior número possível de aspectos vinculados às características situacionais do gênero textual-discursivo em que o dado linguístico está inserido. Para viabilizar a parte comparativa da pesquisa, realizei estágio doutoral no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), em 2014, com bolsa do Programa de Doutorado-Sanduiche no Exterior (PDSE) da CAPES, sob a supervisão da Profa. Dra. Maria Antónia Coelho da Mota e da Profa. Dra. Ernestina Carrilho. Naquele período, eu me dediquei à coleta de dados orais e escritos do português de Portugal, à organização e sistematização do corpus e ao estabelecimento de critérios metodológicos para o tratamento das amostras portuguesa e brasileira. Essa experiência reforçou minha formação como pesquisadora ao me inserir em um ambiente acadêmico internacional, permitindo trocas científicas que enriqueceram e diversificaram meu repertório teórico e metodológico.

Após a conclusão do doutorado, em 2017 e 2018, atuei como professora substituta no Departamento de Linguística da Unesp de Araraquara – atualmente denominado Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas – e na área de Português do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), câmpus de Araraquara. Na Unesp, lecionei disciplinas como “Metodologia do Texto Científico”, “Leitura e Produção de Textos I e II”, “Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna”, “Português como Língua Estrangeira”, “Pragmática” e “Teorias do Discurso”. No IFSP, no Ensino Médio Integrado, ministrei “Língua Portuguesa e Redação” e, no Ensino Superior,

“Leitura, Interpretação e Produção de Textos” e “Língua Brasileira de Sinais”. A experiência como professora substituta foi decisiva para a minha formação docente, uma vez que essa atuação diversificada expandiu minha versatilidade pedagógica. Esse percurso não me conferiu apenas mais conhecimentos e domínio dos conteúdos abordados, mas também segurança e (um pouco de) maturidade profissional para assumir com confiança uma posição efetiva na carreira docente.

Nesse contexto, entre 2018 e 2019, realizei estágio pós-doutoral em Sociolinguística na Unesp de Araraquara, sob a supervisão da Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck e com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), aprofundando questões relacionadas às correlações entre variação e gêneros textuais-discursivos.

Em 2019, ingressei como professora Adjunta na UFSCar, no então Departamento de Metodologia de Ensino, hoje Departamento Interdisciplinar de Formação Docente. Do meu ingresso em diante, tenho atuado nas Licenciaturas em Letras (Português/Inglês e Português/Espanhol), ministrando disciplinas voltadas às metodologias de ensino de Língua Portuguesa e aos estágios supervisionados da área, e assumido funções de gestão, como vice-chefe de departamento (2019-2020) e vice-coordenadora dos cursos de Licenciatura em Letras (2021-2023). Também tenho desenvolvido ações em programas de formação docente, como o Programa Residência Pedagógica (PRP/CAPES - Editais 2020-2022 e 2022-2024), no qual fui docente orientadora, e o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid/CAPES - Edital 2024-2026), no qual sou atualmente coordenadora de área do Núcleo de Letras/Língua Portuguesa.

A minha atuação se estendeu à pós-graduação a partir de 2021, quando passei a integrar simultaneamente o corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação Profissional em

SUMÁRIO

Educação (PPGPE/UFSCar) e do PPGL da UFSCar. No PPGPE, atuei no quadriênio 2021-2024. No PPGL, inicialmente, me credenciei na linha de "Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais". Com meu crescente envolvimento na aplicação dos pressupostos da Sociolinguística ao âmbito educacional, especialmente no ensino de Língua Portuguesa como língua materna, ampliei minha inserção no programa e hoje também integro a linha de "Ensino e Aprendizagem de Línguas". No PPGL, desenvolvo e oriento pesquisas que abordam sobretudo variação e mudança linguísticas, normas linguísticas, gêneros textuais-discursivos, preconceito e respeito linguísticos, ensino de Língua Portuguesa e formação docente.

A escolha pelo PPGL reflete meu propósito de inserir o programa no rol daqueles que desenvolvem pesquisas em Sociolinguística, fortalecendo sua produção científica nessa área e criando espaço para novas conexões entre pesquisadores que se interessam pelas relações entre língua e sociedade. Nessa conjuntura, lidero o "Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística" (SOLAR), que, a partir de 2025, passa a ter sede institucional também na UFSCar, consolidando-se como polo de produção científica, formação de pesquisadores e diálogo com a sociedade. A formação acadêmica e a experiência profissional que compõem a minha trajetória demonstram uma dedicação contínua à investigação da língua em suas múltiplas dimensões e à integração entre ensino, pesquisa e extensão, com vistas a uma educação (sócio)linguística transformadora. Na mesma perspectiva de Scherre (2005, p. 10), considero que

Analisar uma língua em sua intimidade é um privilégio. Esmiuçar as entranhas das formas linguísticas e sentir a sistematicidade que envolve línguas, dialetos e variedades, sem julgamento de valor, é de beleza ímpar e só pode fazer bem aos que têm essa possibilidade. Partilhar esse bem constitui mais do que um dever, é uma responsabilidade social, é uma questão de cidadania.

SUMÁRIO

▪ Cássio Florêncio Rubio

Desde o início da minha trajetória acadêmica, evidenciei um interesse pelas questões relacionadas à linguagem, à variação linguística e às práticas comunicativas em contextos diversos. Esse interesse foi precedido por minha formação em Tecnologia em Processamento de Dados, realizada no Centro Universitário de Rio Preto (UNIRP), experiência que me proporcionou uma base sólida em lógica, análise de sistemas e organização de informações – competências que, mais tarde, viriam a contribuir com meu olhar estruturado para o tratamento de dados linguísticos e para o desenvolvimento de pesquisas empíricas. Posteriormente, durante minha graduação em Letras, com habilitação em Português e Francês, cursada na Unesp, *campus* de São José do Rio Preto, desenvolvi um profundo interesse pelas questões relacionadas à linguagem, à variação linguística e às práticas comunicativas em contextos diversos. Durante esse período, fui apresentado às bases da linguística estrutural e funcional, além de consolidar meus conhecimentos em gramática, literatura e ensino de línguas. Esse percurso inicial foi fundamental para que eu percebesse a linguagem como um fenômeno social dinâmico e multifacetado, que exige abordagens interdisciplinares e sensíveis à diversidade.

No decorrer da graduação, participei de projetos de iniciação científica e atividades de monitoria, que fortaleceram minha vocação para a pesquisa e para a docência no ensino superior. Ainda nesse período, percebi que os estudos sociolinguísticos ofereciam uma perspectiva crítica e concreta para compreender as práticas linguísticas em seu contexto real de uso, o que motivou meu ingresso no Mestrado em Estudos Linguísticos, também pela Unesp. Desenvolvi, então, uma pesquisa voltada à análise da concordância verbal na língua falada do noroeste paulista, sob a ótica da Sociolinguística Variacionista, com base em amostra linguística que ajudei a compor, a partir do Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP).

Essa investigação e a participação no Projeto me permitiram aprimorar minhas habilidades metodológicas, sobretudo no que tange à coleta e análise de dados empíricos, bem como fortalecer meu compromisso com uma ciência linguística comprometida com a descrição da língua em uso.

O êxito da pesquisa de mestrado e o incentivo de meu orientador, Professor Doutor Sebastião Carlos Leite Gonçalves, impulsionaram minha decisão em dar continuidade à formação acadêmica, em nível de doutorado, novamente pela Unesp. Durante o doutorado, ampliei meu escopo de investigação, comparando padrões de concordância verbal e de alternância pronominal entre o português falado no Brasil e em Portugal. A análise contrastiva entre as duas variedades do português não apenas aprofundou minha compreensão sobre os mecanismos de variação e mudança linguísticas, mas também me possibilitou o contato com *corpora* internacionais, ampliando minha experiência com dados multilíngues e com a realidade sociolinguística de comunidades linguísticas distintas. O trabalho resultante dessa pesquisa evidenciou padrões sistemáticos de variação e forneceu subsídios teóricos e empíricos para o debate sobre a normatividade linguística e a variação legítima dentro das línguas românicas.

Minha trajetória profissional foi iniciada no ensino básico, na educação profissionalizante e no ensino superior privado, concomitantemente à formação na pós-graduação, o que me permitiu compreender de forma mais concreta os desafios enfrentados por estudantes em diferentes etapas de formação. Essa vivência contribuiu para que eu desenvolvesse uma abordagem didática sensível à heterogeneidade linguística e sociocultural dos aprendizes, haja vista ter sido professor de Língua Portuguesa e de Informática do Serviço Social da Indústria (SESI) e do Centro Educacional de Tanabi, entre os anos de 2009 e 2012, atuando em turmas do Ensino Fundamental I, II e do Ensino de Jovens e Adultos (EJA). No Ensino Superior, atuei como docente em instituições do interior do Estado de São Paulo, entre 2008 e 2011, na Unesp, na Faculdade Ceres de São José do Rio Preto e no Instituto Superior de Barretos.

SUMÁRIO

Em 2012, mediante aprovação em concurso público, passei a pertencer ao quadro permanente de docentes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), instituição federal sediada no interior do estado do Ceará, marcada por sua vocação internacional e pelo compromisso com a inclusão de populações historicamente minorizadas. Naquela instituição, atuei nos cursos de graduação em Letras e no Bacharelado em Humanidades, além de integrar os programas de pós-graduação vinculados à UNILAB, como o Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis e o recém-criado Mestrado em Linguística. Além disso, participei do Mestrado Profissional em Letras, ofertado pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Durante minha permanência na UNILAB, exerci ainda o cargo de Pró-Reitor de Relações Institucionais, o que ampliou significativamente minha experiência na articulação entre ensino, pesquisa, extensão e gestão acadêmica, com foco especial em iniciativas voltadas à internacionalização, ao intercâmbio científico com os Países Africanos de Língua Oficial portuguesa (PALOP) e à recepção e permanência dos estudantes internacionais.

A experiência na UNILAB foi particularmente marcante para o amadurecimento das minhas reflexões sobre bilinguismo e multilinguismo, inclusão e respeito linguístico. Essa perspectiva foi consolidada com minha redistribuição para a UFSCar, em 2019, e integração ao Departamento de Psicologia da UFSCar, no qual, atualmente, atuo como professor das disciplinas do eixo de Linguística e Língua Portuguesa do curso de Tradução e Interpretação em Libras/Português, em conjunto com o Prof. João Paulo da Silva. A interação com comunidades surdas e a atuação em cursos de formação de intérpretes e professores de Libras contribuíram para que eu incorporasse novas dimensões à minha atuação como linguista, ampliando meu compromisso com a diversidade linguística em sentido amplo.

Essa trajetória de formação acadêmica e profissional justifica minha integração ao PPGL da UFSCar, já que, em primeiro lugar,

SUMÁRIO

ele oferece um ambiente de pesquisa dinâmico e acolhedor, comprometido com a diversidade epistemológica e com a interlocução entre diferentes perspectivas teóricas. Em segundo lugar, o PPGL reúne pesquisadores e linhas de pesquisa que dialogam diretamente com minhas áreas de interesse, especialmente no campo da Sociolinguística, da análise da variação e mudança linguísticas e do contato entre línguas. Em terceiro lugar, a UFSCar se destaca por seu compromisso com a inclusão e com a democratização do saber, valores que partilho e que busco incorporar às minhas práticas acadêmicas e pedagógicas.

Nesse sentido, a decisão de integrar o PPGL não apenas representa a continuidade natural de minha trajetória acadêmica, mas também reafirma meu compromisso com uma linguística engajada, crítica e socialmente relevante. Acredito que minha experiência prévia com projetos de pesquisa, docência e extensão voltados à variação linguística, ao bilinguismo e multilinguismo e à formação docente pode contribuir significativamente para os objetivos do programa, ao mesmo tempo em que seu ambiente me permite aprofundar minhas investigações, estabelecer novas parcerias e consolidar minha atuação como pesquisador comprometido com as demandas linguísticas contemporâneas da sociedade brasileira.

▪ João Paulo da Silva

Sou graduado em Letras (licenciatura português-inglês) pelo Centro Universitário Fundação Santo André. Desde a graduação, interessei-me pela língua de sinais brasileira (libras) e comecei a estudá-la, inicialmente por conta própria, na biblioteca da universidade. Esse foi o período, no início da graduação, em 2004, em que a libras começava a ganhar destaque em diferentes espaços sociais, impulsionada pela assinatura da 'Lei de Libras' (10.436/02), que reconheceu essa língua como meio de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras. Em 2007, iniciei um curso de libras e de preparação de intérpretes na comunidade religiosa de que participava e, ao fim

do curso, comecei a interpretar os serviços religiosos da comunidade. Depois disso, em 2010, especializei-me em tradução e interpretação libras/português pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo e atuei como intérprete de libras em diferentes espaços de educação básica e de ensino superior.

Ainda durante a especialização, motivado pelas discussões que aconteciam em sala de aula e pelos desafios que encontrava como intérprete no início de minha carreira, comecei a me interessar pela iconicidade manifesta na estrutura gramatical e na organização discursiva da libras. Durante as discussões, ficava claro que as línguas de sinais – além de serem sistemas de signos convencionais como qualquer língua oral – fazem amplo uso icônico da quadridimensionalidade que lhes é característica (isto é, das três dimensões espaciais e da temporalidade). Ao dizer, por exemplo, que “todas as luzes de um prédio se apagaram”, um sinalizadorou periodicamente organiza conceitualmente, no espaço de enunciação em frente ao seu corpo, os aspectos visuais característicos da cena descrita, isto é, a relação espacial entre o prédio e as luzes e, ainda, o modo que as luzes se apagaram, se instantânea ou periodicamente. A discussão de dados como esse nas aulas da especialização e com os próprios surdos com os quais trabalhava naquele momento me levou à construção de um projeto de pesquisa para estudar, durante o mestrado, sob a orientação da Profa. Evani de Carvalho Viotti (USP), o que chamei, inspirado em Liddell (2003), de sinais depictivos em libras. Os resultados da pesquisa sugeriram que a depicção (ou demonstração, como chamei mais adiante) – essa possibilidade de ilustrar visualmente aspectos perceptíveis de entidades e eventos – não é uma propriedade de uma determinada categoria de sinais, mas um método interacional empregado sistematicamente – tanto em interações presenciais em línguas orais quanto em línguas sinalizadas – para imaginar conjuntamente, no espaço da enunciação – características salientes dos referentes. Trata-se, portanto, de imaginação situada, uma forma de imaginação que acontece, não dentro da cabeça de um indivíduo, mas no espaço público da interação.

SUMÁRIO

Nesse processo, tanto falantes quanto sinalizadores se valem de todos os recursos que têm à sua disposição – palavras/sinais, gestos, objetos materiais disponíveis no espaço de enunciação – para fazer emergir significação de modo dinâmico e corporeado. Nas interações sinalizadas, esse recurso é fundamental para os processos de referenciação e para a instanciação dos diferentes níveis de intersubjetividade narrativa (autor/leitor de carne-e-ossos, narrador/narratário e personagem/personagem).

Depois de concluir o mestrado, atuei por um ano como educador bilíngue no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, e ingressei no ano seguinte, em 2016, na UFSCar como docente no Departamento de Psicologia para integrar o corpo docente do Curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa. Desde então, atuo na formação de tradutores e intérpretes de libras, sendo responsável, juntamente com o Prof. Cássio Rubio, pelas disciplinas do eixo de Linguística e Língua Portuguesa.

Em 2018, ingressei no doutorado para estudar, ainda sob orientação da Profa. Evani Viotti, as ações bucais produzidas por pessoas surdas ao longo de uma conversa em libras. A motivação para o estudo foi a percepção inicial de que as ações bucais empregadas por pessoas fluentes em libras apresentam uma grande variedade de formas, empregadas de modo consistente e sistemático, integradas a outras ações do corpo. Apesar de a literatura sobre o assunto apresentar uma ampla discussão sobre as possíveis categorias em que essas ações podem ser agrupadas e algumas das funções que elas podem desempenhar em relação a ações manuais, chamava a atenção o fato de que não havia descrição de como essas ações fazem emergir significação em momentos específicos de uma dada interação, ou seja, a literatura aponta para grande variabilidade de formas mas sem associar essa variabilidade a qualquer elemento em curso na interação. Nesse sentido, decidi estudar as ações bucais em interações em libras a partir de uma conversa semiespontânea entre dois surdos adultos, transcrevendo, nos vinte minutos de conversa, o que acontecia no momento a momento da interação.

SUMÁRIO

Com base nessa transcrição, começou a ficar claro que os sinalizadores não constroem os seus enunciados do zero, mas tomam como ponto de partida os enunciados dos seus interlocutores, resgatando dos enunciados anteriores elementos que possam ser usados na construção dos seus próprios enunciados. Essa é a base da noção de ação co-operativa, proposta Goodwin (2018). Trata-se do reuso, com transformações, dos recursos disponibilizados por outros no espaço público da interação ou resgatados do próprio histórico de interações passadas. As ações bucais, reusadas dos enunciados dos interlocutores, podem ganhar nova configuração ao longo da interação, a partir de sinergias intra- e intercorporeadas que levam essas ações a se manifestarem não como ações individuais, mas como uma unidade com outras ações do corpo do próprio sinalizador (nesse caso, intracorporeadas) ou ações do corpo do interlocutor, como manifestação de entendimento ou de dúvida (nesse caso, intercorporeadas).

Esse tipo de descrição linguística conduz a noções dinâmicas da língua, das interações e da cognição humana. Vista dessa perspectiva, língua, interação e cognição são entendidas como sistemas complexos, dinâmicos e adaptativos, isto é, como fenômenos que emergem da interação local de muitos agentes operando em coordenação temporal e corporeada, com vistas a levarem a cabo projetos individuais e/ou conjuntos. De fato, quando se observa as práticas linguísticas a partir de um ponto de vista interacional, o que se observa é que a grande tarefa em jogo é a de construir conjuntamente um terreno comum de conhecimento (*common ground*) a fim de levar a cabo projetos em curso nas interações. Nessa tarefa, a comunicação tende a disparar acomodação mútua, de modo que os idioletos se aproximam com vista a facilitar a inteligibilidade mútua. As línguas, enquanto sistemas comuns, são construídas com base nessas similaridades, que são, por natureza, complexas, dinâmicas e adaptativas (Mufwene, 2008).

SUMÁRIO

É com essa visão de dinamicidade norteando as minhas práticas que tenho conduzido as minhas atividades didático-pedagógicas enquanto docente do curso de bacharelado em tradução e interpretação em libras/língua portuguesa. Apesar de haver uma tendência a se pensar a atividade tradutória como uma atividade individual, mental, desenvolvida por um indivíduo competente em duas línguas distintas, um olhar para a língua como ação corporeada, situada e distribuída nos convida a uma revisão desse tipo de entendimento. A fala, dessa perspectiva, não é vista como um meio de passar uma mensagem de uma mente a outra, mas uma forma de coordenação de ações, que envolve, como dito, sinergia sensoriomotor, distributividade e agência. Em relação a atividades de pesquisa com discentes, na graduação, dada a natureza do curso, tenho orientado estudos que se voltam mais propriamente para diferentes aspectos da tradução e interpretação e para os processos de aquisição de libras como segunda língua. Na pós-graduação, passo a orientar pesquisas de descrição e análise linguísticas da libras, em seus diferentes níveis de análise. A descrição linguística da libras, apesar de estar sendo realizada no Brasil há mais de quatro décadas, ainda pede pesquisas que possam esclarecer o funcionamento gramatical e discursivo dessas línguas de modalidade gesto-visual. A investigação dessa língua por pesquisadores surdos e ouvintes é a principal tarefa a que me dedicarei nos próximos anos.

CHEGADA, ENCONTROS E EXPECTATIVAS: IMPRESSIONES INICIAIS DE DOCENTES RECÉM-INTEGRADOS AO PPGL DA UFSCAR

As trajetórias acadêmicas e profissionais narradas anteriormente revelam percursos diversos, marcados por diferentes interesses de pesquisa, variada formação e experiências docentes singulares.

Ainda que particulares, essas histórias se entrecruzam quando seus protagonistas chegam ao PPGL da UFSCar e se inserem na linha de pesquisa “Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais”. É a partir desse ponto de convergência que emergem as impressões iniciais aqui reunidas, nas quais se destacam alguns dos aspectos que se sobressaíram nos primeiros contatos com o grupo, especialmente no que se refere à receptividade do corpo docente já atuante, à diversidade temática das pesquisas desenvolvidas na linha e ao potencial de colaboração entre distintas áreas do conhecimento.

Desde os primeiros encontros com colegas da linha de “Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais”, chamou a atenção dos docentes recém-integrados a abertura à diversidade de temas na pesquisa linguística, o que possibilita a configuração de um ecossistema intelectual vivo, instigante e promissor, no qual convivem investigações sobre diferentes aspectos linguísticos manifestados nos variados níveis da língua e em projetos voltados ao desenvolvimento de tecnologias linguístico-computacionais. Essa pluralidade não parece ser incidental, mas um traço constitutivo da linha, que se revelou especialmente fértil para acolher novas agendas de pesquisa – como os estudos sociolinguísticos do português brasileiro e de outras variedades do português, as análises de práticas linguísticas em comunidades em multilinguismo e contato linguístico, a descrição linguística da libras, entre outras. A expansão temática promovida pelo ingresso dos docentes recém-chegados, longe de diluir a identidade da linha, tem contribuído para adensá-la, conectando o programa a debates contemporâneos e urgentes da Linguística, tanto no plano teórico-metodológico quanto no social.

A vitalidade de que se fala não se manifesta apenas na diversidade temática, mas também no compromisso coletivo com a promoção e a divulgação do conhecimento produzido no âmbito da pós-graduação. Há um esforço contínuo por parte dos docentes e discentes do PPGL para tornar as pesquisas acessíveis e visíveis, tanto dentro quanto fora da universidade. Isso se expressa na manutenção

SUMÁRIO

SUMÁRIO

de grupos de estudos abertos à comunidade acadêmica, que se consolidam como espaços privilegiados para a discussão de alto nível e de amadurecimento de projetos em andamento, promovendo, inclusive, uma maior integração entre as atividades da graduação e da pós-graduação. O esforço do programa na manutenção de uma revista científica da área de Letras e Linguística – a “Linguasagem” – demonstra ainda um compromisso com a difusão científica, abrindo uma variedade de trabalhos que refletem o escopo temático e metodológico de todas as linhas de pesquisa do programa. Podem ser mencionados ainda os canais de divulgação científica nas redes sociais em que pós-graduandos do PPGL têm tornado suas pesquisas públicas à comunidade científica geral, abrindo espaço para crescimento e amadurecimento dos projetos.

Aliado a isso, a linha de “Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais” também se destaca pelo incentivo às colaborações de docentes e discentes do programa com instituições nacionais e estrangeiras, com destaque para o incentivo à internacionalização. A presença de docentes que integram redes de pesquisa interinstitucionais – como o “Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional” (NILC), o “Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística” (SOLAR), o “Grupo de Estudos Sociofuncionalistas”, o “Grupo de Pesquisa em Semântica, Sintaxe e Pragmática Formais” (GeSER), o “Laboratório Linguagem, Interação, Cultura e Cognição” (LLICC) e outros – amplia as possibilidades de cooperação acadêmica, favorecendo a construção de parcerias e o trânsito de pesquisadores em diferentes contextos. Essas conexões não apenas potencializam o alcance dos estudos desenvolvidos, como também contribuem para uma formação mais ampla e atualizada dos pós-graduandos vinculados ao programa. Adicionalmente, a atuação de docentes em diferentes linhas de pesquisa do PPGL revela uma abordagem interdisciplinar das questões linguísticas. Essa flexibilidade permite o trânsito de ideias, problematizações teóricas e metodologias entre linhas afins, enriquecendo as perspectivas analíticas adotadas e

favorecendo o surgimento de projetos interdisciplinares. Essa característica é particularmente valiosa para docentes recém-chegados, que encontram no programa um ambiente de abertura e incentivo ao diálogo acadêmico.

Soma-se a esses elementos – diversidade temática, valorização da pesquisa empírica, espaços de diálogo, internacionalização e abertura interdisciplinar – a impressão de que a linha de “Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais” constitui também um espaço fértil para o desenvolvimento de investigações inovadoras e socialmente relevantes. Para os docentes que recentemente passaram a integrá-la, essa inserção tem sido marcada pelo acolhimento, pela troca constante e pela construção de um sentimento de pertencimento a um coletivo que compartilha o compromisso com o avanço do conhecimento linguístico. Em um momento de celebração dos 20 anos do PPGL da UFSCar, essas primeiras impressões apontam para um horizonte promissor de continuidade e renovação.

Nesse sentido, as impressões iniciais que aproximaram a autora e os autores deste capítulo da linha de “Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais” se convertem, pouco a pouco, em compromissos de longo prazo, que orientam as suas expectativas em relação às próximas etapas de atuação no programa. A solidez teórica e metodológica que caracteriza a linha, aliada ao espírito colaborativo entre seus integrantes, oferece o terreno fértil necessário para a emergência de investigações inovadoras, sensíveis às urgências sociais e comprometidas com a complexidade dos fenômenos linguísticos.

Os docentes recém-chegados reafirmam sua convicção de que o engajamento com a linha em questão não se resume a uma escolha institucional ou acadêmica, mas expressa uma postura diante da Linguística como campo vivo, plural e em permanente construção. Com base nas trajetórias que antecederam suas entradas no PPGL da UFSCar e a partir dos vínculos que começaram a

estabelecer no programa, tais docentes projetam um futuro de cooperação, renovação e aprofundamento das investigações sobre as línguas naturais – não apenas como objetos de estudo, mas como práticas humanas situadas, emaranhadas em contextos sociais, históricos e políticos que exigem atenção.

DESAFIOS, INSERÇÃO E ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO DE DOCENTES RECÉM-INTEGRADOS AO PPGL DA UFSCAR

A integração de novos docentes ao PPGL da UFSCar é um processo que, embora enriquecedor, envolve desafios significativos. O ingresso em um ambiente acadêmico consolidado e altamente produtivo, com suas próprias dinâmicas, expectativas e trajetórias, exige dos recém-integrados um período de adaptação, que contempla tanto aspectos administrativos quanto científicos, pedagógicos e interpessoais.

Entre os desafios mais comuns, destaca-se a familiarização com a estrutura e funcionamento do programa, incluindo os trâmites internos, o calendário acadêmico, os fluxos de avaliação de projetos, dissertações e teses, os critérios de credenciamento e produtividade docente, além da articulação com as linhas e grupos de pesquisa existentes. Também são recorrentes as dificuldades iniciais de integração às redes de colaboração já estabelecidas e de construção de novas parcerias para coordenações, projetos interinstitucionais e organização de eventos científicos. A adaptação à cultura institucional e aos valores acadêmicos compartilhados pelo programa também demanda tempo e sensibilidade, especialmente no que diz respeito às expectativas de interdisciplinaridade, internacionalização e impacto social da produção científica.

O processo de inserção requer, portanto, um movimento ativo de aproximação por parte do novo docente, que passa a participar das reuniões colegiadas, comissões internas e atividades do programa. A escolha por integrar grupos de pesquisa já consolidados, colaborar em projetos multidisciplinares e buscar afinidades temáticas com colegas do corpo docente são estratégias importantes para uma inserção efetiva. Além disso, a orientação de discentes e a proposição de disciplinas que dialoguem com as linhas de pesquisa do programa funcionam como caminhos de contribuição mútua entre o docente e o PPGL.

Cabe destacar, no entanto, que a chegada de novos docentes não representa apenas um momento de aprendizado e adaptação, mas também uma oportunidade valiosa para o programa como um todo. Os docentes recém-integrados podem contribuir com novas frentes de pesquisa, perspectivas teóricas alternativas e temáticas ainda não exploradas pelo PPGL, ampliando o escopo das investigações e fortalecendo o caráter plural, dinâmico e crítico do programa. Essa renovação intelectual impulsiona a atualização das linhas de pesquisa e estimula a construção de diálogos interinstitucionais e interdisciplinares, promovendo uma constante reconfiguração do espaço acadêmico.

Frente a esses desafios e possibilidades, os docentes recém-integrados costumam desenvolver estratégias de adaptação e integração que incluem: (1) a construção de uma agenda acadêmica alinhada às demandas e metas do programa; (2) o envolvimento em ações coletivas, como bancas, seminários, eventos internos e reuniões ampliadas; (3) a busca de interlocução com docentes experientes para compreender os modos de funcionamento e as expectativas institucionais; (4) o incentivo à participação ativa dos discentes em atividades de pesquisa, extensão e publicações conjuntas; e (5) a articulação entre suas experiências anteriores e os objetivos do PPGL, contribuindo para o fortalecimento de sua identidade acadêmica dentro do coletivo.

Em síntese, o percurso de inserção da autora e dos autores deste capítulo no PPGL da UFSCar envolveu um equilíbrio entre escuta, participação ativa e construção colaborativa. Apesar dos desafios iniciais, o programa ofereceu (e oferece) um ambiente fértil para o desenvolvimento de trajetórias docentes sólidas, críticas e inovadoras. A diversidade de perfis entre os docentes do programa, aliada à abertura para novas ideias e práticas acadêmicas, faz do PPGL um espaço em permanente construção e renovação, comprometido com a excelência, a inclusão e a relevância social da pesquisa em Linguística no Brasil contemporâneo.

AS PERSPECTIVAS FUTURAS DE DOCENTES RECÉM-INTEGRADOS AO PPGL DA UFSCAR

As comemorações dos 20 anos do PPGL da UFSCar representam um marco fundamental para refletir sobre o caminho percorrido e, ao mesmo tempo, projetar os rumos futuros. Este momento histórico oferece aos docentes recém-integrados uma oportunidade singular de reconhecer (e valorizar) o legado que distingue o programa e de delinear, a partir dessa trajetória, compromissos duradouros que garantam sua força nas próximas décadas. Projetar o futuro do PPGL significa, sobretudo, pensar em como fortalecer a identidade acadêmica do programa que, como mencionado nas seções anteriores deste capítulo, é marcada pela pluralidade de experiências e pela abertura epistemológica.

Entre as expectativas que se delineiam, destaca-se a possibilidade de a linha de “Descrição, Análise e Processamento de Línguas Naturais”, bem como as demais linhas do programa, continuar a incorporar investigações inovadoras e áreas emergentes, seja por

intermédio dos docentes que já compõem a linha, seja pela entrada de novos docentes no PPGL. Esse enriquecimento temático é pertinente para que o programa se mantenha sensível às transformações sociais e às demandas científicas (do presente e) do futuro.

Nos próximos anos, espera-se intensificar ações que favoreçam o protagonismo estudantil e, assim, potencializar o impacto formativo do programa. Os docentes recém-integrados, autora e autores deste texto, repercutindo a própria formação que tiveram, enxergam que o trabalho que fazem com os pós-graduandos, em suas orientações de pesquisa e nas disciplinas que ministram, não se restringe à preparação dos estudantes para a carreira acadêmica. Ao favorecerem o protagonismo estudantil, estimulando a participação em eventos científicos, em atividades de extensão, em publicações, entre outras iniciativas, esses docentes buscam formar profissionais capazes de dialogar com diferentes esferas sociais e de intervir criticamente em questões públicas, conscientes da responsabilidade que a Linguística carrega diante das desigualdades e dos preconceitos linguísticos ainda presentes no país.

Outra perspectiva futura que se coloca é o aprimoramento da capacidade do PPGL de atrair estudantes. O ingresso de discentes provenientes de diferentes regiões do Brasil e, mais recentemente, também do exterior, tem se tornado cada vez mais frequente, fortalecendo o caráter nacional e internacional do programa. A intensificação de estratégias de divulgação das pesquisas e atividades acadêmicas poderá aumentar ainda mais esse alcance, possibilitando que pessoas de diferentes contextos e localidades tenham acesso ao PPGL. A diversidade de origens, experiências e trajetórias entre os ingressantes contribuirá para tornar o ambiente acadêmico ainda mais plural e para enriquecer as pesquisas desenvolvidas no interior do programa.

Igualmente relevante é aprofundar a interação do PPGL com a sociedade em geral. A ampliação de ações de extensão e de iniciativas que aproximem a Linguística de escolas, de comunidades

SUMÁRIO

historicamente minorizadas, de coletivos culturais e de outros segmentos sociais, por exemplo, possibilitará que o conhecimento produzido não permaneça limitado ao espaço universitário, mas circule de forma transformadora. Dessa maneira, certamente, o PPGL como um todo reafirmará o compromisso institucional com a democratização do saber e se fará ainda mais presente socialmente.

A internacionalização responsável se configura como um outro horizonte estratégico fundamental. Mais do que cumprir indicadores avaliativos, os docentes recém-chegados, bem como os demais colegas do programa, poderão buscar a consolidação e/ou a abertura de novas redes de pesquisa que garantam visibilidade internacional ao PPGL, colocando a sua produção em diálogo com discussões de alcance global, sem perder de vista a relevância das questões locais.

Não se pode, entretanto, ignorar os desafios que poderão marcar esse futuro, alguns dos quais já se fazem presentes na realidade da pós-graduação brasileira. Entre eles, observam-se o cenário de possíveis cortes orçamentários, as restrições a bolsas de pesquisa, a instabilidade nas políticas públicas voltadas à pós-graduação, o contingenciamento de programas de fomento e as pressões por resultados imediatos, impostas por modelos avaliativos que nem sempre contemplam a diversidade de abordagens teóricas e metodológicas de uma determinada área de conhecimento. Tais obstáculos (já exigem e) exigirão do programa não apenas resiliência, mas também criatividade para buscar alternativas, seja na ampliação de parcerias interinstitucionais, seja na diversificação de fontes de financiamento, seja na valorização de práticas colaborativas que assegurem a continuidade da pesquisa e da formação de novos pesquisadores, mesmo em cenários adversos.

Diante das próximas décadas, os docentes recém-integrados reconhecem que o PPGL da UFSCar reúne condições favoráveis para se firmar ainda mais como referência nacional e internacional

em estudos linguísticos. Sustentado pela tradição e pela capacidade de inovar, o PPGL projeta um futuro de continuidade e renovação. Com a força de sua comunidade acadêmica e o apoio institucional necessário, o programa seguirá atuando de forma decisiva na produção científica e na intervenção social, formando pesquisadores críticos e promovendo uma sociedade mais justa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta escrita colaborativa, os docentes recém-chegados ao PPGL da UFSCar puderam compartilhar suas trajetórias e refletir sobre o significado de participar do vigésimo aniversário do programa, com o propósito de contribuir para que as próximas décadas sejam marcadas por rigor acadêmico, inovação científica e relevância social.

A reflexão sobre esse ingresso em um momento comemorativo evidencia que a continuidade de um programa de pós-graduação se sustenta na soma de esforços coletivos. Cada docente, discente e técnico-administrativo que compõe o PPGL tem contribuído, ao longo de duas décadas, para legitimar o PPGL como um espaço de formação sólida e plural. Integrar essa trajetória é, ao mesmo tempo, motivo de reconhecimento e de responsabilidade.

O significado desse marco ultrapassa a celebração do percurso já realizado e indica a importância de projetar os caminhos que virão. Após duas décadas de consolidação institucional e de fortalecimento das linhas de pesquisa, o futuro convoca o programa à abertura a novas temáticas, à ampliação de parcerias, à internacionalização responsável e a uma inserção social cada vez mais intensa. Para os docentes recém-integrados, esse horizonte é compreendido como um chamado a atuar de modo propositivo na renovação das práticas acadêmicas e na construção de respostas às demandas contemporâneas da Linguística.

SUMÁRIO

Também é necessário registrar a consciência de que desafios persistem e poderão se intensificar, particularmente no cenário da pós-graduação brasileira. Ainda assim, a experiência acumulada pelo PPGL demonstra que a cooperação, a resiliência e o engajamento coletivo constituem elementos fundamentais para superar adversidades. O aniversário de duas décadas simboliza a maturidade alcançada pelo programa e renova o compromisso coletivo de projetar novas conquistas, mantendo-o como referência nacional e internacional.

Por último, este capítulo não poderia se encerrar sem o devido reconhecimento à comunidade do PPGL da UFSCar. Expressa-se gratidão aos colegas docentes que acolheram os recém-integrados, aos estudantes que renovam cotidianamente o sentido da formação acadêmica e aos técnicos-administrativos que garantem a dinâmica institucional. Que as próximas décadas sejam de continuidade e renovação!

REFERÊNCIAS

BIAZOLLI, C. C. **Clíticos pronominais no português de São Paulo: 1880 a 1920** – uma análise sócio-histórico-linguística. 2010. 230 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/beec7e44-6fab-405c-8519-cb642cfc2e50>. Acesso em: 28 ago. 2025.

BIAZOLLI, C. C. **Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma**. 2016. 381 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/1aa296a9-8431-4a0c-a527-d0f5ec0d803b>. Acesso em: 28 ago. 2025.

BIAZOLLI, C. C.; BERLINCK, R. de A. (org.). **Gêneros textuais-discursivos no estudo de processos de variação e mudança**. Campinas: Pontes Editores, 2021.

SUMÁRIO

GOODWIN, C. **Co-operative action**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Cardoso dos Santos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LIDDELL, S. K. **Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MUFWENE, S. **Language evolution**: contact, competition and change. Londres: Continuum, 2008.

RUBIO, C. F. **A concordância verbal na língua falada na região noroeste do Estado de São Paulo**. 2008. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/a887cd5f-130f-420f-94a8-dabf30c17338>. Acesso em: 28 ago. 2025.

RUBIO, C. F. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no Português brasileiro e europeu**: estudo sociolinguístico comparativo. 2012. 391 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/80547951-e246-49a1-92f8-0bd2297cbfb6>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, J. P. da. **Demonstrações em uma narrativa sinalizada em libras**. 2014. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-07052015-170319/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SILVA, J. P. da. **As ações bucais como práticas na emergência de entendimentos situados em interação sinalizada**. 2023. 194 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-22052023-160727/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

Seção

4

COORDENAÇÃO EM PERSPECTIVA:

LIÇÕES DO PASSADO
E CAMINHOS PARA O FUTURO

1

Oto Araújo Vale

**MINHAS
CONTRIBUIÇÕES
COMO COORDENADOR
DO PPGL DA UFSCAR**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-520-6.16

SUMÁRIO

Minha história na UFSCar está intimamente ligada ao PPGL. De fato, quando prestei o concurso aqui, em 2006, o Departamento de Letras havia aberto três vagas em concurso na área de Linguística correspondentes às três linhas de pesquisa do então Mestrado em Linguística, cujas atividades foram iniciadas em 2005: um concurso na área de Ensino e Aprendizagem de Línguas (no qual foi aprovada a Profa. Maria Sílvia Cintra Martins), outro na área de Linguagem e Discurso (que teve o Prof. Roberto Leiser Baronas como candidato aprovado) e um na área de Linguagem Humana e Tecnologia, no qual fui aprovado. Essa área de Linguagem Humana e Tecnologia era, surpreendentemente, uma novidade na Linguística no Brasil. Havia alguns trabalhos pioneiros nos anos 60 e 70, em que cabe destacar a Profa. Maria Tereza Camargo Biderman, cujo livro *Teoria Linguística – Linguística Quantitativa e Computacional* fora publicado em 1978, mas não havia nenhuma linha de pesquisa em nenhum programa de pós-graduação no Brasil que tratasse especificamente do assunto. Digo surpreendente porque o próprio nascimento da informática no final da década de 1940 e na década de 1950 já tinha como uma das tarefas alvo a tradução automática, e diversos linguistas estavam ligados a essa área. Como exemplo mais marcantes, os dois primeiros livros de Noam Chomsky – *Syntactic Structures*, de 1957, e *Aspects of Theory of Syntax*, de 1965 – têm um agradecimento especial à Marinha, Exército e Aeronáutica dos Estados Unidos da América, dado que os esforços da tradução automática naquela época eram sobretudo ligados às necessidades da Guerra Fria.

No entanto, no Brasil, não havia nenhum esforço especial na área da Linguística a respeito das abordagens interdisciplinares de linguística e informática. À época do concurso, eu era professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, e tinha me doutorado em 2002 no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp, em Araraquara.

Na UFG, onde eu atuava desde 1992, não consegui avançar na implementação de uma linha de pesquisa desse tipo. No Programa

de Pós-Graduação em Letras e Linguística daquela instituição, eu estava filiado a uma linha de pesquisa chamada Estudo e Descrição de Línguas Indígenas e Outras Línguas Naturais. Eu me encaixava nessas “outras línguas naturais”.

Assim, minha vinda para a UFSCar foi determinada pela existência deste Programa de Pós-Graduação que agora completa seus 20 anos. À época, a linha de pesquisa era composta pelas professoras Gladis Maria de Barcellos Almeida, do DL (Departamento de Letras), Lucia Helena Machado Rino, do Departamento de Computação da UFSCar, e Sandra Maria Aluísio, do Instituto de Ciências Matemáticas e Computação da USP de São Carlos. A partir de 2007 passei a integrar o PPGL e no processo seletivo daquele ano já tive três candidaturas selecionadas e, em 2008, mais duas.

Em 2008, com o programa REUNI do Governo Federal, criamos o Bacharelado em Linguística no DL, cuja primeira turma ingressou por vestibular em 2009. Entendíamos então que esse era um passo fundamental para a manutenção e crescimento do PPGL, sobretudo para a nossa linha de pesquisa. Efetivamente, a UFSCar foi também pioneira em criar uma ênfase em Indústrias da Língua e Processamento de Linguagem Natural em um curso de graduação na grande área de Linguística e Letras. Com isso, garantíamos que houvesse uma demanda e uma formação de base nesse tipo de descrição linguística. O tempo mostrou que nossa aposta foi certa: vários de nossos egressos se inseriram num crescente mercado que busca profissionais que trabalhem com a língua em diversos contextos da indústria informática, em software, serviços diversos de informática. E não são poucos os egressos do bacharelado que, após uma boa temporada nesse mercado de trabalho, retornam ao PPGL para complementar sua formação em nível de pós-graduação, integrando a pesquisa às suas práticas.

No PPGL, passei a integrar o Conselho do Programa como representante de nossa linha de pesquisa. Em 2010 tivemos a

SUMÁRIO

aprovação da criação do Doutorado. Em janeiro de 2011, assumi o cargo de Coordenador do PPGL, tendo a responsabilidade de complementar o triênio (a avaliação da Capes então ainda era trienal). Essa primeira experiência como coordenador foi bastante desafiadora, pois assumi também com um secretário recém-contratado, Leonardo Lucífora, que estava aprendendo junto comigo. Tive um grande apoio do conjunto de colegas do Programa, e em especial da Profa. Gladis Almeida, que já havia estado na Coordenação e me dava pistas sobre as burocracias. Assim, logo no início do meu mandato tive que preencher o relatório anual na plataforma Coleta Capes, precursora da Plataforma Sucupira. Esse mandato foi marcado pela experiência de implementar um doutorado. De fato, ao final do mandato, em 2012, e no preenchimento do derradeiro Coleta do triênio, pudemos contar com a primeira tese defendida no PPGL, o que permitiu que o Programa fosse avaliado inteiramente. Nossa nota na Avaliação Trienal subiu de 3 para 4, o que era esperado, uma vez que havíamos acabado de ter o doutorado aprovado. Eu, inclusive, me tornei avaliador dessa Trienal, uma vez que havia deixado a Coordenação seis meses antes. Participei novamente da avaliação, desta vez Quadrienal, de 2017, quando já havia sido implementada a Plataforma Sucupira. Foi nessa dupla experiência de avaliador que entendi a importância da qualidade dos dados que informamos ali. De fato, testemunhei pelo menos um caso de um programa tradicional, reconhecido internacionalmente, ter sua nota rebaixada em função de relatórios mal preenchidos (e.g.: nenhuma produção de alunos informada).

Esta foi, de fato, a lição que trouxe quando assumi meu segundo mandato, ao final de 2019, tendo como vice-coordenador o Prof. Pablo Arantes. A coordenação que me precedeu, capitaneada pela Profa. Vanice Maria Sargentini, havia feito vários progressos no sentido de envolver o conjunto de docentes na gestão. A Secretaria era ocupada pela Vanessa Rodrigues, que já estava no cargo havia dois mandatos e garantia, assim, uma memória do Programa.

SUMÁRIO

E eis que, quando estávamos para preencher os primeiros relatórios Sucupira, em 2020, o mundo foi atingido pela pandemia. Não quero me estender sobre esse período que conhecemos muito bem e que redefiniu muito da vida de todos nós. Houve uma série de desafios a serem enfrentados e posso dizer que conseguimos, dentro de nossos limites, chegar a um bom termo. Efetivamente, com o esforço e a cooperação de todos os que compunham o PPGL naquele momento, conseguimos atravessar aquele período (e é sempre bom lembrar que a UFSCar não teve nenhuma vítima naqueles dois ou três anos). O PPGL conseguiu na avaliação seguinte a nota 5. E boa parte dessa nota se deveu à maneira como tratamos os dados de nossas produções e à compreensão com que todas e todos os colegas docentes do Programa se dedicaram a entender as novas exigências da Capes, que passou a medir o real impacto que cada Programa tem em nossa sociedade.

Isso tudo com duas novidades exigidas por aquela agência: uma comissão interna de autoavaliação e outra de planejamento estratégico. Creio que essas exigências nos ajudaram bastante a pensar sobre nós mesmos e nosso trabalho.

Como Coordenador naquele período, pude testemunhar como nosso Programa tem se afirmado em todo o país. Temos egressos atuando em todas as regiões do Brasil, em diversos países de todos os continentes, e em todos os níveis de ensino, e ainda em serviços diplomáticos na difusão da Língua Portuguesa e da Cultura Brasileira.

Neste depoimento, quis destacar apenas minha atuação como Coordenador do Programa, sem abordar o ensino e orientação. Teria vários outros aspectos sobre os quais poderia ter tratado, como a crescente internacionalização do Programa, ou ainda a presença do PPGL como uma referência na área de Linguística Computacional, tanto nacional quanto internacionalmente. Com efeito, esses aspectos são mais evidentes para quem acompanha

o domínio do Processamento de Língua Natural: não há nenhum evento dessa área no Brasil em que não haja mais de um trabalho selecionado de nossos estudantes ou egressos. Isso me leva a lembrar, por fim, que a área do PLN foi uma das razões que possibilitaram a fundação deste Programa.

Para finalizar, gostaria de lembrar a primeira apresentação que fiz do Programa no processo de avaliação de meio termo da Capes. Destaquei que estávamos no Estado em que tínhamos como vizinhos os programas mais antigos e bem avaliados do país e que, para que nos mantivéssemos nessa companhia, nossa única possibilidade era buscar a excelência. Creio que estamos nessa direção.

SUMÁRIO

Luzmara Curcino¹

Luciana Nogueira²

20 ANOS DE PPGL-UFSCAR:

CONQUISTAS E DESAFIOS NA FORMAÇÃO DE PESQUISADORES NO CAMPO DOS ESTUDOS DAS LÍNGUAS E LINGUAGENS NO BRASIL

- 1 Desde 2012, docente no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, tendo atuado como Membro do Conselho do PPGL de 2015 a 2017 e como Vice-coordenadora de 2021 a 2025, orientando nas Linhas de pesquisa "Linguagem e Discurso" e "Ensino e Aprendizagem de Línguas".
- 2 Desde 2022, docente no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, tendo atuado como Membro do Conselho do PPGL de 2023 a 2025 e como Coordenadora do programa a partir de julho de 2025, eleita para o biênio 2025-2027. Orienta pesquisas na linha "Linguagem e Discurso".

SUMÁRIO

“Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos.” (João Cabral de Melo Neto, *A educação pela pedra e outros poemas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.)

Nesses 20 anos de existência do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) foram formados mais de 500 mestres e doutores em Linguística com pesquisas voltadas para os estudos das línguas e das linguagens, em seus usos os mais variados, em seus mistérios e espessuras, em suas estruturas comuns e em seus acontecimentos singulares, desde as formas mais singelas, cotidianas e caseiras de sua atualização, até as maneiras mais técnicas instrumentalizadas de seu uso em contextos formais e institucionais. Esses egressos são hoje profissionais e pesquisadores, grande parte deles atuando como professores despertando a curiosidade e o encantamento pela potência da linguagem, por seus poderes e perigos, em escolas, em institutos, nas universidades, nos centros de pesquisa. Outros desses profissionais da linguagem abriram espaço no amplo campo da indústria da língua, de editoras a empresas de processamento das línguas naturais.

Nessas duas décadas, a comunidade PPGL cresceu, não somente em número de mestres e doutores formados, mas de alunos interessados em ingressar no programa, assim como de docentes que se candidataram e se prontificaram a atuar na formação de pesquisadores. Ao longo desse período, o número de professores triplicou. Hoje somos 32 docentes distribuídos equitativamente nas três linhas de pesquisa do PPGL. Nesse período tivemos a honra de receber muitos pesquisadores da área, jovens talentos e recém-doutores assim como professores com trajetória, que também elegeram o PPGL para realizarem seu pós-doutorado. Nesse período também contamos com a parceria entusiasmada de colegas pesquisadores estrangeiros que têm nos ajudado no desafio de formar com excelência pesquisadores dedicados aos estudos da linguagem.

É um pouco dessa história coletiva, de parcerias, o que apresentamos brevemente aqui, nos detendo em especial em algumas conquistas e desafios mais recentes quanto à formação contínua e de excelência de nossos docentes pesquisadores, de nossos mestres e doutores; à expansão das parcerias com pesquisadores que escolhem o PPGL para realizar seu pós-doutorado; e ao fortalecimento e à criação de mais redes de pesquisa, nacionais e internacionais, parceiras na produção do conhecimento na área.

AVANÇOS E DESAFIOS NA FORMAÇÃO DE NOSSO QUADRO DISCENTE

Os esforços coletivos em busca da progressiva consolidação do Programa resultaram, nesses 20 anos de história, na ampliação e melhoria de nosso quadro de disciplinas, no crescimento e sofisticação de nossas pesquisas e de seus resultados, o que se pode mensurar pela qualidade das dissertações e teses, dos artigos em revista e dos livros publicados por nossos docentes, discentes e egressos, em parceria, muitas vezes com colegas de outras instituições, de todas as regiões do Brasil, e parte significativa delas de outros países. Nosso amadurecimento também se reflete da divulgação, aumento e diversificação do público atendido com a adoção de princípios e ações para a inclusão, na pós-graduação, de perfis de grupos que até pouco tempo não ocupavam este espaço.

Dada a qualidade de formação de nossos egressos, eles se encontram hoje atuando nas mais diversas instituições por todo o País, em setores estratégicos, especialmente o da educação, formando novos pesquisadores, constituindo novos grupos de pesquisa, desenvolvendo projetos inovadores sobre temas fundamentais no âmbito dos estudos da linguagem, seja acompanhando as inovações e descrevendo as especificidades do português brasileiro,

seja questionando e denunciando as causas, os meios e as formas de propagação e manutenção dos preconceitos linguísticos e de sua interseccionalidade com outros preconceitos, seja criando e propondo metodologias e ferramentas de investigação científica dos mais variados fenômenos de linguagem, seja enfim refletindo sobre os modos e procedimentos de conversão desse conhecimento científico em instrumentos para uma formação linguística de nossas crianças e jovens mais criativa, mais questionadora e mais emancipadora.

Só nos últimos 15 anos, desse conjunto de pesquisadores que se formaram no PPGL, 82 egressos são hoje concursados e professores em Universidades e Institutos Federais, com presença em todas as regiões brasileiras. Destes 82 professores, quase metade deles estão credenciados em Programas de Pós-graduação, formando novos mestres e doutores, coordenando grupos de pesquisa, e conduzindo projetos de pesquisa científica promissores e socialmente relevantes. Compõem esse conjunto, 7 egressos do PPGL que hoje atuam em universidades estrangeiras, especialmente como professores de português como língua estrangeira, de Macau, China e Coréia, passando pela Polônia, França, Alemanha, até os EUA e a Argentina.

Progressivamente, também passamos a receber mais alunos estrangeiros provenientes de diversos países, como Argentina, Colômbia, Timor Leste, Japão, Guiné-Bissau, Costa do Marfim, Taiwan. Nos últimos anos, esse número melhorou expressivamente e encontram-se atualmente cursando mestrado e doutorado no PPGL 7 discentes estrangeiros de diferentes nacionalidades, 2 do Timor Leste, 4 de Guiné-Bissau, 1 do Japão. Nossas relações institucionais com estudantes vindos do continente Africano, especialmente do PALOP, de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, cresceram recentemente. Além da ampliação de nosso diálogo com instituições brasileiras que formam em nível de graduação alunos desses países e que depois se interessam por continuar seus estudos no Brasil e encontram na UFSCar uma instituição de referência, docentes do

SUMÁRIO

PPGL têm buscado conjugar suas pesquisas com as demandas de investigação desse público, em geral dedicadas aos estudos do português na interface com suas línguas maternas e nos usos culturais, históricos e políticos do português nesses cenários multilíngues.

Apesar dos avanços, persiste o desafio de aprofundar o vínculo entre a formação inicial e a pós-graduação, por meio de atividades de produção e circulação do conhecimento, de modo a fortalecer a entrada de jovens pesquisadores no campo dos estudos da linguagem. Além disso, outro ponto fundamental é fortalecer a cooperação acadêmica latino-americana e africana, especialmente em parceria com instituições do Sul Global, consolidando redes de pesquisa que descentralizem os eixos tradicionais de circulação do conhecimento. Para sustentar esses processos, torna-se imprescindível lutar pela garantia de políticas de fomento institucional contínuas, que viabilizem bolsas, estágios e participação em eventos internacionais, de forma menos burocrática e mais equitativa.

AVANÇOS E DESAFIOS NA FORMAÇÃO DE NOSSO QUADRO DOCENTE

Se em 2005, contávamos com 13 professores, em 2025, somos 36, distribuídos nas 3 linhas de pesquisa pelas quais passaram e se formaram, nesses 20 anos, mais de 500 mestres e doutores, mais de uma centena de alunos especiais, provenientes de diferentes programas de pós-graduação, que cursaram disciplinas no PPGL em complemento a sua formação, assim como aproximadamente mais de 50 pesquisadores, que realizaram seu pós-doutoramento. É preciso destacar o quanto essa procura se intensificou mais recentemente, de modo que de 2020 a 2024, 12 de nossos docentes supervisionaram 25 pós-doutorados. Também contamos, em nossas disciplinas,

com a participação como alunos ouvintes ou especiais de muitos graduandos e recém-graduados que têm por objetivo dar continuidade a sua formação em nível de pós-graduação. E é graças a esse quadro docente que foi crescendo, se fortalecendo, obtendo reconhecimento de diferentes ordens que foi possível formar tanta gente.

Em torno de 15% dos docentes permanentes em exercício durante o quadriênio 2021-2024, são Bolsistas de Produtividade em Pesquisa do CNPQ, 93% dos docentes do PPGL vinculam-se a Departamentos e cursos da UFSCar. Destes, 75% atuam no Departamento de Letras da UFSCar e 18% nos Departamentos de Metodologia de Ensino, de Psicologia e de Imagem e Som, e 7% são docentes vinculados a outras universidades. Desse total, 94% dos docentes têm formação inicial, da graduação, ou em nível de mestrado e doutorado, na área de estudos linguísticos e de língua portuguesa, ou de ensino de línguas, e atua na área, e 6% deles são docentes com formação em áreas afins como a da Educação e do Jornalismo e Comunicação Social. Dos 36 docentes, 84% já realizaram Pós-doutorado em grandes centros de pesquisa nacionais, como Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade de Brasília (UnB) e especialmente internacionais, como na França (École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (UVSQY), Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3), nos Estados Unidos (University of Pennsylvania (UPENN), Virginia Commonwealth University (VCU), Michigan State University (MSU), na Bélgica (Katholieke Universiteit Leuven (KU), Université Catholique de Louvain, (UCL)), na Holanda (Utrecht University, (UU)), na Espanha (Universidad de Valladolid (Uva)) e em Portugal (Universidade de Lisboa, (UL)). Dessas interlocuções resultam o aumento importante de intercâmbios que nossos alunos, especialmente do doutorado, têm realizado no exterior.

SUMÁRIO

Além da realização de pós-doutoramento e de licenças-capacitação para formação, atualmente, um terço de nossos docentes, 7 deles, se tornaram Titulares nos últimos anos.

Dada a nossa capacidade de interlocução, de formação de redes de pesquisa, 94% de nossos docentes, nesta última década, atuaram como membros externos em bancas de mestrado e de doutorado em aproximadamente 95 Programas de Pós-graduação em todo o Brasil e no exterior.

O quadro docente do PPGL não tem poupado esforços para obter mais recursos, especialmente sob a forma de bolsas de estudo para discentes do programa, tendo para isso submetido propostas aos mais variados Editais destinados à melhoria da Pós-graduação. A título de exemplo, neste último quadriênio, de 2021 a 2024, fomos contemplados, entre outros Editais, por programas como PDPG, PRINT, PDSE, além dos recursos obtidos junto à FAPESP - Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo, para financiamento das pesquisas, para obtenção de bolsas para discentes, para captação de recursos para realização de eventos e para financiamento da publicação de livros. Esses dados são importantes indicadores do reconhecimento, por diferentes instâncias, dos esforços de nosso quadro docente, na melhoria da formação de pesquisadores e no avanço do conhecimento linguístico no país.

Nos últimos anos, do total de 95 Projetos de pesquisa e de extensão coordenados por nossos docentes ou dos quais eles são membros ativos, e nos quais estão incluídos discentes de Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e pesquisadores de Pós-doutorado, 62 desses projetos dispuseram de apoio sob a forma de bolsas de estudos para discentes e docentes, parte delas para realização de estágio no exterior, e 17 deles contaram com auxílio financeiro para financiamento da pesquisa e de sua divulgação no Brasil e no exterior. Tais bolsas e auxílios provieram sobretudo da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior,

do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, e da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, mas também de instituições como a IBM Brasil - Indústria, Máquinas e Serviços Limitada, e a SOFTEX - Associação para Promoção da Excelência do Software Brasileiro. Esses resultados promissores no desenvolvimento de pesquisas devem-se à formação de qualidade provida a nossos discentes no campo de estudos Linguísticos, e verticalizada nas áreas de conhecimento especializadas das Linhas de Pesquisa do PPGL.

Em tempos de mobilizações massivas de movimentos anti-ciência, da pululação sem controle nas redes sociais digitais de discursos conspiracionistas voltados para o fomento do descrédito das instituições públicas de ensino, especialmente as universidades, por meio das quais as pessoas são diuturnamente bombardeadas com informações falsas, caluniosas contra os professores que, na caricatura desses movimentos, dedicam o tempo de suas aulas para doutrinar política e comportamentalmente seus alunos, porque seriam todos eles "comunistas", é preciso ampliar os meios e formas de divulgação do que efetivamente a ciência, a universidade, os professores e alunos retribuem para a sociedade, contribuindo para a melhoria da condição de vida coletiva no planeta. Nesse sentido, é urgente reafirmar o papel da universidade pública como espaço de resistência democrática e de produção de conhecimento comprometido com a justiça social, combatendo narrativas que buscam deslegitimar a ciência.

Como um desafio para o futuro, salientamos que o crescimento e a qualificação do corpo docente exigem também mecanismos permanentes de apoio financeiro para a manutenção de projetos e redes de pesquisa, levando em conta a necessidade de consolidar redes regionais no eixo Sul-Sul, que possibilitem tanto a circulação de docentes e discentes quanto a produção conjunta de conhecimento socialmente relevante e de impacto social.

SUMÁRIO

FORMAÇÃO E AMPLIAÇÃO DE REDES INTERNAS, NACIONAIS E INTERNACIONAIS DE PESQUISA

Nos últimos anos, movida não somente pela necessidade de interlocução própria do fazer científico mas também pela rápida e eficiente expansão de tecnologias digitais que nos aproximam, a produção de conhecimento brasileira na área de estudos linguísticos se viu ainda mais solicitada e desafiada quanto a sua capacidade de interlocução acadêmico-científica e de abertura e formação de redes de pesquisa em torno de temas e de teorias em comum, institucional e interinstitucionalmente, em nível local, regional e especialmente internacional.

Resultado de um esforço coletivo importante nestes últimos anos, as parcerias estabelecidas por nossos docentes com pesquisadores de outros Programas de Pós-graduação em todo o Brasil e no Exterior aumentaram expressivamente. Somente nos últimos 4 anos, recebemos muitos professores estrangeiros que ministraram disciplinas no Programa³ em conjunto com docentes da casa, que participaram de eventos internacionais realizados na UFSCar com o

3 Nos últimos anos, foram oferecidas diversas disciplinas ministradas por colegas estrangeiros durante sua passagem pelo Brasil, como professores visitantes, entre os quais destacamos, em 2022, a vinda das Professoras Wendy Garcia (Universidade de Barcelona-Espanha) e Renata Enghels (Universidade de Gent/Bélgica); em 2023, dos Professores Mariano Dagatti (CONICET / Universidad de Entre Ríos-Argentina), Axel Cherniavsky (Universidad de Buenos Aires/CONICET); em 2024, dos Professores Jean-Jacques Kourliandsky (Fondation Jean-Jaurès-Paris/França); Jorge Baptista (Universidade do Algarve – Portugal); Fernando Ariel Gómez Ponce (Universidad Nacional de Córdoba, Argentina), Dominique Maingueneau (Paris Sorbonne) e Marie-Anne Paveau (Université Paris XIII / Sorbonne Paris Nord-França).

apoio do PPGL, tendo ministrado cursos, palestras e conferências⁴, que publicaram em coautoria com nossos docentes e discentes e que supervisionaram estágios no exterior de nossos discentes e coordenaram pesquisas, especialmente de doutorado defendidas no PPGL⁵.

Se os meios de contato audiovisual remotos e síncronos aumentaram as possibilidades de contato e manutenção do intercâmbio em pesquisas, os recursos disponibilizados por diversos projetos de pesquisa, nacionais e internacionais, submetidos a diversas agências financiadoras foram essenciais para viabilizarem a ida de nossos

SUMÁRIO

- 4 Somente no último quadriênio participaram de atividades promovidas por docentes do PPGL na UFSCar, muitos colegas estrangeiros, entre os quais destacamos, os professores Roger Chartier (EHESS / Collège de France - Paris/França); Juan Luis Conde Calvo (Universidad Complutense de Madrid - Espanha); Marlène Coulomb-Gully (Université Toulouse/Jean-Jaurès - França); Isabelle Lacoue-Labarthe (Institute d'Études Politique de Toulouse - França); Marie-Anne Paveau (Université Paris XIII / Sorbonne Paris Nord - França); Dominique Maingueneau (Université Paris IV / Sorbonne - França); Kees Hengeveld (Universidade de Amsterdam); Evelin Keizer (Universidade de Viena); Dennis Preston (Universidade do Kentucky - EUA); Stefano Vicari (Universidade de Gênova - Itália); Mariano Dagatti (Universidad de Entre Ríos - Argentina). Em anos anteriores, contamos com a participação desses docentes que listamos, mas também de vários outros que na última década participaram de atividades promovidas por docentes do PPGL, como os professores Ana Clara Polakof (Universidad de la República - Uruguay); Romina Trebisacce - Universidad de Buenos Aires; Anders Eriksson (Universidade de Estocolmo - Suécia); Andres Eriksson (Universidade de Estocolmo); Craig Roberts (Ohio State University - EUA); Dinah Kristin Leschzyk (Institut für Romanistik Justus Liebig, da Universität Gießen - Gießen / Alemanha); Elvira Arnoux (Universidad de Buenos Aires-Argentina); Emanuel Souza de Quadros (Universidade de Yale - EUA); Éric Laporte (Université Gustave Eiffel- Paris-Est); Ezequiel Saferstein (Universidad Nacional de San Martín - Argentina); Jean-Jacques Courtine (University of California - EUA / Sorbonne Nouvelle - França); María Alejandra Vitale (Universidad de Buenos Aires - Argentina); Maria Aldina Marques (Universidade de Minho - Braga / Portugal); Matías Verdecchia (Universidad de Buenos Aires - Argentina); Nicolás Desinano (Universidad de Buenos Aires - Argentina); Patrick Sériot (Université de Lausanne - Suíça); Rainer Enrique Hamel (Universidad Autónoma Metropolitana de México); Scott Schwenter (Ohio State University - EUA); Veneeta Dayal (Universidade de Yale - EUA); Victoria Ferrero (Universidad de Buenos Aires - Argentina), entre outros.
- 5 O PPGL contou, nos últimos anos, com a parceria de vários professores estrangeiros que atuaram como coorientadores de dissertações e teses de nosso quadro discente. A título de exemplo, destacamos a participação dos professores Marta Neira Rodríguez (Universidad de Santiago de Compostela - Espanha); Johannes Angermüller (The Open University Milton Keynes - Inglaterra); Mariano Dagatti (CONICET / Universidad de Entre Ríos - Argentina); Judith Lyon-Caen (EHESS École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris - França); Cristina Allias (Universitat Autònoma de Barcelona - Espanha); Kai von Fintel (MIT - Massachusetts Institute of Technology - EUA); Éric Baratay (Universidade de Lyon - França); Julien Longhi (Cergy Paris Université - França); João Baptista (Universidade do Algarve - Portugal); Marie-Anne Paveau (Université Paris XIII / Sorbonne Paris Nord - França), entre outros.

SUMÁRIO

pesquisadores, discentes e docentes, ao exterior, para diversas universidades, e a vinda de muitos desses professores pesquisadores estrangeiros ao Brasil, à UFSCar. Somente nos últimos 4 anos, com o apoio dessas agências nacionais e/ou organismos estrangeiros, foram realizados 21 estágios de pesquisa no exterior por discentes de doutorado, 11 deles com bolsa CAPES-PRINT (na Áustria, Bélgica, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra e Portugal), 7 com bolsa FAPESP (na Espanha e na França), 2 com bolsa PDSE (na Argentina e França) e 1 sem bolsa nos Estados Unidos. Também foram realizados 3 estágios de pesquisa no exterior com bolsa FAPESP por discentes de mestrado (na Bélgica). Desses estágios de nossos discentes no exterior resultaram não apenas as parcerias de coorientação, de interlocução entre os grupos de pesquisa, mas também a formalização de 9 projetos de cooperação internacional, e a publicação de 63 artigos ou capítulos de livros em periódicos e livros de circulação internacional, entre os quais 31 deles foram publicados em língua estrangeira, sobretudo em inglês, francês e espanhol, com a participação de 80 pesquisadores estrangeiros nessas publicações⁶.

6 A título de exemplo, destacamos algumas publicações em coautoria de nossos docentes e discentes com pesquisadores estrangeiros, sob a forma de livros (Courtine, J.-J.; Piovezani, C. (Org.). *História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso*. Petrópolis: Vozes, 2015); de **artigos em periódicos internacionais** (Borges, R. R. S.; Curcino, L.; Cassany, D. A "leitura" segundo estudantes do ensino médio integrado ao ensino técnico no nordeste brasileiro. *DELTA*, v. 38, 2022; Silva, C. C.; Arantes, P. Quantitative analysis of fundamental frequency in Spanish (L2) and Brazilian Portuguese (L1): evidence of learning and language attrition. *Joss Journal of Speech Science*, v. 10, 2021; Trebisacce, R.; Ferrero, V.; Basso, R. M. Flavors of the progressive in the New Romania: the perfective progressive periphrasis in Brazilian Portuguese and Argentinian Spanish. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 29, 2021); de capítulos de livros (Augusto Navarro, E. H.; Gattolin, S. R. Buttros. Genre-Based Teaching Materials in EFL Teacher Education in Brazil: Raising Awareness and Fostering Autonomy. In: Andrzej Cirocki; Taylor Sapp; Raichle Farrelly. (Org.). *Developing Materials for Innovative Teaching and Sustainable Learning*. Springer Cham, 2024; Cintra, Maria Sílvia. Lavoura Arcaica e Ancient Tillage. In: Centro de Estudios Brasileños de la Universidad de Salamanca. (Org.). *Ana Maria Machado y el Compromiso Literario*. Salamanca: Centro de Estudios Brasileños, 2022; Baronas, R. L.; Conti, T. B.; Araújo, L. M. B. M. Le portugais brésilien. In: Lidia Becker; Sandra Herling; Holger Wochele. (Org.). *Manuel de linguistique populaire*. Boston - EUA: De Gruyter, 2023; Ilari, R.; Basso, R. M. On the history of semantic studies in Brazil. In: Johannes Kabatek e Albert Wall. (Org.). *Manual of Brazilian Portuguese Linguistics*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2022) ou ainda da participação a convite para a escrita de capítulos de livros ou de dossiês temáticos organizados por colegas estrangeiros e publicados no exterior (Lucas, P. de O.; Höfling, C.; De Oliveira, L. C. Materials Development for Plurilingual Contexts: Challenging Monolingual Practices in Brazil. In: Kashif Raza; Dudley Reynolds; Christine Coombe. (Org.). *Handbook of Multilingual TESOL in Practice*. Singapura: Springer, 2023; Sargentini, V. Populismo na política brasileira: desobedecer para melhor obedecer. In: Marques, A.; Sousa, T.; Varela, M. C.; Ramos, R.; Seara, I.; Aguiar, M. (Org.). *Populismo(s) e suas Linguagens*. Ribeirão - VN. Famalicão: Hùmus / Edição do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2022), ou ainda da tradução de obras de colegas estrangeiros, por docentes e discentes do PPGL (Trabant, 2021; Éribon, 2022; Éribon, 2024; Courtine, 2023; Paveau, 2021).

Entre os desafios para a formação e expansão dessas redes de pesquisa, com professores e alunos de outras universidades brasileiras e de outros países, continua sendo um aspecto crucial a ampliação do acesso à formação de qualidade em línguas estrangeiras, tanto anteriormente ao ingresso na pós-graduação, quanto durante o Mestrado e Doutorado. Trata-se, portanto, de um cenário ao qual Programas dedicados às reflexões linguísticas, à formação de professores de línguas desempenham um papel essencial e necessitam de estruturas e de financiamento constante e decente, como a que devemos dispensar ao Instituto de Línguas da UFSCar, dirigido por docentes do PPGL.

Outro ponto de destaque entre os desafios diz respeito à necessidade de garantias de uma política de financiamento e manutenção perene, regular, não suscetível aos humores ou desejos políticos de gestões, mas instituída como política de estado, de longa duração, de modo a viabilizar a ampliação dessas interações e ações conjuntas no campo científico dos estudos da linguagem. A realização de eventos internacionais, com convidados estrangeiros, depende dessas vias de financiamento, constantes, suficientes e de mais fácil obtenção. A participação de nossos pesquisadores em eventos no exterior também depende de vias de financiamento mais acessíveis, menos burocratizadas. A ausência de uma política de Estado consistente e consequente para o financiamento da pesquisa compromete a continuidade de redes estratégicas, de um modo geral, e expõe os programas à vulnerabilidade diante de mudanças de governo com diferentes posições em relação ao desenvolvimento científico e cultural. Para consolidar essas redes, o PPGL precisa expandir sua inserção em redes internacionais, reforçando a cooperação científica no eixo global do qual fazemos parte. Outro desafio é buscar, junto às instituições brasileiras de fomento à pesquisa, assegurar recursos públicos regulares e desburocratizados que permitam a realização de eventos, missões de pesquisa e mobilidade acadêmica, garantindo que tais iniciativas não fiquem à mercê de instabilidades políticas.

Por fim, destacamos a importância de estimular percursos integrados de formação entre graduação e pós-graduação, envolvendo estudantes em projetos de maior alcance social e científico.

Por fim, vale dizer que, como afirma Guimarães (2009), o modo de circulação do conhecimento é dirigido pela política científica, resultante de uma tensão permanente entre Estado, cientistas, sociedade e mídia; logo, estratégias de divulgação e cooperação não são neutras, mas parte da política de ciência do país. Nossos desafios, de um modo geral, se concentram em como o PPGL deve focar no modo como a sua produção acadêmica se integra com a sociedade, garantindo sua visibilidade, promovendo a popularização do conhecimento e produzindo impactos concretos em diversas esferas e lugares, de modo que a produção e a circulação do conhecimento devem ser pensadas em sua imbricação. Seguindo Guimarães, a circulação afeta as condições de produção do próprio conhecimento; portanto, fortalecer redes (inclusive Sul-Sul) e políticas públicas estáveis não é apenas “difusão”, é também produção.

AGRADECIMENTOS E DESEJOS PARA O FUTURO

“Isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é ainda vai nos levar além.” (Paulo Leminski, Toda poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.)

É em nome de todas e todos que nos antecederam e de todas e todos que nos sucederão nesta luta cotidiana pela formação científica socialmente responsável de novos estudiosos e pesquisadores, comprometidos com a produção de conhecimento benéfico para a vida em sociedade, que buscamos honrar todos esses dias de existência do PPGL, ao longo desses 20 anos. Foi desde o momento em que coletivamente decidimos ampliar o conhecimento relativo às

línguas e linguagens que assumimos o compromisso de refletir sobre seu poder de dar existência, valor de verdade e força simbólica ao que por elas se enuncia, bem como de denunciar, em nossas descrições criteriosas, os usos indevidos que reproduzem injustiças, reinventam e naturalizam uma realidade desigual e, com isso, espoliam a maioria da população brasileira de uma vida mais digna e cidadã.

Como linguistas, como profissionais da linguagem, como especialistas do funcionamento dessa propriedade que nos faz “profundamente humanos”, como formadores de profissionais da linguagem, seja para atuarem na educação, seja para atuarem no amplo nicho do que convencionamos chamar de “indústria da língua”, cabe a nós o exercício permanente de observar, de refletir, de discutir e de intervir para impedirmos que formas inescrupulosas de uso da linguagem contribuam para manter essa enorme e duradoura desigualdade que estrutura a nossa sociedade.

Cabe a nós, docentes e discentes do PPGL, das gerações que se formaram e daquelas que ainda se formarão, sensibilizados quanto à força e ao impacto da linguagem em nossas vidas em sociedade, ainda mais em tempos cujas tecnologias de linguagem, de produção e de circulação de conteúdos, expandiram o alcance e as formas de ressonância de nossas palavras, cabe também a nós encontrarmos juntos os meios de embargarmos as tentativas de sequestro da linguagem para fins escusos, tal como o de naturalizar essas desigualdades, tal como o de usar a linguagem para fazer parecer normal sermos um país tão marcadamente desigual como nós somos.

Essa tem sido a missão do PPGL nesses primeiros 20 anos. Nos próximos 20 anos, a missão do PPGL será também a de lutar pela consolidação de uma política científica que garanta autonomia, continuidade e impacto social à pesquisa em linguística no Brasil. Que nossas conquistas sigam afirmando a centralidade da universidade pública na construção de um país menos desigual e mais democrático. Que encontremos os meios, a força e a coragem para sustentar essa missão e fortalecê-la nos próximos 20 anos!

REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. **Corpo e discurso**: Uma história de práticas de linguagem. Trad.: Carlos Piovezani. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2023.

ERIBON, Didier. **Vida, Velhice e Morte de uma mulher do povo**. Trad.: Luzmara Curcino. Veneza/Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2024.

ERIBON, Didier. **A sociedade como veredito**. Trad.: Luzmara Curcino. Belo Horizonte: Âyiné, 2022.

GUIMARÃES, Eduardo. Linguagem e conhecimento: produção e circulação da ciência. **Revista RUA**, n. 15, v. 2, 2009, p. 5–14. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638851>

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital**: dicionário das formas e das práticas. COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. (organizadores/tradutores). Campinas: Pontes, 2021.



ENCERRAMENTO

Lana Camila Santos Gonçalves
Lívia Oliveira Azevedo

O PPGL PELO OLHAR DISCENTE

DOL: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-520-6.17

SUMÁRIO

Antes de finalizarmos esta obra, e considerando os relatos que suscitaram reflexões acerca do papel da universidade e do impacto do programa na trajetória de seus participantes, faz-se necessário destacar alguns pontos cruciais que saltam aos nossos olhos como alunas. O primeiro deles refere-se ao propósito deste *ebook*, que se consolida, a partir de agora, não apenas como uma celebração do percurso já trilhado, mas também como um convite aos leitores que chegaram até aqui para se engajarem na continuidade da construção desta história, na expectativa de um programa cada vez mais sólido e de referência no cenário brasileiro.

Ao conhecermos histórias de egressas como Amanda Braga, Theciana Silveira e Marcia Negri, que se deslocaram de suas cidades de origem, vivenciaram intensamente o PPGL e, mesmo após tantos anos e novas experiências, mantêm profundo respeito e vínculo com o Programa, reafirma-se a convicção de que um Programa de Pós-Graduação possui grande potencial de marcar profundamente a vida de seus estudantes e de promover transformações significativas em suas histórias pessoais.

Essa marca se torna ainda mais expressiva na medida em que, no âmbito do PPGL/UFSCar, compreende-se que a estrutura educacional alcança maior efetividade quando é constituída por pessoas que acolhem, integram, orientam e colaboram. Assim, os relatos reunidos nesta obra evidenciam que o PPGL tem se configurado não apenas como um espaço de formação acadêmica, mas também como um ambiente de trocas afetivas consistentes e duradouras, em que as relações extrapolam a dimensão institucional e evoluem de interações entre docentes e discentes para vínculos de parceria, amizade e cooperação nas pesquisas.

Essa configuração também se deve ao mérito das reconhecidas políticas públicas da UFSCar, que acolhem as diferentes raças, origens, línguas e pessoas de diversas regiões do Brasil e de outros países. O PPGL tem se fortalecido a partir do caminho trilhado pela

UFSCar, consolidando-se como um espaço convidativo a alunos de outras localidades e nacionalidades. Em agosto de 2025, por exemplo, três alunas estrangeiras se formaram no Programa, sendo elas de Timor-Leste, Guiné-Bissau e Japão. Uma delas, em uma nota pública compartilhada no site do Programa⁷, afirmou que o PPGL não era apenas o espaço onde estudava, mas também onde aprendia a ser “mais resiliente, aberta e confiante”, e pontuou essa vivência como “uma das mais importantes da vida”.

Assim, todas as vozes reunidas nesta obra e nos outros espaços de comunicação do PPGL possuem um ponto em comum: são trajetórias singulares, marcadas por uma profunda gratidão ao ensino público, gratuito e de qualidade. São histórias que precisam ser escutadas – desde aquelas de discentes regularmente matriculados, passando por egressos e professores que estão iniciando suas carreiras na UFSCar (e em outras instituições), até os que já vivenciaram, ao longo de suas trajetórias, os desafios inerentes às diferentes etapas da pesquisa no Brasil.

Essa jornada transformadora dos discentes, no entanto, não acontece sozinha – é sustentada, sobretudo, pelos professores do PPGL/UFSCar. Ao longo desses 20 anos, discentes ingressaram, contribuíram para fortalecer o programa e seguiram em busca de novos voos. Os docentes, por sua vez, permanecem, assegurando que esse ciclo acadêmico se renove com cada nova geração de estudantes. Destacamos, ainda, a valiosa parceria dos professores aposentados, que não deixaram de compartilhar as histórias e os percalços que marcaram esta trajetória.

Ademais, não poderíamos encerrar esta obra sem dedicar um momento para reconhecer também a atuação fundamental dos nossos técnicos administrativos, cuja função se mostra essencial e,

7

Disponível em: <https://www.ppgl.ufscar.br/pt-br/assets/imagens/imagens-noticias/ppgl-conta-com-mais-tres-pesquisas-concluidas-por-estrangeiras-e-fortalece-seu-compromisso-com-a-internacionalizacao>

ao mesmo tempo, desafiadora. Esses profissionais são responsáveis por uma ampla gama de atividades, que incluem a organização de documentos, a comunicação direta com alunos e professores, o gerenciamento de inúmeros e-mails, além de diversas outras demandas que, pela sua variedade e complexidade, não poderiam ser integralmente descritas aqui.

Ao longo dessas duas décadas, o PPGL contou com o trabalho comprometido de cinco técnicos administrativos: Nancira Ribeiro Madi (2008–2012), Leonardo de Souza e Silva Lucifora (2012–2015), Junior Aparecido Assandre (2015–2016), Vanessa Aparecida Rodrigues (2017–2022) e Silvana Félix (2022–presente). A cada um deles e delas, expressamos nosso profundo agradecimento pela valiosa contribuição ao funcionamento do programa e pelo apoio prestado, que foram fundamentais para a consolidação e o crescimento desta trajetória coletiva.

Dos cinco técnicos administrativos que contribuíram com o PPGL, cabe um destaque especial a Vanessa Aparecida Rodrigues, que se afastou de suas funções administrativas em setembro de 2022 para ingressar como aluna do mestrado. Durante esse período, que se estendeu de setembro de 2022 a abril de 2025, Vanessa concluiu sua formação como Mestra em Linguística, com a pesquisa intitulada *“Entre livros e fraldas: uma análise discursiva das representações de práticas institucionais sobre mães estudantes universitárias na UFSCar”*, sob orientação da Profa. Dra. Lígia Menossi. Sua trajetória exemplifica, mais uma vez, os impactos positivos do PPGL, evidenciando que o programa não transforma apenas a vida de seus discentes, mas também de seus colaboradores, que, por meio dele, têm a oportunidade de crescer e se desenvolver academicamente.

Essa força transformadora, consolidada ao longo de duas décadas, nos confere também a responsabilidade de aprimorar continuamente nosso ambiente. É com esse espírito que ressaltamos que o PPGL se encontra em constante processo de avanço no que

diz respeito à inclusão e à acessibilidade – uma construção que exige tempo, reflexão coletiva e constante, além do engajamento de toda a comunidade acadêmica. Nesse sentido, reiteramos o convite para que todos participem ativamente dessas ações reflexivas e transformadoras.

Além disso, reconhecemos que nem todos os pesquisadores em nosso país têm a oportunidade de obter financiamento para seus estudos. Alguns de nossos discentes enfrentam o desafio de conciliar suas atividades profissionais com as demandas da pesquisa, uma realidade que transcende a esfera do programa. Assim, cabe a nós, enquanto pesquisadores, continuarmos buscando mais espaço, reconhecimento e valorização tanto de nossos trabalhos quanto dos trabalhos de nossos colegas. Ao nosso PPGL, caberá sempre a tarefa de promover novas reflexões sobre o que significa a pós-graduação e sobre quem a compõe, de modo a reafirmar esse espaço como um ambiente que luta pela igualdade social e que se estrutura na diversidade e na pluralidade de vozes.

Assim, sob nosso olhar, os 20 anos do PPGL representam para o nosso país a consolidação de avanços na área da Linguística, bem como a colaboração direta com a Educação Básica e o Ensino Superior em diferentes regiões. Esse percurso também se expressa nas construções afetivo-acadêmicas que se desdobram em parcerias duradouras e, por fim, na busca por um programa cada vez mais inclusivo – que, nas próximas décadas, demonstrará (qualitativamente e não quantitativamente) o quanto todo esse esforço valeu a pena.

À CAPES, nosso agradecimento pelo financiamento dos estudos, que possibilita a permanência de tantos alunos que necessitam de apoio para desenvolver pesquisas em nosso país. À Coordenação do PPGL – tanto à nova gestão (Luciana Nogueira e Lígia Menossi) quanto à anterior (Cleber Conde e Luzmara Curcino) – agradecemos pelas orientações e pela continuidade dos trabalhos que envolveram esta proposta ao longo dos meses de organização. Aos nossos autores, nosso agradecimento novamente pelo aceite e comprometimento com esta obra.

Registramos também um agradecimento especial à nossa orientadora e uma das autoras desta obra, **Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli**, que sempre nos incentivou e nos encoraja nas ações de colaboração direta com a gestão do programa. Ressalte-se que tal incentivo não é obrigação do orientador, mas se enquadra exemplarmente no perfil de um corpo docente comprometido com a construção da autonomia dos orientandos e com a excelência do nosso tão querido PPGL.

Por fim, seguimos acreditando que a escrita não se encerra aqui, pois as histórias são múltiplas. Algumas delas, pelo limite de espaço reservado a esta obra, não puderam ser compartilhadas, mas continuam presentes – de norte a sul do país, tão próximas e, ao mesmo tempo, tão distantes de nós, sempre conectadas pela gratidão.

Desejamos ao nosso programa mais 20 anos, repletos de histórias e realizações, e que esta obra seja sempre uma oportunidade de revisitar as origens e as referências do discurso, da descrição, do ensino e da vida. Aos nossos colegas e alunos do programa, a continuidade desta história permanecerá em nossas mãos.

Sigamos unidos!

SUMÁRIO

SOBRE O ORGANIZADOR E AS ORGANIZADORAS

Dirceu Cleber Conde

Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), com estágio sanduíche na Université Paris-3 La Sorbonne Nouvelle e pós-doutorado na Michigan State University. É Professor Associado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde atuou como Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística. Sua trajetória inclui mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e graduação em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Possui vasta experiência na área de Linguística, com pesquisas focadas principalmente em semântica, pragmática e no ensino-aprendizagem de linguística e linguagens formais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2630773088169073>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5141-5861>

E-mail: cleberconde@ufscar.br

Lana Camila Santos Gonçalves

Possui graduação em Letras (2021) pela Universidade Federal de Roraima, e Mestrado em Linguística (2022) pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atualmente, é doutoranda em Linguística também UFSCar, bolsista CAPES e integrante de grupos de pesquisas com ênfase na área de Sociolinguística e Dialetoleologia, o SOLAR (Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística – Unesp – UFSCar – CNPq) e o NEPSol-RR (Núcleo de Pesquisas Sociolinguísticas de Roraima).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4154013839721525>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2942-3037>

E-mail: lanagoncalves@estudante.ufscar.br

Lívia Oliveira Azevedo

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Desenvolve suas pesquisas na área de Sociolinguística Variacionista. Participa ativamente da vida acadêmica do programa, integrando comissões administrativas de importantes eventos científicos da área, consolidando sua atuação na comunidade de pesquisa em Linguística.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8184443512616074>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-3137-4991>

E-mail: livia.azevedo@estudante.ufscar.br

SUMÁRIO

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

Alessandra Fracaroli Perez

Doutora e Pedagoga, atua como professora na Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), onde também integra a Diretoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (DACE). Sua carreira acadêmica e profissional é voltada para a área da Educação, com pesquisas e publicações focadas no campo da Educação Superior. Sua formação inclui também estudos em Economia, Organizações e Gestão do Conhecimento pela Universidade de São Paulo (USP).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2208750852826832>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7616-7876>

E-mail: perezead@gmail.com

Amanda Batista Braga

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Pós-doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e pesquisadora de produtividade do CNPq. É Professora Associada do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB. Suas pesquisas, fundamentadas nos Estudos Discursivos Foucaultianos, abordam a fala pública das mulheres, analisando o silenciamento histórico e os lugares de resistência. É coordenadora do Observatório do Discurso (UFPB/CNPq) e vice-coordenadora do Grupo Interinstitucional de Estudos de Discursos e Resistências (GEDIR).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6466537417099357>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6026-5017>

E-mail: amanda.braga@academico.ufpb.br

SUMÁRIO

Aparecida de Fátima Brasileiro

Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). É professora na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), atuando no Campus VI. Suas pesquisas e atividades de ensino concentram-se nas áreas de Literatura Brasileira e Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa. Seus trabalhos investigam temas como a compreensão responsiva e o letramento literário em contextos educacionais, como o livro didático do ensino médio.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6891740898180014>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6749-301X>

E-mail: abrasileiro@uneb.br

Caroline Carnielli Biazolli

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), onde também realizou estágio pós-doutoral. É professora adjunta do Departamento Interdisciplinar de Formação Docente e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Suas pesquisas se concentram nas áreas de Sociolinguística (Variacionista e Educacional) e de Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa, investigando temas como variação e mudança linguísticas, normas linguísticas, gêneros textuais/discursivos, preconceito e respeito linguísticos e formação de professores(as).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7908630593356660>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8578-8102>

E-mail: caroline.biazolli@ufscar.br

Camila Höfling

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). É professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde ministra disciplinas de Língua Inglesa, Linguística Aplicada e Metodologia de Ensino. Suas áreas de pesquisa incluem o ensino-aprendizagem de língua estrangeira (EFL), as abordagens de ensino EMI e CLIL (Inglês como Meio de Instrução e Ensino Integrado de Conteúdo e Língua) integradas aos estudos das políticas linguísticas e de internacionalização do ensino superior, a formação de professores (TESOL) e os estudos do léxico, com foco em lexicografia bilíngue e pedagógica.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6808756591702378>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9666-0470>

E-mail: camilahofling@ufscar.br

SUMÁRIO

Caroline Carnielli Biazolli

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), onde também realizou estágio pós-doutoral. É professora adjunta do Departamento Interdisciplinar de Formação Docente e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Suas pesquisas se concentram nas áreas de Sociolinguística (Variacionista e Educacional) e de Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa, investigando temas como variação e mudança linguísticas, normas linguísticas, gêneros textuais/discursivos, preconceito e respeito linguísticos e formação de professores(as).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7908630593356660>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8578-8102>

E-mail: caroline.biazolli@ufscar.br

Cássio Florêncio Rubio

Pós-Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). É Professor Associado do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), atuando no curso de Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa (TILSP) e no Programa de Pós-Graduação em Linguística. Suas pesquisas abrangem as áreas de descrição e análise linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialetoлогия, além do ensino de língua portuguesa como língua materna e adicional.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8357993415342241>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6986-1381>

E-mail: cassiorubio@ufscar.br

Elaine Ferreira do Vale Borges

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, é professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde é líder do Grupo de Estudos em Racionalidade Sistêmica e Pedagogia de Línguas – GRaSPe (www.graspe.ufscar.br). Sua trajetória acadêmica e de pesquisa insere-se no campo da Linguística Aplicada, com ênfase nos processos de ensino e de aprendizagem de línguas adicionais e na formação de professores. Desenvolve investigações ancoradas na teoria da complexidade/caos, com o objetivo de consolidar uma pedagogia complexa de línguas adicionais e uma epistemologia sistêmica para a educação docente.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8872819626199594>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8310-3539>

E-mail: elainefvb@ufscar.br

SUMÁRIO

Eliane Hércules Augusto-Navarro

Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), com pós-doutorado pela *University of Michigan*. É professora na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde desenvolve pesquisas sobre o ensino e aprendizagem de línguas. Sua atuação abrange a análise e elaboração de materiais didáticos e a investigação de habilidades linguísticas em inglês para fins acadêmicos e convívio social.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4318905707787077>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4906-1144>

E-mail: eaugusto@ufscar.br

Eloíza Martins Primo Capeloci

Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pesquisadora e docente vinculada à Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC), campus Pompéia. Desenvolve pesquisas com foco nas transformações da linguagem na era digital, Multiletramentos e Gramática do Design Visual. Seus estudos abordam os gêneros digitais como ferramentas para o desenvolvimento das competências leitora e escritora, explorando as múltiplas semioses proporcionadas pelas novas tecnologias.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7384856287598765>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7375-7280>

E-mail: eloizamp@gmail.com

Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). É professora titular na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Suas pesquisas, inseridas na área de Linguística Funcional, abordam temas como a expressão da condicionalidade, articulação de orações, construções insubordinadas, marcadores discursivo-pragmáticos e (inter)subjetividade.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2797556968074056>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9091-9461>

E-mail: flaviahiratavale@ufscar.br

SUMÁRIO

João Paulo da Silva

Doutor em Letras, na área de Linguística, pela Universidade de São Paulo (USP). É professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde atua no curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/ Língua Portuguesa (TILSP). É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da mesma universidade. Seu principal interesse de pesquisa é o estudo da intercorporeidade e da multimodalidade nas interações humanas, com ênfase na descrição e análise linguística da Língua de Sinais Brasileira (Libras).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/611069189059770>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0474-435X>

E-mail: jpsilva@ufscar.br

Letícia Silveira Ferreira

Doutoranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atua como professora e corretora de redação e dedica-se aos estudos da linguagem, contribuindo para o desenvolvimento de novas pesquisas no campo da linguística.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7196713851459662>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0946-8470>

E-mail: leticiasilveiramz@gmail.com

Lígia Mara Boin Menossi de Araújo

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com estágios de pós-doutorado na USP e na UFSCar. É Professora Adjunta do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar. Suas pesquisas estão centradas na Análise do Discurso, Análise do Discurso Digital e Linguística Popular, com foco em temas como equidade de gênero, parentalidade, imaginário sobre língua e redes sociais. É uma das coordenadoras do LEEDIM - Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7893136450669304>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2047-3079>

E-mail: ligiamenossi@ufscar.br

SUMÁRIO

Luciana Nogueira

Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Desenvolve suas pesquisas e atividades de ensino nas áreas de Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas, dedicando-se ao estudo do discurso e do sujeito nas relações de trabalho, à relação educação e trabalho em políticas públicas de educação e ao funcionamento do discurso neoliberal em diferentes espaços.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7475342844385424>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4470-5005>

E-mail: luciana.nogueira@ufscar.br

Luciana Salazar Salgado

Doutora em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. É Professora Associada no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Suas pesquisas abordam a mediação editorial, materialidades da cultura e hiperdigitalidade, com atividades ligadas ao Grupo de Pesquisa Comunica – inscrições linguísticas na comunicação (UFSCar, CEFET-MG).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5206927424265495>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1052-0726>

E-mail: lucianasalazar@ufscar.br

Lucas Vinicio de Carvalho Maciel

Doutor em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professor lotado no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UFSCar. Sua pesquisa é dedicada aos estudos da linguagem com base nas discussões bakhtinianas, investigando conceitos como dialogismo e polifonia em diferentes gêneros e práticas discursivas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8779101339709622>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0959-4285>

E-mail: lucasmaciel@ufscar.br

SUMÁRIO

Luiz André Neves de Brito

Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde atua na área de linguística e língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem no campo da Linguística Aplicada, com foco nos processos de ensino e aprendizagem da escrita. Seus principais interesses de investigação incluem os estudos da Análise do Discurso, do letramento acadêmico e das práticas plurais de letramentos na contemporaneidade.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6863292359239733>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8580-2891>

E-mail: luizandre@ufscar.br

Luzmara Curcino

Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e pesquisadora do CNPq. Coordena Laboratório de Estudos da Leitura (LIRE-CNPq/UFSCar). Suas pesquisas, no campo da Análise do Discurso e da História Cultural, dedicam-se à análise dos discursos sobre a leitura em circulação no Brasil, e mais recentemente com foco nas emoções, como a vergonha e o orgulho, relacionadas ao ato de ler.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4849994635754652>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3555-1446>

E-mail: luzmara_curcino@ufscar.br

Maimuna Baldé

Natural de Bambadinca, Guiné-Bissau, é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Sua pesquisa tem como foco políticas linguísticas e ensino em contextos multilíngues, com a defesa da dissertação *“O papel da língua portuguesa no Ensino Fundamental II na Guiné-Bissau”* prevista para dezembro de 2025.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4879469529356942>

E-mail: m.secobalde93@gmail.com

SUMÁRIO

Marcia Fanti Negri

Licenciada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Mestre e Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Linguística dessa mesma instituição (PPGL/UFSCar). Marcia Fanti Negri é professora de português e espanhol na Escola Ransom Everglades, Miami, FL, tendo também atuado no Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade de Miami e no Programa de Verão do Middlebury College, Vermont. Seu doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil, teve como foco a teoria das Representações Sociais e o Exame de Proficiência em Português Celpe-Bras. Em sua pesquisa mais recente, *Re-mapping Women's Voices in Brazilian Contemporary Writing*, explora a migração reversa e as interseções de gênero, raça e classe social no nordeste do Brasil por meio da escrita contemporânea de mulheres.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8985943014913431>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2432-9313>

E-mail: marcia.negri@gmail.com

Mariana Luz Pessoa de Barros

Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP), onde também realizou seu pós-doutorado. É professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Lidera o Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Semiótica da UFSCar (PISCar) e suas pesquisas envolvem temas como semiótica, estudos do texto e do discurso, autobiografia, memória e ensino de língua portuguesa.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4830505244404566>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1662-2125>

E-mail: marianalpb@ufscar.br

Maria Sílvia Cintra Martins

Pós-doutora pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP e pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH/USP). Doutora e Mestre pela UNESP de Araraquara. É Professora Sênior do Departamento de Letras da UFSCar (DL/UFSCar), com atuação nos Programas de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFSCar) e em Letras Estrangeiras e Tradução (LETRA/USP). Tem ampla experiência na área de formação de professores, tendo coordenado, entre 2013 e 2015, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC/UFSCar). Suas pesquisas abordam temas como letramento digital, comunicação intercultural, alfabetização e letramentos nos anos iniciais, línguas indígenas, além do ensino e aprendizagem de língua portuguesa.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9241992645160356>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3911-418X>

E-mail: msilviam@ufscar.br

SUMÁRIO

Marília Blundi Onofre

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), com pós-doutorado na Universidade Federal de São Paulo. É Professora Titular no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde atua na graduação e pós-graduação. Suas pesquisas concentram-se nas áreas de Enunciação Linguística e Ensino de Língua Portuguesa como língua materna.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4908382415301882>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7075-310X>

E-mail: mariliablundi@ufscar.br

Nelson Viana

Doutor em Linguística Aplicada pela UFMG, Mestre em Linguística Aplicada pela Unicamp e Licenciado em Letras (Português-Inglês), pela PUCCamp. Professor Associado do Departamento de Letras, da Universidade Federal de São Carlos, atua na graduação (Licenciatura em Letras) e no Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL). É professor colaborador do Mestrado em Ensino de Português no Contexto de Timor-Leste (UNTL-Timor Leste). Possui ampla experiência na área de ensino de língua estrangeira, incluindo o português para estrangeiros. É representante da UFSCar no Núcleo Disciplinar PELSE (Ensino de Espanhol e Português como Segunda Língua e Língua Estrangeira) da AUGM. Foi coordenador acadêmico do conjunto de propostas curriculares do Itamaraty para ensino de português no exterior. Suas pesquisas estão voltadas para o campo de ensino e aprendizagem de línguas, incluindo formação de professores de língua estrangeira/segunda língua, interculturalidade, traços culturais e interação em língua estrangeira, entre outros temas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6252579012192711>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9712-6432>

E-mail: nlsviana@ufscar.br

Oto Araújo Vale

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). É Professor Associado do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde tem atuado na graduação e na pós-graduação e em diversos conselhos. Possui graduação e mestrado em Ciências da Linguagem pela Université de Paris VIII. Foi Professor Visitante na Universidade do Algarve, Portugal, e Pesquisador Convidado na Université Catholique de Louvain, Bélgica. Sua área de pesquisa é a Descrição Linguística, com ênfase em Linguística Computacional e Inteligência Artificial, estudando as relações entre léxico e gramática.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2277403284693571>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0091-8079>

E-mail: otovale@ufscar.br

SUMÁRIO

Pedro Henrique Varoni de Carvalho

Pós-Doutor em informação e Cultura na USP, Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e jornalista formado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atua como professor na UFSCar. Com uma longa carreira no jornalismo, dedica-se atualmente à pesquisa das relações entre mídia, cultura e história no contexto brasileiro. Seus estudos também analisam as transformações nos ecossistemas de mídia e jornalismo decorrentes das novas formas de circulação de conteúdo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0019513394358070>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1492-4891>

E-mail: pedrovaroni@ufscar.br

Soeli Maria Schreiber da Silva

Doutora em Linguística pela UNICAMP, onde também realizou seu pós-doutorado. É Professora Titular no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Sua experiência de pesquisa concentra-se em Semântica Histórica da Enunciação e Semântica do Acontecimento, com foco nos temas de argumentação, discurso político, política de línguas e enunciação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8794598988783452>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0608-4236>

E-mail: soelischreiber@ufscar.br

Tarcilane Fernandes da Silva

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). É Professora Adjunta do curso de Letras Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Desenvolve e orienta pesquisas no campo da Análise de Discurso Materialista, com foco no ensino de Língua Portuguesa, no livro didático e nas práticas de leitura e escrita em sala de aula. É fundadora do Grupo de Pesquisa em Ensino, Leitura e Discurso na Contemporaneidade (GPELD/CNPq).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4970665616826901>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9677-3435>

E-mail: tarcilanefernandes@cchl.uespi.br

SUMÁRIO

Theciana Silva Silveira

Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Mestra em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Atualmente, é professora Adjunta do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMA. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Ciências do Léxico (GEPLX/UFMA) e desenvolve pesquisas nas áreas de Sociolinguística, Lexicologia e Terminologia.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4880163673053820>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9672-2021>

E-mail: theciana.silveira@ufma.br

Vanice Sargentini

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), com pós-doutorado na Université Paris III – Sorbonne Nouvelle. É Professora Titular Sênior do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde coordena o Laboratório de Estudos do Discurso (LABOR). Sua pesquisa, na área de Análise do Discurso, aborda temas como mídia, discurso político e reflexões epistemológicas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1406919572611392>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7760-3075>

E-mail: vanicesargentini@gmail.com

Viviane Cristina Garcia de Stefani

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde realizou também o pós-doutorado. É professora de línguas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), onde atua também como Gestora de Políticas Linguísticas junto à Coordenação de Relações Internacionais (ARINTER). Suas pesquisas se concentram na área de ensino e aprendizagem de línguas, com interesse particular em Políticas Linguísticas e Políticas de internacionalização. Seus trabalhos também exploram o uso do cinema como recurso didático, além das contribuições da Teoria da Atividade e das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação para a formação continuada de professores.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9946304206543559>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9668-3106>

E-mail: vivigarcia@ifsp.edu.br / vivianegarcia@ufscar.br

ÍNDICE REMISSIVO

SUMÁRIO

A

afetos 49, 74, 84, 165, 240

Análise do Discurso 18, 31, 35, 38, 41, 44, 46, 47, 50, 136, 153, 154, 158, 159, 209, 210, 220, 312, 325, 327, 332

Análise e Processamento de Línguas Naturais 10, 12, 18, 19, 166, 167, 170, 176, 229, 230, 248, 264, 265, 271, 280, 281, 282, 285

aprendizagem de línguas 59, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 95, 96, 99, 102, 106, 128, 130, 241, 243, 244, 248, 249, 253, 254, 256, 257, 258, 262, 323, 324, 330, 332

autoria 38, 128, 146

avaliação 28, 29, 57, 58, 90, 94, 95, 102, 169, 184, 193, 283, 295, 296, 297

C

competências do professor de línguas 53, 93

comunidade acadêmica 11, 73, 281, 288, 318

corpora 79, 171, 174, 198, 252, 257, 273

cultura 43, 50, 56, 57, 114, 126, 144, 146, 147, 193, 283, 326, 331

Cultura 50, 51, 261, 265, 281, 296, 331

Cultura Acadêmica 50, 51, 261

D

discurso 12, 18, 36, 38, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 51, 76, 78, 109, 130, 132, 143, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 173, 175, 187, 214, 217, 245, 251, 252, 260, 262, 308, 312, 319, 326, 328, 331, 332

discurso político 50, 156, 157, 158, 159, 165, 331, 332

diversidade linguística 65, 117, 126, 252, 259, 274

docência no ensino superior 246, 272

E

educação básica 31, 65, 77, 172, 245, 251, 256, 276

egressos do PPGL 26, 27, 200, 301

Ensino 10, 11, 12, 17, 19, 56, 77, 80, 82, 85, 86, 87, 93, 94, 95, 97, 98, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 122, 123, 125, 130, 136, 138, 151, 163, 164, 167, 185, 187, 188, 193, 218, 219, 239, 241, 245, 246, 248, 249, 251, 252, 254, 258, 260, 264, 266, 267, 269, 270, 271, 273, 293, 298, 303, 318, 322, 323, 327, 329, 330, 331

ensino de línguas 57, 59, 91, 93, 94, 98, 105, 106, 244, 245, 247, 249, 250, 252, 255, 257, 258, 272, 303

escrita acadêmica 53, 61

Estudos Discursivos Foucaultianos 44, 155, 321

estudos linguísticos 25, 67, 95, 128, 170, 182, 184, 188, 191, 261, 288, 303, 306

eventos acadêmicos 54, 56, 91

Exame Celpe-Bras 55, 56

F

fala feminina 46, 48, 50

formação crítica 252, 259

formação de pesquisadores 20, 30, 94, 104, 105, 181, 271, 298, 299, 304

formação de professores 31, 77, 102, 111, 247, 258, 261, 309, 322, 323, 329, 330

formação docente 58, 146, 147, 251, 264, 270, 271, 275

fundamentos da investigação 54

G

gênero 58, 129, 158, 246, 264, 268, 269, 289, 325, 328

H

história 11, 12, 18, 24, 32, 35, 39, 40, 41, 46, 51, 62, 84, 106, 119, 129, 134, 147, 152, 154, 155, 156, 158, 160, 162, 167, 169, 171, 179, 181, 183, 203, 205, 213, 217, 247, 257, 293, 300, 312, 315, 319, 331

SUMÁRIO

História da fala pública 45, 50, 308

I

identidade 35, 65, 66, 109, 120, 126, 129, 149, 151, 159, 170, 176,
184, 186, 227, 242, 243, 258, 267, 280, 284, 285

imagem 26, 50, 147, 148, 159

impacto social 24, 29, 30, 97, 242, 254, 283, 305, 311

inovação 30, 80, 202, 204, 241, 248, 252, 257, 259, 288

interculturalidade 55, 59, 93, 94, 98, 330

interdisciplinaridade 60, 170, 214, 283

internacionalização 82, 105, 157, 233, 234, 242, 253, 254, 256,
257, 259, 261, 274, 281, 282, 283, 287, 288, 296,
322, 332

L

Labor 38, 40, 41, 46, 154, 158, 160

linguagem 11, 30, 36, 41, 51, 64, 78, 80, 87, 110, 141, 142, 143, 145,
147, 153, 154, 159, 163, 165, 169, 171, 173, 174, 175,
176, 202, 211, 214, 228, 241, 250, 256, 258, 272,
299, 300, 301, 302, 309, 311, 312, 324, 325, 326

Linguagem e Discurso 10, 153, 154, 160, 167, 187, 210, 220,
293, 298

Línguas Naturais 10, 12, 18, 19, 70, 166, 167, 170, 176, 229, 230,
248, 264, 265, 271, 280, 281, 282, 285, 294

Linguística Aplicada 55, 87, 89, 91, 95, 104, 106, 113, 126, 147, 185,
188, 244, 246, 249, 253, 254, 258, 260, 262, 269,
322, 323, 326, 327, 330

M

memória 12, 35, 60, 128, 129, 147, 148, 149, 155, 158, 213, 226, 240,
245, 259, 260, 266, 295, 328

mobilidade acadêmica 261, 309

O

orientação 11, 32, 37, 47, 64, 68, 103, 109, 111, 112, 117, 132, 133, 153,
155, 159, 165, 183, 189, 233, 245, 248, 249, 267, 268,
276, 277, 284, 296, 317

P

pesquisa 10, 11, 17, 19, 24, 25, 27, 28, 29, 31, 32, 36, 37, 38, 39, 40,
42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 54, 55, 56, 59, 61, 64,
65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81,

82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 92, 100, 101, 103, 105, 106,
107, 108, 109, 110, 112, 113, 115, 121, 122, 125, 126, 128,
129, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 141,
142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 154, 156, 157,
158, 159, 160, 161, 162, 165, 167, 168, 169, 171, 173,
174, 175, 176, 177, 181, 182, 183, 187, 193, 196, 198,
200, 202, 204, 205, 210, 211, 213, 218, 220, 222,
223, 225, 228, 230, 231, 241, 242, 243, 245, 247,
248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 259,
264, 265, 267, 268, 269, 271, 272, 273, 274, 275,
276, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287,
288, 293, 294, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304,
305, 306, 307, 308, 309, 311, 316, 317, 318, 320, 322,
323, 325, 326, 327, 328, 330, 331, 332

pesquisa documental 55, 59

poder 35, 36, 39, 46, 48, 50, 51, 62, 83, 116, 149, 161, 162, 163,
195, 219, 236, 311

políticas linguísticas 252, 253, 265, 322, 327

português para estrangeiros 102, 330

Pós-graduação 153, 154, 189, 298, 301, 304, 306, 328, 330

práticas discursivas 155, 156, 157, 161, 163, 164, 165, 326

práticas sociais 142, 144, 147, 149, 153, 267

produção científica 69, 153, 271, 283, 288

produção de conhecimento 28, 30, 88, 89, 100, 101, 254, 257,
305, 306, 310

produção textual 142

R

relações de poder 39, 48, 161

representações sociais 59, 98

resistências 46, 48, 50, 144, 149, 159, 163, 165

S

Semiologia histórica 41

subjetividade 36, 51, 324

T

Tecnologia 18, 166, 169, 170, 176, 188, 230, 272, 293, 324, 332

tradição 145, 241, 248, 257, 259, 288

transformação social 11, 66, 76, 136

www.PIMENTACULTURAL.com

PPGL 20 ANOS

entre memórias,
atualidade
e novos horizontes

